OBRAS

POETICAS E ORATORIAS

OBRAS POETICAS E ORATORIAS

DE

P. A. CORRÊA GARÇÃO

COM

UMA INTRODUCÇÃO E NOTAS

POR

J. A. DE AZEVEDO CASTRO

ROMA

TYPOGRAPHIA DOS IRMÃOS CENTENARI

Via delle Coppelle, 35

1888

A S. M.

O IMPERADOR D. PEDRO II

Senhor,

Protecção concedida ás lettras no reinado de V. M. I. é facto que não depende de averiguação; está na consciencia publica. Elle concorre com tantos outros em abono da solicitude, com que vos empenhaes por tudo quanto interessa o progresso do Brazil e possa contribuir para o fazer hom-

brear dignamente com as Nações civilisadas.

Nenhum commettimento tem sido emprendido nesta vereda, que não encontre em V. M. I. o seu principal fautor e com encarecido louvor todos reconhecem que, onde quer que desponte a scentelha do talento, está certo de não perecer á mingua e de encontrar tão seguro conselho quão efficaz auxilio. A popularidade de Augusto dispensa entre nós a officiosa interferencia de Mecenas.

Justiça será ainda accrescentar que a amplitude dessa protecção se mede

por igual á elevação de um espirito aberto a todas as grandes ideias, alimentado por solidos estudos em varios ramos de conhecimentos humanos, secundado além disso por uma infatigavel e assombrosa actividade, que recorda a bella imagem de Shelley, reproduzindo no seu *Pallas* um pensamento de Bacon:

Kings are like stars, they rise and set, they have
The worship of the world, but no repose.

Tambem não tem faltado a V. M. a consideração devida a predicados, que lhe reservão como testa coroada

um lugar dos mais distinctos na historia do nosso tempo; honrão-se os institutos scientificos do velho e novo mundo de o contar em seu seio e não é isso mero cortejo alheio a homens da sciencia senão pleno reconhecimento dos meritos de um confrade illustre. Grangeastes entre elles uma reputação que deve fazer o vosso orgulho e seguramente exalta o sentimento nacional.

Dedicando, pois, a V. M. I. esta edição completa das obras de um dos poetas, que no seculo passado maior brilho imprimio ás lettras da Nação, de que descendemos e a cujo influxo

não forão tão pouco extranhos os nossos primeiros poetas, não faço mais do que prestar sincera e respeitosa homenagem ao monarcha, que com esclarecido patriotismo e indefectivel devotamento tem sabido em um longo periodo reger os destinos da patria commum, dispensando iguaes cuidados ao adiantamento moral e ao bem estar material de seus concidadãos.

De V. M. I.

subdito reverente e dedicado

José Antonio de Azevedo Castro.

INTRODUCCÇÃO.

CONHECEM-SE das Obras de Pedro Antonio Corrêa Garção trez distinctas edições.

A primeira, publicada em Lisboa, 1778, seis annos depois da morte do poeta, por seu irmão João Antonio Corrêa Garção, com o titulo de *Obras poeticas*, contendo, porèm, igualmente escritos em prosa, *Dissertações* e *Orações*, recitadas perante a Arcadia ou alhures, traz a dedicatoria ao Visconde de Villa Nova da Cerveira, então Ministro do Reino. No prologo allude o editor á tentativa feita

para dá-la ao publico furtivamente e pede desculpa « pela desordem e muitos erros que nella descobrirão os intelligentes, e que não foi possivel comprehender na taboa das erratas. »

Em verdade nada menos de 370 emendas nella se contão. No magnifico monumento erguido ás letras portuguezas pelo genio intelligente e perseverante de Innocencio Francisco da Silva, emitte elle a opinião que esta edição, não obstante as suas deficiencias e defeitos de todo o genero, é ainda assim em tudo preferivel ás que posteriormente se fizerão, porque além de poesias encerra varias *Dissertações* e *Orações*, que forão não sabe como nem porque omittidas nas edições seguintes. Contem o volume, afóra as prosas referidas, 57 sonetos, 30 odes, 3 epistolas, 1 falla, 2 satyras, 3 mottes, 3 endechas, 2 dithyrambos, 2 cantigas, 1 romance hendecassyllabo e 2 comedias.

A segunda edição foi impressa no Rio de Janeiro em 1812 e consta de dous tomos. Não tem dedicatoria e o editor alliviando a obra da parte em prosa, aproveitou a taboa das erratas da edição anterior, expurgando esta dos erros na outra apontados. Conservou, no entretanto, a mesma desordenada distribuição das poesias; algumas alterações, poucas e de somenos importancia, introduzio no texto por conta propria. No lugar competente das notas direi em que consistirão.

Innocencio não menciona esta edição, mas refere-se a uma publicada no Rio de Janeiro em 1817.

É evidente o erro de data que facilmente se desfaz. A mesma referencia ao numero de paginas dos dous volumes, identico exactamente ao da edição de 1812, claramente o prova. Nem haveria razão que explicasse essa proximidade de edições, quando entre a

primeira e a de 1812, apezar de todo o merito do autor, medeiarão nada menos de 34 annos. Sobreleva notar, e este argumento me parece concludente, que no prologo da terceira e ultima publicada em Lisboa no anno de 1825, pelos livreiros Martim & Irmão, se diz ser conforme á de 1812. Tambem forão nesta supprimidas as prosas.

Suppunha o distincto bibliographo e o declarou no excellente artigo, que a respeito de Garção escreveo no seu *Diccionario*, que muitas outras poesias este deixára, que não forão impressas e se extraviárão. Elle proprio affirma possuir algumas ineditas, de que déra copia a um descendente do poeta, que pretendia formar uma nova edição de suas obras, mas que infelizmente nunca vierão a lume. Fiz as maiores diligencias a ver se conseguia obte-las. Forão todas baldadas. O martello do leiloeiro dispersára as preciosidades accumuladas,

sabe Deos á custa de que sacrificios pelo incansavel escritor, e como perolas desprendidas de valioso collar correrão pelo solo e desapparecerão.

Aquella opinião de Innocencio é aliás partilhada por um notavel homem de lettras, de que com justa ufania se honra Portugal. O Visconde de Almeida Garret em a nota á Ode *O suicidio*, publicada pela primeira vez no *Parnaso lusitano* assim se exprime: « Esta Ode foi tirada de uma collecção de obras manuscritas de Garção, que existio em casa do Conde de Pombeiro ». (1) Calou o annotador as razões porque teria deixado de opulentar o *Parnaso* com outras producções do eximio vate. Seguramente não as colheo ás mãos. É o que se póde deprehender do laconismo da nota, parecendo haver da poesia antes rastreado a origem do que tê-la tacteado.

---

(1) Obra cit., tomo III, pag. 320.

Tambem no dizer de José Maria da Costa e Silva na livraria da casa do Conde de Vimieiro tinhão existido dous saccos contendo poesias de Garção, e entre ellas se achavão duas tragedias originaes, *Sophonisba e Regulo.* Innocencio, de quem tomamos a noticia acha-a exagerada, sem comtudo contestar a existencia de versos ainda não impressos do poeta e memoria de outros, que de certo se perderão. Entre estes cita uma satyra, accusada por Luiz Raphael Soyé no prologo do seu poema, o *Sonho*, pag. 41, onde transcreve o verso:

« Ao rabido furor do pedantismo »

confessando não lhe ter sido possivel descobrir mais cousa alguma de semelhante peça. Provavelmente seria essa que o erudito Snr Theophilo Braga obsequiosamente me communicou haver visto em um manuscrito vendido

em leilão á rua larga de S. Roque em Lisboa no anno de 1883.

Autorisado competentemente a dar cumprimento ás disposições de ultima vontade de meu prezado amigo o Dr Agostinho Marques Perdigão Malheiro, finado em 1881, entre os copiosos manuscritos que legou ao *Instituto historico e geographico do Rio de Janeiro* e forão outr'ora pertencentes á bibliotheca paterna, deparei com um cujo titulo aqui litteralmente transcrevo:

Coleção das milhores Poezias que não correm ahinda impressas dos Puetas que floresem presentemente em Portugal juntas pello cuidado de A C B U & em Lisboa 1767.

Folheando curiosamente o volume que ao presente conta a respeitavel idade de cento e vinte annos, encontrei varias poesias ineditas do autor da *Cantata de Dido* no meio de outras, que a impressão já fizéra conhecidas do publico. A orthographia nada tinha de re-

commandavel como acaba de ver-se do titulo; a cada passo lia-se *puetas*, *nuvẽis*, *coase*, *douce*, *epucha* e outros quejandos vocabulos, indicando tanto a profunda ignorancia grammatical como a paixão poetica do collector. Em todo o caso é muito para louvar o paciente cuidado com que trasladou tão avultado numero de poesias, inclusive todo o *Theatro novo*, com a declaração de haver sido representado no theatro do Bairro alto em 1766.

Esta preciosa descoberta suggeriome a ideia de publicar uma edição completa das producções do mais notavel dos fundadores da Arcadia, reunindo ás conhecidas as ineditas do manuscrito e arrecadando para o futuro livro as dispersas em varias collecções de que tinha noticia.

Sem demora puz mãos á obra. Aqui e alli com indicação segura fui colligindo as poesias estramalhadas e de

cuja authenticidade não era licito duvidar. Servio-me de excellente bussola o *Diccionario bibliographico;* elle proprio forneceo tambem o seu contingente com o *Soneto* dedicado do Limoeiro a Antonio Diniz e que o laborioso collector, contra a opinião do Snr Visconde de Correia Botelho, suppõe ter sido a ultima composição do poeta, asseverando-me por seu turno ultimamente o Snr Theophilo Braga que o autor é o arcade José Antonio Brito, cujas obras ineditas estão na Torre do Tombo.

Não me parecia, porèm, bastante. Sabendo pela divulgação que do facto fizera o Snr Camillo Castello Branco no seu *Curso de litteratura portugueza,* achar-se elle de posse de varios manuscritos contendo poesias ineditas de Garção procurei havê-los. Infelizmente a rica livraria do eminente escritor havia sido vendida em 1883. Pude com-

tudo obter o respectivo catalogo e lá encontrei a pag. 73 na secção dos manuscritos sob n. 1865 a seguinte referencia :

« Collecção de poesias portuguezas de varios engenhos, deste e do presente seculo juntas e recolhidas pelo secretario dos engenhos alheios, 3 tom. in 4, » e em seguida a nota em italico: *Entre muitas ineditas tem algumas de Corrêa Garção.*

Começou então uma verdadeira campanha para a conquista deste novo Vellocino. Quantos se entregão a pesquizas semelhantes conhecem as arduidades da empreza ; bem podem pois imaginar a minha lida para deitar a mão no almejado manuscrito, ou quando menos para obter delle uma copia. Residente no Rio de Janeiro todo o meu esforço pessoal concentrava-se na correspondencia epistolar que n'aquelle intuito entabolei para Lisboa; meio demorado,

tardio, provocando justas impaciencias, mas infelizmente unico a que podia recorrer. A minha viagem a Europa em 1885 melhorou consideravelmente as condições de investigação, em Londres achava-me mais perto do campo das operações; eu proprio em ultimo caso as dirigiria.

Assim em breve foi vencida a primeira difficuldade, saber quem teria sido o licitante do manuscrito da bibliotheca de Castello Branco. Surgio, porèm, logo outra quiçá mais temerosa e fatigante, a de conseguir abrisse o acquirente mão delle. O bom do homem suppoz-se na posse de um thesouro magnifico e arrogante entrou a supputa-lo a peso de ouro. Graças, entretanto, a obsequiosa intervenção de estimaveis amigos, a quem aproveito a occasião para testemunhar o meu reconhecimento pela efficacia de seu concurso, pude encontrar-me com o primeiro vo-

lume dos trez arrolados no catalogo já referido.

Tambem era esse o unico, segundo me foi asseverado, que continha composições de Garção. As ineditas todavia não abundavão; com excepção de trez sonetos e outras tantas orações tudo o mais constava das collecções impressas. O que, porèm, contribuia para dar a meus olhos inapreciavel valor ao manuscrito era o facto de haver sido todo elle copiado e annotado pelo Conego da Sé de Coimbra, Manoel de Figueiredo, que em um prologo panegyrico explica o modo como obtinha as producções do poeta. Não me parece inopportuna a sua integral transcripção e a inclùo como se acha no alludido volume. Alguns trechos desse prologo forão aliás insertos no *Curso de litteratura portugueza* do Snr Camillo Castello Branco.

« Esta collecção de composições ora-

torias e poeticas tem sido o trabalho e cuidado de alguns annos. Corydon tão digno entre nós de nome eterno, como foi entre os Romanos, não sei porque occulto mysterio era sobramaneira difficil em communicar os seus escritos. Conservava-os como moeda rara em si com summa avareza, especialmente depois que a critica indiscreta se atreveo a riscar-lhe parte de sua terceira bellissima oração. Não soffreo que uma penna atrevida e impertinente desfigurasse suas excellentes idéas, depois que vencendo os importunos rogos da Côrte, se resolveo a consentir na impressão da maravilhosa invectiva contra os traidores da patria.

« E' certo que só a prevenção que ainda dominava certos genios austeros e atrabilarios podia achar que emendar em uma tão inimitavel composição.

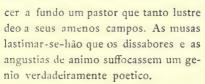
« Nas mesmas emendas até se deixa entrever que a mão que as fez era

muito falta da politica que reina conforme a constituição e o governo dos estados. O pastor teve a honrada constancia de frustrar antes a espectação publica do que engana-la com partos alheios.

« Os lugares notados e supprimidos, que vão indicados na nota seguinte (1) mostrão bem que a penna emendadora conhecia muito fracamente a força dos pensamentos exprimidos. Estes são os desgostos que enfraquecem e desanimão um espirito que desejando sacrificar tudo pela patria, sempre reserva a honra e o entendimento. A Arcadia que ouvio Corydon detendo o Alpheo com sua melodia, chora hoje sem remedio a sua perda.

« Portugal sentirá sempre não conhe-

(1) Ao sopé de cada uma das passagens respectivas da Oração VIII a pag. 562 distribui as modificações da critica para mais facil apreciação.

cer a fundo um pastor que tanto lustre deo a seus amenos campos. As musas lastimar-se-hão que os dissabores e as angustias de animo suffocassem um genio verdadeiramente poetico.

« Amava o grande cothurno, e se a Nação quizer contar a Horacio e Sophocles entre seus poetas, não achará outro mais digno que Corydon. A lição e o genio produzem só de seculos a seculos estes raros phenomenos. Suas *Odes* serão o modelo do grande e do sublime, e suas *Orações* sustentar-lhe-hão dignamente um distincto lugar entre os bons Gregos e Romanos, ou seja para a pureza da phrase, ou para sua natural energia e viril estylo. Milagre raro unir-se o estro e transporte dos poetas com a facil e numerosa linguagem dos oradores. O que é de Corydon é na verdade admiravel.

« A's diversas copias se deverão attribuir alguns erros. comtudo em nada

substanciaes. Deve advertir-se que sendo as primeiras duas *Orações* transcriptas dos seus proprios originaes se cuidou muito em fazer conservar no traslado a mesma ortographia. O autor não tinha nella systema uniforme. O mesmo projecto de que nunca apparecessem em publico, os fazia ter escritos com summa negligencia; e de modo que foi necessario ter grande uso de sua lettra para advinha-los. Porèm com trabalho tudo se vence.

« Lê e medita ; goza os fructos dos meus innocentes roubos. Para agora lêres, foi necessario que mão domestica, a quem nada se podia occultar, fosse a mesma que generosamente infiel me désse em summo recato algumas das composições que aqui vão copiadas. »

Por aqui verifica-se quão retrahido seria o poeta em communicar as suas producções. Essa reserva explica-se melhor, cuido, pelo resentimento prove-

niente da critica, *genus irritabile vatum*, do que por natural disposição de espirito. Não consta fosse de humor concentrado, antes a affabilidade de maneiras, com que o descrevem alguns, e o tom zombeteiro de certas poesias nos fazem representar um Garção de genio alegre e expansivo. Talvez se deva attribuir esse retrahimento a outra causa; sabe-se que costumava polir *ad unguem* as suas composições, mas sem a revelação do conego, ignorava-se que fosse máo calligrapho. Como certo personagem que dizia a respeito da intelligencia de sua pessima lettra - *emquanto escrevo Deos e eu, depois... só Deos* - elle proprio sem duvida se esquivaria de divulgar aquillo, que lhe poderia trazer enfadonha senão impossivel revisão.

Figueiredo recebendo da esposa de Garção os originaes que ella furtivamente lhe ministrava seria fiel na co-

pia? Interpretaria devidamente as garatujas do amigo, de que se desvanece ter grande pratica? A mesma pressa com que provavelmente formaria os traslados, não daria em resultado um trabalho defeituoso?

Todas essas conjecturas são admissiveis. Elle mesmo aliás nos previne contra erros de copias, não suas, está bem visto, mas de outrem. Declara-as todavia em nada substanciaes. Esqueceo-se no emtanto de nos esclarecer sobre as notas ou emendas, com que ataviou varias poesias e de que em breve me occuparei. Taes annotações affectão a propria substancia de certos versos, modificando-lhes inteiramente o sentido.

Avaro na divulgação das composições entre os amigos e admiradores de seu genio, Garção o foi ainda mais em dá-los a lume. Em vida apenas se imprimirão, segundo Innocencio, as

Odes denominadas Sacras, as quaes com excepção da dedicada a Sto Ubaldo, que não apparece no manuscrito, occupão nelle o primeiro lugar depois das Orações. Aquellas mesmas Odes entrárão de encambulhada com outros versos de varios autores editados por Francisco José Freire no voluminho intitulado: *Santos patronos contra as tempestades de raios.*

Poder-se-hia com melhor fundamento attribuir a outros motivos, que não meramente a avareza do poeta o seu affastamento da imprensa. Porventura carencia de meios. A prolongada e ruinosa demanda, de que fallão os biographos, lh'os teria escasseado para uma empreza, que n'aquelles tempos deveria exigir elevada somma. Havia alèm disso a *Real Meza Censoria*, sem cuja permissão nenhuma obra podia ser publicada. Elle sahira já uma vez tão escalavrado da critica, que com

justo orgulho se revoltaria á ideia de submetter o fructo de suas vigilias, composições trabalhadas com tamanho esmero e carinho, á rasoura manejada por mãos ineptas e odientas.

Privada a posteridade da fortuna de possuir uma edição revista pelo proprio autor, adornada das louçanias de que só elle seria capaz de revesti-la, e reduzida a que poderião offerecer os enthusiastas de um dos mais notaveis mestres da poesia e da lingua portugueza, servirá, espero, a singeleza do intuito de attenuante á temeridade com que me abalancei á presente. Os competentes, confesso, melhor farião; o monumento que erigissem á memoria do poeta, precedido de soberbo portico, seria esculpido por fino e delicado buril que não pode manejar o rude alvanel.

No estudo que o Snr Rebello da Silva dublicou no *Panorama* sobre *Poetas da*

Arcadia, depois de haver analysado com grande largueza de vistas e superior sentimento poetico n'aquelle seu proprio estylo em que a sobriedade corre parelhas com a elegancia, os escritos de Corydon Erymantheo, cuja lyra, « virá nos tempos, porque ninguem, igual a elle soube nunca unir a pureza da arte á elevação do sentimento, nem traduzir em carmes mais viris o destino sublime do homem, que a fortuna não espanta, e só á mão de Deos se dobra » termina desta fórma :

« Uma edição expurgada dos erros que desfeião as que existem e augmentada com o precioso peculio das obras ainda não publicadas, seria um serviço relevante ás lettras e um valioso documento para a historia dellas. » (1)

Assim compulsando os ineditos a que

---

(1) Panorama, vol. IX, 1º da 3ª serie, pag. 355.

me tenho referido, pensei em prestar algum serviço ás lettras, sem desconhecer, não preciso repeti-lo, resultaria a sua relevancia de outra penna que não a mediocre, que a boa vontade servida pelo acaso me collocou nas mãos. Esta edição é completa porque comprehende mais que todas as outras, embora nella se não encontre tudo quanto compoz o poeta. Não poupei esforços, diligencias, sacrificios, importunações a amigos e extranhos, elles que o digão, para conseguir mais, para conseguir tudo, mas foi quanto pude alcançar. Contêm em definitiva, mais que as anteriores as seguintes peças, ineditas ou recolhidas de publicações extranhas: 7 sonetos; 6 odes; 1 epistola; 3 orações.

Aqui caberia tocar em um fraco do nosso Arcade. Elle pagou o tributo ao seu tempo exercitando a veia no genero picaresco e nella escreveo alguns sonetos. Faço-o tão sómente para decla-

rar que os exclui rigorosamente afin de não macular o livro. Se o latim *dans les mots brave l'honnêteté,* com o portuguez não succede ontro tanto; as mesmas pinturas licenciosas exigem de preferencia o pincel de Lafontaine ou de Montesquieu para que possão ser toleradas; a imagem envolta em tenue gaze offende menos os sentidos do que a expressão baixa e obscena; esta repugna sempre ao bom gosto e á delicadeza.

Precedente ao prologo do manuscrito em breve nota advertia o autor das *Noites de Insomnia* aos futuros editores dos versos de Garção, que tivessem em conta as alterações nelles feitas pelo poeta constantes d'aquelle volume, e que não se achavão nas edições publicadas posthumamente.

Esta advertencia veio lançar-me em grande perplexidade. Em verdade muitas das poesias copiadas continhão no-

tas em baixo da pagina á guisa de emendas ao texto. Examinando-as, porém, acuradamente verifiquei, ora que taes notas se identificavão com as collecções impressas, ora que a identidade estava no mesmo texto. Procurei sahir do embaraço, appellando para o parecer do muito competente e abalisado escritor a quem pertencêra outr'ora o manuscrito. Na resposta com quê me obsequiou e se encontrará no prefacio das *Notas*, formulou elle varias conjecturas, que todavia não conduzião a uma solução definitiva, e assim pareceo-me prudente alvitre respeitar o texto das antigas edições e offerecer como *Variantes* as discrepancias do manuscrito.

De posse do material accumulado pelo modo como acabei de expor, procurei confia-lo ao prélo e lisonjeio-me em acreditar, que os amigos das boas lettras não me levarão a mal, por ha-

ver para assim dizer vestido o nosso poeta de roupagem moderna. Sahio um livro garrido e duplamente attrahente. Os bibliophilos tem este ponto de commum com os devotos de Baccho; em finos e scintillantes crystaes mais deliciosos parecem a estes os vinhos favoritos. Tambem aquelles maiores encantos achão nos autores predilectos impressos em edições nitidas e elegantes. Apresso-me, porém, em o declarar, para que se fôr achado em culpa por isso, recaia toda ella sobre o verdadeiro delinquente, que a escolha dos ornatos alguns dos quaes originaes e expressamente desenhados para esta obra, bem como a das tintas é exclusivamente minha. A' illustre Nação do poeta pensei prestar homenagem desfraldando no vestibulo das *Obras* as côres de sua gloriosa bandeira.

Passar da historia do livro para a do autor pareceo-me complemento in-

dispensavel da presente *Introducção*. E' certo que as edições anteriores forão publicadas com esta lacuna, sobre sensivel notavel principalmente na primeira, devida aos esforços de quem pelos proximos laços de parentesco possuiria sem duvida indisputavel competencia para preenchê-la. Por outro lado não gozou Garção da fortuna de encontrar como Johnson um dedicado Boswell, cognominado um tanto ironicamente por Macaulay o primeiro dos biographos, apto para descrever as mais insignificantes particularidades de sua vida, ou ainda a de Goethe a depararlhe algum fiel Eckermann que solicito lhe registrasse as palestras, onde provavelmente se ouvirião as primicias d'aquellas composições, em que erão celebrados a calva do Padre Antonio Delphim, os trages de Francisco Raymundo ou os gestos e compostura do bom Mardel.

Accentúe muito embora o Conego Manoel de Figueiredo o retrahimento de Corydon, elle teve uma data; anterior aquella em que a critica mutilou varias passagens de sua *Oitava Oração* é bem de crer, que nas galhofeiras reuniões da *Fonte Santa* outra cousa se fizesse alèm de cochichar e tomar chá. Se d' ahi não sahirão todos os *Sonetos*, com certeza muitos, especialmente aquelles em que se punha tão repetidas vezes á mostra a calva do Padre Antonio, procederião dessa origem. O tom o está claramente revelando.

O que se sabe em summa da vida de Garção é muito pouco. O proprio facto capital de sua vida, a causa da prisão, digão o que dicerem, ainda parece conservar-se envolto nas sombras do mysterio. Neste ponto temos muito que invejar aos Francezes, que do seu Molière, por exemplo, conhecem até o nu-

mero e o nome dos criados, sem esquecer o da cosinheira, a quem lia as suas inimitaveis comedias, a titulo de ensaio, nem ainda ignorão a relação e natureza das dividas com que se finou.

Consultei as fontes apontadas por Innocencio da Silva no artigo do *Diccionario* e quasi nada mais achei que respigar. (1) Fica pois sendo o excellente estudo do bibliographo a principal base para o rapido bosquejo da vida do desventurado poeta. Se porventura elle vivesse no nosso tempo não passariamos sem a sua autobiographia; per-

---

(1) Essas fontes forão:

1º O estudo historico que sobre os *Poetas da Arcadia* publicou Rebello da Silva no vol. 9 do *Panorama* a pag. 330, 333, 346 e 355.

2º Os folhetins contendo o bosquejo biographico de Garção por seu bisneto Pedro Stockler Salema Garção impressos em os ns. 537 e 538 do jornal *Imprensa e Lei*.

mittindo-lhe os lazeres talvez apresentasse ao publico curiosas *Memorias*. Em falta do que se deseja, é preceito contentarmo-nos com o que possuimos. Contentem-se, pois, tambem os leitores com o que lhes pode offerecer esta minha compilação, sem outro fito mais do que o de completar a obra e me dispensem toda a sua indulgencia.

Nasceo Pedro Antonio Corrêa Garção na cidade de Lisboa, famoso berço de assignalados talentos, aos 29 de abril de 1724. Tão debil, porém, era de compleição que, receiando-se por sua vida,

---

3º Um artigo de José Maria da Costa e Silva publicado a pag. 333 e seguintes, tomo 3º do *Ramalhete*.

Não omittirei tão pouco o subsidio ministrado pelo *Curso de litteratura portugueza* do Snr Camillo Castello Branco sobre o ponto controvertido da causa da prisão do poeta. (Obra cit., t. 2º, pag. 34 a 38.)

foi mister baptisa-lo em casa. Assim o reza o respectivo assentamento nos livros da freguezia de N. Sra do Soccorro, onde residião seus paes, o cavalleiro fidalgo da casa real, Felippe Corrêa da Silva, official maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros e D. Luiza Maria da Visitação d'Orgier Garção, senhora como indicão esses nomes de origem franceza, de quem o filho com o appellido que devia tornar illustre, parece haver herdado o scintillante espirito peculiar áquella nação.

Não supponho comtudo que a debilidade com que veio ao mundo, affectasse prejudicialmente a saude do futuro fundador da Arcadia. Não consta lhe impozesse os mesmos sacrificios que converterão, por exemplo, o historiador Prescott em um heroe de soffrimentos physicos, ou que o constrangesse a encerrar, como o sabio Darwin, a vida dentro de ferreas e inflexiveis linhas,

de que dependeria a sua duração, vergados ambos ao peso de males lutando, porèm, energicamente para conservar a existencia que os achaques e enfermidades disputavão á sciencia.

Judiciosamente Goethe, e todavia era elle proprio brilhante excepção tal, que no dizer de um de seus biographos a mesma morte respeitára a belleza physica, fazia notar em suas *Conversaç es* a singularidade da natureza humana, a divertir-se em alojar os espiritos elevados, os possantes genios dentro de humildes envolucros; as grandes cabeças sustentadas por franzinos corpos impressionavão aquella prodigiosa imaginação acostumada a todas as opulencias. Não é pois sem razão que o vulgo, como formula para quejandas apreciações, costuma dizer que os grandes homens medem-se da arcada superciliar para cima.

No emtanto se Garção não gozava

de saude precaria e apenas ha noticia de uma grave enfermidade sua, aquella que valêra os calorosos agradecimentos ao Dr. Henriques de Sequeira no Soneto XLVIII, a descripção que faz do seu physico parece denunciar a dominante fraqueza da origem. A criança rachitica tornou se um homemzinho trigueiro senão pallido, verdadeiramente uma má figura na sua mesma phrase, apezar de com o vezo proprio dos homens baixos empertigar-se todo ao caminhar.

Elle é o proprio que o manifesta na Satira I:

> Com teus grandes canhões empertigado,
> Inda que baixo e fusco, vais cuidando,
> Que reparão em ti, que todos dizem,
> Com o dedo mostrando a má figura...

E' este com effeito o unico retrato que possuimos do poeta, incompleto como bem se vê, não satisfazendo

toda a nossa legitima curiosidade. Cuidei muito em adornar este livro com a physionomia do mallogrado vate, mas todas as diligencias empregadas neste sentido forão baldadas Em seu tempo Daguerre ainda não havia apparecido pedindo a collaboração da luz, para fixa-la no vidro ou no papel. Artistas que podessem fazê-lo em pintura a oleo não haverião de certo muitos, e elle recuaria ante a despeza que deveria ser grande, quando por acaso lhe viesse á mente a ideia de retratar-se. Talvez não fosse difficil em epoca mais remota a algum habil pintor, ajudado pela reminiscencia de contemporaneos, imprimir na tela as feições do poeta. Muitos retratos de grandes escritores da França, M^me de Sevigné e Molière entre outros, são como é sabido, pura fantasia: a authenticidade incontestada de dous ou trez salva todavia a verdade historica.

Destinado á magistradura cursou Garção os estudos chamados de humanidades nas aulas dos Jesuitas em Lisboa, aperfeiçoando-se no conhecimento das linguas franceza, ingleza e italiana, passando depois a matricular-se na faculdade juridica da Universidade de Coimbra. As margens do Mondego forão, como o confessa na Ode XXIV, as primeiras inspiradoras de sua musa e tambem o theatro dos primeiros amores; mas a frequencia na Universidade interrompeo por versatilidade de genio, ou motivos outros que não são conhecidos.

A supposição externada por um dos biographos (1) attribuindo a retirada ao fallecimento do pae que considera prematuro, me parece destituida de fun-

(1) O Snr Pedro Stockler Salema Garção no folhetim da *Imprensa e Lei* nº 537 de 4 de junho de 1855.

damento razoavel. Elle perecêra por occasião do terremoto de Lisboa em 1º de novembro de 1755, como se canta no Soneto LIV, mas já a esse tempo o casamento emancipára Garção do patrio poder; cinco annos antes desposára D. Maria Anna Xavier Froes Mascarenhas de Sande Salema, de illustre estirpe, e que lhe trouxéra em dote muitos bens da fortuna, entre elles a propriedade do officio de escrivão da receita da Meza do Consulado geral da entrada e sahida da Casa da India.

Aquelle triste successo não se pode pois dizer prematuro para Garção, que contava então 31 annos de idade. Avalia-se bem quão doloroso fôra o golpe vibrado pelo pavoroso desastre, mas a experiencia da vida já o devêra ter bastante doutrinado para dispensar um guia, que lhe servisse igualmente de protector e amparo.

Na Ode IX, dedicada ao Capitão de mar e guerra Camara Manoel, onde o poeta em primorosos versos faz a resenha de diversas profissões sociaes para concluir:

> Eu, porèm, nada quero, nada estimo
> Mais que a dourada lyra,

parece desanimado, attentando no dilatado numero de annos a vencer, para galgar os altos cargos da magistratura:

> Honra que chega
> Já quando as cãs alvejão
> Na myrrada cabeça.

E' muito provavel que essa longa perspectiva, aguilhoado então de juvenil ambição, fosse causa senão pretexto para o desviar da carreira, que indubitavelmente saberia honrar, contribuindo para formar o typo do antigo magistrado portuguez para quem Deos, a lei

e o rei constituião outros tantos symbolos sacratissimos.

Desses incompletos estudos juridicos lhe viria naturalmente a confiança na defesa de seus direitos contestados em acção judicial, que lhe arrebatou a maior parte dos bens. Ou o leguleio se tomaria de amores pela chicana e como tantos consumiria grossas sommas em alimenta-la? Nada se sabe a respeito, como tambem ignora-se a causa do litigio. O Snr. Rebello da Silva refere que o poeta chegára a grande estado de penuria, em virtude da perda de uma demanda e da consequente penhora, podendo apenas escapar da execução a propriedade rural no sitio denominado Fonte Santa. (1)

Que as necessidades erão extremas e a miseria penetrára com a sua gelida

(1) Poetas da Arcadia, *Panorama*. Tomo IX, pag. 332.

catadura na mansão do poeta, parece não restar duvida. De trechos das mesmas poesias poder-se-hia compor um poema de angustias e lamentos. Ora são os credores que o perseguem, não por sommas avultadas, mas por essas pequenas importancias, que os Francezes denominão *dettes criardes*, e das quaes Rousseau tinha horror; contas do logista, do alfaiate, do barbeiro, que o fazem exclamar na Ode XVIII dedicada ao Coronel Macbean:

Pode mais um credor que um elephante,
Não ha tromba mais dura que uma feria,
E se queres vencer os Alexandres
Eugenios e Turennas
Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o mercador c'o resto,
O alfaiate, o barbeiro ou um alcaide
Verás como desmaião.

Ora são os meirinhos que ferozes o procurão no intento provavel de alguma

execução judicial e de quem elle, relembrando-se das rabulices aprendidas na aula de Direito, felicita-se de eludir contando ao amigo Dr Manoel Monteiro:

> Feliz, se consigo com dous rasgos
> Da penna, que maneio tão ligeiro,
> Escapar aos malsins que me pesquizão.

Outro amigo, o Dr João Evangelista, que segundo a epigraphe do Ms. de 1767 á Epistola I, o convidára a ir ao Minho, onde tinha um tio que lhe queria deixar um prazos, recebe a confidencia dos apuros em que vivia Garção descriptos com resignada melancolia nestes versos:

> Mas de poeta, amigo, só me resta
> Desastres e miserias; filhos rotos,
> De valadio o tecto, a vinha calva,
> Caseiros, architectos e criados
> Mais duros que os catastas e Perillo.

. . . .

O Nadegas que viste esfrangalhado,
A passapello vir da pobre aldeia;
Porque lhe devo já uns tantos mezes,
Me ralha e me governa focinhudo.

. . . .

Dize-lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com semblante sereno e socegado,
Não me cansa soffrer a mão pesada
Da fome e da penuria; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.

. . . .

Mas esta scena subito se muda
O Chico mostra rotos os sapatos;
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o alfaiate.

Este quadro de miserias e necessidades não se pode suppor carregado pela exageração poetica; a verdade ressumbra da singeleza de suas mesmas côres. Não é de crer, porèm, que sem-

pre assim fosse; o poeta teria visto dias felizes e serenos em que a sua musa ora grave e magestosa, ora sarcastica e picante, ora petulante e galhofeira, lhe inspirava aquellas bellas odes, frisantes satyras e elegantes sonetos, que não nos fartamos de admirar, e como tudo o que sahe da mão do genio conservão ainda hoje o cunho da actualidade.

Não é possivel no emtanto precisar esse decennio calamitoso a que se allude na Epistola II. Ella não traz data, como não a tem nenhuma das composições poeticas, bem differente das em prosa, determinadas pelo dia e anno do seu apparecimento. Sabemos sómente que aos proventos do emprego de Escrivão da Meza do Consulado, reunio o encargo de redactor da *Gazeta de Lisboa* de 22 de julho de 1760 a 8 de julho de 1762, seguramente de fraca retribuição, offerecendo um e outro insufficientes reditos para manter-se.

Seja, porèm, como fôr a mão da desgraça pesando sobre a sua existencia não lhe comprimira a imaginação, nem suffocára os raptos do estro; a musa adejava livre, graciosa, ligeira, entornando ondas de poesia em diversos generos, em variados metros, zombando do mesmo infortunio que tentava aniquila-la.

Assim em 1754 ouvimo-lo recitar na *Academia dos Occultos*, o sisudo poema, como o classifica o Snr Camillo Castello Branco, da *Falla* em que o Duque de Coimbra Infante D. Pedro rejeitára uma estatua; em 1757 vemo-lo reunir-se a Antonio Diniz da Cruz, Theotonio Gomes de Carvalho e Manoel Nicoláo Esteves Negrão para fundarem a *Arcadia Ulysiponense*, onde tomou o nome de Corydon Erymantheo; o periodo de 1757 a 1770 é preenchido com as *Dissertações* e *Orações* perante a Arcadia ou outras assembléas; em ja-

neiro de 1766 faz representar a sua primeira comedia o *Theatro Novo*. Tudo em summa indicava a actividade de um espirito infatigavel, e com taes disposições é facil prever quão largamente ainda teria de dotar com os recursos de seu genio as lettras patrias, se repentinamente não o detivessem na gloriosa carreira. Em a noite de 9 de abril de 1771 foi preso na propria residencia por virtude de um Aviso da Secretaria do Reino expedido ao regedor das justiças e conduzido á cadeia da Côrte, onde permaneceo no *segredo* durante oito mezes inteiros.

Entrar em uma prisão é penetrar nas trevas. Victor Hugo descrevendo nas *Choses vues* a visita que fez á uma dellas, diz que ahi o ar não é mais ar, o dia não é mais dia. Barrotes de ferro, exclama o celebre escritor, tem portanto algum poder sobre essas duas cousas livres e divinas, o ar e a luz!

Aqui a escuridão do carcere condensada sobre a figura do desventurado Garção se projecta sobre o mesmo facto, que a elle o arrastára. Qual o seu crime? Que desvario teria offuscado aquella mente, que vemos tão judiciosa em seus versos? Que força teria impellido fóra do caminho do dever quem tão formosos canticos entoára á virtude? Ninguem o soube até hoje dizer com certeza. Bracejão os biographos em um mar de conjecturas e hypotheses; cada qual conta a historia por diverso modo, reportando-se á tradição oral, ordinariamente defeituosa.

Comtudo o Snr Camillo Castello Branco em duas estimaveis obras suas (1) pretende assignalar a verdadeira causa da prisão de Garção, tendo bebido a in-

(1) *Curso de litt. port.*, tomo 2°, pag. 181 a 184. *O perfil do Marquez de Pombal*, pag. 147 a 153.

formação, segundo refere, em uma nota do Conego Manoel de Figueiredo no seu commentario ao soneto, que elle diz inedito, mas não é, e assim começa:

Estavão as trez Graças penteando.

Essa nota deverá achar-se em outro manuscrito, que não aquelle a que me tenho referido, copiado pelo Conego e outr'ora existente na livraria do emerito escritor. Neste nada encontrei sobre o assumpto. Quanto ao soneto é o mesmo que recita Gaspar Picote na scena XVI da *Assembléa* e pode ser lido a pag. 393 deste livro.

Sem faltar á consideração que me merece tão respeitavel autoridade, farei patentes dentro em pouco as hesitações em que ainda labora o meu espirito, e conduzem não a contestar a fonte da informação, mas a duvidar de sua authenticidade. Por agora cabe-me expor

as differentes versões colligidas por Innocencio cotejadas com a sua judiciosa critica.

Assim temos em primeiro lugar Sané, ou o autor das notas appensas á sua traducção das Odes de Francisco Manoel, o qual pretende que o Marquez de Pombal irritado por causa de uns artigos pubblicados na *Gazeta de Lisboa*, cujo redactor era então Garção, o mandára em castigo encerrar em um calabouço. A suspensão desse periodico, data, porèm, de 1762 e não é crivel que a colera do grande ministro ficasse sopitada durante nove annos para tão serodia explosir, quando era facil ao seu poderio a punição do temerario, logo após a offensa ou o atrevimento.

Segue-se o Visconde de Almeida Garret com uma refutação substitutiva da historia, que chegou ao seu conhecimento. « Contão, diz elle, que certo Lovelace alfacinha da amizade de Gar-

ção, querendo escrever a uma menina ingleza a quem galanteava, pedira ao poeta que lhe trasladasse para a lingua da bella os seus lusos namorados requebros. » A destinataria da carta foi mostra-la ao pae e este ao Marquez de Pombal, que por conhecimento proprio ou denunciado da lettra, mandou prender o poeta. Esse, porèm, foi o pretexto, o verdadeiro motivo no pensar do autor das *Viagens á minha terra*, está na famosa Falla do Duque de Coimbra, que o Garção compozéra para fustigar a vaidade com que o Marquez se esculpira em bronze no pedestal do Terreiro do Paço.

Semelhante opinião nada tem de acceitavel, e o provou Innocencio fazendo ver, que a estatua só foi inaugurada e descoberta em 6 de junho de 1775, depois da morte de Garção. Elle suppunha que a *Falla* seria de data muito mais antiga. Hoje sabe-se com segurança,

como já expendi, haver sido composta para a Academia dos Occultos em 1754, nada menos de vinte e um annos antes.

De outro genero é a versão apresentada pelo Commendador Antonio Joaquim de Mello. Em sua opinião o Marquez de Pombal não olhava bem o poeta, por ser parcial dos padres Congregados e outros murmuradores do seu ministerio. Pretextou-se a prisão com a traducção, que o poeta fez de escritos de amores de uma filha do brigadeiro inglez Elsden com um amigo do poeta. Elsden era um ensemblador ou marcineiro em Londres; com algumas poucas luzes elementares de mathematicas fizera de engenheiro em Portugal, onde em 1775 andou dirigindo a construcção do laboratorio chimico, museo e sala de physica experimental pegados ao Collegio dos Jesuitas em Coimbra.

Esta versão na apparencia diversa

approxima-se todavia da de Garret. No fundo ha a mesma questão de amor consubstanciada em uma correspondencia epistolar, cujo traductor seria o poeta. Máo proveito lhe resultaria do conhecimento de uma lingua, na epoca em que Junius nella escrevia as suas admiraveis *Cartas* e Goldsmith publicava o seo bello poema *The deserted village*.

A ultima versão ouvio-a o proprio Innocencio da boca de um neto do poeta, José Maria Stokler Salema Garção, e é referida nos seguintes termos:

Garção habitava na sua casa da Fonte Santa (a que está situada á direita da mesma fonte) e possuia contigua a ella outra, que alugára a um coronel inglez, Macbean, ao serviço de Portugal (o mesmo aquem são dirigidas as Odes XVIII e XXI). Davão-se por amigos e visitavão-se reciprocamente com demostrações de muita estima; o

coronel era viuvo e tinha em sua companhia uma filha, moça formosa, porèm, de caracter inconsiderado e leviano e que passava por extremada namoradeira.

Entre muitas pessoas de boa sociedade que frequentavão a casa do poeta, onde concorrião a miudo os socios da Arcadia e outros eruditos e litteratos d'aquelle tempo, havia um mancebo peralta, que parece tinha por appellido Avila, o qual não obstante ser casado e ter filhos, entendeo que podia requestar a filha do inglez e o mais é que encontrou nella as melhores disposições para attendê-lo.

Quiz dirigir-lhe uma carta, porèm, como ignorasse a lingua da sua bella, rogou a Garção com grandes instancias que lh'a escrevesse ou traduzisse. Teve o poeta a fragilidade de condescender com os seus rogos, fazendo a carta pedida; porèm o estouvado

amante em vez de copia-la por sua lettra, pegou no proprio rascunho e deo-o a um criado do coronel para que o entregasse á ama.

E' mister accrescentar agora, interrompe Innocencio, não porque o dicesse o neto, mas porque Domingos Maximiano Torres (amigo de Garção) o contára em antigos tempos a pessoa que m' o transmittio, que a tal carta havia por fim nada menos do que convidar para a fuga a menina, cujo estado de gravidez ia já sufficientemente adeantado! ..

O criado em vez de dar a carta á filha, segundo ajustára, foi entrega-la ao coronel. E' facil de julgar como este ficaria ao reconhecer pela lettra da carta, cuja era e o fim a que se destinava!... Enfurecido correo immediatamente á casa do primeiro ministro, a quem apresentou a carta, e nella o corpo de delicto do desgraçado poeta. Nem tanto

seria preciso para exacerbar o animo do marquez, muito mais se existião já da parte deste razões de animadversão, que se tem querido suppor. A ordem de prisão foi pois expedida para logo(1).

Esta parece ser a tradição de familia. Della não se affasta notavelmente outro parente do poeta, o bisneto Pedro Stockler Salema Garção no *Bosquejo biographico* publicado em folhetins da *Imprensa e Lei*. Encarecendo as qualidades que compunhão o caracter do avoengo, entre as quaes primava a franqueza, fa-lo manifestar-se incompativel « para servir junto de altas personagens pela impossibilidade de encobrir o seu juizo diante de um acto injusto. » Tal resposta altiva de Garção a suggestões para solicitar do Marquez de Pombal um emprego na sua

(1) *Dicc. bibl. port.*, artº Pedro Antonio Correa Garção, tomo VI, pag. 390.

Secretaria levada ao conhecimento deste, seria a causa primaria do odio, cuja explosão viria ulteriormente provocar a historia da carta escrita para satisfazer alheio pedido.

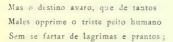
Sem proposito de escurecer as preconisadas qualidades, mas unicamente por amor á verdade historica, recordarei para prova do sentimento do poeta em relação á administração de Pombal os altos encomios, que lhe tece directamente na Epistola IV ou por via allusiva na Oração VII. Uma conversação na intimidade de amigos não contrabalançaria seguramente as blandicias proferidas em publico, nas quaes se exaltava as qualidades politicas do estadista.

A versão do Snr Camillo Castello Branco consiste simplesmente em apresentar o proprio Garção como o seductor da filha do Coronel Macbean. Não se lhe instaurou processo, diz elle,

para evitar dous opprobrios o de Garção, chefe de familia, na idade de 49 annos e o da filha do queixoso, mulher cuja deshonra ficaria occulta, se o preso expirasse com o segredo do motivo de sua prisão. Não temos a certeza, accrescenta, de que a esposa do poeta suspeitasse a causa da prisão; é, porèm, certo que a desamparada senhora andou supplicante pelo paço e pelas secretarias a pedir que a deixassem ver seu marido, e conseguio do rei a promessa da liberdade.

Não deixa de ser sobremaneira singular que nenhum escritor contemporaneo houvesse assignalado semelhante causa.

Maximiano Torres, citado como vimos, na referencia de Innocencio á narrativa do neto de Garção e apezar de dissidente da Arcadia, não arrefecêra a estima em que o tinha, na canção á *Amizade*, que lhe dedicou apenas fez vaga referencia ao facto nestes versos:

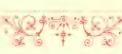
Mas o destino avaro, que de tantos
Males opprime o triste peito humano
Sem se fartar de lagrimas e prantos;

Urdindo-lhe fatal e extremo dano
Não consentio que o genio alto e facundo
Mais se elevasse a Apollo soberano (1).

Outro escritor de merito que tambem floresceo n'aquella epoca (1745-1795), Francisco Dias Gomes, caracter austero e independente, extreme portanto da suspeita de parcialidade em favor de um criminoso, fossem quaes fossem os seus dotes litterarios, apreciando o modo como havião sido tratados varios engenhos portuguezes, assim se exprime sobre o assumpto: « O Garção insigne restaurador da poesia portugueza em nossos tempos acabou a vida no fundo de uma prisão, moti-

(1) Versos de Alfeno Cynthio, Bacharel Domingos Maximiano Torres, pag. 173 a 180.

vada por causa de si tão futil, que é vergonha expressa-la. » (1).

Aquelle soneto das *Trez Graças* transferido no *Curso de litteratura*, não é inedito como já expuz. Dirão talvez que isso pouco vale. Importa no entretanto muito, a meu ver, para uma descoberta que teria vindo lançar forte jacto de luz sobre a questão. Não constitue poesia singular a revelar os sentimentos intimos do autor. Na boca de um dos galans da comedia *Assembleia*, figura de bola apanhada no ar, em desafio ao talento do repentista. Nesses versos pretende-se, é certo, desculpar a

(1) Obras poeticas mandadas publicar por ordem da Academia Real das Sciencias a beneficio da viuva e orphãos do autor, Lisboa, 1799. Convirá talvez rectificar um equivoco do *Diccionario bibliographico*; a Elegia consagrada á morte de Garção e a V e não a VI e encontra-se de pag. 72 a 78.

velhice namorada, mas sem nenhuma allusão a algum dos personagens, apenas aguda replica á exclamação de um delles.

Não creio que Garção já entrante nos seus 47 annos pretendesse desculpar as escapadas da edade madura, á semelhança de certo poeta inglez:

> My head is gray, my blood is young
> Red leaping in my veins;
> The spring doth stir my spirit yet
> To seek the cloistered violet,
> The primrose in the lanes.

Elle antes supplicaria á deosa dos amores como o Venusino, cujo encanecimento começára aos 42 annos, que o deixasse em paz:

> Parce, precor, precor!
> Non sum qualis eram bonæ
> Sub regno Cinaræ. Desine, dulcium
> Mater sæva Cupidinum
> Circa lustra decem flectere mollibus
> Jam durum imperiis

e inspirando-se no grande mestre procuraria traduzir os mesmos sentimentos nos seguintes versos da Ode XXXV (inedita) que em nada destoão do original:

Que me deixes te peço, que me deixes,
Que para o duro peito,
Com trabalhos crueis endurecido
Na sanguinosa pedra
As aligeras farpas não amoles.
Já não sou, já qual era,
Quando reinava a candida Leucipe.
Passárão tão bons dias!
Não queiras atear inutil flamma
Em pouca arida cinza,
Que os gelos de oito lustros esfriárão.

Dizia La Bruyère: « Il n'y a pas de plus grande difformité dans la nature qu'un vieillard amoureux. » Sentença severa, se o quizerem, mas justa. Garção não a teria certamente affrontado entregando-se aos arrastamentos de uma paixão, que a sua posição de pae de fami-

lias transformaria em crime. A'exemplo dos anciões de Homero, que do alto das portas Scéas, comparaveis a melodiosas cigarras, ἐοικότες τεττίγεσσιν, se extasiavão diante da belleza de Helena, em de vez de succumbir á tentação, como elles faria igualmente votos pelo affastamento immediato de quem poderia ser causa da ruina propria e da dos filhos.

O alludido commento de Figueiredo parece-me, pois, carecer de authenticidade. Em pontos de tamanha ponderação a critica não se satisfaz com simples referencias, precisa remontar ás fontes, proceder á analyse da limpha, e decidir de sua pureza.

Se a historia se constituisse de meras affirmações, se não fosse mister prescrutar a raiz dos acontecimentos, examinar os filamentos, seguir-lhe a direcção, exigindo de cada autor a justificação de seu testemunho, instruir em

summa o processo que Taine denomina provar as provas, não haveria certeza possivel, ella seria despojada do seu caracter essencial, faltaria á sua missão; de sciencia converter-se-hia em seita, formaria adeptos mas não teria crentes.

Não se diz que a versão explique de qualquer modo o encarceramento simultaneo de Lobo d'Avila. No entretanto é facto averiguado haver elle partilhado o máo fado do poeta, e visto igualmente fecharem-se e abrirem-se as portas da mesma prisão. Outra versão o faz figurar, como ficou dito, de autor principal, e esse papel não é em verdade repugnante ás qualidades peraltas, que lhe empresta. Em todo o caso, entre ambos existio um vinculo, cuja natureza e extensão conviria ficassem bem determinadas. Talvez mesmo partindo do mais obscuro se chegasse ao mais illustre. Quantas vezes uma escusa e sombria vereda nos não conduz á estrada

principal! A claridade desferida ao desembocar nella, illuminaria aqui uma vida inteira.

O que todavia parecerá difficil admittir, é a supposta ignorancia da mulher de Garção acerca do motivo da prisão. Não faltarião de certo amigos officiosos que lh'o revelassem. Quando mesmo, porèm, fosse aquelle feio delicto de que falla o Snr Camillo Castello Branco, as virtudes da matrona portugueza mais se acendrarião pelo esquecimento da grave injuria commettida contra o thoro conjugal. A verdade é que a desditosa senhora andou pelos paços reaes a solicitar a graça do marido; a muito custo, depois de oito mezes, conseguio fosse transferido do segredo para a sala livre e, ainda perseverando nos seus generosos esforços, alcançou onze mezes mais tarde, a ordem de soltura. Era ella concebida nestes termos:

Aviso para o Cardeal da Cunha

« Exmo e Revmo Senhor,

« Sua Magestade é servido que V. Eminencia mande soltar a Pedro Antonio Corrêa Garção e a Francisco Antonio Lobo d'Avila, que se achão presos na cadêa da Côrte por ordem do mesmo Senhor; assignando os sobreditos presos um termo perante o Corregedor do crime do bairro da rua Nova, de sahirem da referida cadêa para fóra desta Côrte, á qual não poderão voltar emquanto Sua Magestade não mandar o contrario.

« *Paço, em 10 de novembro de 1772.*

« José de Seabra da Silva. »

A libertação trazia, pois, como clausula adjecta a sahida para fóra da Côrte, sem comtudo determinar-se o lugar do exilio. A graça não era completa;

a clemencia real julgára dever restringir-se ou fôra quiçá desvirtuada na execução. Clausula deshumana e falsa, exclama um biographo, em relação a um moribundo que se achava nos ultimos momentos da agonia, contra a qual protestou a viuva nos poucos annos que lhe sobreviveo, tomando os céos por testemunha de que o monarcha, pelo que sempre tinha ouvido de sua bocca, tal não havia ordenado.

Seja como fôr, não deixa comtudo de causar extranheza, attendendo-se ás mesmas condições da epoca, que tão grave crime como o inculcado, tal que a O., L. 5, tit. 23, punia com o degredo para Africa, sendo entre pessoas de qualidade, e com açoutes, baraço e pregão nas em que taes penas cabião, fosse purgado simplesmente com 1 anno e 7 mezes de cadêa. A pena não estaria de certo em proporção do delicto. Mais uma falha na versão.

Tarde, porèm, chegou o alvará de soltura. Os desgostos tanto como as agruras do carcere e enfermidades havião acabrunhado o infeliz poeta, minando-lhe a existencia. Dir-se-hia que só aguardava livrar o corpo, para que o espirito por seu turno se libertasse da miserrima prisão. Essa aura de liberdade pela qual anhelava, veio somente como suave brisa acariciar-lhe os ultimos momentos e levar comsigo a immortal essencia. Sob as frias abobadas do Limoeiro, mudas testemunhas do seu cruel soffrimento, exhalou na tarde desse mesmo dia 10 novembro de 1772 o derradeiro alento, tendo de idade 48 annos incompletos.

Não serião escassas á lutuosa scena as côres proprias dos tristes successos; a natureza do lugar revesti-las-hia de um toque mais carregado. As negras muralhas sem echo para os queixumes do prisioneiro, abafarião igual-

mente os lamentos, que a sua morte despertaria. Aguda e profunda, porèm, devêra ser a dôr da desventurada viuva. Essa mulher de poeta, que vemos corajosa e devotada figurar na ultima phase de sua vida, importunando com justas solicitações os ministros, tragando sabe Deos que dissabores e contrariedades, subindo até o proprio Rei, bem se pode imaginar atravez de quantas difficuldades e embaraços, é digna do mais encarecido louvor. Ella representa o que ha de mais puro e elevado na sociedade conjugal, a dedicação na desgraça. Queixas que por ventura podesse ter do marido, tudo esqueceo, tudo perdoou para só lembrar-se que era desditoso e corria-lhe o dever de o amparar.

Senhora de illustre nascimento não teria seguramente poupado relações de parentes e amigos para arranca-lo do carcere; ella, porèm, surge só e quando todos parecem have-lo abandonado. É

uma verdadeira heroina do amor conjugal, emula d'aquella Arria, cujas virtudes Plinio celebra accentuando que entre as acções humanas unas tem mais brilho, outras porém mais real grandeza - *alia clariora esse, alia majora*. D. Maria Anna de Salema Garção não é somenos em qualidades á mulher de Peto, e a historia do XVIII seculo registrará aquelle modelo de esposa em suas mais brilhantes paginas.

Que o poeta não era insensivel a tamanhas provas de affecto e interesse, que mesmo do fundo da prisão a imagem da devotada esposa occupava-lhe o attribulado espirito, verifica-se do Soneto LI que lhe dedicára. Nelle como que parece haver acceitado a perda da liberdade como expiação de culpa :

> Menos chora terrenos bens perdidos ;
> De pouco um peito grande se contenta ;
> Antes quer ser honrado que ditoso.

Se, porèm, lata ou leve não julgou opportuno informar-nos; o véo do mysterio que poderia haver so-erguido ficou pesando sobre o facto.

Consta que D. Maria Anna, depois da morte de Garção, desgostosa e accabrunhada, apenas como boa mãe conseguio dar destino aos filhos, se recolheo ao Convento de S^ta^ Monica, que era o mais proximo da igreja de S. Martinho, onde fôra sepultado o marido e alli acabou os seus dias com exemplar virtude, sendo no mesmo claustro o seu jazigo.

Nenhuma distincção assignalou a se pultura do vate geralmente considerado por seus conterraneos o segundo Horacio portuguez e que, como observa Innocencio, aos titulos de fidalgo da Casa Real e Cavalleiro professo na ordem de Christo, reunio outros de mór valia sem duvida para a posteridade, quaes forão os de fundador da

Arcadia e insigne restaurador da poesia portugueza. Seus ossos tiverão a mesma sorte que os do principe dos poetas lusitanos: não se sabe onde parão; dispersou-os ou confundio-os com o de milhares de cadaveres a demolição da igreja de S. Martinho em 1835. A mão piedosa da esposa ahi não estava mais para recolhê-los á funeraria urna, em a qual fosse esculpido o epitaphio composto pelo D^r Vicente Pedro Nolasco, resumindo o sentimento nacional:

Da Arcadia lusa e membros que a illustrárão
Garção foi honra, foi cantor divino;
E das Musas que o berço lhe embalárão
Teve do patrio idioma o tom mais fino.
Se delle as cinzas sem valor ficárão,
No pó envoltas de vulgar destino,
Sempre serão no templo da Memoria
Seus escritos brazão de eterna gloria.

Mas Portugal se ainda não possue como a França um Pantheon onde sejão

recolhidas as cinzas de seus grandes homens, ou, como a Inglaterra, uma abbadia de Westminster digna sepultura de reis e de famosas notabilidades do Imperio britannico não esquece todavia os filhos que o tem illustrado; posto que tarde será remida a divida de gratidão. Ainda não ha muito o mundo admirou as festivas homenagens prestadas por occasião do 3º centenario do seu excellente epico, do grandiloquo cantor de suas glorias. A essas demonstrações solemnes nos associamos tambem nós Brazileiros, enthusiastas por tudo quanto é grande, nobre e generoso. Tempo virá, podemos conta-lo, em que duas nacionalidades irmãs se unão de novo no mesmo pensamento de honrar a memoria do genio, que exercitando-se em varios campos da poesia, deixou em todos elles um padrão imperecivel.

O lamentavel final de Pedro Anto-

nio Corrêa Garção, quaesquer que sejão as suas faltas, qualquer que fosse mesmo o seu crime, provoca a indignação contra a prepotencia de que foi victima. Nenhuma consideração a justifica, nenhum principio a absolve. A serena luz do direito poderia illuminar o juiz e o réo, o rubro clarão do despotismo destaca vivas em escuro fundo as figuras do algoz e da victima.

Felizes os que vivemos em uma epoca em que o arrasamento das bastilhas tornou impossivel a reproducção de igual facto. A conquista da liberdade garante hoje plenamente os direitos do cidadão; a espada da justiça não está a soldo de nenhuma tyrannia e a divisa que brilha em sua fulgente lamina — *lex omnibus una* — efficaz e indefectivelmente protege o fraco contra o forte, o desvalido contra o poderoso.

Londres, dezembro 1887.

Parte I

POESIA

I.

QUEM de meus versos a lição procura,
Os farpões nunca vio de Amor insano,
Nem sabe quanto custa um vil engano
Traçado pela mão da formosura.

Se o peito não tiver de rocha dura,
Fuja de ouvir contar tamanho damno,
Que a desabrida voz do desengano
O mais firme semblante desfigura.

Olhe, que ha de chorar, vendo patente
Em tão funesta e lagrimosa scena,
O cadafalso infame e sanguinoso.

Verá levado á morte um innocente:
E condemnado a vergonhosa pena,
O mais fiel amor, mais generoso.

II.

A' Snr.ª D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos.

LUTANDO com mil sustos, mil pezares,
Com desprezos, enganos e rigores,
A teo rosto gentil, olhos traidores,
Templos lhe consagrei, ergui-lhe altares.

Rociadas de lagrimas a mares.
Degollavão as victimas Amores.
Ara cruel! Suspiros, magoas, dores
Lançava em denso fumo aos mansos ares.

Chegou Marilia de mudar-te o dia;
Tèas, secure, pyra, vasos, fogo
Tudo rompeste, tudo aos pés pizaste.

Triumphou, triumphou a tyrannia;
Mas apezar do altivo desafogo
Illesa a fé, illeso o amor deixaste.

III.

Em magnifica scena a fantasia,
Entre festões de estrellas radiantes,
Teus angelicos olhos triumphantes,
Gentil Marilia, me mostrou um dia.

O sol de teus cabellos se esparzia
Por columnas e frisos rutilantes;
Aos pedestaes atados mil amantes,
Honesto riso suspirar fazia.

Movendo longas azas brandamente,
Voavão esperanças e desejos,
Co' as Graças abraçadas, c'os Amores;

Mas retinindo um silvo, de repente
A cortina cahio; males sobejos!
Só magoas vi depois, só vi temores.

IV.

Os antigos poetas fabulando
Inspirados por deoses, se fingirão,
Com o Olympo sonhárão e mentirão,
A falsos Numes torpes aras dando.

Enéas pio ao barathro levando
Ver Eliza outra vez lhe permittirão;
E umas sombras, que avidas o virão,
Memorárão o caso miserando.

Para honrar de seu canto a melodia,
Procurárão desta arte engrandecê-la
E quasi forão tidos por divinos

Eu mais fama darei á poesia,
Se um instante sonhar, Marilia bella,
Que são dos olhos teus meus versos dinos.

V.

A' mesma Senhora.

CANTAR Marilia ouvi tão docemente,
Que o coração, prostrados os sentidos,
Imaginou, que até pelos ouvidos,
Seus olhos o assaltavão de repente.

Entrava a doce voz tão brandamente,
Quaes entrão n'alma os olhos seus movidos,
Com formoso desdem, quando rendidos,
Piza desejos mil tyrannamente.

O poder milagroso da harmonia,
Que no peito em triumpho campeava,
Na mão por palma os olhos seus trazia.

Eu, que ao carro fatal atado andava,
Se era vê-la, ou ouvi-la não sabia,
Sei que os novos grilhões não estranhava.

VI.

A' mesmo Senhora.

SE eu soubéra, Marilia, que vivia,
O doce Amor nos olhos teus formosos,
Em meus sublimes versos numerosos,
O dia de teus annos cantaria.

Qual brando Orpheo co'a força da harmonia,
Dos ingremes outeiros pedregosos,
As altas faias, álamos frondosos,
Para ouvir-me cantar desprenderia.

Não cuides que vãs fabulas invento,
Se vendo os olhos teus, teu rosto amado,
Do peito sinto o coração fugir-me.

Antes, se não me engana o pensamento,
Farei que o mundo todo namorado,
Qual fiquei de te ver, fique de ouvir-me.

VII.

CHEIOS de espessa nevoa os horizontes,
Espantosas voragens vem sahindo!
Foi-se o sol entre nuvens encobrindo,
Voltando para o mar os quatro Ethontes.

Cahio a grossa chuva pelos montes,
Os incautos pastores aturdindo;
E engrossados os rios vão cobrindo
Com embate feroz as curvas pontes.

Com medonho estampido pavorosos,
Os longos écos dos trovões soando,
A rezar nos pozemos temerosos.

Parou a chuva; correm sussurrando
Os torcidos regatos vagarosos;
Não me atrevo a sahir, fico jogando.

VIII.

SE, Beliza gentil, pudéra crer-te
Exposto a todo o mal, todo o tormento,
Esperára, voando o pensamento,
Com suspiros e lagrimas mover-te.

Ousado commettêra, emfim, render-te
Sem a pena temer do atrevimento,
Pois para ter desculpa o meu intento,
Bastava ser a causa só querer-te.

Mas vivo tão cortado de desgosto,
De desprezos, traições e tyrannias,
Que sonho cuido ser quanto desejo.

E nem á luz de teu sereno rosto,
Com que meus tristes olhos alumias,
Posso crer que te vejo, se te vejo.

IX.

Ao som da Fonte-Santa, que corria
N'alva borda do tanque debruçado,
De cansados desejos, já cansado,
O triste Corydon adormecia:

Em doce sonho imaginando via
De Beliza gentil o rosto amado,
Que na tremula vèa retratado
Dos olhos cobiçosos lhe fugia.

Os torpes braços sem cessar movendo,
Em vão aperta a limpida corrente,
Em vão lhe está com lagrimas dizendo:

Se folgas de que morra um innocente:
Porque foges de mim, nympha, sabendo,
Que Amor me mata, quando estás presente?

X.

QUAL a mansa novilha, que innocente
Pelas pontas de louros enramada
A duro sacrificio vai puxada,
Sem temer a secure reluzente :

Só conhece que morre, quando sente
O frio gume na cerviz cravada,
Então ; mas tarde já, desenganada,
Ao céo se queixa da malvada gente!

Taes, Beliza cruel, a teus ouvidos
Voão meus rudes innocentes versos,
Sem merecer desprezos, nem rigores.

Quando os virem, porèm, ensurdecidos,
Quando forem pisados e dispersos,
Debalde espalharão tristes clamores.

XI.

A' Snrª D. Maria Caetana de Souza Seyão.

AMOR, que mil ciladas me traçava
Lá detráz de uma verde gelozia,
Com uns pequenos olhos me feria,
Com que os sentidos todos me assaltava.

Mal retinio a frécha, que voava,
Já roto o pobre coração sentia;
E o sangue, que das vèas me corria,
Com lagrimas ardentes misturava.

Em vão fugir procuro, em vão desejo
Arrancar da ferida os passadores;
Cravados dentro n'alma me ficárão.

E desde então, que sempre os olhos vejo,
Esses olhos pequenos e traidores,
Que para me matar, me não matárão.

XII.

A' Snr[a] D. Helena Felippa Xavier Navarro.

COMTIGO, Lydia, morão os Amores,
Morão as Graças, Lydia, na verdade,
Que no reino de Amor a liberdade
Sempre viveo sujeita a mil temores.

De teus formosos olhos vencedores,
Amor as armas tem na claridade;
Como hade voar livre uma vontade,
Por entre aljavas, arcos, passadores?

Ninguem solto se vê, se chega a ver-te;
Por mais livre que traga o pensamento,
Hade amar-te, servir-te e obedecer-te.

Negar o captiveiro não intento,
Pois inda que quizera não querer-te,
Nunca livre me vira, nunca isento.

XIII.

ESPARGINDO dourados resplendores
De teus annos, angelica Maria,
Nasce o ditoso, o suspirado dia,
Dia das Graças, dia dos Amores.

Juncada a terra de orvalhadas flores
Em signal de prazer e de alegria,
Das frautas alternando a melodia
Travão choréas nymphas e pastores.

Pelas concavas fragas retinindo
O brando som de versos sonorosos
Teu nome estão os montes repetindo.

E os satyros campestres cobiçosos
De ver os olhos teus, teu gesto lindo,
Se pendurão dos álamos frondosos.

XIV.

AMIGO Frei Joaquim, assim te eu veja
Vigario de Pondá ou Taprobana,
Assim voltes a barra Tagitana,
Que para seu cachopo te deseja.

Assim permitta o céo, assim proveja,
Que farto de charão e porçolana,
Tragas veste, calção de linha ousana,
Por solidéo na tola uma bandeja.

Assim Naire montado n'um camelo
Arrastando as qualdrapas pela rua,
Passeies por Lisboa a passapello.

Assim digas, assim por vida tua,
A quem sabes que adoro com desvelo,
Que est'alma dantes minha, agora é sua.

XV.

Aos annos do Coronel de Artilheria Frederico Weinholtz.

COM soquete, lanada e botafogo,
Armado vi Amor; tinha assestados
Em platafórma cem canhões dourados,
Com que ao mundo fazia um vivo fogo.

No serviço cruel, sem desafogo,
Fervião seos aligeros soldados,
As balas erão olhos magoados,
O estridor das peças vivo rogo.

Eu, que o golpe temi de tantos damnos,
Que é isto, lhes bradei, moços traidores?
Sorrindo me respondem os tyrannos:

Weinholtz, que ao gesto lindo, qu'aos ardores
De Filis se rendeo, hoje faz annos,
Tão bom dia festejão os Amores.

XVI.

O LOURO chá no bule fumegando
De Mandarins e Brahmenes cercado;
Brilhante assucar em torrões cortado;
O leite na caneca branquejando.

Vermelhas brazas alvo pão tostando;
Ruiva manteiga em prato mui lavado;
O gado feminino rebanhado,
E o pisco Ganimedes apalpando.

A ponto a meza está de enxaropar-nos,
Só falta que tu queiras, meu Sarmento,
Com teus discretos ditos alegrar-nos.

Se vens, ou caia chuva, ou brame o vento,
Não póde a longa noite enfastiar-nos,
Antes tudo será contentamento.

XVII.

DEPOIS de atar o pobre barco Algido,
Algido pescador do Tejo undoso,
Emquanto o bravo Noto procelloso
Revolve as negras ondas insoffrido :

Entre limosas lagens recolhido,
De Dinamene o nome saudoso
Na liza boia de um chinchorro algoso
Suspirando entalhou co'anzol torcido.

Depois tres vezes o beijou dizendo :
Quaes serenão teus olhos meus pezares,
Teu nome o mar serene : e ao mar o lança.

Subito o céo azul se ficou vendo :
Desfaz-se a branca escuma pelos mares ;
Adormecem os ventos em bonança.

XVIII.

VEJO na vasta scena do futuro
De tragico destino a face accesa,
E de espectros cobrir a redondeza
O nebuloso céo, o polo escuro.

Rasgar-me o peito e coração figuro
Da torpe inveja a barbara fereza:
Da fome crua, esqualida pobreza
Em vão fugir desejo, em vão procuro.

Nada vale constancia e soffrimento;
Monstros feros, Cerastes assanhando,
Paciencia e valor põe a tormento.

O que mais é, que a vida prolongando,
Se ceva e nutre o meu entendimento
Do espectaculo feio e miserando.

XIX.

N'UMA sonora roda, que girando,
Desmancha de seus raios a figura,
Com delicada mão de neve pura
A linda Natarea vi fiando.

O linho humedecer de quando em quando
Co'a doce boca de rubim procura;
Mas Amor, que ciladas aventura
Em torno ao louro fio anda voando.

Pezados sobre as azas meus desejos,
O capitão ousado vão seguindo
Té que a molhar o fio se inclinasse.

Bradou Amor; roubárão-lhe mil beijos.
Vê o triste os ladrões ir já fugindo,
E pede-me que o furto lhe entregasse.

XX.

Ao brilhante poder do santo fogo
De teus formosos olhos vencedores,
Que do suave Tyrse são senhores,
Se acolhe humilde, meu humilde rôgo.

Que ampares, gentil Clori, peço e rógo,
Se podem commover-te meus clamores,
A quem chora da sorte os desfavores,
Sem que em lagrimas ache desafogo.

O generoso coração inclina
Do teu e nosso Tyrse, a que se dôa
Da mofina e miserrima pobreza;

E qual Tyrse na cithara divina,
Teu lindo rosto angelico apregôa,
Cantarei de tua alma a gentileza.

XXI.

Ao Snr Theotonio Gomes de Carvalho, socio da Arcadia.

ANTE meus olhos anda Amor voando,
Não cruentos virotes espargindo;
Mas triste e magoado o rosto lindo,
Lagrimas crystallinas derramando.

Não ousado e soberbo, humilde e brando,
Esmola pede a tenra mão abrindo:
Se lhe digo que espere; alegre e rindo,
Me vai mil esperanças amostrando.

Metto a mão na algibeira, acho só versos.
De versos, me diz elle, quem se veste?
Quem mata a crua fome com talentos?

Bem sei que os fados tens achado adversos;
Mas pede a Theotonio que te empreste
Um dobrão de seis mil e quatrocentos.

XXII.

Aos annos do Snr Theotonio Gomes de Carvalho.

Salve formoso dia, alegre dia!
Que os olhos viste abrir a Tyrse amado;
Sempre sejas feliz, abençoado,
Cheio de gloria, cheio de alegria.

A luz, que tuas horas alumia,
Mil vezes torne ao Tejo prateado;
E o rôxo sol no carro seu dourado,
Atropelle os frisões da noite fria.

Formoso alegre dia; pois nos déste
Um limpo coração, amparo, abrigo
Da espantosa, miserrima pobreza!

Que dadiva do céo não nos trouxeste!
Ah! que um amigo, e na desgraça amigo,
Não o póde fazer a natureza.

XXIII.

Aos annos do mesmo Senhor.

Não te direi que as Graças, qu' os Amores
Com suave prazer, doce alegria,
Salvando, caro Tyrse, o teu bom dia,
Grinaldas tecem de mimosas flores.

Não te direi, qu'as nymphas qu'os pastores,
Atroando a fragosa serrania,
Com singelo, campestre melodia,
Cantão os annos teus, os teus louvores.

Com vozes mais sonoras e pungentes,
Na choça estão de Corydon cantando,
A triste Mãi, os filhos innocentes :

Não ao som de aureas lyras modulando;
Mas com devotas lagrimas ardentes
Pela vida de Tyrse ao céo clamando.

XXIV.

Ao mesmo Senhor.

NÃO louves, caro Tyrse, a rouca lyra,
Do rude Corydon, triste forçado,
Que á toste da galé aferrolhado,
Se deseja cantar, chora e suspira.

O lasso pensamento nunca tira
Do duro remo, do grilhão pezado:
Se se lembra do seu antigo estado,
Attonito e frenetico delira.

O mar a cada instante lhe apresenta
Tragicas scenas de futuras magoas,
Mergulhando entre as ondas a esperança.

E só tu, qual santelmo na tormenta,
Sereno torna o furor das aguas,
Lhe dás alegres mostras de bonança.

XXV.

Cor. FAZE versos, meu Tyrse, a linda Clara
Teus versos quer ouvir, teu doce canto.

Tyr. Mas que versos farei, que possão tanto,
Que branda torne minha sorte avara?

Cor. A luz dos olhos seus formosa e clara,
Foi quem n' alma te deo fatal quebranto.

Tyr. São o doce veneno, são o encanto,
Com que Amor as cadeias me prepara.

Cor. Teus ais magoados, teus fieis ardores,
Poderão abrandar tanta dureza:
Suspira, que bem ouve os teus clamores.

Tyr. Se suspiros abrandão a belleza,
Brandos espero ver, cheios de amores,
Os olhos, em que vive esta alma preza.

XXVI.

Ao Padre Francisco José Freire, da Congregação do Oratorio e socio da Arcadia, mandando-lhe pedir tabaco hespanhol.

QUAES as portas de Jano aferrolhadas,
Onde preza mugia a guerra dura,
O entupido nariz o embate atura,
Do teimoso vaivem das más pitadas.

As pretas sobrancelhas carregadas,
Com torvo gésto, feia catadura,
Sorvo e torno a sorver; e a mão já fura,
Em vez de abrir as ventas desfloradas.

Debalde o marrafão empurro e metto,
Alojado na brecha o mormo grosso,
Com um rodeiro malho atocha o taco.

O remedio será corno ou espeto,
Se me não mandas já por esse moço
Do macio hespanhol louro tabaco.

XXVII.

N' UMA galé Mourisca aferrolhado,
Ao som do rouco vento, que zunia,
Sobre o remo cruzando as mãos dormia
O lasso Corydon pobre forçado.

Em agradaveis sonhos engolfado,
Cuidava o triste, que o grilhão rompia,
E que entre as ondas Lilia branda via
Talhar c' o branco peito o mar salgado.

De vê-la e de abraça-la cobiçoso,
Estremeceo, tentando levantar-se,
E os fuzis da cadêa retinirão.

Acordou ao motim, e pezaroso,
Querendo á rude chusma lamentar-se,
Só mil suspiros, só mil ais lhe ouvirão.

XXVIII.

A' calva do Padre Antonio Delfim, amigo do autor.

Era alta a noite, a lua prateada
Já no sereno céo resplandecia;
E a corrente do Tejo parecia,
De ferventes estrellas marchetada.

Então Canidia bella, destoucada,
Descalço o lindo pé, filtros urdia,
Em torno de uma loisa, que se abria
De medonhos espectros rodeada.

Regougavão no cume dos outeiros
Esfaimadas raposas; na floresta
Lhe respondião môchos agoureiros.

Brama Canidia; e ós Lémures ligeiros
Unhar mandou do bom Delfim na testa,
De finado cabello alguns milheiros.

XXIX.

Ao Padre Delfim.

FOI-SE embora o Delfim! Como ficamos?
Ah! tyranno Delfim que nos deixaste!
Comtigo o prazer nosso nos levaste,
Por ti afflictos sem cessar chamamos.

Em vão cansadas lagrimas choramos:
Desta pobre choupana te enfadaste?
Depois que a nossos olhos te negaste,
Nem comemos, nem rimos, nem dançamos.

Escura nos parece a luz do dia!
Da triste noite os funebres horrores
Inda fazem maior nossa agonia!

Tudo se nos mudou em dissabores!
Agua fervendo para nós é fria,
O chá de tres mil reis, é chá de dôres.

XXX.

A' calva do mesmo.

AO pellado Eliseo a rapazia
(Enxame de formigas inquietas)
Com apupos batendo-lhe palmetas,
Ergue-te, ó calvo, em chusma lhe dizia.

O pobre com a capa se cobria;
E deitando a correr, as sapatetas
No calcanhar tangião castanhetas,
Cujo som pelas ruas retinia.

Assim crêca Eliseo, Delfim Antonio,
Fugiste de entre nós a passapello?
Parece que foi cousa do demonio

De cada vez te falta mais cabello:
Clerigo calvo, é clerigo bolonio;
Mas ainda assim, tomáramos nós vê-lo.

XXXI.

Ao Padre Delfim.

NÃO se paga de versos a saudade,
Nem de relva se farta o manso gado;
O campo que do gelo foi crestado,
Não torna a rebentar co'a tempestade.

Se queres que te creião, se é verdade,
Que este cirio te deve algum cuidado,
Não estejas em casa encoquinhado;
Foge, foge da misera cidade.

Estes campos te esperão com mil flores,
A Fonte-Santa seus crystaes desata;
Sem ti o nosso pranto se não sécca.

Desprezas o agazalho de pastores?
Pois se de apparecer aqui não trata,
Fazemos-lhe sequestro na rabeca.

XXXII.

Ao fogo que houve em Alcantara n'um grande monte de tojo, alludindo á calva do Padre Delfim.

POR entre crespas sérras enrolado
Negro fumo, o clarão se despargia
De um incendio voraz, que á vista ardia
Do dono da fogueira descorado.

Soavão crebros golpes do machado,
Com que a mestrança intrepida batia:
A pezada calceta retinia:
Estava immenso povo embasbacado.

Achicavão as bombas sequiosas:
Marcha em fileira a guerreira gente:
Nunca no céo se vio lua tão alva!

C'o reflexo das chammas luminosas,
Brilha do Tejo a tumida corrente;
Qual brilha do Delfim ao sol a calva.

XXXIII.

Ao Padre Delfim.

QUEM vio o Padre Antonio? Um clerigo alvo,
Olhos azues, as faces mui rosadas,
Castanhas as melenas estiradas,
E na brunida testa um pouco calvo?

Quem m'o trouxer aqui a são e salvo,
Certo não perderá suas passadas.
Na verdade, que ha horas minguadas!
E deixei-o fugir? Sou um papalvo!

Vai tu, Manoel, pergunta a toda a gente,
Se conhecem um Padre rabugento,
Que gosta de viver alegremente?

Anda, rapaz, ligeiro como um vento;
Vai pregar um escrito a São Vicente,
E põe outro na rua de São Bento.

XXXIV.

A' calva do mesmo.

COM a mão na rabiça, e co' aguilhada
O colono villão os bois picando,
Abre o comprido rego, a terra arando,
Que quer de louro trigo semeada.

Depois de grossas chuvas orvalhada,
Rebenta a verde canna levantando,
E no quente verão, do vento brando
Sussurra levemente meneada.

Então os encalmados segadores
Lanção por terra os esquadrões viçosos;
Da carnagem cruel nenhum se salva.

Assim andão demonios malfeitores,
Ceifando nas cabeças de tinhosos;
Assim Delfim a tua se fez calva.

XXXV.

Ao Padre Delfim.

M.[el] APPARECEO o Padre Antonio; estava
Escondido n'um cóvo de gallinhas;
Para caber metteo-se de gatinhas,
E nem que pinto fôra assim piava.

Eu. Quem? O Padre Antonio, que tocava
Diversos minuetes e modinhas,
Cuja calva em funções de ladainhas
Entre cinzentas c'roas alvejava?

M.[el] Esse mesmo. *Eu.* Quem fez tão bom achado?
M.[el] Certo atravessador, que mui contente,
Entre capões o tinha pendurado.

Mas vio, que lhe dizia toda a gente:
Como está manso pelos pés atado!
Se o soltarem, vai dar a São Vicente.

XXXVI.

Ao Padre Delfim.

TAMBEM me lembra a mim, que já tiveste
Mais cabello na calva luzidia;
E me lembro tambem, de qu'algum dia
De vir comnosco estar gôsto fizeste:

Nem me esqueço de quando nos tangeste
(Por signal que cigarra parecia)
A rabeca, que a todos aturdia,
Até que coitadinho endoudeceste.

Desgraçado Delfim! Eras bom homem.
O mofino do moço deo-te olhado,
Foi o mesmo que ver-te lobishomem.

Agora andas cumprindo com teu fado;
Só gostas de comer o que elles comem,
Depois de digerido e transmutado.

XXXVII.

A' calva do Padre Delfim.

POR Cerastes e Gorgonas lançada,
Do mirrado Cassini á sombra fria,
Passa do lago Averno a gritaria,
Sobre as azas da noite reclinada.

Das veneraveis deosas avexada
Teme não rompa cedo o claro dia
E acossada dos cães freme, assovia,
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,
E ao som medonho da infernal calceta,
Subito quebra o somno mais profundo:

Vem buscar do Delfim a calva nua,
Para traçar o giro de um cometa
Que ha de crestar a grenha a todo mundo.

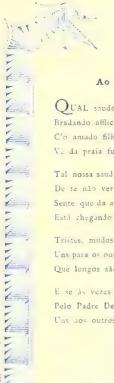
XXXVIII.

Ao Padre Delfim.

INDA a vermelha Aurora somnolenta,
Os olhos esfregando, mal abria
A dourada manhã, e a luz do dia
No Tejo se encostava macilenta.

Das nuvens o theatro representa
Iris formosa, que fugir se via
Do socegado mar da Trafaria,
Triste final da proxima tormenta.

Quando tres, quatro, seis e oito vezes
O inquieto Delfim por mim chamava,
Os lombos despegando-me do leito.

Fallou, tossio, tocou e em taes revezes,
Quando cuidei que socegado estava,
Fez-me os versos fazer, que tenho feito.

XXXIX.

Ao Padre Delfim.

QUAL saudosa mãe, que da ribeira
Bradando afflicta, em lagrimas banhada
C'o amado filho, de quem era amada,
Vê da praia fugir a náo ligeira,

Tal nossa saudade verdadeira
De te não ver aqui desesperada,
Sente que da afflicção a alma cansada
Está chegando á hora derradeira!

Tristes, mudos, afflictos e chorosos,
Uns para os outros, nem se quer olhamos:
Que longos são os dias invernosos!

E se ás vezes as trombas levantamos,
Pelo Padre Delfim, delle saudosos,
Uns aos outros a medo perguntamos.

XL.

Ao Padre Delfim.

QU' é delle o cabeção do Padre Antonio?
Onde tem o chapéo, mais a bengala?
Francisca, vê se podes apanha-la:
Fugir-nos se intentava, era bolonio.

Ora anda, rapariga do demonio;
Espera, escuta se resona, ou falla.
Acordaste-lo? Valha-te uma bala;
Pois perdeo duas missas Santo Antonio.

Deos te salve, Delfim, muito bons dias:
Queres chá ou café? A Miss Rosa
Tem ordem de fazer-nos as fatias.

Quanto esta manhã fresca é deliciosa,
Quanto de inverno são as noites frias,
Para nós tua vista é saborosa.

XLI.

Ao Padre Delfim.

AMIGO Padre Antonio, a Fonte-Santa
Sem ti não vale nada; descontentes
Convidados, amigos e parentes,
A todos má tristeza nos quebranta.

A mim, pobre de mim! Já me ataranta
Ouvir supplicas tão impertinentes.
Uns dizem, que virás; outros, que mentes,
Que deixaste o bordão, que tezo canta.

Ora vem, bom Delfim, verás louraças,
Magotes e magotes de mulheres,
Umas assim assim, outras caraças.

Sége te mandarei, se sége queres;
Não te peço senão, que agora faças,
O que fizeste já n' outros prazeres.

XLII.

Ao Padre Delfim.

AMIGO, fallo serio, saudosos
Pelo nosso Delfim todos chamamos.
A's portas e janellas perguntamos,
Que feito foi de ti, de ti queixosos

Sempre os olhos trazemos lagrimosos
E crestados do pranto que choramos.
A's mangas sem cessar nos assoamos,
De cada vez nos vemos mais ranhosos.

Não desprezes, Delfim, o amor ardente
De teus velhos amigos, coitadinhos,
Que sem ti sol não achão, que os aquente

Quaes pião pela mãe os pintainhos,
Assim chama por ti toda esta gente,
Parentes, convidados e vizinhos.

XLIII.

NA solitaria praia a ruiva arèa
Com a luz da manhã resplandecia;
De inquietas estrellas se cobria
O fundo pégo, que sonoro ondèa.

De branca espuma na cerulea vèa
O gado de Protheo sulcos abria;
Glauco da barca as redes desprendia
O lanço consagrado a Galatèa.

Mas suspendeo as chinxas assustado,
Vendo boiar do Tejo n'agua pura
O coral roxo, o murice dourado.

Ouve uma voz bradando: „ Quem procura
Profanar este dia consagrado
Da engraçada Corina á formosura? „

XLIV.

Aos annos da Snr[a] D. Maria Euphrasia.

PIZANDO mil estrellas radiantes
As celestes virtudes vem descendo:
Com as candidas mãos c'rôas tecendo
De louro não, de immensos soes brilhantes:

Em sonora cadeia de diamantes
O tempo voador estão prendendo;
A' longa eternidade obedecendo
Quietos os aligeros instantes.

Do fulvo Tejo as nymphas qu'admirárão
A luz, que pelas aguas se estendia,
Umas ás ontras com prazer lembrarão,

Que as eternas virtudes neste dia
Para habitar, dos altos céos baixarão,
No coração heroico de Maria.

XLV.

HONTEM se foi d'aqui Nize formosa,
Nize nosso prazer, nossa alegria :
Tornou se em feia noite o claro dia ;
Cobrio-se o sol de sombra pavorosa.

Até a clara fonte saudosa
Inconsolaveis lagrimas vertia :
E a tarde, que mil ditas promettia,
Oh ! quão triste nos foi, quão amargosa !

Neste espanto fatal um desgraçado,
Que por Nize em amor todo se inflamma,
De Nize tão cruel assim se queixa :

Se o mundo todo fica tão mudado,
Quando foges de quem em vão te chama,
Ou não vás, ou teus olhos cá nos deixa.

XLVI.

Aos annos da Snr.ª D. Camilla.

DOZE vezes o sol com seus fulgores
De teus annos dourou, Camilla, o dia ;
E doze vezes cheios de alegria
Empennarão as settas os Amores.

C'roada a primavera de mil flores,
Pelos campos aromas espargia,
O mesmo céo de estrellas se cobria :
Brilhavão da virtude os resplendores.

Jazem na fresca relva os armentios ;
E os pastores tocando nas avenas,
Modulão o teu claro nascimento.

Murmurão brandamente os alvos rios,
Correm sonoras fontes mais serenas,
Tudo respira emfim contentamento.

XLVII.

A' uma senhora, a quem o autor chamava sua mãe.

COMIGO minha mãe brincando um dia,
A namorar c'os olhos me ensinava;
Mas Amor, que em seus olhos me esperava,
Com mil brilhantes farpas me feria.

De quando em quando mais formosa ria,
Porque incapaz do ensino me julgava;
Porém tanto a lição me aproveitava,
Que suspirar por ella já sabia.

Em poucas horas aprendi a ama-la:
Ditoso se tal arte não soubèra,
Não me custára a vida não logra-la.

Certo, que aprender menos melhor era;
Pois não soubéra agora deseja-la,
Nem de tão louco amor enlouquecèra.

XLVIII.

A Jeronymo Henriques de Sequeira.

DOUTOR Henriques, o Garção doente,
Vai-se achando peor, a febre atura;
A face cada vez está mais dura,
Tratando mal de mim toda esta gente.

Cuido que vejo a fouce reluzente,
Na descarnada mão da morte escura
Ante os olhos girar, e a má figura
Bem certa de vencer, mostrar-me o dente.

Um bando de atrocissimos peccados,
Rezenha estão fazendo em outra parte,
Terço de Tabareos mal encarados.

Que poderei fazer senão chamar-te?
Teu nome, se me livras de cuidado,
Cantando espalharei por toda a parte.

XLIX.

TRES vezes vi, Marilia, de alva lua
Cheio de luz o rosto prateado,
Sem que dourasse o campo matizado
A linda aurora da presença tua.

Então subindo á serra calva e nua,
De um ingreme rochedo pendurado,
Os olhos alongando pelo prado,
Chamava, mas em vão, a morte crua.

Alli commigo vinhão ter pastores,
Que meus suspiros fervidos ouvião,
Cortados do alarido dos clamores.

Tanto que a causa de meu mal sabião,
Julgando sem remedio minhas dores,
Por não poder-me consolar, fugião.

L.

LACAIOS, mulher, filhos e criadas.
Todos clamando estão pelas fogueiras,
Quaes gritão marafonas regateiras,
Pela taxa, ou tributo alvoroçadas.

O cotão sacudindo, despejadas
Lhes mostro sem pataca, as algibeiras ;
Ellas, que são ladinas e matreiras,
Trazem papel e pennas aparadas.

Que te escreva me pedem, que te peça
Para cabeças, ou barris dinheiro,
Que o Luiz irá lá a toda a pressa.

Que remedio ! Despacho um caminheiro,
Pois temo, que me queimem a cabeça,
Ou me ponhão por masto no terreiro.

LI.

Já detrás do casal vem resurgindo
O Pedro e Frei Joaquim; eis que da Fonte
Rebenta o bom Mardél no preto Ethonte,
E c'o chapéo na mão se vem já rindo.

Na janella apparece o rosto lindo,
Que não é justo, amigo, que te conte;
Saltão os dois á terra alli defronte;
As raparigas vão de cá sahindo.

Jaz Francisco Raymundo de barrete
Em trages de Confucio ou de Mafoma,
Os gentis olhos baixa Aonia santa.

O Pedro corre a mão pelo topéte,
Depois de cochichar o chá se toma:
Eis-aqui o Long-Room da Fonte-Santa.

LII.

INDA que abrindo a boca o mar irado
Os dentes mostre em borbotões de espuma;
Ou nos abysmos rapido se suma;
Ou caia das estrellas despenhado:

Inda que o oceano denodado,
C'o grão tridente dardejar presuma,
E que o misero corpo me consuma,
De ceruleos delfins atassalhado:

Inda que Europa, com fragor estranho,
Sumergindo-se seja a campa minha,
Servindo-me os antipodas de lastro:

Qual impavido Seneca no banho,
Com os dedos fazendo tesourinha,
Repetirei a historia de Alemcastro.

LIII.

Se como tu, Amor, mandas e queres
Que admire de Tyrcea a formosura,
Igual á que me abraza chamma pura
Em seu peito invencivel accenderes:

Se em seus divinos olhos tu puderes
Claros signaes mostrar-me de ternura,
Se em vez de ingrata ser, e ser tão dura,
Que benigna me attenda, emfim venceres,

Então direi, Amor, que és poderoso,
Que te é devida nossa idolatria,
E que podes fazer-me venturoso:

Mas receio que Tyrcea ingrata, impia,
Cedendo a meu destino rigoroso,
Destes suspiros faça zombaria.

LIV.

Ao terremoto do 1º de Novembro de 1755.

AFORTUNADO Enéas, que sahiste
Da destruida Troia, carregado
Com o pezo feliz do pae amado ;
E assim as leis do sangue bem cumpriste.

Tambem nessa piedade resististe
Ao direito fatal do injusto fado :
Se viste o patrio ninho destroçado,
Salvo, quem te deo ser, ditoso viste.

Os penates, os socios transportaste
Ao Lacio porto, aonde achaste abrigo,
Onde um novo palladio collocaste.

Eu provei mais cruel fado inimigo,
A patria vi arder ; tu a salvaste ;
Mas eu perdi o pae, perdi o amigo.

LV.

A sua mulher a Snr.ª D. Maria Anna Xavier de Sande e Salema.

Ao som dos duros ferros, que arrastava,
A lyra de ouro Corydon tangia,
De Marcia o doce nome repetia:
Mas no meio do canto soluçava.

No rosto macerado, que enfiava,
O lagrimoso pranto reluzia;
E nos olhos, que aos altos céos erguia,
O pensamento intrepido voava.

Não se assombra de ventos insoffridos,
Nem com ousado lenho arar intenta
O polo do futuro nebuloso:

Menos chora terrenos bens perdidos:
De pouco um peito grande se contenta:
Antes quer ser honrado, que ditoso.

LVI.

SUJOS Brontes estão arregaçados
Batendo o rubro ferro, e retinindo
Os rijos malhos, vão ao ar subindo
Estellantes coriscos enrolados.

Ao fuzilar dos golpes, pendurados
Apparecem mil elmos reluzindo;
Na forja a labareda está zunindo,
Impellida dos folles engelhados.

Crystallino suór alaga a testa
Do coxo mestre; a calma da officina
A' fresca viração as azas cresta.

Forjavão uma setta colubrina;
Eis entra Amor, e diz-lhes que não presta
A' vista dos bons olhos de Corina.

LVII.

A' morte de Felix Coutinho.

ESPIRITO gentil do esposo amado,
Que sobre as azas de virtudes santas,
Muito acima dos astros te levantas,
Do miserrimo corpo desatado:

Ante o solio de estrellas recamado,
Já do grande Adonai o nome cantas,
E do perpétuo dia não te espantas,
Que a nossos mortaes olhos é vedado;

Se o purpureo semblante a nós volvendo,
(Nova constellação resplandecente)
A terra, lá do céo, inda estás vendo;

Não te canses de nosso amor ardente,
Que este pranto, que vês estar correndo,
Que viva cá sem ti, me não consente.

LVIII.

Contra José Basilio da Gama.

QUEM vem lá? quem nos honra? Este estudante,
Que das Musas quer ter o magisterio,
Aprendeo com varões do sacro imperio,
Porèm se tolo foi, veio ignorante.

Examinado elle, é um pedante
Das Musas portuguezas vituperio,
Foi creado no calido hemispherio,
Fidalgo pobre, cavalleiro andante.

Do alto monte que é aos céos visinho
Só elle o alado bruto enfreia e doma,
Faz castellos no ar de cedro e pinho.

O louro, quando quer, despreza e toma:
Arredem-se, senhores, deem caminho,
Passe o senhor quaqui, que vem de Roma.

LIX.

Contra um rancho satyrico.

PINTO fidalgo, embaixador da Mancha,
Tu Monteiro roaz, que na baralha
Vales por espadilha da canalha
Que a fama alheia com ferretes mancha:

Padre Niceno, tu, patrão da-lancha,
Carregada de drogas da antigualha,
Que o Bandeirinha alvar á tôa espalha,
Potro que n'outro potro se escarrancha;

Capitão Archimedes, tu zarolho,
Manoel de Souza que pareces Mendes
Que da recua aproveitas o restolho;

Ulpiano venal . . . tu bem me entendes . . .
Se para estas cousas tenho dedo e olho,
Em peralvilhos jubilado tendes.

LX.

TU és Dircea filha do Tirreno,
Eu um dos filhos sou do pobre Alceste,
Mas nem por fado teu tal pai tiveste,
Nem eu por culpa minha sou pequeno:

Bem sei que te pretende o rico Alceno,
Mas se pelles e lãs mais finas veste,
Tão bem no amor o venço, qual cypreste
Excede no robusto ao brando feno.

Deixa vaidades da justiça alheias,
Não desprezes affectos e ternura,
Por teres mais cabritos e colmeias.

Faze Dircea reflexão madura,
Vê que a virtude propria em mim premeias,
E nelle só premeias a ventura.

LXI.

NÃO cobre vastos campos o meu gado,
O maioral não sou da nossa aldeia,
Do meu trabalho como, mas Dircea
Ainda que sou pobre, vivo honrado.

No jogo da carreira e do cajado
Ate o destro Algano me receia,
Qual loura espiga de grãosinhos cheia,
Me alegra ver teu rosto delicado.

Se queres minha ser, falla a verdade.
Não vestiras as pelles mais vistosas
As finas lãs tecidas na cidade.

Trajárás das que eu trajo as mais mimosas,
Fa-las-ha de mais preço a sã vontade
Com que quizéra dar-te as mais custosas.

LXII.

Ao Padre Antonio de S. Jeronymo Justiniano, Capellão do côro de N. Snrª do Loreto da Nação italiana.

MISERO gandaeiro do Parnaso,
Que para alimentar teu pobre estylo
Das escorias tiraste do chirilo
Com que da ideia encheste o tosco vaso:

Apollo faz de ti tão pouco caso,
Que vendo que tu foste persegui-lo,
Podendo te mandar beber d' aquillo,
Mandou te désse furia o seu Pegaso.

Essa furia que o Pindo te dispensa,
Bem se vê que é de besta; no proluxo
O dás a conhecer de uma obra extensa.

Deo-te Pegaso as aguas de repuxo,
Que Apollo só se andasse de corrença,
E' que podia dar-te o seu influxo.

LXIII.

AMOR nos olhos da formosa Clara
Armado não de settas, de ternura
Crueis vinganças, implacavel jura
Guerra fatal aos corações declara.

Dos brandos tiros que d' alli dispara
Ninguem pode, ninguem fugir procura,
Que do mesmo poder da formosura
Nenhum peito de bronze se depara.

Seus lindos olhos com desdem movidos
Pisão desejos mil, rendem mil peitos,
Lanção por terra corações feridos.

Se esquivos causão tão crueis effeitos
Inda causão mais ancias, mais gemidos
Quando se deixão ver a amor sujeitos.

LXIV.

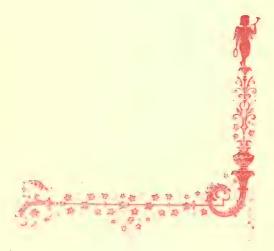
A Antonio Diniz da Cruz.

QUINZE vezes a aurora tem rompido
E accendi outras tantas a candêa,
Desde que prezo estou nesta cadêa,
Soffrendo o que nenhum cá tem soffrido:

De todo trago o estomago perdido:
Cómo frio o jantar, mal quente a cêa,
E este misero ornato que me arrêa,
De noute é cama, de manhã vestido:

A um canto da bocca arrumo um dedo:
Subo os olhos ao tecto, ao chão os mando
Sem saber o que faço me arremedo:

Comigo mesmo estou philosophando:
Nego os mesmos principios que concedo;
Vê tu, meu bom Diniz, qual louco eu ando!

ODES

I.

Aos fidalgos, que protegião o theatro do Bairro Alto.

Strophe

NÃO arabico incenso, ouro luzente,
Nem perolas do Ganges,
Não tenho que off'recer-vos reverente:
Malhas, arnezes, punicos alfanges;
Mas soberbas phalanges
De almos hymnos Dirceos, qu'immortaes tecem
Mil c'rôas á virtude, me obedecem.

Antistrophe.

Fuja o profano vulgo, qual nos montes
O rebanho medroso,
Quando vè fuzilar nos horizontes
O farpado corisco pavoroso.
Ouve o trovão ruidoso,
Correndo pelo valle se derrama,
E em seu balido o pegureiro chama.

Epodo.

Nos mansos ares vejo
Já sobre as azas lucidas pezados
Meus fogosos Ethontes, que banhados
No doce, flavo Tejo,
Os freios de diamantes mastigavão
Quando as nymphas de rozas os c'roavão.

Strophe.

Esta, que afino cithara famosa,
Deo-m'a o cysne do Ismeno;
Cujo canto em Elia victoriosa
Foi sempre ás Musas mais qu'ao Pindo ameno.
Com semblante sereno,
A mão nas aureas cordas me firmava.
E ás argivas canções me acostumava.

Antistrophe.

Assim digno me fez do levantado
Assumpto magestoso,
A quem hoje me inspira a luz do fado,
Que em meus versos lhe erija altar glorioso
Brame o tempo invejoso,
A fouce morda, e ameace damnos;
Mas meus versos dominão sobre os annos.

Epodo.

Canto a illustre e clara
Descendencia de heroes, que a lusa terra.
Ou na dourada paz, ou dura guerra
Fizerão mais preclara:
Cuja fama em relampagos diffuza,
Ainda fulmina os campos de Ampeluza.

Strophe.

O heroico e real sangue vos inflamma,
Que regou derramado,
Louros e palmas, que cultiva a fama,
Nos espantosos montes do Salado.
O barbaro espantado
Deixa, fugindo á ultima ruina,
Arrazadas de luas a campina.

Antistrophe.

Que eterna gloria! Immensa luz scintilla
Nas aras da memoria!
Alli Farrobo vejo, e vejo Arzila,
Destroçados despojos da victoria!
Da lusitana gloria
Escravas gemem, mostrão de horror cheias,
Ceuta, Larache e Tanger, as cadeias.

Epodo.

Para fugir no Oriente
Do patrio ninho impavida fugindo
Está sonoras vélas desferindo
A brava lusa gente.
Arando o Gama vai sem temer Juno
Os inhospitos campos de Neptuno.

Strophe.

De Albuquerques, Almeidas, Castros fortes,
Que feitos não pregôa
A honrosa tradição, que espanta a morte,
Qu'alem dos tempos derradeiros vôa!
Asia respeita em Gôa
O nome portuguez, luzes divinas,
Que humilde adora nas sagradas quinas.

Antistrophe.

De tão honrados inclytos maiores
Vós, netos generosos,
Do fado das batalhas sois senhores;
Illustres cavalleiros victoriosos,
Espiritos briosos
Vos inspira o ardor que vos inflamma,
Té o grão templo conquistar da fama.

Epodo.

Mas já do batel pobre
Sinto a quilha gemer; o debil lado
Dos ventos e das ondas açoutado
De alva espuma se cobre:
Remos não tem, não tem pharoes, que o rejão,
Debalde as vélas contra o mar forcejão.

Strophe.

Tempo, tempo virá, que as desprezadas
Musas do patrio Tejo,
Por vossas mãos benignas levantadas
No porto vão fugir, qu'inda não vejo:
Então, então sem pejo
Em grave scena adereçando a Historia,
Mostrarão quanto póde o amor da gloria

Antistrophe.

Calçando o humilde socco, ao feio vicio
A mascara rasgada,
Hão de ensinar no comico exercicio,
Como verdade do alto céo mandada.
De rosas coroada
Sãs maximas dictando ao povo rude
Espalhe os claros raios da virtude.

Epodo.

O jugo vergonhoso,
Os cepos, em que jazem prisioneiras,
Como escravas das Musas estrangeiras.
Com animo brioso
Desejão sacudir; serão louvadas,
Dignas então de vós, por vós honradas.

II.

Ao Exmo Conde de Oeiras

Strophe.

TU difficil virtude, dom celeste,
Que meus hymnos governas,
Tu que, sereno o rosto,
De Scævola poseste a mão no fogo,
Que, invicta, não receias
De purpureos tyrannos a presença,
Que Regulo mandaste,
Pelos cepos trocar a liberdade.

Antistrophe

Tu me chamas aqui para em meus versos
Da venturosa Oeiras
Cantar a nova gloria
Do magnanimo Conde, o amor da patria!
Se o raio luminoso
Por sobre elle brilhou com que tu mostras
A constante justiça,
O valor e a prudencia, ouça meus versos.

Epodo.

Não me instiga a lisonja; não invoco
As musas fabulosas,
O céo, o céo m'inspira: da verdade
Os trovões e relampagos me cercão.
O intrepido zelo
O florente commercio, a paz dourada,
Não são cinzas de Troia ou de Carthago.

Strophe.

Vinde, sonoros hymnos, sobre minha
Cithara ditosa,
Batei as brancas azas!
Fremão, caião de Alcides as columnas!
Pelos ethereos campos
Das que vos trazem, rapidas carroças
Ouço gemer as rodas,
Dois luminosos circulos abrindo!

Antistrophe.

Que mais fiel sibylla, que a experiencia?
Não falla, não responde,
Sem de profundo abysmo,
Evocarmos a sombra de Tirezias?
Testemunhas maiores
São de tuas acções, sabio ministro,
O throno defendido,
A patria restaurada e nós felizes!

Epodo.

As nove ricas perolas que brilhão
No coronal dourado,
Que teu semblante placido guarnecem,
Por premio te são dadas, não exemplo
Virtudes coroão,
E virtudes impavidas domarão
A cruenta discordia, a vil cobiça.

Strophe.

Mas negro fado que arbitro se julga
D'imperios e cidades,
Temia erguer Lisboa,
Coroada de mil torres, a cabeça;
As artes e sciencias,
A' sombra de teu nome, receava
Da barbara ignorancia
Os pesados grilhões despedaçarem.

Antistrophe.

Bramir já via justamente atada
Em ferros vergonhosos
C'o rosto descorado
A perversa doutrina abominavel.
Nas ceruleas espadoas
Erguer o Tejo mil rompentes quilhas,
E respeitar Arcturo
As sagradas bandeiras lusitanas.

Epodo.

Abrir o Grão-Pará os fulos braços,
E em seus verdes cabellos
Rôxos coraes, e aljofares atando,
Nas douradas manilhas ler teu nome,
C'o farpado tridente
Que ergue a já livre mão, lançar por terra
Os nefandos altares da avareza.

Strophe.

As santas leis, magnificos projectos,
O publico socego,
O reino venturoso,
Com crueis olhos via o triste fado!
Occulta providencia
Cevar-lhe permittio em nosso sangue
As aridas entranhas:
Não valerão incensos nem altares.

Antistrophe.

Já o fatal decreto a mão potente,
Justiceira, rubrica;
Procellosos vapores
As convulsas cabeças levantárão;
Dos carceres terrenos
Abalárão indomitos os muros,
E aos horridos bramidos
Estremeceo a misera cidade!

Epodo.

Estremeceo a serpe triumphadora,
Que, no real escudo,
Tantas vezes vôou sobre as profanas
Despedaçadas luas agarenas!
Silvou espavorida
Nas escamosas azas mal segura
Tão mudada ficou a natureza!

Strophe.

A pavida Lisboa desgrenhada
Em negra cinza envolta,
Vendo os reaes castellos
Cahirem-lhe na fronte destroçados,
Em ti fixou os olhos,
Os olhos em ti poz, illustre conde!
Em ti que sacrificas
A' publica saude teu cuidado.

Antistrophe..

Qual a casta Penelope, chegando
A' patria saudosa,
O desejado Ulysses,
Os traidores amigos não temia,
Da simulada têa
Larga a tarefa, as lagrimas enxuga,
Assim, assim Lisboa
Em teus braços descansa, em ti confia.

Epodo.

Nos grandes p'rigos brilhão almas grandes!
Tendaridas estrellas
Que, na força da negra tempestade
Applacárão o furor das bravas ondas:
O piedoso Enéas,
A poucas cinzas Troia reduzida,
O pae salvou, amigos e penates.

Strophe

Clamar ouvimos a infeliz cidade
Aos altos céos erguendo,
As mãos enfraquecidas;
Ainda os echos ouvimos destas vozes:
« Se em tuas santas aras
« Puro incenso queimei, senhor, guardai
« O constante ministro
« O defensor do lusitano Augusto! »

Antistrophe

Assim afflicta, assim a patria illustre
Por ti ao céo clamava!
Os polos abaláraõ
C'um tremendo sussurro respondendo!
Desceo celeste chamma,
Sobre os destroços dos cahidos templos;
E, recobrada esperança,
Agoirou mil venturas de presagio.

Epodo.

Ainda guardadas tenho, excelso conde,
Em minha rica aljava
Mil refulgentes settas que podião
Os olhos assombrar do torpe vulgo;
Porem da mão me arranca,
Não sei que força, a cithara soberba!
Mas quem ha de calar a tua fama?

Strophe.

No Menalo, se Arcadia não levanta
Em honra de teu nome
Uma soberba estatua
De rico jaspe, como tu mereces,
Seus hymnos te consagra,
E nelles viverá tua memoria,
Teu nome escreveremos
Em nossos corações, em nossos versos.

Antistrophe.

Dirceos hymnos que sobre as aureas lyras
Lançaes eternas luzes
E ao som de illustres nomes,
Espalhaes da virtude os resplendores,
Vós a lubrica fouce,
Tiraes da mão do tempo, e derramando
O voluvel relogio,
hores vos fareis da eternidade!

Epodo.

Não ergue a mão cruenta a fria morte
Contra sonoros versos!
Em vão levanta templos e columnas,
Quem da patria os louvores não merece;
Teu zelo incontrastavel
Tuas acções illustres cantaremos!
A macillenta inveja
As viboras ceruleas despedace!

III.

A' Snr.ª D. Maria Joaquina de Gusmão e Vasconcellos

PELEIJEI, peleijei (e não sem gloria)
Nas barbaras, indomitas phalanges
Do forte domador de humanos peitos
Insano amor potente.

A triumphal carroça acompanhando,
Angelicos cabellos ennastrados
Com mirto e rosas; de córado pejo
Os alvos rostos tintos:

Mil garridas, mil candidas Licores
Vencedor me jurarão, me renderão
Do rizo e do prazer, no Capitolio
Humilde vassallagem.

Mas o tempo voôu, agora manda
A nevada prudencia, que amainando
As vélas enfunadas, surja o lenho
Em socegado porto.

Larguemos pois altivos ardimentos
Os soberbos trophéos. Eia, larguemos
Arrastadas bandeiras, rotas armas,
  Iliacas escravas.

Aqui neste despido freixo annoso
Fique a sonora lyra pendurada,
Qual no templo suspende o naufragante
  Os humidos vestidos.

Para ser mais solemne o sacrificio
Em vergonhoso cadafalso queime
Arrependida mão odes, sonetos;
  Espalhe o vento as cinzas.

Ondada crepitante labareda,
Entre serras de fumo lance aos ares
O solto sprito de meus versos tristes,
  Qu'em raio se converta.

Com medonho estridor desça inflammado,
Os fragosos outeiros abalando,
Assombre o peito de Marilia ingrata,
  Da perfida Marilia.

IV.

O ponche.

POIS torna o frio inverno sacudindo
Das estridentes azas gelo agudo,
As retalhadas mãos, amavel Lydia
  Aqueçamos ao fogo.

Emquanto pelos montes, que branquejão
Às crystallinas cãs d'annosos troncos
Com os raios do sol estaõ brilhando,
  Quaes brilhão de Marilia,

Da travêssa Marilia, os ledos olhos,
A' chaminé um pouco nos sentemos:
Já silvando entre ondadas labaredas,
  A secca lenha estála.

Conversemos, bebamos, murmuremos:
Comtigo as Graças vêm, comigo Amores,
Que no varrido lar ao lume seccão
  As orvalhadas pennas;

Os froxos arcos bocejando largão
E nas crueis aljavas reclinados,
Porque vélaõ de noite, somnolentos,
(Coitados!) adormecem.

Ferve o cheiroso ponche, que desterra
A pezada tristeza, os vãos temores,
Que deixa voar solto o pensamento
Nas azas da alegria.

Reluzindo na meza os crystaes limpos,
Nos pedem que bebamos, que brindemos;
Ora bebamos, Lydia; deixa aos astros
O governo dos orbes.

Não queiras triste penetrar a densa
Caliginosa nevoa do futuro:
Não pércas um instante de teus dias:
Olha, que o tempo vôa!

Voão com elle nossas esperanças,
Castellos sobre nuvens levantados!
A mais pomposa scena da fortuna,
D'improviso se troca!

Apenas vi raiar um doce rizo,
No angelico semblante de Marilia,
Dos olhos me fugio o lindo gesto
  Que os olhos me levava.

Qual sonhado thesouro em negra cinza,
Se tornou todo o meu contentamento:
Ah! Marilia cruel! que te custava
  Trazer-me neste engano?

Voai, feri, Amores, essa ingrata;
Fazei-a suspirar por quem lhe fuja,
Prove tormento igual a meu tormento:
  Em vão, em vão se queixe.

Perdôa, Lydia, se blasphemo e grito,
Que ponche tambem faz dizer verdades;
É Marilia formosa; mas ingrata . . .
  Creio que o tempo muda.

V.

A' Virtude.

LIGADO com asperrimas algemas
  Ao rigido penedo;
Com um agudo cravo de diamante
  O peito traspassado;
Convulso o rosto, e tinto em negro sangue,
  Que brota da ferida,
As sonoras pancadas do martello,
  Com que bate Vulcano
Nas cavernas do Caucaso retumbão:
  Porèm constante e forte
Não geme Prometheo; antes accusa
  A Jupiter de ingrato:
Innocente se julga; á força impia
  Não cede do tyranno.
Assim, assim, a misera pobreza,
  A contraria fortuna

Deve immovel soffrer uma alma grande,
O' Sousa esclarecido!
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide;
Dorme no duro chão tão descansado,
Como no leito brando,
O intrepido varão, que do destino
Prova os fataes revezes.
Co' a dourada carroça o molle eunucho
O pize ou atropelle,
Não lhe inveja a riqueza. Que outrem lavre
Nas ribeiras do Tejo
C'os malhados bezerros longa terra,
Não lhe acorda a cobiça.
Vente embora do Sul; cahindo, açoite
Ao negro mar que brada,
O pluvial Arcturo; a vara creste
Do podado bacelo
Espessa chuva de arida saraiva;
Nada lhe abala o peito.
Enroscada no braço macilento
A venenosa serpe
Chegue ao seio cruel a triste inveja;
E a perfida mentira

C'os titubantes beiços o crimine,
Rirá no cadafalso.
Só dos delictos póde o vil remorso
Mudar-lhe a côr serena
Do tranquillo semblante: a mão potente
De quem o fez, só teme.
Os homens não receia, que a virtude
O coração lhe anima;
E a consciencia sã, a fé intacta,
Os austeros costumes,
Não fantasticas honras isto ensinão.
Assim dourão a morte
Os Uticenses, Regulos, os Marios.
Apezar do supulchro,
Sobre as azas do tempo assim passárão
As lethargicas ondas
Do rio somnolento. Assim c'roado
De gangeticas palmas,
O destemido Castro n'alta serra,
Que templo foi de Cynthia,
Retirado vivia; a mão invicta,
Terror e gloria d'Asia,
Os silvestres arbustos cultivava,
Subjugando a vaidade.

« Passe á gineta o timido guerreiro,
  Que com as armas limpas
Da batalha fugio espavorido ;
  Porque do sangue antigo
A arvore apresenta. Ainda que honrado,
  O desvalido mostre
As roxas cicatrizes das feridas
  Que soffreo pela patria, »
Dizia o grande Castro. O lisongeiro
  Estudando o segredo
De agradecer desprezos, não se affaste
  Da sala do ministro.
Alli dourando o sol os altos montes
  Na madrugada veja ;
Alli o deixe a lua, que vermelha
  No horizonte mettida,
Estende os froxos raios pelas ondas ;
  Se com publica fraude
Ao miseravel orphão a capella
  Subnegar-lhe pretende.
Aspire á béca o julgador iniquo,
  Que aos olhos da justiça
Roubou a santa venda, que equilibra
  Nas vendidas balanças

Os dourados delictos. Soffra, e busque
  A vergonhosa scena
Da subita catastrophe o privado,
  Que o rosto não conhece
Da clara fama, da immortal memoria,
  Da honra, e da virtude.
Mas qual Marpezia rocha, um peito forte
  Não roga, não se abate.

VI.

A' Virtude.

O CONSTANTE varão, que justo e firme
Da difficil virtude segue os passos,
O pezado semblante do tyranno
Não teme, não estranha.

Veja ferver o chumbo, erguer as cruzes ;
Ouça afiar na pedra o curvo alfange ;
Soffra no potro asperrima tortura ;
Não perde a côr do rosto.

Em severos costumes ensaiado
Préza mais a innocencia, do que a vida,
Fiel á patria, ao principe, aos amigos,
Acaba como vive.

Com pavoroso estrondo se desatem
Em vermelhos coriscos as estrellas ;
Brote volcões a terra ; da ruina
Impavido não foge.

Assim Mario subio ao Capitolio,
Entre aguias e lictores conduzido,
Com aspecto sereno; inda que atadas
As rôxas mãos em ferros.

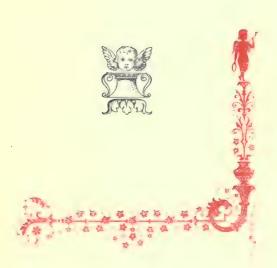
Na presença de Cesar e Conscriptos:
« Fui, disse, fui fiel a Galba e a Roma;
Confesso o meo delicto, se delicto
A' virtude se chama.

« As legiões romanas testemunhas
Poderão ser: vós, Consules, Tribunos
A verdade dizei; dizei se Mario
Foi amigo de Galba?

« Patricios e soldados do divino
Julio, ás aras jurem se me virão
Sempre ao seu lado. Alli, alli Camurio
Alçou a mão traidora.

« Eu vi o triste velho descorado
A garganta offrecer ao duro golpe;
E indo da patria o nome repetindo
A grande alma fugir-lhe.

« O' Cesar! aqui tens de Mario Celso
O crime e a confissão: Romanos, Mario
Foi a Galba fiel! Vamos aonde
Está o cadafalso. »

Acabou de fallar. Consules, Padres
Attonitos ficarão; porèm Cesar
De tão rara constancia namorado
Nos braços o recebe.

VII.

Ao Snr Manoel Pereira de Faria, socio da Arcadia.

Vè, Silvio, como sacudindo o inverno
As negras azas, solta a grossa chuva;
Cobre os outeiros das erguidas serras
Humida nevoa!

Na longa costa brada o mar irado
Sobre os cachopos; borbotões de espuma
Erguem as ondas; as crueis cabeças
N'agua negrejão.

O frio Noto, rigido soprando
Dobra os ulmeiros, os curraes derruba;
E o gado junto, pavido balando
Une os focinhos.

Com duro frio Corydon tremendo,
A rôxa face no çurrão esconde;
C'os altos sóccos quebra a preza neve,
Corre á cabana.

Alli ajunta de podadas vides
Os seccos mólhos: assoprando accende
Pobre fogueira, aonde as mãos aquenta
C'os rotos filhos.

Pulão nos olhos lagrimas, que enxuga
Na grossa manga, reprimindo forte
Acerbas dores, reflexões pezadas,
Tristes memorias!

Eis que zunindo furacões horriveis,
A porta arrancão dos moidos gonzos:
Corre assustado, d'um fuzil que o cega,
A' luz vermelha!

Vio espalhadas viboras de fogo:
Ouvio bramando, retumbar no valle
Os longos ècos do trovão, que abala
Os altos montes!

Vè-se partida do voraz corisco
A rica prôa de um baixel britanno;
Não lhe valendo cem canhões soberbos,
Que Nantes teme.

Rotas tremulão as reaes bandeiras;
Rompem as ondas o infeliz costado:
Inutil pranto, tristes ais levanta
A lassa gente.

Agora, dize, quem seguro vive,
Amado Silvio, da cruel Fortuna,
Se as altas torres, se as humildes choças
A morte piza?

Os aureos tectos, doricas columnas,
Quadros antigos, marchetados leitos,
Servem de espectros, Gorgonas, Cerastes,
Na fatal hora!

VIII.

Ao beato Bernardo, Marquez de Baden.

O VARÃO justo, que, Senhor, invoca
Teu Nome Santo, no deserto monte
Faz que rebente crystallina fonte
Da arida penha.

No fundo valle sua voz despenha
Qual molle cera, liquidos outeiros;
Sonoros ventos, horridos chuveiros
Placido enfreia.

Baden o diga, quando a nuvem feia
Vermelho raio com furor rasgando,
Nos negros ares vio girar silvando
Tremula chamma.

Por ti, Bernardo, triste povo chama,
E o fulminado frio corpo exangue,
Da dura terra, tinto em roxo sangue,
Eis se levanta.

Assim armado de virtude santa
Serenos tornas os infestos ares;
Assim dominas insoffridos mares,
Avida morte.

Salve teu nome do vibrado côrte
Desamparados miseros humanos,
Que do castigo merecidos damnos
Pallidos temem.

IX.

A S. Norberto, Bispo e Confessor.

ESPIRITOS rebeldes, que as infensas
Aljavas fulminantes
Das feias legiões de nuvens densas
Armaes de accezas farpas crepitantes.
Fugi para as distantes
Incultas brenhas de arido deserto,
Fugi do nome santo de Norberto.

Dos estellantes atrios desce armado
De medonhos rugidos
O leão de Judá: no escudo alçado
Relampagos fuzilão despedidos
Dos arcos desferidos,
Que sobre Saulo attonito lançárão
Settas, que dentro n'alma lhe atroárão.

Rota a nevoa mortal, que lhe encobria
O throno magestoso
Do Senhor das batalhas, que o seguia
(Astros trilhando o carro luminoso)
Conhece venturoso
A mão potente, a qual se toca os montes,
Abafa o crespo fumo os horizontes.

Tu, Norberto, outro Saulo foste, quando
Intrepido e valente,
O rapido ginete arremessando,
De improviso brandio a nuve ardente
Relampago estridente,
Que ao bruto, do trovão espavorido,
Deixou a poucas cinzas reduzido.

Cercada de pavor d' alma constante
Se humilha a fortaleza ;
Vè scintillar o lucido semblante,
Que adora consternada a natureza,
Quando a vingança acceza
Leva os cedros do Libano frondosos
Nas azas de coriscos espantosos.

Caliginosas trevas já rompia,
E ao claro firmamento,
De luz surcando pélagos, subia
No regaço da fé o pensamento,
Ouvindo o claro accento,
Com que lhe falla o céo: e o mar irado
Tremeo do som terrivel assustado.

Movido pois de nosso ardente rôgo,
Desce, ò Norberto Santo,
Dissipa com teu nome tanto fogo,
Ouve nossos clamores, nosso pranto;
E já que podes tanto,
Pede ao tremendo Deos, que enfreia os mares,
Que lance os máos espiritos destes ares.

X.

A S. Thomaz de Aquino, Doutor e Confessor.

SE na eterna Sião, onde ditoso,
Em premio da victoria,
Te corôa o semblante luminoso.
O sol de immensa gloria,
Thomaz, inclyto Santo,
Voar a teus ouvidos nosso pranto,

Ao mundo os olhos immortaes volvendo,
Attende a nossos damnos :
Olha os ventos irados, revolvendo,
Os negros Oceanos,
De indomitas procellas,
Que soltão em coriscos as estrellas.

Qual sem pastor o pavido cordeiro,
Ouvindo ranger perto
Do cerval lobo o dente carniceiro:
Assim do inferno aberto
As fauces horrorosas
Vemos arder em nuvens tenebrosas.

Acode-nos, Thomaz; lembre-te quando
A mão Omnipotente
No throno de mil raios fulminando
O gume refulgente
Da abrazadora espada
Sobre ti viste com pavor alçada.

A candida innocencia, a fé constante
Nos braços te sustenta,
Emquanto a rôxa flamma sibilante,
Que subito rebenta,
Em torno te girava,
E de fraterno sangue rociava.

Do fumo arando um mar caliginoso
  Os olhos mal abriste ;
Espectaculo feio e lastimoso
Da misera irmã viste
  Jazer despedaçados.
Os palpitantes membros fulminados.

As azas do Senhor, que te cobrirão,
  Que illeso te guardárão,
Não de luzente malha te vestirão,
  Mas de poder te armárão
  Para invicto valer-nos :
Pois chamamos por ti, vem defender-nos.

XI

A S. Ubaldo, protector da cidade de Eugubio, Bispo e Confessor.

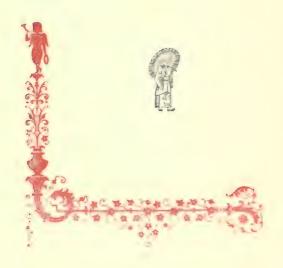
QUANDO o terrivel Deos dos exercitos,
Nas leves azas de aquilões turbidos,
Sobre as altas cidades
Manda a procella horrisona:

Se vingadora solta a mão rubida
As estridentes accezas viboras,
E se o fragor dos montes
Freme no fundo pélago:

Ubaldo Santo, com rogos férvidos
Os Eugubinos te invocão pavidos;
Cercando teus altares
Gemem, quaes pombas timidas:

A soccorrê-los vôas intrepido,
E da virtude no pavez rigido
Rôta a farpada lança,
Foge c'o vento rapido.

Assim te chama protector inclyto
A lusa gente; correm as lagrimas,
Qual matutino orvalho
Banha os frondosos platanos.

Vem soccorrer-nos: no arido carcere
Os trovões prezos bramão indomitos;
Tornem dourados dias,
Movão-te nossas supplicas.

XII.

Ao Snr Manuel Pereira de Faria, socio da Arcadia.

SE já ouviste, Silvio magnanimo,
A minha pobre, rustica cithara,
Poucos, mas novos versos,
Ouve com rosto placido.

Ouve que aos versos, famosos titulos
Devem Enéas, Deiphobo e Priamo;
Deve Ulysses prudente
Deve Achilles indomito.

O luso Gama nunca tão celebre
Fôra no mundo, só porque impavido
Os mares não sulcados
Cortou c'os lenhos concavos:

Camões, eterno com os Lusiadas
Póde fazê-lo, senão incognitos
Os varões Portuguezes
Jazerião no tumulo.

Antes que as nossas, nos mares indicos
O ferreo dente, molhárão ancoras,
De quilhas europeas,
Cobertas de outras flamulas :

Antes do Grego, d'outros exercitos
Burnidos elmos vio brilhar Pergamo :
Houve na phrygia Troia
Outro Ajax, outro Stenelo.

Nem só Eliza, d'Enéas profugo
Tingindo a espada no sangue tepido,
Trocou a doce vida
Por uma infamia posthuma.

Nem só guizados os membros lividos
Do caro filho, com rancor barbaro
Ao lascivo marido,
Progne ministrou pallida.

Em acções grandes d'almas intrepidas
Forão, é certo, ferteis os seculos ;
Mas o negro silencio
Sepulta os nomes inclytos :

Negro silencio, que os olhos languidos
Na vil preguiça fitando timido
A lethargica lingua
Corta c'os dentes avidos.

Cobre a virtude co'as azas lubricas
O veloz tempo, logo que ao feretro
Cede o passo a lisonja
Rasgando a torpe mascara.

Com tardos passos calcando os tumulos
O esquecimento, da mão esqualida
Solta as confusas cinzas,
Que espalha o vento rapido.

Mas eu ingrato, Silvio magnanimo,
Soffrer podia, que o canto melico
Esquecido deixasse
O teu nome magnifico?

De uma alma grande costumes candidos,
Raras virtudes, genio pacifico,
Para serem eternos,
Não precisão de marmores:

Póde um poeta mais do que o artifice,
Ou córte jaspe, ou côres liquidas,
Largue o pincel no panno
Dos monumentos publicos;

Sempre com versos o furor delphico
A nobre vida dos varões inclytos
Livra do vil contacto
Das mãos cruentas d'Atropos.

Dos torpes vicios és censor rigido;
Tu os fulminas com olhos placidos,
E entre nuvens de fumo
Foge a tropa fanatica.

Da triste inveja na testa pallida
Co' a forte planta pizas as viboras,
Bramindo, o negro cirio
Quebra a discordia attonita.

Das mãos cobardes o metal fulgido,
Larga a cobiça: com grilhões asperos
Algemada a soberba
Dobra o pescoço rispido.

De ti fugindo cahem no pélago,
Onde a tristeza com pranto lugubre
Cercada de remorsos,
Jamais enxuga as lagrimas

XIII.

Aos annos do Coronel d'artilheria Frederico Weinholtz.

COM suaves caricias, brando, humilde,
Qual é por natureza,
As tenras mãos erguendo, o rosto lindo
Em lagrimas banhado,
Ao rigoroso Tempo Amor pedia,
Que dos duros revézes
Do braço inexoravel preservasse;
Que de doces prazeres,
De glorias coroasse e de venturas
Este ditoso dia:
Ora em laços de goivos e amaranto,
A rispida melena
Ao desabrido velho entrança e prende,
Ora as aras lhe cinge
Com cheirosos collares de mil flores:
Tè que o rapido monstro

Avaro de ruinas e de estragos.
  Soberbo e receoso
D'alhêas tyrannias, c'um sorriso
  Que seu rancor disfarça,
Outorga em fim a Amor quanto lhe pede.
  Pela sanguinea fouce,
Que na mão lhe reluz, jura e promette.
  Que de Weinholtz aos annos,
As Parcas fiarão dourados dias,
  Cheios de immensa gloria,
De prosperos successos, de venturas.
  Que o gelado Danubio,
Que de berço lhe dar se desvanece,
  Com a cerulea fronte
De agudas espadanas guarnecida,
  De sangue rociado
O indomito tridente, ao fulvo Tejo
  Inda virá um dia
Avido de mais fama demanda-lo.
  Apenas Amor ouve
Tão affavel resposta, as brancas azas
  Tres vezes despregando,
Aos ares se abalança; mas o Tempo
  Alçando a mão pezada,

Pelo cordão da aljava o suspendia;
E emquanto lhe tirava
Os dourados farpões, o cruel arco:
« Estas cruentas armas
« Improprias são, lhe diz, da tua idade;
« Para mim as reservo,
« Em premio das venturas, que prometto,
« Ao teu Weinholtz mimoso.
« Veremos se este braço tambem sabe
« Vibrando agudas settas,
« Domar os corações. Agora vôa,
« Em doce paz nos deixa;
« Deixa gozar o mundo de descanso,
« Que tu, cruel, nos roubas. »
Amor as leves plumas sacudindo,
Já livre do tyranno,
Batendo alegre as palmas, lhe dizia;
« Não cuides, cruel Tempo,
« Que meu invicto braço desarmaste;
« Mais poderosas armas,
« Mais forte passador tenho nos olhos,
« No angelico semblante
« Da formosa Bivar: com elle posso
« A meu suave imperio

« Apezar do destino, ver curvado
« O teu rispido collo :
« Então verei mil vezes sem receio
« Tornar tão feliz dia ;
« Verei contar Weinholtz ditosos annos
« Em prospero socego,
« Nos ternos braços da gentil consorte »
Ao Tempo assim responde
Já sem temê-lo Amor ; e o velho irado
N'um rigido penedo,
Que borda a ruiva praia de Caxias
Rompeo a curva fouce.

XIV.

A' Restauração da Arcadia.

SOBERBO galeão, que o porto largas,
Aonde o ferreo dente preza tinha
A cortadora próa, que rasgava
De um novo mar as ondas.

Ao alto pégo tornas nunca arado
Dos fracos lenhos, que no Tejo surgem:
Já ferve a brava chusma e se levanta
A nautica celeuma.

Das douradas antennas penduradas
As vélas já de purpura desfraldão,
Qu'aos frescos sopros de um feliz galerno.
Já concavas sussurrão.

A tremula bandeira, que seguras,
Qual subito relampago fuzila,
E nas azas dos ventos estendida
Mostra a fatal empreza.

De branca espuma borbotões rebentão
De um lado e outro lado; já boiando
Sobre as verdes espadoas de Neptuno
  Demandas outros climas.

O santo Numen, que entalhado leva
Tua dourada magestosa pôpa,
Trazer-te nos promette a salvamento:
  Naufragios não receies.

Não temas as inhospitas arêas
De infames costas, de Hyperboreos campos,
Pelas Cyclades, Bosphoros e Syrtes
  Has de romper constante.

Se as Halcyoneas aves levantarem
Em seu queixoso pranto triste agouro;
Não te assustes da nuvem carregada,
  Que os mares escurece.

Grasnando negras gralhas enfiadas
Sobre os topes verás buscar a terra,
E logo o céo negar-te a escura noite
  Da feia tempestade

Mas não receies os fuzis vermelhos,
O ruidoso trovão, que pelas aguas
Em successivos brados estalando,
No fundo do mar sôa.

A destra mão que o leme te meneia
Fará, que avante passes, sem que amaines
O largo panno; em vão Noto sibila
Pela miuda enxarcia.

Os cabos passarás mais tormentosos,
Sem que as crespas correntes te atropellem;
Ao pólo chegarás, aonde brilha
A luz da eterna Fama.

Em vão ronceiras, barbaras galeras,
Forçando os debeis remos, com que açoutão
O mar que lhe resiste e que as affronta,
Trabalhão por seguir-te.

Desarvoradas voltão, não se atrevem
A commetter o pélago que surcas:
Com damnados prognosticos agourão
Desastrado successo.

Ora contão, que os mares infamaste
Com vergonhoso misero naufragio;
Que as fulminadas vergas rotas jazem
Nas Ceranneas arêas.

Mas tu constante impavido triumphas:
E com louros no Ménalo cortados
Enramaste os riquissimos pavezes.
A forte gente c'rôas.

Se os meus votos escuta o céo benigno.
Os votos, que por ti no porto faço
Os olhos alongando pela esteira,
Que tu nas aguas abres,

Não tornes a surgir em manso porto
Que Lethes seja o seu famoso nome.
Que os peitos amollece mais briosos,
Que ao sommo te convida.

Não se nutre a virtude do descanso.
Arduas emprezas, rispidos trabalhos,
Em nobre coração de immortal gloria
Accendem claro lume;

O claro lume, que apagar não podem,
Nem descarnada mão da triste inveja,
Nem a fouce cruel do voraz tempo;
Não chega a tanto a morte.

XV.

Aos annos da Illma e Exma Snra D. Leonor de Almeida.

CERCADO estava Amor de mil Amores
As estridentes settas empennando,
De verde mirto e de cheirosas flores,
Os arcos enramando.

Qual o brilhante gelo sacudia,
Das crespas azas sem cessar batendo,
E qual concerta a aljava, e n'agua fria
Curvado se está vendo.

Pelos nodosos troncos dos loureiros
Os dourados farpões muitos provavão;
Outros, mais insoffridos e ligeiros,
Em bandos se espalhavão.

Então Amor a doce voz alçando,
Que só de ouvi la os montes estremecem,
Que velozes frecheiros convocando,
Que promptos lhe obedecem,

Com doce rizo, com celeste agrado,
Que os ventos serenava, lhe dizia:
Hoje do céo nos traz o sol dourado
De Alcipe, o claro dia.

Foi hoje, foi que em seu gentil semblante
Amanheceo a luz da formosura;
Nunca tão bella a aurora e tão brilante,
Rompeo a noite escura.

As lindas Graças, os fieis Amores,
As virtudes gentis do céo baixárão;
E cantando as acções dos seus maiores,
O berço lhe embalárão.

Nos olhos vencedores lhe infundirão
O tyranno poder da gentileza;
Humanos corações logo sentirão
A liberdade preza.

As castas Musas cheias d'alta gloria,
Ás aureas vozes derão tal doçura,
Que os louros não perderão da victoria,
Faltando a formosura.

Crescem co' a idade os raios seus brilhantes,
Que a fervidos suspiros não attendem,
Apezar de desejos anhelantes,
Qu'em seu altar se accendem.

Mas tempo inda virá, que os innocentes
Olhos formosos seus a nós volvendo,
Os cruentos virotes reluzentes
Queira espalhar vencendo.

Então a nosso imperio subjugados
Os miseros mortaes, arrastaremos
Os corações das pontas traspassados
Nas mãos lh'offr'eceremos.

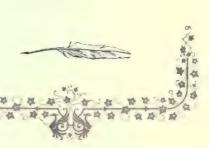
Emquanto a densa nevoa do futuro
Nos rouba a luz de tão feliz instante,
Por mais que as azas mova o Tempo duro,
Intrepido e arrogante,

Da illustre Alcipe bella, o claro dia,
Pretendo assignalar com faustas glorias,
De nossos arcos o destino fia
O louro das victorias.

Alague o mundo fino pranto ardente,
Voem suspiros, voem mil clamores;
Chovão por toda a parte de repente
Agudos passadores.

Rotos peitos a miseros humanos
Ao doce golpe entreguem manietados;
Suspirem por seus olhos e seus annos,
Em lagrimas banhado.

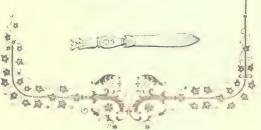
D'Alcipe só remedio seja
A chaga tão mortal e tão gostosa,
E no seio cruel afogue a inveja
A serpe venenosa.

O cruel Tempo quebre a fouce dura;
E o sol girando os seus frizões ufanos,
Nos traga sempre cheios de ventura
O dia de seus annos.

XVI.

Á riqueza de um Poeta.

NAS despidas paredes, que me abrigão
No tormentoso inverno,
A passagem do Grânico não vejo
Em fina lã tecida:
Nem marmores, nem porfidos luzentes
Nos alizares brilhão.
Não tine do Japão na parca meza
A rara porçolana:
O dourado saleiro não me cega
C'os tremulos reflexos:
De prata não se accendem mil bugias
Em tortas serpentinas.
Porém Virgilio, Sophocles, Homero,
O venuzino Horacio,
São as ricas alfaias, que me adornão
A sala magestosa,

Os soberbos escudos, em que pinto
A geração illustre.
Elles fazem que Ansberto generoso
Seu amigo me chame;
Que o Souza marcial com puro estilo
Gracejando me escreva.
Guarde a terra avarenta nas entranhas
O ouro refulgente.
O mineiro na roça afflicto cave
C'os sordidos escravos:
Por ignotos sertões exponha a vida
Do barbaro Tapuia
Á setta venenosa, á veloz garra
Do tigre mosqueado.
Soffra na linha podre calmaria,
Relampagos e raios,
Para n'aldeia entrar acompanhado
De desçalços trombetas,
De purpureas araras, inquietos
Petulantes bugios,
Gaste prodiga a mão, em poucas luas
O ganho de dois lustros;
Para a vermelha cruz a brilhar no peito.
Que os fardos encurvárão.

No tegurio paterno não cabendo,
Palacios edifica
Alastrado com pedras o caminho.
Do guindaste as roldanas
C'o peso do venal escudo gemem,
Que o portico remata.
Estupido não sabe que apressada
A pallida doença
Atrás delle caminha: que já chega
Envolta em parda nevoa,
A morte inexoravel, derramando
Co' a fria mão angustias;
Que o leito de crueis fantasmas cérca,
E que lhe arranca as chaves
Do guardado thesouro; que o reparte
Pelos rotos herdeiros.
E qual sangrado rio enfraquecido
Torna a gastar-se em sogas!
Com ouro não se compra um nome digno
Da posthuma memoria.

XVII.

Ao Padre Antonio Delfim.

DELFIM, caro Delfim! Com que ligeiro
Lubrico pé, a curta idade nossa
Nos vai atropellando! As horas voão,
    Os dias não socegão!

Quaes horrisonos Euros insoffridos
Varrem da longa praia a ruiva arêa,
Que nas humidas azas crespas ondas
    Indomitas revolvem.

Assim o Tempo cegador co' a fouce
D'aqui, d'alli talhando a debil gente,
Lança no vasto golfão do sepulchro
    As pallidas espigas.

Em vão fuggindo da estrondosa guerra,
Se acaso tu, Delfim, calvo não fosses,
Co' a sonora navalha decotáras
    Ondados fios de ouro.

Em vão a lôba e sobrepelliz vestindo,
Mostrando do Lorèto no alto côro
Inchadas do pescoço as cordoveas,
Bradando salmeáras.

A morte, a fria morte, nunca falta;
Ou cedo, ou tarde chega: todos devem
Humilhar a cerviz: poltrões covardes,
Colericos Achilles.

Com mão pezada abola, talha e rompe
Grèvas, arnezes, malhas, bacinetes;
Por baixo do fraldão crava o baido
Estoque refulgente.

Soberba arraza com fragor horrendo
As fundas cavas, os merlões erguidos,
Assolando cidades e provincias,
A toda a parte vôa.

Curvados anciões, moços esbeltos
Corta c'o mesmo gume: honras, thesouros,
Não lhe pegão no braço; os altos tectos,
Pobres cabanas piza.

Debalde Gabilhon c'o destro pente
Mette em batalha juvenis cabellos;
Debalde enrola o escaldado ferro
Os martyres topetes.

O frio branco gelo, que não tarda,
Subito põe a marca da idade,
E poucas alvas cãs, o gesto mudão
Dos enfeitados cepos.

As brandas Lylias, as gentis Filenas,
Todas fogem de vê-lo; todas fogem
Dos olhos sem pestana, regalados,
Das crespas sobrancelhas.

Os teimosos achaques, tristes dôres,
Catastas são dos entrevados membros;
Froxos desejos morrem de garrote
Ás mãos da hypocondria.

Não é preciso que venal propheta
Aponte com o dedo para a cinza:
Para velhos não ha melhor caveira,
Que o vidro de um espelho.

Só tu, Delfim, cansados annos contas,
Sem signaes de velhice : inda não ouves
O tremendo pregão da eternidade,
A trombeta da morte.

Sobre o telhado teu não pousão estes
Passaros agoureiros, que bradando
Com espantosos guinchos, annuncião
A derradeira aurora.

Nunca velho serás : livre de brancas
A deserta cabeça callejada,
Não se deixa trilhar das leves rodas
Da carreta dos annos.

Sem olhar para a meta da carreira,
D'Archimedes no ponto se está rindo
Britanno capitão, que submergido
Em laudanos do Douro,

Amarrando o timão, entrega a quilha
Aos rijos ventos, aos cavados mares ;
Não ouve as roucas vagas, que mugindo
Os pólos estremecem.

Venha se quer a pallida doença
A fria morte pela mão trazendo :
Não te espantes de fouces e relogios,
    Nem de azas de morcego.

Apresenta-lhe a calva, que te mostre
Onde as brancas estão ? Carão lustroso,
Olhos azues, rosadas faces, alvos
    Os crystallinos dentes,

São constantes signaes da fresca idade,
São de forças viris, taboleta ;
E provido colono, a sábia morte
    Não colhe fruto verde.

Triste de mim, que pêco e já maduro,
Nos grizalhos monètes do topete,
Nas carcomidas perolas da boca,
    Nas obstinadas rugas ;

Já vejo revoar os tristes mochos,
Que são da fatal hora miqueletes.
Cruel tristeza ! Mais crueis memorias !
    Perdidas esperanças !

Os filhos, a mulher, tudo cá deixo,
Só levo na garganta atravessado
O venuzino Horacio, a calva tua,
A rainha das calvas.

XVIII.

Á morte de José Gonsalves de Moraes. socio da Arcadia.

SE em ricas urnas de ouro refulgente,
Arcades saudosos,
As frias cinzas de Leucacio Fido
Com as lagrimas nossas
Não podemos guardar: em nossos versos,
Do Menalo nos troncos
Seu nome escreveremos, seu bom nome
Das Graças suspirado;
E das quebradas aguas deste monte,
Chorado e repetido,
Estremecem os pinhos, sacudidos
Dos ventos, que sibillão.
O gado espantadiço se derrama
Pelos crestados campos
Ao longe estão latindo roucamente
Quebrantados rafeiros;

E em tão triste alarido nos parece,
Que das cortadas rochas
O éco nos responde : Fido ! Fido !
Nas solitarias praias
Bradando o negro mar, Fido responde ;
Por Fido nós chamamos.
Aonde estão, Arcadia, os teus serenos
Afortunados dias ?
Quando vermelho o sol atrás da serra
O rosto de mil raios
Formoso levantando, por teus valles
Dourava alegremente,
As sonorosas folhas inquietas
Das faias levantadas ?
Alli, tocando a fistula divina,
Que os ventos escutavão,
De gado e de pastores rodeado,
Senhor nos parecia
De nossos corações, de nossos olhos,
Do Menalo, da Arcadia ?
Mas que fado cruel, tanta ventura
Das nossas mãos arranca ?
Que noite pavorosa está cobrindo
Os ares deste campo ?

Que frio gelo prende as claras fontes
E corta a fresca relva?
Foges, foges de nós, pastor amado?
Nossas pobres cabanas,
Nossas frautas e nossos doces versos,
A caso te aborrecem?
Trocas do manso Tejo, que te escuta
As margens deleitosas,
Por asperos sertões, por longos mares,
Por férvidas arêas,
Com que malignos climas te convidão
E invejosos te chamão?
Ah! triste Arcadia, triste e desgraçada!
Que detestaveis erros,
Contra o céo commetterão os teus pastores?
Que lugubre destino
A tão duro castigo te condemna?
Sacrilegos erguemos
Com impia mão as campas respeitadas
Dos defuntos maiores
Para ás feras lançar os brancos ossos,
Qu'em santa paz descansão?
As victimas divinas arrancamos
Dos sagrados altares?

Ou que raio cahio sobre estes campos,
Que mais a ver não tornão
O suave pastor, o claro Fido,
Que virão tantas vezes?
Maldito seja aquelle, que primeiro
Fiou de curvos lenhos
Avidas esperanças, sede infausta
De enganosas riquezas!
De marmore Marpezio, rijo bronze
Tinha o peito forjado,
Quem ruidosas velas desfraldando,
Fugio do manso porto,
Sem de Africo temer a rouca furia,
Quando açoutando as ondas
C'os negros Aquilões forte contende!
As crueis tempestades,
Hyades tristes, cahos tormentosos,
E o pégo embravecido,
Ou intrepido, ou louco não temia!
Os mortaes atrevidos
Nada julgão difficil! Entregamos
Nós mesmos os pescoços
Á sanguinosa fouce, á mão pesada
Da morte inexoravel!

Em soberbas columnas levantamos
    Magnificos palacios:
Nem que a riqueza, a honra, ou a vangloria,
    Com refulgente escudo
De rigido diamante, nos pudessem
    Cobrir a fatal hora!
Escondem frias louzas igualmente
    Os sceptros e os cajados!
Tudo deve acabar. O' claro Fido!
    Em eterno socego
Tua cinza descanse; a terra estranha
    Pesada te não seja:
Se lá no monte eterno a que voaste
    Se escutão nossos versos,
Em nossos versos ouvirás teu nome,
    Teu nome cantaremos,
Para honrarmos os versos, que cantamos,
    Para honrarmos a Arcadia.

XIX.

CERCADO de pedreiros, de vorazes
Carpinteiros ladrões, ou cervaes lobos,
Que a bolsa me atassalhão, que esfaimados
A feria me apresentão ;

Quaes buidos punhaes, negros trabucos,
D'aqui, d'alli recrescem garatujas !
Assestados canhões, que poderião
Bater os Dardanellos !

Severo Rhadamanto, o sujo mestre
A postiça gadelha affasta e puxa ;
E os encovados olhos revirando
Alça o rol da madeira.

Debalde o rosto viro ; e do medonho
Espectro sanguinoso fugir tento ;
Que Scylla mais cruel, o rol d'arêa
O beque me descose.

Sibilante petardo d'outra parte,
C'o tijolo me quebrão os ouvidos!
Jornaes, carretos, cal, são mil pelouros,
Que silvão pelos ares.

Com a perna ferida, co'as fileiras
Da vanguarda já rotas e medrosas,
Nas andas inda mostra o grande Carlos,
Indomita constancia!

Á vista de soberbos Castelhanos,
Com poucas tropas, com bisonha gente,
Sustenta Lippe a ruiva e fresca margem
Do Tejo caudaloso!

Mas estes mesmos, o' Macbean amigo.
Se ante seus olhos vissem as carrancas
Dos leões carniceiros, que me cercão,
Voando fugirião.

Tu mesmo co' a britanna artilheria,
Deixando botafogos e espoletas,
E os dourados rabões esporeando,
O posto lhe largáras.

Póde mais um credor que um elephante,
Não ha tromba mais dura, que uma feria ;
E se queres vencer os Alexandres,
Eugenios e Turennas,

Não busques grevas, murriões, pavezes,
Põe-lhe diante o mercador c'o resto,
O alfaiate, o barbeiro, ou um alcaide,
Verás como desmaião.

E se ainda vãos projectos commetterem,
De cruentas victorias nunca fartos,
Dá-lhe o desenho de uma nova escada,
E dize-lhe, que a fação.

Eis-aqui como fico sem lograr-me
Da boa companhia, que te cérca :
Tu, que escadas não fazes, passa alegre
A noite desabrida.

Em brilhantes crystaes a rôxa espuma
Do suave licor do Rheno ou Douro,
Te apresente sorrindo o fullo Same,
E tu vermelho bebe :

Bebe a saude da formosa Filis,
Do magnanimo Conde, a quem Neptuno
Namorado do seu valor, lhe entrega
O sceptro crystallino.

Os dois Weinholtz, que Marte tanto préza,
Da côva porçolana que retine,
Co'a boiante colher tirem o doce
Almo fervido ponche.

E se do pobre Corydon vos póde
Merecer compaixão a triste historia,
Fazei-lhe uma saude, que lhe sirva
Ao menos de epitaphio.

XX.

Ao Snr Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

QUANTOS, caro Pinheiro, noite e dia
Curvados sobre os livros
A triste vida gastão na esperança
De uma vermelha borla,
Da vara e da golilha? Honra que chega,
Já quando as cãs alvejão
Na mirrada cabeça. Quantos morrem
Por freneticas palmas
De cruentas victorias? Descorado
No raso campo treme
Com frio susto á vista do inimigo
O misero soldado:
Co' a musica mistura dos batidos
Horrisonos tambores
Os ultimos suspiros. Pelos ares
Pelouros assovião:

C'o tropel dos cavallos freme a terra
Do pó e crespo fumo
As enroladas nuvens escurece
O resplendor do dia :
Isto aos Carlos agrada, aos Fredericos,
Eugenios e Turennas !
Em fragil lenho entregue a longos mares,
O mercador avaro
Luta co' a morte : rasgão negros Austros
As prenhes nuvens : brilha
Entre a rouca saraiva, o retorcido
Crepitante corisco :
Estala a fraca verga, a rota véla
Ondeando sussurra :
E a fome de ouro, tudo fa/ mais doce,
Que a livida pobreza!
Outro, com o martello, os cadeados
Despedaça do cofre,
Que do incansavel pai o curvo arado
Tirou da dura terra :
Vai perdê-lo n'um dia, porque gosta
De brincar com tres dados !
Aquelle só se alegra, e se diverte
Co' as belgicas pinturas :

Sonha com Raphael e Ticiano.
Emquanto o astuto adelo
Na fragil taboa, com o dedo mostra
A testa de Medusa.
Este, n'alcantilada serra corre
O javali cerdoso;
Os sabujos britannicos latindo
No fundo valle assustão
A quieta pastora, que aturdida
Larga da mão o fuso.
Outro, na rica meza rodeado
De vorazes amigos,
Em brilhantes crystaes, e Douro e Rheno
O rôxo çumo bebe;
Té que dos altos cumes dos outeiros
Caia a nocturna sombra.
Eu, porém, nada quero, nada estimo
Mais que a dourada lyra:
Se os pastores do Menalo sagrado,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus versos escutão, os meus versos
Me separão do vulgo:
Na testa cingirei livre de inveja
D' hera frondente c'rôa;

E com lesbico plectro ou venuzino,
Ferindo as aureas cordas,
Arçadia cantarei: o patrio Tejo
Attenda ao novo canto
Com a verde cabeça goteando
Na urna recostado,
Se aqui chegar, que Rhadamanto póde
Negar-me o nome eterno?

XXI.

Ao Snr Gaspar Pinheiro da Camera Manoel.

QUE facil é com lapis e compasso,
Desenhar no papel uma cidade,
De cavas e merlões circumvallada,
Soberba, inaccessivel :

Executar, porém, a grande planta
É trabalho de um rei, caro Pinheiro,
D' Ulysses, de Lyeo, do pio Enéas,
Dido, Romulo e Remo.

Quando tu no alto pégo ouves zunindo
Pela miuda enxarcia, Africo ou Noto,
Que ferras todo o panno, que manobras
Impavido e prudente :

Se de longa experiencia aconselhado
Não mandasses constante, que valêra
Ter no tanque de Cintra exposto ao vento
Fragatas de cortiça ?

Todos, todos clamamos, que se observe,
O que dicta a razão e a natureza,
E as santas decisões, que nos promulga
A catholica Roma.

Ninguem se julga barbaro; mas vemos
Lançar fumo o punhal, em sangue tincto
Na mão do matador; vemos roubados
Os sagrados altares!

Com damnada malicia, uns aos outros
Enganhar pretendemos: falso gesto
É o trunfo do jogo, da amizade
Hypocrita verdugo!

Na magnifica meza em crystaes ricos
Trasborda a loura espuma do suave
Vinho de Chypre: alegres convidados
Ao grande amigo brindão:

Levantão as reciprocas saudes,
Ternissimos colloquios; mas depressa
Esta scena se muda, e da discordia
Rola o dourado pomo.

Pelo arbitrio de Páris não se espera;
Nua a espada brilha e fere: corre
O sangue quente, e os copos em pedaços
Espalhados retinem.

Que mais faria o perfido Argelino,
Se c'o estreito chaveco abalroára!
Talvez que nelle achasse mais clemencia
A pobre humanidade.

Se na Hyrcania, ou no Caucaso nascidos
Os homens fossem, não seria estranha
A traição, o rancor, a triste inveja,
A rispida soberba.

E fôra, pois já vio a antiga Roma
No tyranno espectaculo do circo,
Esfaimado leão lamber as plantas
Do amigo descorado.

O' amizade, o' dadiva celeste!
Enfadada de nós, de nós te ausentas
Abriste as brancas azas, que sonoras
Nos ares te sustentão:

Já sobes, já te elevas, já te escondes,
Ora sereno o vôo, ora apressado,
Nos immensos espaços, onde girão
Outros sóes, outros mundos.

A luz do dia foge : fica a terra
A seu antigo cahos reduzida :
Mas, dentre as grossas trevas apalpando,
Eis se ergue o fingimento.

Os candidos vestidos da amizade
Co' as negras mãos levanta aos torpes membros;
Nas fantasticas roupas disfarçado
Engana a cega gente.

Com estreitos abraços se recebem
Os fingidos amigos : filho chama
O tyranno tutor ao desfalcado
E misero pupillo.

E nesta tenra idade, fracas almas,
Almas em feios vicios atoladas,
Como podem guardar as leis austeras
Da pávida amizade ?

É facil ter de amigo o santo nome,
E sustenta-lo com civil aspecto;
Mas que ao chapéo o coração governe,
É Ethiope branco!

A lingua, que te salva, quando raia
No vermelho horizonte o sol dourado,
Antes que a sombra caia dos outeiros,
Te insulta, ou te crimina.

Desgraçados rafeiros, que só mordem
Os pobres remendados; porém, vendo
Os olhos fuzilar do roaz lobo,
A cauda desenrolão.

Não se encontrão Euryalos e Nizos,
Castor e Pollux, Pylades e Orestes;
Nem para renascer a extincta raça
Esperes nova Pyrrha.

Mais facil é que Cadmo resemeie
Os dentes do dragão, e que rebentem
Da terra depravada, enfurecidos
Armigeros guerreiros.

XXII.

COM que férvidos rogos imaginas,
Caro illustre Macbean, qu'o céo clemente
Cansa um poeta? Crê-me; não lhe pede
Magnificos palacios.

De pouco se contenta; não cobiça
Do fulvo Tejo arar as ferteis margens,
Onde sonora freme a loura espiga
Dos Euros açoutada.

Os rufos touros, as malhadas vaccas
Dos campos transtaganos não deseja,
Nem indico marfim, ouro brilhante,
Nem perolas do Ganges.

Afouto beba o mercador em taças
De esmeralda e saphyra o licor almo
De Chypre e de Falerno; já que os mares
Parece que governa.

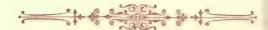
153

Impune trez e quatro vezes rompa
Cad'anno o golfão: desfraldando as velas
Impavido commetta infames costas,
Inhospitas arêas.

Não lhe invejo a fortuna; pois me basta
Passar a curta vida retirado
Na Fonte-santa ao som da clara vêa,
Urdindo novos versos.

Divina Providencia, tu bem sabes
Quão pouco te molestão meus desejos:
Não quero mais que ver na frugal meza,
De filhos rodeada;

Um limpo copo, com que nesta grande
Noite, só para mim prospero dia,
Possa alegre brindar aos faustos annos
Do heroico S. Vicente.

Com mais pouco se mata a crua fome:
Para fazer seu grande nome eterno,
Ou pobre, ou rico viva, tenho a lyra
Do cantor de Venusa.

Em quanto, ó Conde, as bellicas virtudes,
Que herdaste de teus inclytos maiores,
No regaço da paz jazem tranquillas,
Preparo os epinicios.

Tempo depois virá, que desferindo
Em aurea pôpa as lusitanas quinas,
Arrazadas as aguas de turbantes,
Te c'rôem mil victorias.

De negro sangue as armas rociadas,
Arrastados trarão ao luso throno
Os Mouros capitães; nas duras costas
As rôxas mãos atadas.

Se as estrellas então me consentirem
Tuas acções cantar; da fria morte
Verei luzir a fouce, satisfeito
Da gloria e da fortuna.

XXII.

Aos annos
do Snr José Carlos Mardel.

APENAS hoje a somnolenta aurora,
Entre as rosadas nuvens, que abafavão
Da alcantilada serra os altos cumes,
Mostrava a manhã fresca:

Uma inquieta tropa de vendados,
Lindissimos Amores, se alojava
Do fulvo Tejo na arenosa praia,
Que adorna a grã cidade.

Arnezes, malhas, grevas e loricas
Veste a soberba juvenil phalange.
Dos aureos elmos, com as torcidas plumas
Zephyro empenna as azas.

Ao rouco som de horrisonos tambores,
Que n'uma e n'outra margem retinia,
A brava gente ferve, qual puxava
A rapida columna;

Qual marcando reductos e trincheiras,
Na ruiva arêa crava as aureas settas:
E qual levanta c'o alvião pesado
Merlões e plataformas.

Os tirantes de purpura atezando,
Outros arrastão sagres, falconetes,
Que em altas baterias assestados
Affrontão todo o mundo.

Então Amor alçando a mão tyranna,
Onde a farpada ponta fuzilava,
Manda jogar os férvidos morteiros,
E rompe nestas vozes:

« Esta alegre rezenha, companheiros,
A tão prospero dia é consagrada:
Hoje a Mardel gentil, as duras Parcas
Fião dourados annos.

« As rôxas balas, que nos ares silvão,
Das bombas as sonoras espoletas,
As ruidosas granadas fulminantes,
Tudo, seus annos louvão.

« O bellico ruido aos mesmos astros
Ensina a repetir seu claro nome:
Os mesmos astros, quaes seus olhos brilhão,
Scintillárão com elle. »

Disse: e da terra subito levanta
Dos hórridos canhões o negro fumo,
Qual Encelado montes sobre montes,
Ou nuvens sobre nuvens.

Mas eis que o cego nume a scena corre;
Não vi na liza arêa mais que o fumo
De miseras entranhas palpitantes,
De corações feridos.

Que abrazados queixumes, que soluços,
Oh! que doces suspiros, que soavão!
De maneatadas nymphas, que rendidas
Jazem no duro campo.

As linhas, os ramaes, as colubrinas
Outra cousa não são mais que seus olhos,
Que seus olhos azues, alvo semblante,
Que seus louros cabellos.

Fugi, nymphas, fugi d'aquelles olhos,
Nelles afia Amor seus passadores:
Fugi, nymphas, fugi, que seus cabellos
São as vulcaneas redes.

XXIV.

Pois sabes, que nas margens do Mondego,
Amor, que é grão poeta,
A cantar brandos versos me ensinava,
Quando prezo me tinha,
E victima chorosa, as aras cruas
Banhei c'o sangue quente
Do roto coração, das rotas veias,
Que abrião seus virotes:
Não estranhes, Senhora, que os furores
Do genio sibyllino
Me forcem a louvar o claro dia
De teus ditosos annos:
Ao santo templo da immortal memoria,
Sobre as azas da Fama
O desejo levar; quero que chegue
Aos seculos futuros,

Cercado de relampagos e raios,
Com que os vates fulminão
Da inveja triste as assanhadas serpes,
Que em torno lhe sibilão
Do livido semblante descorado,
Dos olhos furibundos.
As estofadas ondas somnolentas
Do Lethes vagaroso
Verão, passar mil vezes tão bom dia
De estrellas coroado.
Virão, como hoje vem, a teus altares
Render devoto culto
Os miseros amantes desmaiados;
Em suas mãos trazendo
Inda quentes entranhas palpitantes,
E corações fumando.
Outros Tyrses e Elpinos namorados,
Outros Licidas Cintios,
Prostrados erguerão queixosos hymnos,
Rasgando os mansos ares
Com férvidos suspiros, com seu pranto,
Que tu, cruel, desprezas!
Só não sei se haverá outra Silvandra,
E que vestal do templo,

No sonoro rebolo, o fatal gume
Afie da bipenne,
Com que desfecha os golpes nos solemnes,
Cruentos sacrificios,
Quando a gelada victima estremece,
E cerra os tristes olhos.
Hoje, porém, que tão alegre dia
Com farta mão derrama
As delicias, prazeres, e fortunas
Em toda a Fonte-Santa;
E nas espaduas do ligeiro Noto
As Graças e os Amores
Com sonoro sussurro andão voando
Á roda desta casa;
Deixa, gentil Senhora, que se mude
A cithara soberba
Em avena campestre, e que te off'reça
Humilde rendimento
De singela vontade e sãos desejos;
Uma pobre gallinha,
Um alvo ganso, que muito ha que adeja
Para voar tão alto;
E co'as pennas das azas rutilantes,
No azul ethereo assento

Escreverá de Arminda o doce nome;
Para ser entre os astros
De desejos, amores e suspiros,
O norte luminoso.

XXV.

Emquanto o pobre Tyrse descansado
Da preguiça nos braços somnolentos,
Co'a boca meia aberta a sommo solto,
Ou ronca, ou se espreguiça:

Emquanto a torpe e vaga fantazia,
Lutando com cansados pesadelos
Em verdes bancas pinta as louras marcas,
Lhe mostra o az de copas:

Emquanto atado ao duro e longo remo
Da galé, com que surca fundos pégos,
Os calejados hombros dobra ao duro
Arrebém de comitre:

Emquanto crê que a Fonte-Santa alegre,
Com sonoro ruido solta as aguas,
Só quando vê em seus quebrados olhos
Amor tremer com frio:

Emtanto o bravo Elpino, qual o fulvo
Famelico leão da grã Nonacria,
Atassalhando os pavidos rebanhos,
    Traga famintos membros.

Assim vem, assim vê, assim subjuga
Rebeldes corações, que reduzidos
A poucas cinzas, qual o debil fumo
    Em crespas nuvens voão.

Debaixo já da planta vencedora,
Em frio sangue sujos palpitando
Abjurão de Mafoma, ou molle Tyrse,
    A immunda torpe seita.

Mas o pio Alexandre condoido
Da orphandade das miseras captivas,
Nas ricas almofadas, barba a barba,
    Affavel as recebe.

Oh! que doces, que lagrimas contentes
Inundão negros olhos! Que suaves,
Que férvidos suspiros retinindo,
    Não voão pelo tecto!

165

Ah ! pobre Tyrse ! acode, que te pizão ;
Que teus campos já roubão, talão, queimão
Armados esquadrões d'outros Amores,
Amores invenciveis.

XXVI.

Traducção de uns versos inglezes feitos a um seu grande pintor.

O DOURAR a manhã, do sol que nasce,
Derramar os reflexos;
Pintar a sombra do cerrado bosque,
A rapida corrente;
As ceruleas montanhas affastadas
Mandar, que se levantem,
C'o vermelho horizonte confundidas;
Pela verde campina
O rebanho espalhar que anda pascendo;
Dos rachados penedos
Fazer que desção caudalosos rios;
Que a creação formosa
Brote debaixo desta mão potente
É a grande tarefa,
Que só se atreve a descrever Sertorio.
Mas quando sazonados

Apparecem os frutos de Pomona
A producção amavel
Do fertil anno; então a natureza
Porque se vê vencida,
Se mostra envergonhada: ó pincel raro,
Do que o sol mais fecundo
C'o doce toque os pomos faz maduros:
Do paraiso póde
A memoria acordar; dar-nos seus frutos
Sem segundo delicto.

XXVII.

NÃO fabulosa têa de mentido
Gentilico hymeneo, illustres noivos,
Mas sagrada união d'um sacramento,
Vos prende e vos ajunta.

Com catholico rito abençoada
A ditosa alliança, nos promette
Dos Mellos, dos Noronhas e Menezes
Heroica descendencia.

As illustres acções, que a Fama espalha
Repetidas veremos. Torna, torna
A boa idade de ouro! A boa idade
Do nome lusitano.

Nas respeitadas campas dos honrados
Vossos claros maiores subir vemos
As palmas e loureiros, que regados
C'o sangue illustre forão.

Dentre a copada rama se levanta
Estranho simulacro! Reverbera
No lizo peito de aço o rôxo Phebo,
Que immensa luz espalha.

Levanta o forte braço a grande espada,
E da folha os relampagos assustão
As soberbas muralhas de Byzancio,
De Tangere e de Arzilla.

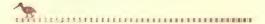
Mas que gentis guerreiros vejo agora
Concorrer para ouvi-lo! Alli lhe ensina
O tactico systema; alli lhe mostra
As avitas façanhas.

Cerrados esquadrões desbaratando
Entre nuvens de fumo as torpes luas,
Eclipsadas vacillão! No ar ondêão
As sacrosantas quinas.

Esta prole será, que a patria espera
De tão ditoso thalamo, que as Musas
Já desejão cantar: já lhe preparão
Alegres epinicios.

XXVIII.

Á vida rustica.

O' MIL vezes feliz, o que encerrado
Entre baixas paredes
O tormentoso inverno alegre passa!
Que de um pequeno campo,
Que elle mesmo cultiva, se alimenta
Apascentando as vaccas,
Que da mão paternal sómente herdou
C'os dourados novilhos.
Emquanto sobre a terra se reclina
Dormindo descansado
Ao som das frescas aguas de um regato,
Horrorosos cuidados
O não vem perturbar no brando somno.
A sordida cobiça
Lhe não faz conceber vastos prejectos.
Não pensa, não intenta

Atravessar o cabo tormentoso,
Soffrer chuvas e ventos,
Ouvir roncar as denegridas ondas,
E ver na feia noite
Entre nuvens a lua ir escondendo
O macilento rosto;
Por ir commerciar c'os pardos Indos,
E Chinas engenhosos.
A sède insaciavel de riquezas
Não faz que exponha a vida
Nos desertos sertões ás verdes cobras,
E aos remendados tigres.
Ah! illustre Soeiro, doce amigo,
O ouro de que serve,
Se os annos vão correndo tão velozes?
Se a morte não consente,
Que a enrugada e pallida velhice,
Com passos vagarosos
Nos venha coroar de niveas cãs?
O senhor opulento
Ao seu pobre vizinho encurte o campo,
Que alegre cultivava;
Levantando soberbos edificios,
Arranque as oliveiras.

O chopo que sustenta as ròxas uvas,
Para ornar seus jardins
De esteril murta, de cheirosas plantas,
O campo, que ondèava
Com as uteis e pallidas espigas,
Cubra de fresca sombra
Do espesso cedro, do frondoso louro;
Alegre vá passando
No seio das delicias e regalos.
Mas ah! que não adverte
Que as tres filhas da noite, as impias Parcas,
Gyrando os leves fusos,
Lhe acabão de fiar os curtos dias!
Que a morte inexoravel
Se chega ao rico leito em que descansa,
Mostrando-lhe entre sombras
A macilenta mão com que lhe pèga.
Já entre mil angustias,
Entre os frios suspiros, que derrama,
Acaba a triste vida,
Que intentava gozar por longos annos.
Só tu, filha do céo,
Impávida virtude, não estranhas
O aspecto da morte.

XXIX.

Ainda que o céo sereno, o dia claro
    Doce prazer inspire
Aos miseros mortaes, aos namorados ;
    Pesada escura sombra
O coração me cobre ; feias trevas
    Onde a memoria pasma,
Mais longa a saudade representão.
    Nem sequer falsos sonhos
Com doce engano aquella luz me fingem,
    Por quem sempre suspiro.
Vem, bella Marcia, vem, porque em teus olhos
    Me trazes sol e dia,
Em teus formosos olhos me amanhece
    A mais gentil aurora ;
Em teus formosos olhos vem os raios
    Que dourão estes montes ;

Que a secca terra cobrem de mil flores,
    Que no meu peito accendem
Doces desejos, doces esperanças,
    Finissimos amores.
Mas já Favonio fresco brandamente,
    Dos alamos as folhas
Com seus sonoros sopros levantando,
    A vinda me annuncia
Dos vencedores olos, por que espero,
    Dos olhos por quem morro.
Ah ! que já chega Marcia, socegai-vos,
    Meus cansados desejos ;
Socegai, esperanças, que já vejo
    Nascer o meu bom dia.

XXX.

A Horacio.

De grande nome barbaro desejo,
Se o rico templo da triforme deosa
A poucas cinzas reduzindo espera
Impia memoria!

É menos torpe, menos detestavel
Tão feio crime, que imitar Horacio
Quem triste fama não quer dar á saguas
C'o precipicio.

Ora sereno, como o sol dourado,
De alegres côres todo o mundo cobre,
Quando a cabeça de mil raios ergue
Detráz da serra.

Mas outras vezes rapido parece
Aquilão thracio, que nos céos batendo
As negras azas, terra e mar envolve
Espessa chuva.

Sempre sublime no Parnaso colhe
O digno louro, que lhe adorna a testa
Immenso genio com ditosos vôos
Pindaro alcança.

Ou cante a fresca nova primavera
Dos grossos freixos sacudindo o gelo,
Serena a lua, as Graças vem dansando
Com Cytherea;

Emquanto ardendo na arida officina
Ao sibilante fuzilar da forja,
Mostrão os sujos amarellos rostos
Os rijos Brontes.

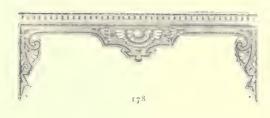
Ou já crimine da civil discordia
As mãos vermelhas com latino sangue,
Cala-se o povo, pallida tristeza
Muda os aspectos.

Ou branco cysne livre já da esthygia,
Sinta nascer-lhe rude pello, sinta
Já, já nos dedos, sinta já nos hombros
Candidas pennas.

Sobre as cidades vôa, já descobre
Do tormentoso Bosphoro bramindo
Parthos e Scythas, hyperboreos campos,
Libycas Syrtes.

Ou já de Augusto mostra o valor nobre
Lavar de Crasso a vergonhosa infamia,
Que o vestal fogo, Roma, Capitolio,
Tinha esquecido.

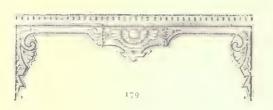
« Eu vi inteiros nossos estandartes,
As armas limpas, centuriões romanos
Co'as mãos atadas (Regulo dizia)
Vi em Carthago! »

O' grande Horacio, sempre grande e forte,
Sempre sublime, rapido te eleva!
A nossos olhos subito se esconde
Entre as estrellas.

XXXI.

DORMES, Jerusalem? Acorda, acorda.
Que chega a tua luz: o sol divino
As trévas dissipando, já scintilla,
Já em ti nasce.

Opaca e negra sombra te cubria;
A gloria do Senhor brilhantes luzes
Derrama sobre ti, sobre teu povo:
Acorda, acorda.

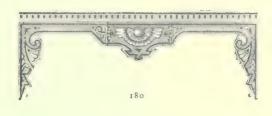
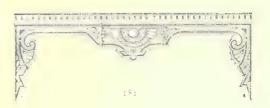
Estende a vista por teus largos campos,
Vê, vê a immensa gente, que te cêrca:
Todos o grande instante suspiravão,
Todos o esperão.

Olha as fortes nações, que vem buscando
O resplendor, que espalhas: denso fumo
O incenso de Sabá ardendo exhala
Em teus altares.

Ouro e myrrha, monarchas humilhados
Já com prodiga mão alli te offerecem;
Os olhos baixos, curvos os joelhos,
Teu templo adorão.

Abertas tuas portas já recebem
Dos mais remotos climas os tributos;
Já os rebanhos de cedar alvejão
Nas altas serras.

Tudo porém se cala. Que profundo,
Respeitoso silencio! Vem, já chega
O Principe da Paz, Deos admiravel,
Filho do Eterno.

Uma Virgem pario: Fez-se Deos Homem:
Do tronco de Jessé rebenta a vara.
Lá desce sobre a rama abrindo as azas
Mystica Pomba.

Já vem o Salvador annunciado
Por divinos oraculos; abaixão
Já no Libano os ramos incorruptos
Os altos cedros.

Densa nuvem de incenso em Saron sobe:
O cume do Carmelo ambar respira:
Já ferve a branca escuma, que rebenta
De aridas penhas.

XXXII.

O Suicidio.

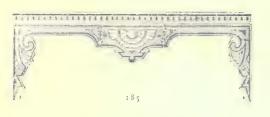
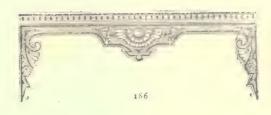
ROMPA-SE embora do estellante assento
 A machina lustrosa;
Conspire-se em meu damno a terra toda,
 E a fortuna perversa;
Mil duras portas de pesado ferro
 Sobre mim se aferrolhem;
E agrilhoado ao carro do triumpho
 Me leve algun tyranno:
A negra fome, a sordida penuria
 Vão-me escoltando os passos:
Sobre deserta inhabitada praia
 Me ponha a tyrannia;
Agudos dentes de raivosas feras
 Contra mim se apparelhem:
Risonho, alegre, intrepido, constante
 Me ha de ver o Universo.

Emquanto em mil pedaços se despenhe,
E me afogue em ruinas,
Lá sae, lá corre de ignorado mundo
Un espectro medonho
Mas agradavel á romana gente
E ao Bretanno inflexibil ;
Dos heroes divindade ; eis o Suicidio
O refugio dos sabios.
Sanguinoso punhal na mão sustenta,
O escudo da desgraça
Com que se oppõe á tyrannia infame,
Á inveja e á soberba.
Sobre montões de desmembrados corpos,
Sobre abatidas aguias,
Em tristes restos de estandartes rotos
Entre extinctos soldados,
Que em vão a patria libertar procurão
Das mãos da tyrannia,
Lá vejo estar com intrepido semblante
O magnanimo Bruto,
Que nos sanguineos campos de Felipps
Fica vencido e roto ;
Mas que um triumpho mais altivo e nobre
Já de si mesmo alcança,

Com que as correntes rispidas supplanta
Do dictador soberbo.
Porque Roma não sirva, a Cesar mata:
Com o mesmo duro ferro,
Porque a Cesar não sirva, expira Bruto.
Eis como a liberdade
Do tyranno e da morte, Bruto alcança
Nos campos de Felipps.
E o genio tutelar de infeliz patria,
Em Utica expirante,
Porque ao duro Pompeo não sirva, morre.
As fachas despedaça,
Que as feridas tapão do sagrado peito.
Nunca é Catão mais forte!
No quente banho Seneca expirando
Vence o perfido Nero.
Doce refugio de fatal desgraça,
Eu te abraço contente;
Tu és o meu escudo impenetravel
Contra empennadas settas,
Que a indigencia e a penuria em vão disparão.
Todos podem a vida
Tirar ao homem na mesquinha terra,
Ninguem lhe tira a morte.

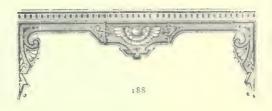
XXXIII.

A uns annos de uma Senhora ingleza.

AMADA lyra minha, se algum dia
Cobiçosa de fama
As estridentes velas desfraldaste,
E no ceruleo golfão
Por sibilantes Notos açoitada
Impavida sordiste :
Se desejas que aos seculos vindouros
Livre da negra inveja,
Tua gloria immortal chegue triumphante
D'astros mil c' roada :
Cantemos de Marilia o nascimento,
Da formosa Marilia
Que as candidas virtudes abrigando
No peito generoso,
Do angelico semblante os resplendores
Inda faz mais brilhantes.

Em seus olhos gentis a formosura
    Os corações pisando
Despedaça de Amor as cruas settas,
    Subjuga o fatal Nume.
Diz-se que um dia o Tamaze soberbo
    Ao fulvo patrio Tejo
Accusou de roubar-lhe a illustre gloria
    De ver em suas margens
Raiar os lindos olhos de Marilia
    E dar-lhe o claro berço
Em Britannica terra. Exasperado
    Vociferando vinha
O rio, e tão queixoso que trez vezes
    Traçando furibundo
O farpado tridente crystallino
    Com o dourado conto
Bateo na lusa areia; desmaiadas
    As Tagides mergulhão
As limosas cabeças n'alta veia;
    Porém alegres surdem,
Vindo surcar as aguas a aurea concha
    Que fervidos tiravão
Prateados delfins, onde Marilia
    Com engraçado rosto

Que os mares acendia, serenava
　　Dos rios a contenda.
Ambos por sua Thetis o juravão,
　　Ambos em seus altares
Depozerão humildes os tridentes,
　　E em fausta branca pedra
Contentes e ditosos, assignalão
　　O dia de seus annos.

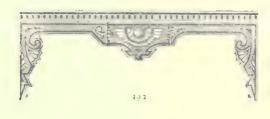
XXXIV.

Ao SS. Natal.

ESPIRITO celeste, que pesado
Em seis brilhantes azas
A prophetica lingua de Isaias
C'uma braza do altar purificaste,
Acende em minhas vozes
Aquelle som terrivel que de ouvi-lo
Estremecem os montes e as cidades.
Em profundo silencio somergida
Ouça a terra meus hymnos,
Oução-me os céos, e cantarei o grande
O Santo nome do Senhor, do Forte,
Do Justo e desejado
Do Principe da paz, Filho do Eterno
Pae do suspirado seculo futuro.
Alçai os tristes olhos
Vós filhas de Sião, das alvas testas

A cinza sacudi; com mão devota
Lançai no casto fogo
O incenso de Sabá; puras chammas
Ardão no livre cume do Carmello.
Uma Virgem pario, fez-se Deos Homem,
O Salvador já chega;
Do tronco de José rebenta a vara
Nas incorruptas folhas; já se sente
O espirito divino
E na sagrada rama já descansa
Entre nuvens de luz, mystica pomba.
Os montes debruçados já distillão
De leite e mel correntes.
Os valles já se encurvão, já levantão
Suas longas planicies; já verdejão
Os ingremes penedos,
Ambar Saron respira, já se encobre
Entre nuvens de aromas abrazados.
Chega o dia do Eterno
Chove dos céos o Justo, abre-se a terra
E brota o Salvador: a paz estende
O ramo de oliveira
Sobre a face do mundo, e o mundo desce
Pela mão da innocencia, a sã justiça.

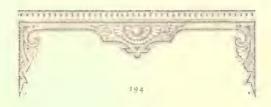
Os montes de Israel e os altos ramos
Alegres estenderão
De flores e de pomos carregados.
Os cedros já no Libano se humilhão,
Os ventos se calárão,
As insoffridas ondas sussurrando
Não brada o negro mar na ruiva praia.
Vem divino Infante, vem que a terra
Ja se abrio, já te off'rece
Suspirando por ti, já sem trabalho
Do cansado cultor seus doces frutos,
Tenras mimosas flores
Já nascem para ti nas toscas grutas
Que as ceruleas serpentes habitavão.
Entre as aridas penhas
Já ferve a branca escuma, e já rebentão
Com doce murmurio as limpas fontes.
Aos ares se levantão
As verdes cannas, os delgados juncos
Que ao fresco som do zephiro sibilão.
Com o cordeiro que a doce relva corta
O cerval lobo pasce,
Os indomaveis ursos misturados
C'os domados bezerros juntamente

Na clara areia bebem
Do quieto leão simples pastora
A corada melena entrança e ata.
O innocente menino namorado
Das inconstantes côres,
Que as mosqueadas conchas reluzentes
Da vibora matisão, sem receio,
C'o a fraca mão apalpa
E nos delicados membros enroscada
Lhe quer lamber a planta a serpe amiga.
Vem ó divino Infante
O throno de David por ti espera,
Vem as gentes julgar, já sôa a terra
Com o tropel fogoso
De teus rijos cavallos, das carroças
Que tem nas rodas de Aquilão as azas.
A dura guerra de armas carregada
Já foge espavorida,
Com medonho tropel pisa a campanha
Tocando a ferrea malha, o liso escudo
No fundo valle sôa.
Os tambores, os pifanos não chamão
Cerrados esquadrões para a campanha.
No deserto uma voz está bradando

Com ella o Jordão clama.
Que vem Deos, que vem Deos, as fragoas dizem,
Deos, Deos no monte as arvores repetem
Que Deos ao mundo desce;
C'o a força da alegria estremecendo
Os pinheiros do Menalo respondem

XXXV.

DEPOIS de largo tempo, Amor, me veres
O pé dos cepos livre,
No regaço da paz dormir quieto
Me moves nova guerra?
Que me deixes te peço, que me deixes,
Que para o duro peito,
Com trabalhos crueis endurecido
Na sanguinosa pedra,
As aligeras farpas não amoles.
Já não sou, já qual era,
Quando reinava a candida Leucipe.
Passárão tão bons dias!
Não queiras atear inutil flamma
Em pouca arida cinza,
Que os gelos de oito lustres esfriárão.
Desprega as leves pennas,

Vai-te cruel. Acode onde te chamão
Os férvidos suspiros,
Os brandos rogos de gentis mancebos.
De Tirse na cabana
Molle altar acharás. Ali devoto
Arabicos incensos
Queima com farta mão; da rôxa pyra
Vagando o crespo fumo,
Entre festões de mil cheirosas flores
Lambe o travado colmo.

XXXVI.

Que bem fizeste tu, caro Macedo,
Quando com valoroso animo forte
Fugiste ao mundo que eu julguei ser cedo.
Se te seguisse a ti da mesma sorte
Agora me acharia socegado,
Sem medo ter do inferno nem da morte.
O povo portuguez vira assolado
Arrazada Lisboa populosa
Sem ter fazendas em que ter cuidado.
Sahiste na manhã clara e formosa
E por isso chegaste antes da noite;
Gastei na cama a tarde preguiçosa;
Não tenho quem me guie, nem m'acoite.
Apanhou-me no meio da jornada
O furibundo golpe deste açoite.

EPISTOLAS

I.

SE á sombra dos loureiros sempre verdes,
Que nascem junto ás aguas de Aganipe,
Inda, amigo, te encostas socegado;
Se das soltas correntes que do cume
Do frondoso Parnaso estão cahindo
Por entre frias e musgosas pedras,
Sem nunca te fartares, ainda bebes:
Se as graciosas Musas te rodeão;
Encosta a curva lyra sobre o peito,
As aureas cordas fére, escreve a Olino:
Se a rima, como escravo, te traz prezo,
Perdida a liberdade, ao duro cepo;
Quebra as fortes cadêas; não é justo
Que o continuo zum-zum do consoante,
Que o ouvido agita só, a alma não,
Esfrie o fogo, que na idéa nasce.
Não busques pensamentos exquisitos
Em denegridas nuvens embrulhados;
Não tragas, não, metaphoras violentas,

Imitando esse corvo do Mondego,
Que entre os cysnes do Tejo anda grasnando;
Usa da pura lingua portugueza,
Que aprendido já tens no bom Ferreira,
No Camões immortal, em Souza e Barros:
Em grego não me escrevas, nem latim.
Dá-me conta da tua larga vida:
Desejo que me digas se inda preza
No pensamento trazes a cachopa;
Se com trez companheiros n'uma banca
De panno verde ornada o whist jogas;
Se ouves fallar francez, e se inda lavra
O mal, de que hoje tantos adoecem.
Fallo d'quella praga desastrada
Dos enfermos poetas, que não querem
Os remedios tomar para sararem.
Conta-me em que exercicios vás gastando
O tempo, que lá tens; se ao som do rio
Compões os brandos versos, com qu'arrancas
Do cume das montanhas levantadas
Os arreigados cedros para ouvir-te.
Eu, amigo, depois que te deixei,
Triste vejo nascer e pôr-se o sol;
Os mais dos dias passo em minha casa

Sentado n'um banquinho e recostado
N'uma despida banca ; poucos livros,
Algum papel, com pennas e tinteiro,
É quanto só me adorna o estreito quarto
Alguns amigos tenho, mas distantes ;
Nem cavallos, nem seges á boléa
Tenho para tão longe ir visita-los :
Temo de sahir fóra... Ah ! não te engano,
Temo de sahir fóra. Desta banda
Me empurra o aguadeiro, e dest'outra
Me atropella a Saloia c'o seu macho ;
Um vem á redea solta no rabão,
Outro corre no coche á desfilada ;
Para esta parte fujo ; eis que de cima
Sobre mim vem a suja caldeirada ;
Os confusos, os vagos pregoeiros,
Os ouvidos me atroão com seus gritos ;
Um «Quem as flores merca» Outro os polvilhos.
Então eu cá comigo vou dizendo :
« De que servem polvilhos a um poeta,
« Se a um filho de Apollo o verde louro
« É o melhor adorno, é todo o fruto ? »
Desta sorte não posso, caro amigo,
Novidades contar-te cá da Côrte.

Pois que te contarei? Eu sei sómente
Que entrão nãos pela barra e sahem nãos
Com as vélas inchadas; sei que corre
Para o ceruleo mar o louro Tejo;
De Lisboa e das côrtes estrangeiras
Não saberei dizer-te cousa alguma,
Que o tempo todo gasto em ler Virgilio
No meu pobre, mas certo domicilio.

II.

Ao Snr Dr João Evangelista.

QUAL sordido pedreiro, que doente
De um hospital jazeo no leito pobre,
Quando torna d'alli convalescido,
Mais esbelto, pellado e macilento,
Em casa não acerta com a trolha,
Picareta e colhêr tudo lhe falta.
Assim depois de tantos negros dias,
E noites longas, mais que as de Lamego,
Em funebres ideias mal gastadas,
Com pennas e papel não sei haver-me.
Quero grasnar em verso, mas não posso;
Dos olhos me fugio o santo lume,
Que me guiava ao cume do Parnaso.
Por fatuo me tivéra, se a fortuna,
Em cambio da alegria que me rouba,
Me desse dois rabões com tres lacaios,
Brilhantes, rendas finas e veiludos,
Que becas são de tolos e casquilhos.

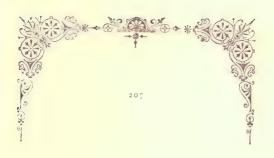
Mas de poeta, amigo, só me resta
Desastres e miserias; filhos rotos,
De valadio o tecto, a vinha calva,
Caseiros, architectos e criados
Mais duros que as catástas de Perillo.
E neste bom estado me provocas
A cantar, e tanger na doce lyra.
Que ha de fazer um cysne desazado,
Um cansado rocim, que já não chega
Á méta desejada, sem mil vezes
Cahir, dando aos ilhaes na liza arêa?
Mas se pragas me rogas, que mais queres
Que ver Heitor dos férvidos cavallos,
Do colerico Achilles arrastado,
Tingindo a dura terra o negro sangue?
Supponho que a metaphora percebes.
O Nadegas, que viste esfrangalhado
A passapello vir da pobre aldeia;
Porque lhe devo já uns tantos mezes,
Me ralha, e me governa focinhudo;
C'o rabo agazalhado, já capeia
As aias, as rascôas da cozinha.
Eu delle me recato, só me falta
Lucrecia vir a ser deste Tarquinio.

Agora te ris tu; e Manoel Gomes
O nariz encrespando, te pergunta
Que fabulas são estas? Não lhe expliques
O sentido moral; deixa-o confuso:
Não convem que criados tudo saibão.
Dize lhe que sou doudo, que desprezo
Opulentas heranças; que inflexivel
Com semblante sereno e socegado,
Não me cansa soffrer a mão pezada
Da fome e da penuria; não me espanta
A carregada nuvem da desgraça,
Que aos olhos me fuzila ha já dez annos.
Nem sonho com perdizes, nem lampreias;
Com mui pouco se calão meus desejos.
A males sempre affeito, não se accende
Na torpe fantasia a luz brilhante
De fartas mentirosas esperanças.
Nem com legados, quintas, beneficios,
Promessas e presentes, póde um velho
O curvo anzol cevar, para pescar-me.
O peixe já sangrado desconfia,
Se vê surdir a isca á tona d'agua.
Eu que o trapo mordi, e que inda tenho
As cicatrizes da farpada ponta,

Nunca mais cahirei em esparrellas.
Antes quero jazer na estreita lapa,
Que embrulhado ficar em negras redes.
Mas para que poeta não me chames,
Quero o ponto explicar-te; attento escuta.
Naquelles priscos tempos que fallavão
Os animaes, as arvores, as pedras,
O cerval lobo, a calida rapoza,
Em juizo accusava e lhe pedia
Restituição do furto que fizéra:
Um mono petulante, mas sizudo,
Era o juiz, que as partes escutava;
E lançando a sentença, disse ao lobo:
« Não julgo que te falta o que tu pedes;
« Porém creio, ó raposa, que roubaste
« O que negas com tanta subtileza »
Esta fabula, amigo, nos ensina,
Que quem mente por genio e por costume,
Quando diz a verdade, não é crido.
Agora applica o conto: e lá comtigo
Pésa bem as razões, as vãs promessas
Com que um astuto velho marralheiro
(A ti que leste Tacito e Commines)
Te fez estar quieto e allucinado,

Tirando-te por arte de berliques
Do nariz cascaveis, fitas da bocca.
O Prazo de Valdeste são os filtros
Com que esta Circe torna em leões fulvos,
Em sedeudos porcos grunhidores
Do sabio Grego os fortes companheiros,
Que em falsas apparencias embebidos,
Entrão nos paços da famosa bruxa.
Não julgues tão boçal este moleque,
Que saia da senzala por missanga.
Ao Minho passarei, se tu quizeres,
Nos altos tectos, onde já brilhárão
Preciosos rubins a agazalhar-me;
E sem mais esperança, que o desejo
De ver-te, de tratar-te e de passarmos
Bocejando a miudo as frias noites
Do enregelado inverno, que já chega;
Á roda da fogueira aqueceremos
As engelhadas mãos: d'entre o brazido,
Saltando as rebordãs, que na deveza
O Domingos colheo inda orvalhadas.
Alli te contarei como em Lisboa
Se dourão os carrinhos sem dinheiro;
Como tafa o José, como o Lourenço,

Que Duque foi no pateo e Conde em Cintra.
Agora se vai pôr a chapeleiro;
E a pallida infeliz Sebastiana
Condemnada a torcer negras prezilhas:
E se disto me ouvires, te enfadasses,
Tangendo a doce lyra em brando verso,
Mil hymnos cantaria á tua Laura,
Á tua Catharina, Dulcinéa,
Por quem vences Chimeras e Gigantes;
E tomando no lar um carvão liso,
Te pintára o retrato na parede
Daquelles olhos onde tu suspiras,
Por quem vives e morres de saudade.
Que facil é sonhar felicidades!
Tu já rico me crês: eu já supponho,
Agora que te escrevo, e que te fallo.
Mas esta scena subito se muda;
O Chico mostra rotos os sapatos:
Uma quer lenços, outra quer roupinhas;
O Nadegas dinheiro para a ceia;
Á porta está batendo o alfaiate.
Se alguem aos cães lançou os patrios ossos,
Se foi traidor á patria, se é falsario,
Seja lançado a filhos e credores.

III.

SE não te enjôas de comer sem pompa
Em toalhas do Minho, em pobre meza,
Onde não tine a rica porçolana,
Nem cansa os olhos tremulo reflexo
De burnida colhér, de refulgente
Britannico saleiro, caro amigo,
Sabio, illustre Sarmento; ou não te assusta
O suspeito convite de um poeta
Affeito a dura fome, a duro frio,
Cujo humilde tugurio Noto açouta,
E Africo lhe arrepia as leves telhas,
Hoje pódes cear na Fonte-Santa:
Melhor que o Falerno, o rôxo sumo
Por sordidos Galegos trasfegado,
Na fertil margem do ceruleo Douro
Alegres beberemos. Na cozinha

Estala a secca lenha, brilha o fogo,
O negro bicho, ou negro cozinheiro,
Enroscado no espeto fica assando
Um lombo corpulento. Agora deixa
As serias reflexões, as esperanças
Da branca vara, da soberba toga,
Das rascôas vizinhas, lumes fatuos,
Que observas com teu longo telescopio.
A desabrida noite nos convida
A que juntos passemos poucas horas
Em doce trato, em doce companhia:
Teremos bons parceiros, cartas novas,
E em ruivos castiçaes de pexisbeque
Arderão duas candidas bugias.
Já na meza fumega o precioso
Natural elixir do rico Oriente,
O bom chá quotidiano, mais pedido,
Que o pão de cada dia, nesta casa.
Fóra uma cã lancemos; que não falta
Quem farte o molle ventre com garofos
Para da burra ver entre os ferrolhos
Pendentes barambazes das aranhas.
Não me namorão fartos testamentos,
Opulentas heranças; a meus filhos

Basta só que lhes deixe para exemplo
A nobre tradição, de que descendem
De um pae, que detestou a vil lisonja
Sem humilhar-se ao cheiro do despacho;
Que abrio novo caminho para o Pindo;
Que leo, e que estudou; e que aprendia
Ao menos a zombar da má fortuna;
Que illustres bons amigos o buscavão,
Como allivio da barbara tortura
De conversar com Getas e Tapuyas.

IV.

Ao Exmo Snr Conde de Oeiras, Secretario do Estado.

SE em teus constantes hombros firmemente
O solio portuguez feliz descansa;
Se a forte mão nos olhos da justiça
Ata a sagrada venda; se repartes
C'o as ilustres acções o justo premio,
C'os vicios detestaveis o castigo;
Se ditas as leis santas que segurão
O publico socego, se c'o exemplo
Promoves a virtude, peccaria,
Carvalho excelso, a distrahir com versos,
De tão nobre tarefa o teu cuidado.
Porém, senhor, é justo que a verdade,
Que abertos acha sempre os teus ouvidos
Uma vez te entretenha c'os louvores
Que todos te votamos; Mazarino
Richelieu ou Colbert, em quanto vivos

A patria levantárão, nem por isso
Deixou o cego vulgo de increpa-los;
Foi preciso que a morte lhe escrevesse
Na fria campa os claros elogios.
Porém tu, entre nós vivo e presente
Mereces e consegues que te louvem.
Louvamos-te, senhor, porque repulsas
A lisonja infiel, o dolo infame,
A tyranna soberba, a vil preguiça,
Louvamos-te, senhor, porque levantas
A destroçada patria das ruinas,
Porque a fazes melhor, porque a despertas
Do barbaro lethargo da indolencia.
O commercio florente que diriges
E que as forças augmentas, nos promette
Uma nova ventura não sonhada
Dos antigos errados interesses
Com malicia sómente combinados:
Rompendo as feias sombras da mentira,
Vem raiando a verdade, o negro rosto
Tapa com as mãos o engano, e despojado
Do credito sophistico bramindo
Vae fugindo de nós, e de teu nome:
Assim depois da feia tempestade

Que os mares agitára, que encobrira
A clara luz do sol com pardas nuvens,
Torna a brilhar o dia mais sereno
Mais alegre e formoso, e no afastado
Inda escuro horisonte ir-se escondendo
As voragens observa o navegante.
Nem sempre o patrio Tejo como escravo
Ha de sofrer as quilhas estrangeiras
Que as auriferas veias lhe sangravão
Que as forças lhe abatião, que soberbos
Não exigião cambio, mas tributo.
Nem sempre os nossos campos escalvados
Hão de incultos jazer; o curvo arado
Já rasga a fertil terra, em novos sulcos
A mão do lavrador lança a semente.
Já ondeão nos montes mais agrestes
As compridas varas, pelos valles
Pascem ao som da frauta dos pastores
Os brancos e castanhos armentios :
Emquanto guarda as cabras petulante
A simples pastorinha, do forcado
A não tingida lã tira cantando.
Á sombra do teu nome as boas artes
O luso reino a povoar acodem.

Ellas, senhor, farão menos preciso
O inutil luxo, dantes animado
Pela falsa tenção de extranha gente.
A gloria, o bem commum, os interesses
Da já feliz nação com teu amparo
A infallivel systema reduzidos
Nova gloria recebem: Minho e Douro
Que os rôxos frutos de Lyeo produzem
Guardão nos altos choupos enredados
As vides retorcidas, sem que vejão
Colher a alheia mão os doces frutos.
Longo tempo opprimido e manietado
Pela inercia infeliz no rico leito
Jazeo o Grão Pará; o céo guardado
Tinha só para ti que lhe rompesses
As pesadas algemas, logo ouvimos
Abrir os fortes braços, revolvendo
O corpo entorpecido e fóra d'agua
Alegre sacudir as cãs de prata:
Logo as limosas mãos aos céos erguendo
Com lagrimas banhando o rosto afflicto
Ao sempre eterno Autor da natureza
Que te guarde, lhe roga, que te guarde
Porque o jugo cruel da hypocrisia

Com heroico valor despedaçaste.
Para os fragmentos olha, e curva mostra
Atrellada cerviz ; vê-se a cobiça
Que precarias doutrinas lhe ensinava
Attonita bramir; tapa os ouvidos
E os sempre abertos olhos (não cansada)
Mas já vencida, fecha. Mal resiste
Aos fulminantes raios da verdade
Com que tu lhe appareces, com que mostras
Do sacro Vaticano a lei divina,
Do luso throno o resplendor sagrado.
Envergonhada já, da negra bocca
Entre espumas de sangue, mil blasphemias
Fanatica vomita, e descorada
Ao fraco peito as viboras da inveja
Enroscadas no braço convulsivo
Applica, e aos remorsos comdemnada
Do falso rito quebra as torpes aras.
Já reconhece justo o zelo santo
Dos sagrados pastores que benignos
Tantas vezes em vão pios clamárão.
Appareceste, já o negro espectro
Da infame rebeldia, que impaciente
Lhe atormenta a memoria c'os delictos,

C'os infames delictos revoltosos
Que do clemente rei os bons designios
Contentar intentárão, que insolentes
Illudindo as leis santas pretendião
Ingratos sacudir o doce jugo.
Emfim, senhor, tu lhe acudiste
Com paternal amor, do captiveiro
As opprimidas almas libertaste,
Ao pedestal da estatua de teu nome
Pendentes fiquem os grilhões quebrados.
Mas, que subito medo, discorrendo
Pelas veias o sangue me congela!
Palpita o coração, a voz não chega
Ás seccas fauces! Vejo, não me engano,
Pelas praias vagar do patrio Tejo
Um espectro cruel de monstro horrendo!
No medonho semblante lhe sibilão
Entre chammas azues negras serpentes;
Os olhos coruscantes, convulsivos
A toda a parte vira; a curva fouce
Da morte traz na mão com sangue tinta;
Trez vezes a cabeça sacudindo,
Sobre a areia soltou negro chuveiro
De viboras raivosas, que silvando

Ora estendem a cauda, ora se enroscão
Lá das linguas farpadas sacudindo
Colerico veneno, inficionavão
Os ares de Lisboa. És tu Discordia
Pela horrivel traição estás chamando,
Mordendo os negros beiços, louca brada
Pela furia cruel, té que do inferno
Com medonho ruido se quebrárão
As ferreas portas ; negro, espesso fumo
Té a lua subio, em que revolvem
Raivosos furacões, negros coriscos ;
Sahio o negro monstro com dous rostos
Mas, cobarde outra vez quer retirar-se.
Não póde porque os passos lhe impedião
A má hypocrisia, a triste inveja,
A vil cobiça, a rispida soberba.
Alli bramindo, alli funesta liga
Allucinada jurão ; já preparão
Instrumentos mortaes, o ferro e o fogo
Nas fracas mãos lhe brilha tristemente
Com que a patria assolar pretende o inferno ;
Correm traidores perfidos, que infames
O regio sangue com furor derramão,
A patria clama, clamão as virtudes

Do grande e justo rei, clamão favores
Pelos mesmos ingratos recebidos;
Mas em vão clamão, os crueis não ouvem
O céo, o céo ouvia do afflicto Remo
O justo pranto, manda que o soccorras
Tu, que nasceste para ser dos vicios
Asperrimo censor, tu lhe acodiste
Carvalho excelso, pae dos Portuguezes,
Com a prompta justiça, acautelada.
Os duros ferros mordem furiosos
Já os monstros crueis, a consciencia
De seu proprio remorso atravessada
Em vão lhe dita os meios fraudulentos
De negar o delicto commettido.
Jurão, blasphemão, té que convencidos
Cheios de confusão e de vergonha
Com as vidas no infame cadafalso
Vão purgar a sacrilega maldade.
Assim a patria salvas, assim quebras
Da vil ingratidão as duras armas:
Assim conservas forte e justiceiro
Da santa paz as aras venturosas
Em que jurar teu nome já podemos,
Se corôas tem o céo para as virtudes.

Mas, que faustos, senhor, que monumentos
A teu nome erguerá o reino luso
Se quizer transmittir toda a ventura
Dos nossos dias aos vindouros dias!
Que versos, ou que marmores, que esiatuas
Contar-lhe poderão as leis sagradas
Com que os vicios domaste! Os feios vicios
Que furias são do Averno atropellados
Das leis com que os fulminas, de raivosos
A dura terra mordem; a aleivosia
Rasgando a torpe mascara se esconde
E o teimoso litigio da discordia
Apaga a feia chamma; emfim de Themis
A teu lado se adora a santa imagem,
A balança fiel tu lhe equilibras,
Na mão lhe pões o refulgente estoque;
Tu fazes que se tema e se respeite
Sem que seja de nós aborrecida.
A virtude promoves, a virtude
Com que a cerviz a todos nos ensinas
Com que nos mandas desejar a gloria,
Aquella gloria, que na boa idade
Das antigas façanhas portuguezas,
Os Castros ensinou e os Albuquerques

A expor a doce vida pela fama,
Que adornou teus illustres ascendentes
Das heroicas virtudes que hoje vemos
Transmigradas em ti, ou excedidas;
Das que forças te dão para susteres
O formidavel peso dos negocios
Que o grande rei te entrega, que resolves
Pelas mesmas virtudes regulado;
Que eterno te farão nos nossos peitos,
Sem que a torpe lisonja se misture
C'os publicos louvores que te damos
C'os grandes elogios que mereces.

V.

Falla do infante D. Pedro, Duque de Coimbra, aos Portuguezes, querendo-lhe levantar uma estatua pelo seu bom governo, o que elle não consentio.

NÃO, lusitano povo, eu não consinto
Que estatua ao meu nome se dedique:
O amor da patria, o zelo da justiça,
Não sêde de mandar, ou de vangloria,
Me fez tomar as redeas do governo:
Se fui clemente, justiceiro ou pio,
Obrei o que devia. É mui pesada
A sujeição do sceptro; e quem domina
Não tem a seu arbitrio as leis sagradas:
Fiel executor deve cumpri-las;
Mas não póde altera-las. É o throno
Cadeira da justiça: quem se assenta
Em tão alto lugar, fica sujeito
Á mais severa lei: perde a vontade;
Qualquer descuido chega a ser enorme,
Detestavel, sacrilego delicto!

Quando no horizonte o sol espalha
Sobre a face da terra a luz do dia,
Ninguem a admira, todos a conhecem;
Mas se eclipsado acaso se perturba,
Nesse instante infeliz todos se assustão;
Todos o observão, todos o receião.
Logo se premiei sempre a virtude,
Se os vicios castiguei, nada mereço.
E não queirais, vassallos generosos,
Lisonjeiros tentar minha constancia,
Honrosa estatua pretendendo erguer me,
Porque bem vos regi; pois eu não devo
Condescender comvosco; infamaria
Da alta virtude as maximas constantes,
Com que austero emprendi do regio throno
O accesso defender aos vicios torpes.
Se delle afugentei sempre a mentira,
A lisonja infiel, o astuto engano;
Não queirais offuscar minha memoria,
Provocando-me a collocar no solio
Um injurioso exemplo da vaidade,
Um padrão da lisonja. A fama illustre
Deve durar na tradição intacta,
Sem a nota de fragil. Fôra impropria

A gloria que me dais, se nessa estatua
Descobrissem os seculos futuros
As maculas horrendas da vangloria.
Vós mesmos, vossos filhos, vossos netos,
De tão clara doutrina convencidos,
Ou do tempo melhor aconselhados,
A mesma estatua, que quereis attentos,
Agradecidos hoje levantar-me,
Amanhã se veria derribada
Em pedaços jazer: com páos e pedras
Os olhos lhe tirarem; que a fortuna
Ligada co' a inveja e co' a soberba
Não deixa durar muito os elogios.
Porém se vós, illustres Portuguezes,
Desejais conservar meu nome eterno;
Não é preciso o marmore soberbo,
Basta-me a tradição de pais a filhos,
Com fiel saudade transmittida.
Este o jaspe, este o bronze, em que pretendo
O meu nome esculpir: chegue aos vindouros
Sem perder o caracter, que o fez grande:
Lembre-se o benemerito do premio;
Recorde se o culpado do castigo;
Todo o Reino do publico descanso,

Em florente commercio em paz segura:
Mas haja quem se lembre deste caso,
E quem diga, que rejeitei modesto
As honras de uma estatua; e que estas honras
Quem chega com justiça a merece-las,
Tambem sabe atrever-se a despreza-las.

Acabou de fallar; e os circumstantes,
Immoveis e calados, parecião
Outras tantas estatuas dedicadas
Á regencia feliz do sabio Infante.

VI.

Á feliz acclamação do Snr Rei D. José I de gloriosa memoria.

ROMANCE HENDECASYLLABO.

SUBI, senhor, ao throno lusitano
A restaurar a perda de un monarcha,
Que chora Portugal, para que seja
Allivio da saudade a semelhança.

Acceitai os obsequios da lealdade,
Que o Reino vos tributa e vos consagra,
E em reciprocos votos a ventura
Illumine de amor a nobre chamma.

Arda nos corações, que a augusta ideia
Das heroicas virtudes nos abraza,
Debuxando o prototypo dos cultos
A imagem da justiça, que se exalta.

Acclama, Lysia, o numen respeitado,
Que a regia successão o sceptro chama
Oução medrosas nos remotos climas
O augusto nome, as nações estranhas.

Asia rica, theatro das victorias,
Que o luso esforço consagrou á Fama,
Nas ribeiras do Ganges fertiliza
Para novas conquistas, novas palmas.

Nas entranhas da America opulenta,
Ao brilhante metal, delphica chamma,
Para diademas vos formar eternos
Vivifique em preciosas abundancias.

Na barbara região da Africa adusta
Temerosa a ousadia mauritana
Veja eclipsar as luas dos turbantes,
A ruina que o Tejo lhe prepara.

Os echos bastarão do vosso nome,
Para que Europa toda attenta e sabia,
Na construcção do estatico socego
De Portugal respeite as allianças.

Moderem os impulsos da piedade
Das justas leis a execução sagrada,
Sem que a justiça ao merito se negue,
Sem que o delicto indomito se faça.

Na disciplina militar se ensaia
O luso braço que empunhando a espada,
Será nobre terror dos inimigos,
Será da patria invicta segurança.

Na protecção das letras felizmente
De vosso influxo a erudição renasça.
Os Virgilios, os Tullios se descubrão,
Que atégora Lisboa occulta avara.

Doutas maximas, ethicas doutrinas,
Ministros sejão das acções preclaras,
Que entre os mysterios da razão de estado,
Hão de mover as bellicas campanhas.

Emfim, senhor, a gloria portugueza,
Que Europa admira, que respeita a Asia,
Torna a brilhar nos ambitos do mundo,
Donde o sol morre, aonde a aurora raia.

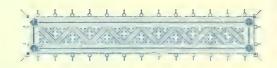
Vivei feliz, e governai glorioso,
Do mundo espanto, admiração da patria,
Ostentem para assombro do futuro
O ouro lemas, os pórfidos estatuas.

Vivei, reinae, o tempo vos respeite
Ou absorto ou rendido, emquanto a fama
No templo da memoria vos desenha
Eternos bustos, inclytas medalhas.

SATYRAS.

I.

O poeta.

— « CORYDON, Corydon, que negro fado,
Que frenezi te obriga a ser poeta?
Que esperas de teus versos? Ainda esperas
Pelos antigos seculos dourados,
Quando achavão Mecenas bons engenhos?
Não sabes que das Musas portuguezas
Foi sempre um hospital o Capitolio?
Viste já, que seis urcos arrastassem
Em douradas berlindas um poeta?
Não escreve *Luziadas* quem janta
Em toalhas de Flandres; quem estuda
Em camarins forrados de damasco.
Quanto mais que estes versos qu'assoalhas,
São trovas, de que os doudos escarnecem;
Sem que lhes valha o titulo estrondoso
Com que talvez pretendes baptizal-o.

Odes lhes chamas tu? Elles murmurão
Não sei de que palavras. Outro dia
Me disse Fabio o douto, o longo Fabio,
Que destes bolos o chavão não tinhas;
Que no *alcaide* fallaste, e nos *bugios*,
Nos *descalços trombetas*, termos chulos,
E vedados a melicos cantores.
Pois um Matuzio, o fallador Matuzio,
Que inda mais livros leo de quantos teve
Ptolomeo, e conserva o Vaticano,
Nesta mesma bigorna lá de longe
Co' a pezada cabeça te martella:
Que furia te tentou com tal *alcaide*?
Antes *tribuno*, ou já lictor dicesses,
E se sabes francez *sergent*, seria
Enfeitar o teu cepo mais á moda:
Mas tu não fallas? calas-te? que dizes? ».
— « Que hei de dizer, Calfurnio! Que já cedo
Como Horacio aos prestigios de Canidia,
Que as mãos te dou a ti, e aos bons letrados
Lycurgos e Ulpianos de palavras,
Com que me allegas, com que me intimidas.
Que alegre borrarei o nome de *ode*
Dos versos meus, que por desastre virão:

Feliz eu, se consigo com dous rasgos
Da penna, que maneio tão ligeiro,
Escapar aos malsins que me pesquizão. »
— « E não fôra melhor que te deixasses,
De uma arte desgraçada, que os prudentes
Já calvos Salomões, Padres conscriptos
Aborrecem, desprezão e condemnão?
Almotacel que queiras ser de um bairro,
Excluido serás sendo poeta.
Antes de ti se diga, que perdeste
O dote da mulher, o pão dos filhos,
Porque Gelonio teve quatro d' honras.
Antes de ti se diga, que roubaste
Ao pobre caminhante dez cruzados;
Que violaste as vestaes; que em vão juraste;
Que és bruxo, delator, que és um falsario:
Tudo o tempo consome, tudo esquece,
Tudo dourão riquezas; mas poeta!
E furia sem remedio, é cão damnado,
Todos o apupão, todos o apedrejão!
Tu andas pelas ruas mui contente
Com teus grandes canhões empertigado,
Inda que baixo e fusco, vais cuidando
Que reparão em ti, que todos dizem,

Com o dedo mostrando a má figura ·
« Eis o grande poeta, que nos trouxe
A galante invenção de *versos soltos,*
O contagio das *odes,* que atrevido
Quer extirpar a seita dos sonetos. »
Mas quanto, Corydon, quanto te enganas!
É certo que te apontão; mas bradando:
« Lá vai o novo Horacio autor da ode
Varra o credor soberbo a pobre casa
C'o desabrido alcaide. » Circumspectos
Embicando no *varra,* e mais no *alcaide*
Põe as mãos na cabeça. Clamão que *odes*
Nunca virão com termos tão rasteiros;
Pensamentos que forão condemnados
Nos rusticos escolios de Lucilio! »
— « Basta, Calfurnio meu, ante os juizes,
Que tão boa sentença proferirão,
Quizera retractar me; e te prometto,
De abjurar o estylo que seguia.
Buscarei novas phrases, novos termos,
A lingua fallarei de Palainhos;
As minhas trovas, meus humildes versos,
Eu te juro, que nunca mais lhes falte
O sonoro *zão zão* dos consoantes.

Magestosas ideias sybillinas,
E outros taes atavios, com que arreião
Suas composições esses bons mestres.
Mas tu que tens a dita de pizares
O portico sagrado de outra Athenas;
Que és estudante, e foste preservado
Da culpa original da pobre Arcadia,
Descendente do Adão do grande monte,
Que larga as cãs de prata no Mondego;
Por ancião famoso e conhecido,
Vai, e por mim o oraculo consulta,
Pergunta se tambem o Venuzino
Clara estrella polar, o velho Horacio,
Errou na opinião desses Cujacios,
Quando chamou sem pejo dentro em Roma
Ante a face de Augusto, em suas odes
Garridos espadões, a mil eunuchos;
Ao bom Afio chamou *vil usurario*,
Ao Mevio *fedorento*: mastim a outro,
Bruxa a Canidia; se varou em terra
Seu baixel alteroso, quando dice
De un máo liberto, prodigo e soberbo,
Que fôra do verdugo c'o azurrague
Nas costas fustigado até incharem

Ao gritador porteiro as cordoveias
Do vermelho pescoço que suava.
Não te fallo na velha deshonesta,
Que os falsos arrebiques lhe cahião
Pelo verde semblante descorado,
Como o vermelho barro no alto monte
Em laivos se derrama, quando a chuva
Principia a correr em enxurrada... »
— « Repara, Corydon, que nessas odes
As palavras que allegas são latinas. »
— « Logo póde em latim dizer-se *preco*,
Porteiro em portuguez é condemnado !
Ora, Calfurnio, vai-te ; em paz me deixa,
Que nem me lembro já de taes doutores
Qual o grande rafeiro, que seguindo
O dono vai, sem reparar nos fracos,
Insolentes cachorros da cidade,
Que ora lhe ladrão, ora lh'os açulão,
Mal lhe volta o focinho arreganhado,
E o lizo agudo dente que branqueja,
Qual a fouce da morte, os intimida.
Justo, porém, será que tu lhes digas,
Que varra cada qual sua testada ;
Que assás borbulhas tem para coçar se ;

Que seus *versos* não leio, que não leião
Elles os *versos* meus, *odes*, ou *trovas*;
Não lhes quebro os ouvidos, não os canso
Co' a importuna lição dos meus poemas:
N'Arcadia os leio; alguns de seus pastores,
A quem verde hera cinge e adorna a fronte,
Pejo não tem de lê-los, e approva-los.
Que se guardem de mim, porque se peço
Ao campeão de Apulia a longa espada,
Com que fendia as costas dos Romanos,
Nem a maldita fama bolorenta
De seus celebres nomes esquecidos,
Ilesa deixarei; serão cantados,
E fabula do povo em toda a idade.

II.

Sobre a imitação dos antigos.

NÃO posso, amavel Conde, sujeitar-me
A que ás cegas se imitem os antigos;
Quero dizer, aquelles Portuguezes,
A que hoje chamamos *quinhentistas:*
O bom Sá, bom Ferreira, o bom Bernardes,
Forão grandes poetas; qualquer delles
Foi discreto, e foi sabio; emfim as Musas
Lhe embalárão o berço, e lhe cobrirão
Com murta, e com loureiro a sepultura,
Mas nem por isso os pobres escapárão
Á culpa original; tem suas faltas,
Tem seus altos e baixos, tem sedeiros,
Onde dá c'os focinhos um pedante,
Que vá por onde fôr, ha da segui-los,
Que ha de furtar-lhe tudo quanto dizem,
E seja bom, ou máo, isso que importa?

O ponto está que o diga algum d'aquelles
Que Craesbeeck imprimio : a maior teima !
As Graças são muchachas, são rizonhas,
São faceis, são suaves : elles querem
Á força pôr-lhe brancas e bigodes,
E não lh'os sabem pôr : que é o que eu digo ?
Imitão o peior ; mas não imitão
Os versos mais canoros e correntes,
A sizada dicção, a phrase pura ;
Aquelle attico sal, que não conhece
Quem nunca vio o portico de Athenas
Sequer em caixas opticas pintado ;
Isto é, Anacreonte traduzido,
Aristophanes, Sophocles e Sapho :
Sem que fique de fóra o bom Homero,
E outros, em quem poder não teve a morte.
Para imitares tu, senhor, os feitos
De teus claros maiores, necessitas
De calças e gibão ? Se hoje sahisses
Com jaquete e golilha, quem seria
Tão serio, e tão sizudo, que pudesse
Conter o rizo ? Nada te valêra
Responder-lhe gritando, « que imitavas
Os distinctos avós, que dos Noronhas

A prosapia exaltárão generosa
Nos seculos passados. » Todos sabem
Que o valor não consiste nos vestidos,
Antes seguem as modas. A virtude
Assiste com socego inalteravel
Nos grandes corações. Ora esta regra
Corre a nivel d'altura do Parnaso.
Imite-se a pureza dos antigos,
Mas sem escravidão, com gosto livre,
Com polida dicção, com phrase nova,
Que a fez, ou adoptou a nossa idade.
Ao tempo estão sujeitas as palavras ;
Umas se fazem velhas, outras nascem :
Assim vemos a fertil primavera,
Encher de folhas ao robusto tronco,
A quem despio o inverno desabrido.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes :
Camões dizia *imigo*, eu *inimigo ;*
O ponto está que ambos expliquemos
Aquillo que pensamos. A energia
Do discurso e da phrase não consiste
No feitio das vozes, mas na força :
Salvo, conforme aos garrulos trovistas,
Que não te chamão *justo*, sem chamar-te

Ou *robusto*, ou *augusto* : inda que sabio
Detestas a lisonja. O raro Apelles
Rubens e Raphael, inimitaveis
Não se fizerão pela côr das tintas ;
A mistura elegante os fez eternos.
Quem não percebe bem este segredo,
Cuida que em dizer *mór* tem dito tudo :
Que muito, se não ha discernimento,
E reina a affectação ! Vejo pedantes
Trepados em cadeiras, descompondo
Os mais honrados cidadãos de Athenas.
Sem razão, nem vergonha : e vejo gente
Prudente e sabia embasbacar nos gestos
Do mono petulante ! Muito póde
A opinião, a teima ou o capricho !
E o pedantismo póde mais que tudo,
Pois arrasta a razão, piza a verdade ;
E em sabendo servir-se da lisonja,
Vôa por esses ares, sobe ao cume,
Onde a vaidosa ideia ergueo o templo
Da fantastica fama. Alli se abraça
A soberba e a vaidade co' a preguiça.
Vive a ignorancia alli, dalli pretende
Dictar as leis ao mundo. Mas que digo?

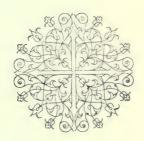
Que furor atrevido me arrebata ?
Que demonio me inspira allegorias,
Sem permissão do tribunal censorio
Dos criticos modernos ? Não é moda
Um estro nobre, tudo está mudado :
Ha pragmatica nova, estreitas regras,
Que obriga a jejuarmos, poesia
Tem longa quarentena ; e não me espanta
Ver poetas mirrados, se a abstinencia
Das clausuras fugio para o Parnaso.
Os nobres Portuguezes, christãos velhos,
Acaso são gentios, como forão
Pindaro, Homero, Sophocles, Virgilio,
Para inventarem cousas inauditas ?
Fabulas novas ? Bastão as pinturas
De quatro bagatellas : uma fonte,
Um bosque, um rio, um campo, um arvoredo,
Um rebanho de cabras, dous pastores
Com cajado e surrão ; uma pastora,
Que se está vendo n'agua : ha melhor cousa ?
Quem póde fazer mais ? Que nos importa
Que o verso seja frouxo ou deslocado,
Sem grammatica a phrase, sem pureza,
E sem graça a dicção ; ou emfim tudo

Sem connexão, sem ordem, sem juizo?
O caso está que lembrem as pedrinhas
Lá no fundo do rio, sem que esqueça
A gaita do pastor, nem os abraços
Da simples pastorinha: e que as palavras
Sejão humildes, velhas e caducas
Sequer de quando em quando. Ah! senhor Conde!
Se isto é ser bom poeta, bom poeta
Eu o prometto ser em pouco tempo.
Mas tu, senhor, bem sabes quanto custa
Ser fidalgo da casa do deos louro:
Não se compra a dispensa com dinheiro,
Nem vale ter o pai no Desembargo;
Mas é preciso grande genio, longo
E escolhido estudo; ouvir a todos,
Seguir a poucos; conversar c'os mortos,
Quero dizer, c'os livros todo o dia,
E toda a noite: alli se faça branco
O cabello que foi ou preto, ou louro.

I.

Os brilhantes trançados enastrando
Com verde mirto, com cheirosas flores,
Nos lindos olhos vivo rutilando
O doce lume
Do cego Nume,
Alvas donzellas,
A quem vos ama,
Da crespa rama,
Que Bassareo
Ao mundo deo.

Co' as brancas mãos no copo crystallino
Lançai ligeiras
Louro Falerno, rub'do Sabino;
Eia, voai,
Deitai, deitai;
Gró gró, tá tá,
Que cheio está.
Ora brindemos

DITHYRAMBOS

As gentis Graças, castos Amores :
No mar lancemos
Rixas, tristezas, magoas, temores.

Mas de coradas nuvens, afumados
Vejo em torno girar os negros montes :
Candida espuma
De purpureas fontes
Ferve, e se enleia
Na crespa veia,
Com que o ribeiro
Corre ligeiro.

Por entre as aveleiras buliçosas
Das balsas espinhosas,
Mil capripedos satyros auritos,
E mil Faunos brincões,
Já vem saltando,
A terra c'o ruidoso pé trilhando.

Sincinnas choreias,
Bistonidas feias
Formão bradando :
Evoé, Saboé,

Amores inspira,
O' doce Leneo,
Amores bebamos,
Do peito lancemos
Os sustos, temores,
Nos copos já temos
As Graças, Amores,

Evoé,
O' padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareo.

As ferulas protervas coriscando,
Entre as cervinas pe'les maculosas
Derramão brilhantes
Tremulas estrellas,
Sobre as soltas bellas
Fulguricrinantes
Tranças pampinosas
Das thyrsigeras Thyadas raivosas.
Corycio escutando
O phrygio clamor,
Está ululando
Com triste fragor.

Sobre o prado amero
Tremilhicando o pávido Sileno,
Do ebrifestivo copo que trasborda
Pela micante borda
Deixa entornar, com rubicundo rosto,
O cheiroso rubi, o quente mosto:
Encrespou o nariz, e sacudindo
Os humidos bigodes, ficou rindo.

Evoé,
O' padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareo.

Com Tyrso potente,
Em carro luzente
De tigres puxado,
Dourando este dia,
Desterra o cuidado,
E traze alegria.

Evoé,
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareo.

Os copos brilhantes
O bom nictileo
Em brindes retinem,
E amor adejando
Co' as azas rorantes,
Se está mergulhando
Em ondas brilhantes.

Evoé,
O' Padre Lyeo.
Saboé,
Evan Bassareo.

II.

Ao Snr Antonio Diniz da Cruz e Silva, socio da Arcadia.

BACCHO, Elpino, cantemos, dá-me o bromio
Oh! que bem que elle sôa! Eu toco; canta
Baccho, Baccho, evoé.
Mas que fazes? Não ouves? Olha, escuta
O estrepito sonoro
Da confusa Thymele.
Não saltas? Não te alegras,? Olha, escuta.
Baccho, Baccho, evoé.

Os olhos tens chorosos; somnolento,
Estupido o semblante, rubicundas
E quentes as orelhas;
O nariz frio; os braços pendurados.
Cambaleias? Tu cahes? Elpino, cahes?
Ah! Já sei; os symptomas bem conheço,
Opprime-te a ambrozia:
Nada-te o coração no licor forte,
Que corre em catadupas pelas veias.

Doce Padre Lyeo, acode, acode
Acode ao teu Elpino :
Baccho, Baccho, evoé.

Vem, vem, ó dithyrambo, se as alegres
Crepitantes lenêas te não prendem;
Se afogado do fumo dos legumes,
Os olhos esfregando as ventas torces ;
Vem, vem, qu'eu te prometto
(Por esta taça o juro)
Devoto celebrar as anthesterias :
Vem, vem Baccho, evoé.

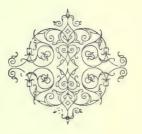
Mas, que ouço ! Escuta, Elpino :
Ouço ao longe ranger os parafusos
Dos cheirosos lagares !
Descendo pelas roscas grita a vara ;
Bom signal, evoé.

Vejo, por entre chuvas de bagaço,
Um vulto pelos ares vir batendo
Compridas azas ; mas não tem cabeça,
Não tem pés, não tem mãos :
Ah ! já na terra pouza :

Vamos Elpino ver; um odre, um odre!
És tu Baccho, evoé.

Elpino, toma, bebe
O valente elixir, que nos restaura
Das passadas fadigas,
Que aquenta os frios membros,
Que faz vermelho o velho descorado,
Que alegra a mocidade,
Que o somno concilia:
Elpino, toma bebe,
Baccho, Baccho, evoé.

MOTES E GLOSAS

I.

MARTE, faze-te da moda,
E teus temores desterra,
Que os soldados desta era
Trazem por moda uma roca.

Se queres ser namorado
Da moça mais presumida,
Deixa de paizano a vida,
Senta praça de soldado.
Traze chapéo cerceado,
Espadada a testa toda,
Casaca com pouca roda,
Nunca dinheiro comtigo;
Pois é moda tal castigo;
Marte, faze-te da moda.

Não temas a reluzente
Sanguinosa espada fria;
O pelouro, que assovia,
E que mata de repente:
Nem petardo, que estridente
A' dura porta se aferra:
Busca o desprezo da guerra
Com torvo irado semblante.
Faze-te forte, chibante,
E teus temores desterra.

Com retorcidos bigodes
Os antigos Cassuletes,
Sem rabichos, nem topetes
Trezandavão mais que bodes.
Marte, da moda bem podes
A roca brandindo fera
Mostrar, que não foi nem era
Gente de tanto valor
Para batalhas melhor,
Que os soldados desta era.

259

Inda que a roca se ponha
Como carocha aos poltrões,
Hoje seiscentos Roldões
Não tem da roca vergonha.
Empestados desta ronha,
Que trouxe moda tão louca,
Fazendo aos rapazes cóca
Em trajes de Cruz-diabo,
Nos mostrão por moda o rabo,
Trazem por moda uma rocca.

II.

De que me serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te?
Sujeitar-me a teus preceitos,
E vir outrem a lograr-te?

De que me servem gemidos
Ao céo vãmente espalhados?
Se a meus rogos magoados
Cerras, Marilia, os ouvidos?
Se mil extremos perdidos,
Perdidos só por mover-te
Chegão, cruel, a offender-te.
Se nada emfim me desculpa,
Antes, o querer-te é culpa,
De que me serve o querer-te?

261

De que me serve? Que vale,
Que o pranto meu pezaroso,
Qual ribeiro caudaloso
As duras penhas abale?
Grite, murmure ou me cale,
Nada chega a magoar-te.
Quem é que póde abrandar-te?
Se para, ingrata, mover-te,
De nada serve o querer-te,
Nem tão pouco idolatrar-te.

Cuidei que viver atado
Ao grilhão da tyrannia,
Em compaixão trocaria
Tão estranho desagrado.
Vejo-me desenganado;
Vejo em lagrimas desfeitos
Meus olhos, que tão sujèitos
Teu duro imperio rendeo;
Nada, Marilia, valeo
Sujeitar-me a teus preceitos.

Mas é tal o meu tormento,
Que heide com gosto soffrê-lo;
Pois imaginar perdê-lo
Inda é maior sentimento.
Não, Marilia, o pensamento
Não sabe deixar de amar-te;
Antes escolhe encontrar-te
Sempre ingrata, sempre esquiva,
Que ver-te emfim compassiva,
E vir outrem a lograr-te.

III.

Tudo faz o Padre Antonio.

A negra melancolia
Com os olhos no chão pôstos,
Suspiros, pranto, desgostos
Sobre os mortaes diffundia:
Quando a rizonha alegria
Apparece a tempo idoneo,
E como o brando Favonio
Dissipa a nuvem do pranto;
Mas tornar em doce canto
Tudo faz o Padre Antonio.

Tu fazes, Delfim sonoro,
Mudar em consolações
As penosas afflicções
Com o instrumento canoro:
Fazes que do Pindo o côro

Por ti deixe o lago Aonio;
Fazes descer do Telonio,
Por te ouvir o deos luzente,
E tu fazes.... Finalmente
Tudo faz o Padre Antonio.

CANTIGAS

I.

Do campo de Rio frio
Já vierão os soldados,
Trazem corações de bronze
Em dura guerra ensaiados.

Ferozes e carniceiros,
Arrastão duros canhões,
Ameaçando ruinas,
Incendios, roubos, traições.

Com pifaros e tambores
Nos atroão os ouvidos :
Os fundos valles, os montes
Gemem do estrondo feridos.

As bandeiras de Cupido
Desampararão traidores,
De linhas e baterias,
Se espantárão os Amores.

De improviso se levantão
As brancas azas abrindo ;
Ora nos ares suspensos,
Ora ás estrellas subindo.

As settas, que lhe cahirão
Ficão no campo pizadas,
Rotos os sonoros arcos,
As vendas despedaçadas.

Successo tão lastimoso
Andão as moças carpindo ;
Soltos os louros cabellos,
Descorado o rosto lindo.

Nas curvas margens do Tejo,
Que lambe a crespa corrente,
Para onde fugio Amor
Perguntão tristes á gente.

Pelos asperos outeiros,
Com seu pranto rociados,
Umas bradão por Cupido,
Outras praguejão soldados.

A seus férvidos gemidos,
O pobre não lhe responde;
Antes com panico medo
Até das moças se esconde.

Teme, que até nos paizanos,
Galharda gente mimosa!
Se ateie o fogo voraz
Da feia guerra estrondosa.

Nunca mais com brando rôgo,
Com reciprocos suspiros,
Sujeitará corações
A seus laços, a seus tiros.

Fugio Amor, escondeo-se,
Levou comsigo a alegria:
Murchárão se as lindas flores,
Apagou-se a luz do dia.

Mas quem quizer saber onde
Escondido Amor está,
Venha ver de Lylia os olhos,
As fréchas de Amor verá.

Ah! fecha, Lylia, teus olhos,
Não deixes sahir Amor,
Emquanto ouvires das armas
O desabrido fragor.

Espera que a paz dourada
Tomando ao collo os Amores,
Com os cocares dos elmos
Empennem seus passadores.

Deixa, que ardidos ginetes
Rompendo os campos talados,
Em vez de bellicos Sagres,
Arrastem curvos arados.

Então á sombra dos ramos,
Que estende o carvalho annoso,
A casta pomba arrulando
Chamará o fido esposo.

Então co' a frauta sonora
Modulando em desafio,
O teu nome ensinarei
Ás mansas aguas do rio.

II.

Cuidava que Briolanja
Era branda, como bella,
Cuidava que era marmanja,
Mais tenra do que vitella.

Mas, ai, ai, ai,
Ella é cem vezes,
E cem mil vezes
Muito mais dura,
Que onça esfaimada,
Loba malvada,
Que na espessura
Degolla as rezes.

Ao Divino Espirito Santo no anno em que servio de Imperador um filho do Illmo e Exmo Snr D. José de Alencastro.

Almo Espirito divino,
Deste imperio protector,
Inflamma os devotos peitos,
De que foste Creador.

Tu Paraclyto te chamas;
Fonte viva e sempiterna;
Incendio de caridade;
E dedo da mão paterna.

Do estellante Empyreo desce,
Nas azas de Serafins:
Anjos, thronos te acompanhem,
Potestades, Cherubins.

Já com vozes incessantes
Tres vezes Santo te acclamão :
E de tua immensa gloria
A magestade proclamão.

Abrão-se as portas do céo,
Enche de luzes a terra,
Os rebeldes inimigos
Longe de nós os desterra !

Venhão em nosso socorro
As celestes legiões,
Para a tremenda batalha
Arma-nos os corações.

Mil coriscos vomitando
Caia o dragão furibundo,
Que accezas fauces abrindo
Deseja tragar o mundo.

Derrotadas as catervas
Do caliginoso bando,
Em nossas rôxas bandeiras
A victoria está brilhando.

Sobre a dourada corôa
Do devoto imperador,
Vemos fuzilar os raios
De teu divino esplendor.

Emquanto de nossos olhos
Teu lume santo fôr guia,
Confessarão os infernos
Deste imperio a soberania.

De dourada paz gozando
Cantaremos teus louvores,
Dissipando as densas trevas
O ruido dos tambores.

Em triumpho campeando
Cantaremos a victoria,
Té ver de Sião os muros
Cobertos de immensa gloria.

Seguindo tuas bandeiras
Em teu serviço alistados,
Foliões e imperador
Somos de Christo soldados.

Armados do lume teu,
Rutilante escudo forte !
Esperaremos constantes
A curva fouce da morte.

Se nossos votos te agradão,
Se escutas nossos clamores,
Sobre a casa d'Alencastro
Chovão os teus resplendores.

Entre candidas virtudes
Com illustre heroicidade,
Esmalta os brazões do sangue
Magnanima caridade.

Qual o pelicano terno,
Que o peito de ouro rasgando
Está c'o sangue das veias
Os filhos alimentando;

Assim a grande alma illustre
Em celeste amor acceza,
O coração rasgará
Para acudir á pobreza.

Nos solios da eternidade,
Que occulta tanto mysterio,
A desejão ver c'roada
Os vassallos deste imperio.

ENDECHAS

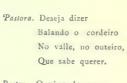
I.

Pastora. QUEM amor não tem,
Não tem coração,
De branda affeição
Alma se mantem.

Pastor. Mas quem amor tem
Serve á crueldade,
E da liberdade,
Não conhece o bem.

Pastora. De dois corações
Reciprocas dores
Dos gentis Amores
São arco, e farpões.

Pastor. O lindo volver
D'uns olhos rendidos,
Em peitos feridos
Derrama o prazer

Pastora. Deseja dizer
Balando o cordeiro
No valle, no outeiro,
Que sabe querer.

Pastor. O pêgo do mar
Á praia nas fragas,
Quebrando mil vagas
A vem abraçar.

Pastora. Que bom fôra Amor
Se fôra leal;
Mas é grande mal,
Que seja traidor.

Pastor. Se em amor não ha
Singelas tenções;
De enganos, traições
Quem não fugirá?

Pastora. Bem posso mostrar
Quem te ama fiel.

Pastor. De quem é cruel,
Que devo esperar?

Pastora. Se me amas, pastor,
Sou fida pastora.
Pastor. Se não és traidora,
Já creio em Amor.

Ambos. Que doce prazer
Não sente quem ama.
Pastora. Tão suave chamma
Deixemo-la arder.

II.

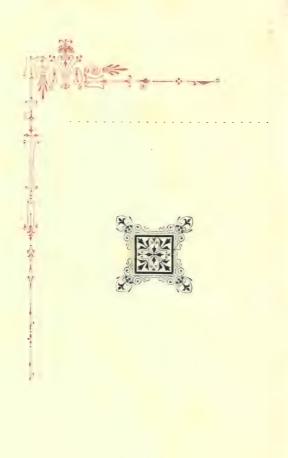
Em mil agonias
Cercado de abrolhos
As noites, os dias
Me deixão Licori.
Depois que teus olhos
Os meus captivárão,
E me sujeitárão
A tanto rigor.

Se tratas assim
Com tal tyrannia,
Quem por ti se inflamma
A quem te não ama;
Que mais lhe faria
O teu desamor ?

PARTE II

THEATRO NOVO

DRAMA.

Actores.

Aprigio Fafes,

Aldonsa } suas filhas
Branca }

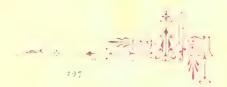
Arthur Bigodes, mineiro e compadre de Aprigio.

Jofre Gavino, musico e mestre de Aldonsa.

Inigo, actor.

Braz, Licenciado.

Monsieur **Arnaldo**, architecto.

Doutor **Gil Leinel**, poeta.

Vale mais a fortuna, que a sciencia:
O coração presago é o piloto
Com que se arroja ao mar quem Deos ajuda.
Ha delgado chatim, que mal entende
Que dous e tres são cinco, e sempre ganha,
Ou no contrato lance, ou na commenda:
E quantos vemos nós com guarda-livros,
Com seiscentos caixeiros zigues-zigues
Dar c'os bodes na arêa, e nas esquinas
O bom nome servir-lhes de epitaphio!
Mas deixando preambulos, approvo
A idéa do theatro; é bom projecto,
O ponto só consiste em desbancarmos
O da rua do Conde e Bairro Alto.

Aprigio.

Senhor Arthur Bigodes, meu compadre,
Quem tem tão bom amigo, não duvida
De abalançar-se á mais custosa empreza;
Este meu tal e qual pouco bestunto,
O trago prenhe sempre e recheiado
De soberbas ideas; mas não tinha
Calor bastante na myrrada bolsa.

Para o braço chegar a executa-las.
O céo bem sabe, quantas vezes, quantas,
Vociferando, disse: Em hora infausta,
Por longos mares, d'entre nós fugindo,
Se ausentou meu compadre Arthur Bigodes;
Coração de Alexandre, farto amigo,
Pé de boi portuguez; mal empregado
Nos desertos sertões dessas Arabias,
Entre gente boçal, entre bugios!

Arthur.

Manso, fiel amigo, essas lisonjas,
Carapuça não são desta cabeça.
Sou amigo e compadre; isto me basta;
Faço o que devo. Vamos adiante.

Aprigio.

Tanto que a frota veio, uma alma nova
Senti pular no peito; a fantasia
Entrou a erguer palacios e castellos:
Vi dragos, serpes vi: quando sonhava,
Vologeso e Catão me apparecião
Com punhaes e cadêas: acordava

Aturdido de caixas e trombetas:
Estes e outros projectos me inspirárão
A idéa de um theatro: eu sempre tive
Bom dedo para a cousa; fiz marmotas;
Varias famas vesti, e Cruz-diabos
Para os cirios do Cabo e d'Atalaia.

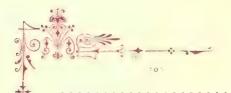
Arthur.

O dinheiro está prompto; agora falta
Quem nos arme a charola.

Aprigio.

Caro amigo,
A teu arbitrio entrego e deixo tudo.

Arthur.

A mim, Aprigio? Fóra: não sou desses,
Que emprestando dinheiro com usura,
Dão mil regras depois de economia
Ao pobre padecente, que corrido,
Como cão com funil atado ao rabo,
Vai ladrando e fugindo á surriada.

Aprigio.

Sempre graça tiveste: apalavrados
Alguns sujeitos tenho intelligentes,
Architecto, poeta, bons actores,
Um musico chapado; e para damas
As minhas duas filhas, Branca e Aldonsa;
Ambas filhas de peixe, ambas formosas.

Arthur.

Pois isso é ouro sobre azul; que o povo
Ou dorme, ou ri, se vê uma tapuia
Arrancando suspiros emprestados,
Torcer os vesgos olhos, e mostrar-nos,
Abrindo a negra boca, que é cerrada.
Eu empresto o dinheiro; mas declaro,
Que isto se entende emquanto as damas forem
Engraçadas, formosas, e bem feitas;
Que para vir gasta-lo com serpentes
Não o ganhei, passando tantos dias
Por duros môrros, por incultas fragas,
Talvez comendo carne de macacos.

Aprigio.

Basta, compadre, basta; as minhas filhas
Muito bem sabes como são galantes;
Aldonsa ha de fazer primeira dama;
Branca, a segunda: tu verás pendentes
De seus travessos olhos todo o povo:
Tantos os corações, tantas as Troias,
Em amoroso incendio chammejando.
Tu mesmo, meu compadre, sem remedio,
Apezar dessas cãs, embaraçado
Has de sentir-te na vulcanea rede.

Arthur.

Eu não sou tão sizudo, nem tão velho,
Que viva por demais; emfim, sou homem;
Nem tive nunca coração de pedra;
E pouco bastará para mover-me;
Muito mais as paixões, que docemente
Os animos revolvem.

Aprigio.

Ora vou-me
Chamar a nossa gente, para vermos

Em que alturas estamos: entretanto
Te chamo as raparigas. Branca! Branca!
Aldonsa! Venhão cá. Adeos, compadre. (*Vai-se*)

SCENA III.

ALDONSA, BRANCA e ARTHUR.

Arthur.

Como formosa vens, Aldonsa bella!
Em teus olhos fuzila a luz dos astros:
Ao menos deste mundo cá de dentro,
És tu o claro sol, tu és a aurora.
Oh! quanto filha minha; (sim, que filha
Bem te posso chamar) oh! quanto sinto
Que os annos me roubassem todo o lustre
Da fresca mocidade! Que os invernos,
Nesta gelada estriga convertessem
A brilhante madeixa; que algum dia,
Dourados caracóes por estes hombros
Ao zephiro entregava! Oh! se eu pudesse
Banhar-me no Jordão, e remoçando
Dar-te um gentil mancebo por marido!

Aldonsa.

Sempre brincando vem o meu padrinho.

Branca.

Senhor Arthur Bigodes, como passa?

Arthur.

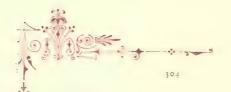
Mui bem, senhora Branca. Ouves, Aldonsa?
Eu não brinco, antes fallo bem devéras.

Branca.

Pois a mana, senhor, essa não zomba:
Noite e dia conversa em seu padrinho;
Não falla n'outra cousa, quantas vezes
Se á porta batem, vai correndo á porta;
E porque dá com outro, do semblante
A côr lhe amarellece, e recuando
Sobresaltada, diz que não é elle.

Arthur.

Quão feliz, minha Branca, e quão ditoso,
Se isso verdade fôra, me julgára!
Inda porém Aldonsa m'o não dice

. . . .

Para tão facil ser, que me arreganhe.
Que dizes, bella Aldonsa: aquillo é certo?

Aldonsa.

A mana não te engana, nem te mente:
Mas se te adoro, deverei dizê-lo?

Arthur.

Devêras, devêras, que essa innocente
Suave inclinação em nada offende
A modestia, o decôro: inda que custa
A' moça mais amante o confessa-lo,
Posto que honesto fim lh'o approve e doure.

Aldonsa.

Pois vive descansado que te quero.

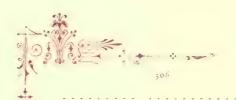
Branca.

Eu dou-lhe os parabens, senhor Bigodes.

Arthur.

Eu os acceito, Branca. Minha Aldonsa,
Que nunca me enganei com os teus olhos,

. . . .

Agora o chego a ver; nelles ao longe,
Muito ha que descobri um brando gesto,
Que n'alma me bulia; mas atado
Ao pezado trambolho de meus annos,
Lutando afflicto com setenta invernos,
Por mais que ardião férvidos desejos,
Capazes de animar a fria pedra,
Tiritando com medo, enregelava:
Porque um homem qu'é serio e qu'é prudente,
Antes se humilha a parecer covarde,
Que levar na bochecha uma apupada
Destas rascoas de hoje, presumidas,
Que buscão Tamerlões, imperadores,
Franchinotes, casquilhos e poetas,
Para ao depois berrarem com ciumes,
Sem achar cabeções com que os subjuguem.
Tu és, Aldonsa, a excepção da regra,
Amavel, linda, candida, innocente;
Qual rosa pudibunda em manhã fresca,
Que da rustica mão do jardineiro
Deixa talhar o pé, deixa colher-se.

Aldonsa.

Tão estranhos, tão grandes elogios
Não chego a merecer; antes conheço,
Que a maior parte da fortuna é minha.
Uma pobre donzella, sem mais dote,
Que seu singelo amor, em nossos dias
Mui pouco, ou nada vale : sem riqueza
Quem soffre a formosura ? Sãos costumes,
Honrado sangue, angelico semblante,
Não namorão os noivos deste tempo.

Branca.

Maior favor te faz o teu padrinho

Aldonsa.

Assim, mana, o confesso, asim lh'o digo.

SCENA IV.

APRIGIO, JOFRE, INIGO, e os mesmos.

Aprigio.

Aqui trago, compadre, estes senhores,
Ambos um *non plus ultra* do theatro.

São musicos, actores, dansarinos,
Grandes poetas; tudo ao mesmo tempo:
São dous tomos de rara miscelanea.
Em ambos quiz mostrar a natureza,
Que sabia fazer uma obra prima.
O Senhor Jofre, quando as arias canta
As almas arripia; calda os ventos.
Pois o mancebo cá, o meu Inigo!
Este vivo bemol, este magano,
Nos lances amorosos é um pasmo!

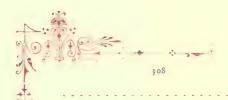
Arthur.

Ambos, bem me parecem: gentis moços!

Jofre.

Sou antigo criado desta casa,
E mestre da senhora D. Aldonsa;
Por tão honrado titulo me julgo
Merecedor de grandes elogios.

Arthur.

Logo o mestre sahio o mais esbelto!

Inigo.

Eu não posso allegar antiguidades ;
Mas vou tambem na folha. Venturoso,
Se de applauso e favor me vejo digno,
Apezar de não ter merecimento.

Arthur.

Ambos discretos são.

Aprigio.

Mais que discretos !
São os melhores Ciceros da Côrte,
Capazes de prégar ! Aqui o amigo,
Um drama já compoz. Logo o veremos.

Inigo.

Dize-me, Branca, que Affonsinho é este ?

Branca.

É padrinho da mana.

Arthur.

O Senhor Jofre,
Quanto tempo ha qu'ensina nesta casa ?

Jofre.

Ha já tres annos, pouco mais ou menos.

Arthur.

Com que tres annos ha, que nesta casa
Tem entrada o senhor!

Aprigio.

Ai! meu compadre,
Tu cuidas qu'inda tão alarves somos,
Como no tempo em que d'aqui te foste?
Já lá vão os biocos Portuguezes,
Mourisca usança, barbaro ciume,
Que uma pobre mulher aferrolhava,
Quaes se guardão freneticos orates:
Ha gente mais feliz! Outros costumes
Adoptou a nação, abrio os olhos.

Arthur.

Eu cuido que os tapou.

Branca.

Que rabujento!

Jofre.

Adeos, senhor Aprigio.

Aldonsa.

Espera, Jofre.

Jofre.

Que espere! Para que?

Aprigio.

Para tratarmos
Deste novo theatro.

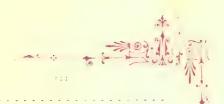
Jofre.

Que theatro?
Com este prégador, mandas chamar-me
Para ouvir a missão de um Carioca?

Arthur.

Olhem lá se se dóe da matadura.

Inigo.

Não desesperes, Jofre; tem prudencia.

SCENA V.

GIL e os mesmos.

Gil.

Senhor Aprigio Fafes, aqui venho
Cumprir as suas ordens.

Aprigio.

Caro amigo,
Homero Portuguez, Pindaro nosso.
Já cá te suspirava. Vem comtigo
As Musas, vem as Graças.

Gil.

Basta, basta ;
Não estamos nós outros os poetas
A fartos elogios costumados :
Os mesmos que nos pedem um soneto
Para render a dama desdenhosa,

Ou os annos louvar de uma abbadessa,
Depois de ter campado por discreto
A' custa de um poeta, sem vergonha,
Jurão que são uns doudos os poetas.

SCENA VI.

BRAZ, *Monsieur* ARNALDO e os ditos.

Braz.

Amigo Aprigio Fafes, aqui trago
Monsieur Arnaldo, pratico architecto :
O Pozzi, Paradossi e Bibiena
Traz alli no emicraneo, a perspectiva
Na pineal lhe vellica com tal força,
Que em cada pulsação da traca-arteria,
Um theatro magnifico levanta.

Aprigio.

Viva, viva, senhor Arnaldo. Agora
Que estamos todos juntos, comecemos
A nossa conferencia : venha a banca.
Vossês não ouvem ? Tragão mais cadeiras

Arthur.

Quero que a par de mim se assente Aldonsa.

Branca (*para Inigo*)

Queres qu'eu fique cá da outra banda?

Jofre.

Parabem, parabem, senhora Aldonsa.

Aldonsa.

Se tu soubéras, Jofre.....

Jofre.

Bem entendo.

Inigo.

Que te parece, Branca, o Tupinamba?

Branca.

Velho e relho.

Aprigio.

Sentemo-nos, senhores·

Que grave tribunal! Que magestoso!

Mal sabe o mundo agora, que pendente
Deste conclave está o seu destino.
Oh! quanto, amada patria, quanto deves
A teu bom cidadão Aprigio Fafes,
Suando e tressuando por salvar-te
Do pélago profundo da ignorancia,
Onde pobre jazias, atolada
Entre pessimos dramas corriqueiros!
Deste cano real hoje te sáco,
Qual sáca o gandaeiro um prego torto
D'entre os chichelos velhos da enxurrada.

Gil.

Senhor Aprigio Fafes, isto é tarde,
E eu tenho que fazer. Vamos ao ponto.

Aprigio.

Sim, senhor, sim, senhor: o caso é este:
E bem o sabeis vós, ha quanto tempo
Que eu desejo fundar um bom theatro;
Agora que a fortuna me depara
Feliz occasião de executa-lo
Com o favor, alli, de meu compadre,

É preciso ajuntar a sarabanda,
Repartir os papeis, escolher obra,
As vistas idear e celebrarmos
Com solemne escritura este contrato.

Gil.

Senhor Aprigio Fafes, o theatro
Depende, mais que tudo, do poeta.
Que fazem bastidores e instrumentos,
Sem dramas regulares? Uma boa
E perfeita tragedia, inda despida
Da magnifica pompa do apparato,
Tem mais graça e mais força q'um máo drama
No theatro de Reggio ou de Veneza,
Com soberbas tramoias recitado.

Jofre.

Amigo Gil Leinel, ninguem te nega
O constante poder da poesia:
Mas quem ha de soffrer Catão ou Dido
Do grande Metastasio, repetido
Entre velhas cortinas, sem orchestra?

Aprigio.

Nada, nada, senhores ; desse modo
Aqui nos amanhece : todos juntos
Não podemos fallar : irá votando,
Por turno cada qual, quando lhe toque.
Continúa, meu Gil ; dize o que entendes.

Gil.

Errado vai, quem julga que o theatro
Só para divertir o povo rude,
Dos antigos poetas foi achado.
Com mais alto designio, Athenas, Roma,
E outras cidades mil, o recebêrão.
Póde nelle ensinar-se á mocidade
Guardar as santas leis, a fé devida
Á cara patria, ao principe, aos amigos.
Póde nelle mostrar-se quanto é feio
O pallido semblante da cobiça,
Da avareza infeliz, da triste inveja ;
Mas para recolher tão grande fruto,
É necessario, Aprigio, que o poeta
Em sizuda dicção, em phrase nobre,
Com sonoroso verso torneado,

Exponha ao povo fábulas sublimes,
Tragedias ou comedias regulares.
D'aqui venho a tirar, que no theatro
Não devemos soffrer drama imperfeito,
Cuja graça consiste na doçura
D'afeminada musica moderna,
Na remendada phrase de mil vozes
Barbaras, ou guindadas, ou rasteiras.
Longe, longe de nós esta mania:
Restauremos o portuguez theatro,
Desagravando a casta lingua nossa,
Dos aleives, que sem razão lhe assacão.

Aprigio.

Viva o Doutor Leinel, Doutor das gentes!
Quem me déra qu'o bom Goldoni ouvisse
Como ronca um poeta de Lisboa!
Agora falla, Braz Licenciado.

Braz.

Eu que posso dizer? Que me parece
Muito mal tudo quanto aqui se dice.
Que proveito tiramos em metter-nos

No principio em camiza de onze varas ?
Tragedia é cousa que ninguem atura :
Quem ao theatro vem, vem divertir-se,
Quer rir e não chorar ; lá vai o tempo
De lagrimas comprar ás carpideiras.
Não faltão boas operas, comedias,
Em francez, italiano, em outras linguas,
Que póde traduzir qualquer pessoa,
Com enredo mais comico ; que o povo,
Só se agrada de lances sobre lances.
Quem isto não fizer jamais espere
Que o povo diga *bravo,* e dê palmadas.
É o voto que dou.

Aprigio.

Optimamente.
Arnaldo, agora vota.

Arnaldo.

Meus senhores,
Venho ajustar o preço do theatro.
Com dramas não me metto : os bastidores
É só o que me toca. Porém digo,

Que regular tragedia nas Italias
Muito ha que se não usa; que a mudança
De vistas sobre vistas, as tramoias,
Máres, incendios, dragos e batalhas,
São cousas de que o povo se namora.
Já eu fiz em theatro trovoadas,
Com raios e relampagos tão proprios;
Que as damas desmaiavão: era um gosto
Ver a gente fugir dos camarotes
Espantada, bradar misericordia.

Aldonsa.

Negro gosto! Quem póde divertir se
Co' a pavorosa scena de um flagello?

Branca.

Bom architecto! Magico parece.

Aprigio.

Calai-vos, filhas. Vote agora Inigo.

Inigo.

Muito dizer podia, pois que tenho
Experiencia bastante de theatros:

Actor de profissão, isto me basta :
E tambem, senhor Gil, o louro Apollo,
De comigo tratar não se envergonha.
Mas por não demorar a conferencia,
Em branco assignarei. Estou por tudo.

Arthur.

O cão é Mouro.

Aprigio.

Inigo, desabafa ;
Dize quanto souberes : falla, falla.
És a columna do theatro novo .

Inigo.

Pois se devo fallar, digo, senhores,
Que o theatro sem dansa pouco vale ;
Muito menos sem musica. Podia
Quem a gloria quizesse de primeiro,
Pôr no theatro as operas cantadas
Na lingua portugueza. Eu aqui trago
Uma por mim composta neste gosto.
É a perda de Troia : vè-se Enéas

Sahir c'o pai ás costas: vai Ascanio
Com os caros penates abraçado:
Arde a cidade: cahem as altas torres:
Embarca a gente phrygia: muitos annos
Por inhospito mar andão vagando,
Até que surgem no distante Lacio,
Onde Enéas a Turno tira a vida,
E casa com Lavinia.

Aprigio.

Bravo! Bravo!

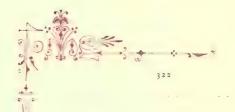
Inigo.

Tem varios dúos, árias, cavatinas.
Eu cuido que desbanco a Metastazio.

Branca.

Agora sigo-me eu.

Aprigio.

Espera, Branca.
Perdôa, amigo Jofre, que a memoria
Principia a faltar-me: preterido

Por engano ficaste, e bem podias
Pedir a tua vez. Perdôa e falla.

Jofre.

Em tal não reparei: eu sou sincero,
Digo o que entendo, e cuido qu'o theatro
Sem musica e sem dansa, nada vale.
Ha cousa mais formosa que a ligeira,
Calada pantomima, cujos gestos,
Sem auxilio das vozes, representão
Reconditas paixões, mudos suspiros,
Que entende o coração, ouvem os olhos?
Que melhor espectaculo, que os leves
Grandes saltos mortaes? Que ver nos ares
Bater c'os calcanhares oito vezes,
Torcer o corpo e revirar os braços?
Mas nunca votarei em que façamos
Opera em portuguez toda cantada:
Para tanto não é a lingua nossa:
Algumas arias, duos, recitados
Se podem tolerar; o mais em prosa:
Para o theatro nós não temos versos.

Aprigio.

Fallas como um Catão. Que dizes, Branca?

Branca.

Eu sou de parecer, que só se fação
As portuguezas operas impressas:
Encantos de Medéa, Precipicios
De Phaetonte, Alecrim e Mangerona.
Em outras nunca achei galantaria.

Aprigio.

Esse voto era digno de mais annos.
A ti, amigo Arthur, que te parece?

Arthur.

Que podem parecer-me taes loucuras?
Estou tonto de ouvir estes senhores!
Parece-me que estou entre Paulistas
Que arrotando congenia, me aturdião
Co'a fabulosa illustre descendencia
De seus claros avós, que de cá forão
Em jaléco e ceroulas. Mas pergunto:
As comedias de Calderon, Moreto,

Candâmo e Salazar, isso não presta?
Tem bichos, meus senhores? Tanta gente,
Imperadores, reis, infantes, duques,
Os condes e os marquezes, qu'as ouvião
Com gosto e com prazer, erão uns asnos?
Só estes meus senhores tem juizo?
Que Colombos e Gamas denodados,
Para achar novos climas, novos mares!
Pois digo-vos que só se a minha Aldonsa
Fôr de contrario voto, o meu dinheiro
Servirá para as barbaras idéas,
De que prenhes trazeis essas cabeças.

Aprigio.

Aldonsa, minha Aldonsa, que nos dizes?

Aldonsa.

Eu digo, que me louvo no teu voto.

Gil.

Falla, formosa Aldonsa, tu bem sabes
Quaes são as leis e regras do theatro.

Aldonsa.

Não acceito a lisonja, porém digo,
Qu'emfim approvo quanto tu votaste.

Aprigio.

Eu que tenho dois votos, digo o mesmo.

Arthur.

Acabou-se a questão, vivamos todos.

Aprigio.

Agora, amigo Gil, que obra faremos ?

Gil.

Eu tenho varios dramas traduzidos,
De Sophocles, d'Euripides, Terencio.

Aprigio.

Nada de grego, nada ; fóra, fóra :
Sempre te ouvi dizer, que elles não tinhão
Os lances amorosos de que gosta
O povo portuguez.

Gil.

Queres a *Castro*,
Tragedia do Ferreira?

Aprigio.

Deos me livre!
Amigo Gil Leinel, eu desejava
Um drama teu. Conheço nesses olhos
A suave ternura de teus versos.

Gil.

Pois, amigo, encetemos o theatro
Com a minha *Iphygenia*.

Aprigio.

Bello nome!
Isso é que eu chamo titulo arrogante;
E que em vermelhas letras, nas esquinas
Ha de pescar curiosos a cardumes.
Repartão-se os papeis; vamos a isso.

Gil.

Iphygenia será Aldonsa bella.

Aldonsa.

É extenso o papel?

Gil.

Não, é pequeno.
O senhor Jofre seja Achilles: seja....

Arthur.

Espere; tenha mão, senhor poeta;
Veja como reparte essas garrochas,
O primeiro galan a mim me toca.

Gil.

Não póde ser galan, ha de ser barbas.

Arthur.

Eu barbas! Eu que empresto o meu dinheiro!

Gil.

E que tem o dinheiro co' a figura?
Um velho nunca póde ser mancebo?

Arthur.

Senhor poeta Gil, faça-me graça,
E ponha-se na rua. (*Levantão-se todos*)

. . . .

Aprigio.

Arthur... amigo...
Onde está a prudencia desses annos?

Arthur.

Quaes annos! *Antes que todo es mi dama*:
Aldonsa, não a largo. Tenho dito.

Jofre.

Que tal, senhora Aldonsa?

Aldonsa.

Escuta, Jofre.

Branca.

Senhor Arthur Bigodes, não se engrile;
Será o que quizer. Quer ser Achilles?

Braz.

Arnaldo amigo, vamo-nos safando,
Que isto não pára aqui.

Arnaldo.

É gente douda. (*Vão-se os dous*)

. . . .

SCENA VII.

TODOS, menos os dous.

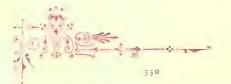
Aprigio.

O' paz, serena paz! Que nos deixaste,
E abrindo as brancas azas te sumiste!
Inspira-me palavras, com que possa
O velho socegar incarniçado.
Amigo Arthur Pigodes, que me perdes!

Arthur.

Queria o Doutor Gil, esse barbicas,
Poeta bordalengo, defraudar-me
D'ametade de mim! Fóra c'o talho!

Inigo.

Jofre amigo, despede-te de Aldonsa.

Gil.

Amigo Aprigio Fafes, eu attendo
Ao respeito devido a tua casa;
Por isso não respondo a taes injurias.

Arthur.

Adeos, senhor poeta; faça versos
A's moças do seu bairro; não se meta
A Padre Cura de outra freguezia.

Gil.

Senhor Arthur Bigodes, fallaremos. (*Vai-se*).

SCENA VIII.

Os mesmos, menos GIL.

Jofre.

Adeos, ingrata Aldonsa.

Aldonsa.

Ouve-me, Jofre.

Jofre.

Não venho do Brazil. Eu cá sou pobre.

Branca.

A mana não tem culpa: crê-me Jofre.

Arthur.

Senhor mestre de solfa, vá-se embora,
Que esta menina toma agora estado,
E vai senhora ser da sua casa.

Inigo.

Branca, o mineiro cuida que esta casa
É senzala ou possilga de crioulos.

Branca.

Assim convem, assim melhor se encrava.

Aprigio.

Amigo Arthur, as noivas não costumão
Os mestres despedir: levão comsigo
Cravo, livros de solfa. O mestre attento
Vai logo no outro dia visita-la.

. . . .

Arthur.

Se fôr a minha casa, hei de parti-lo.

Jofre.

Sim, barbas lhe deo Maio. Adeos, Aprigio.
(*Vai-se.*)

SCENA X.

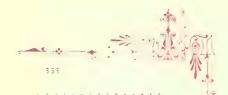
Os mesmos, menos JOFRE.

Aldonsa.

Infausta sêde de ouro, a quanto obrigas
A cara liberdade! O puro affecto
A duro captiveiro hoje condemnas!

Arthur.

Amigo Aprigio Fafes, de theatro
Bem te podes deixar: assás nos bastão
Os theatros, que temos em Lisboa.
Nem tudo ha de ser operas ou comedia.

. . . .

Eu caso com Aldonsa, e doto Branca;
O noivo, lá o busca; pois conheces
Os bonifrates de chapéo pequeno,
De rabicho e casacas estiradas,
De que gostão as moças deste tempo.

Aprigio.

Alli Inigo está, que para genro
Deseja de compra-lo a mesma Thetis.

Inigo.

Que ventura maior! Branca, que dizes?

Branca.

Bem sabes o que posso responder-te,
Se de antigos extremos não te esqueces.

Aprigio.

Inda o fado não quer, inda não chega
A epoca feliz e suspirada,
De lançar do theatro alheias Musas,
De restaurar a scena portugueza.

. . . .

Vós manes de Ferreira e de Miranda,
E tu, ó Gil Vicente, a quem as graças
Embalárão o berço, e te gravárão
Na honrada campa o nome de Terencio;
Esperai, esperai, qu'inda vingados
E soltos, vos vereis do esquecimento.
Illustres Portuguezes, no theatro
Não negueis lugar ás vossas Musas:
Ellas, não as alheias, publicarão
De vossos bons avós os grandes feitos,
Que eternos soarão em seus escritos:
E podeis esperar paga tão nobre,
Se detestando parecer ingrato,
Lhe defenderdes o paterno ninho,
E quizerdes com honra agazalha-las.

ASSEMBLÉA OU PARTIDA

DRAMA.

Actores.

Braz Carril.

D. Urraca Azevia, sua mulher.

Jofre	filhos dos ditos.
D. Dulce	
D. Branca	

Jacob Bilhostre.

Gaspar Picote.

Gil Fustote, compadre de Braz Carril.

Doutor Muconio, medico.

D. Mafalda, sua filha.

Florestão, escudeiro de Braz Carril.

Lourença, criada do mesmo.

Um alcaide.

Um escrivão.

Dous gallegos.

Protaticas.

Jogadores e convidados.

Damas convidadas.

Quadrilheiros.

A scena representa a casa de Braz Carril.

SCENA I.

BRAZ CARRIL e GIL FUSTOTE.

Braz.

Entendes, Gil Fustote, o que te digo?

Gil.

Entendo, entendo: dizes que partida
Hoje em casa terás, ou assembléa.
Amigo Braz Carril, estas galhofas,
Jantares e merendas, são o fruto
Da reloucada teima de fidalga
Com que tua mulher sagaz te enloixa,
Ou te embrulha na rede em que pernêas.
Compaixão grande, compaixão me deves.
Partidas! Assembléa! Que mania!

Braz.

E chamas tu mania, Gil Fustote,
O viver, como vive a gente seria
Hoje em Lisboa? Grandes e pequenos
Todos querem gozar das sãs delicias,
Do suave prazer da companhia.

Gil.

Sem esses bons prazeres e delicias,
Nossos avós e nossos pais vivêrão
Fartos, alegres, ricos, e contentes.

Braz.

Ora já que trazião retorcidos
Os grizalhos bigodes; estirada
A esqualida guedelha; no pescoço
Crespas golilhas; gorra na cabeça;
As calças retalhadas e pantufos;
Não tragas tu casaca e cabelleira,
Nem ates com fivelas os sapatos.
Mudão-se os tempos, mudão-se os costumes.
Não vês no frio inverno ao tronco annoso
Cahir-lhe as murchas cãs, e quando torna

A fresca primavera, verdejarem
Cobertos de mil folhas novos ramos?
Assim as modas são, assim os usos:
E devemo-nos todos sujeitar-nos
A tão perpetuas leis da natureza.

Gil.

Amigo, amigo, estás perdido... doudo...

Braz.

Com os olhos abertos.

Gil.

Não t'o invejo.
Nem quero governar a casa alheia:
Fica - te em paz com tuas assembleas,
Podes sem mim fazer a synagoga.

Braz.

Caro Fustote, espera que não posso...

Gil.

Eu não canto, nem sou arreborrinho;
Pouco gosto de chá, menos de jogo.
Falta cá não farei. Adeos, amigo.

Braz.

Espera, espera, podes divertir-te,
Ouvindo duas arias, temos doce,
E doce delicado, se quizeres.

Gil.

Não caio nesse anzol.

Braz.

Meu Gil Fustote,
Espera, escuta...

Gil.

Dize, que mais queres ?

Braz.

Eu queria pedir-te algum dinheiro,
Porque estou sem real : olha em que dia !

Gil.

Pois a perpetua lei da natureza,
Que murcha as folhas, e que traz partidas,
Não dá tambem dinheiro para o gasto ?

Braz.

Amigo Gil Fustote, eu pouco peço ;
Dá-me, sequer seis mil e quatrocentos :
Acode-me ; e conforme o nosso ajuste
Sete e duzentos lançarás na conta.

Gil.

Seis mil e quatrocentos ! Quem m'os déra !
Não me pagão tão bem os teus foreiros ;
E a divida vai já de fóz em fóra.

Braz.

Oito mil reis porás.

Gil.

Isso é perder-te.

Braz.

Qual perder-me !

Gil.

Amigo, eu não podia ;
Mas vejo o grande aperto... Toma... escuta :

Eu chamo a Deos dos céos por testemunha
Sem juro te levar, sem interesse
De tão forçosa vexação remir-te;
E que o pouco que mandas qu' accrescente
Á nossa conta, é dado e não por força,
Sim de livre vontade. Adeos, amigo,
Que vou vestir-me e logo tórno. (*Vai-se.*)

SCENA II.

BRAZ (*sómente*).

Braz.

Tenho
Para sequilhos, chá, café e cartas,
Falta só para luzes. Que remedio!
Recorro ao coscorrinho da senhora
Que é fonte limpa. D. Urraca.. Urraca (*cantando*).

SCENA III.

BRAZ e URRACA.

Urraca.

Assim se chama, Braz, uma fidalga?

Braz.

Perdôa, filha, que hoje não me lembro
Nem de Excellencias, nem de Senhorias.
Mandando á via estou a não ronceira
Com vento escasso e com estofas aguas.

Urraca.

O rato sempre foge para a palha;
E preto velho não aprende lingua.

Braz.

Que vens a dizer nisso? Que me esqueço
De etiquetas, mesuras, ceremonias,
E mais ritos e leis da fidalguia,
Com que queres Urraca ser tratada?

Ou entendes, que meus progenitores
Descendem de outro Adão, e que não forão
Por seus honrados feitos estimados,
Bons vassallos fieis e servidores?

Urraca.

Tem bem que ver Carris com Azevias,
Por linha masculina descendentes
De principes, de reis, imperadores,
E que até nos colchetes dos costados
Tem mitras, e roquetes!

Braz.

Basta! basta! (*fazendo-lhe muitas cortezias*)
Senhora, Excellentissima senhora,
D. Urraca Azevia!... Mas, menina,
Vamos ao caso: falta para a noite
Dous arrateis de velas... Eu não posso...

Urraca.

Queres, já sei, pregar-me esse callote.

Braz.

Não é callote; que pagar prometto

Urraca.

Quando tiverem dentes as gallinhas ;
Mas para que conheças que não falto
Quando é preciso, mandarei busca-los.

Braz.

Onde mezas não ha, não ha cadeiras,
Colheres, castiçaes, pratos, bandejas :
Querer dar assembléas e partidas,
É nadar sem bexigas.

Urraca.

Mas com labia
Tudo se vence, tudo se consegue ;
Porque a gente ordinaria agazalhada
Com uma tal lhaneza, facilmente
Deixa cardar a lã. Anda o dinheiro
Pelas mãos de villões contra vontade ;
E como galgo em trela cobiçoso
De entrar nas algibeiras de fidalgos,
Para brilhar com pompa e luzimento,
Em ricas mezas, em custosas galas.

Braz

Ah! Vossa Senhoria ou Excellencia,
É perdida entre nós: que sã doutrina,
Que politicas maximas de Estado,
Cahindo não lhe estão por entre os dedos?
Que florente não fôra o vasto Imperio
Dos fulas Amazonas, se o regêra
Tão gentil coração, alma tão nobre:

Urraca.

Só me julga capaz de mandar gente
Tão çáfara e boçal? Negros, Tapuias?
Agradeço-te, Braz, o bom conceito
Que tu fazes de mim: bem me conheces,
Se fosse outra qualquer, dessas que campão
Por letradas, que gostão de ouvir versos,
Que os repetem, que os fazem, se lh'os fazem,
Dessas...

SCENA IV.

Um Gallego com uma teiga o os mesmos.

Gallego.

Aqui, senhor, manda meu amo
Senhor Jacob Bilhostre, o que se pede.
Vem oito castiçaes : diz que tesoura
É traste que não tem, menos de prata ;
Que virá a seus pés, como lhe ordena,
Que sempre estimará poder servi-lo.

Braz.

Vai-te, dize ao senhor Jacob Bilhostre,
Que tudo recebi, que fica entregue.
(Vai-se o Gallego)

SCENA V.

BRAZ e URRACA.

Braz.

Vejamos que taes são. Olá ! Soberbos !
Que sécia, minha Urraca ! Estás contente ?

Urraca.

Nunca vi castiçaes? Tu imaginas
Que em berço de cortiça me embalárão?
Que nasci n'um curral?

Braz.

Não digo tanto;
Mas olha, são magnificos e novos.

Urraca.

Na verdade são bons, mal empregados
Em casa, onde bastava uma candeia;
E talvez, que nem essa ella teria,
Quando cebo vendia ao Remulares
Na fetida baiúca... Mas o tempo...

SCENA VI.

Outro Gallego com teiga e os mesmos.

Gallego.

Aqui manda o senhor Gaspar Picote
Assucareiro, bulle e cafeteira
Com tres duzias de chicaras e pires,

Que sente não ter mais; e fica prompto
Para a vossas mercês servir em tudo.

Urraca (*irada e furiosa*).

Mercê, a mim mercê? mercê, maroto
Atrevido, insolente, vai-te embora,
Tu não sabes fallar? Dize a teu amo
Que te mande ensinar: logo pareces
Criado de villão...

Braz.

Urraca, Urraca...

Urraca.

Tolo, tolo! E pretendes que tolere
Semelhante dizer? Fôras tu outro
E soubéras melhor desaggravar-me.
Mas tenho quem nas veias lhe circule
O sangue generoso de Azevias,
Que vingar saberá tamanha offensa. (*Vai-se*).

SCENA VII.

GALLEGO e BRAZ CARRIL.

Gallego.

A senhora está douda? Coitadinha!

Braz.

Vai-te, rapaz, adeos; vai-te depressa,
Não te venha pregar alguma surra.

Gallego.

A mim! senhor, porque?

Braz.

Safa-te, foge.
(Vai-se o Gallego).

SCENA VIII.

JOFRE, URRACA, FLORESTÃO (*com uma tesoura*)
LOURENÇA e BRAZ.

Jofre.

Maroto... patifão... villão... gallego...
Atrevido... insolente... (*Correndo todo o theatro*).

Braz.

Olá, que é isto?
Jofre, não ouves? Onde vais?... Espera.
(*Correndo atrás de Jofre*).

Jofre.

Este villão ruim, ladrão, patife...

Urraca.

Mata! filho, mata! A ferro e fogo
Assolárão teus inclytos maiores
Tetuão, Azamôr, Tangere, Arzilla.

Florestão.

Mate, fidalgo, mate esse gallego!
Seja David do sordido Golias.

Braz (*a Jofre*).

Tem mão, tem mão.

Jofre.

Senhor, deixe-me.

Urraca.

Mata!
Mata! meu filho, mata!

Florestão.

Morra, mate.

Braz (*enfadado*).

A quem, a quem?

Jofre.

Villão..

Urraca.

Filho...

Florestão.

Fidalgo...

Lourença.

Mate !...

Braz (*pega-lhe no braço*).

Tem mão, olá ! Jofre, que fazes ?

Lourença (*dando em Jofre*)

Com a pá de varrer nesta batalha
A forneira serei de Aljubarrota.

Braz (*dá-lhe*)

Não ouves, marotão ? Anda patife !

Urraca.

Villão...

Florestão.

Fidalgo...

Urraca.

Assim se trata um filho
Descendente de heroes ?

Florestão (*sustendo a Braz*).

Fidalgo...

Lourença.

Dalgo.

Florestão.

Vossa Excellencia, Vossa Senhoria...

SCENA IX.

JACOB e os ditos.

Jacob.

A partida por entremez começa?
Senhora D. Urraca... Amigo, amigo.

Braz.

Senhor Monsieur Bilhostre, este magano...

Urraca.

Senhor Bilhostre, um filho meu... Fidalgo,
Descendente do grande Lancerote
Que a Barbarôxa arrancava as barbas,
Que arrastou pelos sordidos cabellos

Solimões, Mustafás e Mafamedes,
Não devêra seu pai injuria-lo,
E na minha presença.

Braz.

Mas que injuria?

Urraca.

Não é injuria dar-lhe bofetadas?
Alma fidalga de meu pai, que gozas
No empyreo ao menos do lugar de duque,
Como não desces a vingar tamanha,
Tão desmedida affronta?

Jacob.

Não, senhora,
O castigo de um pai não é injuria.
Mas senhores, o dia de partida,
Um tão solemne dia, não é dia
De arruidos, de rixas e disputas.
Em Londres, em Pariz, Parma e Veneza,
Estes bons dias são em todo o mundo
Ao prazer e socego dedicados.

Solto, e mil farpas de ouro despedindo,
Anda voando Amor nas assembléas,
E qual sonora abelha em lindas flores,
Bebe o suave nectar nos formosos,
E triumphantes olhos das Madamas,
Com que ferozes corações abranda
D'homens, os mais austeros e sizudos.

Braz.

Muito bem me parece. Pazes, pazes.
Leva a teiga dahi ; ouves, Lourença ?

Urraca.

Que perdestes, meu Jofre ?

Jofre (*apalpando-se*).

Uma arrecada,
Que me cahio da orelha : e tenho sangue.

Braz.

Uma orelha ?

Florestão.

Não, senhor, um brinco.

Urraca.

Busca, Lourença.

Lourença (*brincando e cantando*).

Um... dois... tres, e argolinha (*parando*)
E ella... não... finca pé de pampolinha.

Florestão.

Ei-la, fidalgo. Alviçaras, fidalga.

Braz.

Ora está bem, senhora, vá vestir-se:
Vai tu, Lourença, vai limpar a prata;
E tu vai, Florestão, comprar o doce.

Urraca (*fazendo-lhe uma mesura*).

Com licença, senhor (*vai-se*).

Jacob.

Minha senhora.

Jofre.

Quem ha de pentear-me, se vais fóra?

Florestão.

Se me manda seu pai.

Braz.

Não, não, primeiro
O podes pentear.

Florestão.

Vamos, fidalgo.

Jofre.

Vamos de pressa, Florestão, que é tarde. (*Vão-se*)

SCENA X.

JACOB BILHOSTRE e BRAZ CARRIL.

Jacob.

Hoje, senhor Carril, vinha mais cedo
Para metter em ordem de batalha
As mezas e cadeiras ; todos fallão
Em partida, assembléa ; poucos sabem
As regras da importante symetria,

Com que se deve preparar a sala,
Que serve para um acto tão vistoso ;
Porém vejo que tudo está já prompto,
Tudo no seu lugar.

Braz.

Falta-me a cêra,
Acabou-se o dinheiro.

Jacob.

Eu pouco trago ;
Bastará um quartinho ?

Braz.

Basta, basta ;
Eu lhe mando já vir as raparigas.

Jacob.

Muito bom cravo.

Braz.

E do Doutor Muconio,
D'aquelle coripheo da Medicina.

Jacob.

Elle vem cá ?

Braz.

Espero que não falte.

Jacob.

Sua filha virá ?

Braz.

Foi convidada.

Jacob.

Venha com Deos.

Braz.

Eu cuido que me chamão.

SCENA XI.

JACOB, BRAZ, DULCE e BRANCA.

Dulce.

Vá depressa, meu pai, que é lá preciso.

Braz.

Que falta lá?

Dulce.

Dinheiro para assucar. (*Vai-se Braz*).

Branca.

Boa tarde, senhor Jacob Bilhostre.

Jacob.

Senhora D. Branca, boa tarde.
Minha Dulce, meu bem, minha senhora.

Dulce.

A Pedro donde vem fallar gallego?

Jacob.

Do coração, do coração rebenta
O vesuvio de férvidos suspiros,
Com que humilde, captiva a liberdade,
Ante esses lindos olhos ajoelha.

Dulce.

Não me falle em latim, que não entendo

Jacob.

Entendes, bella Dulce, bem me entendes,
Estas as phrases são, com que se explica
Uma alma tão discreta que te adora.

Dulce.

O bem que representa! Logo mostra
Que a filha do Doutor soube ensaia-lo.

Jacob.

A filha do Doutor?

Dulce.

D. Mafalda.

Jacob.

Se eu, Branca, lhe fallei...

Branca.

Eu, que me importa!

Jacob.

Escuta, minha Dulce..

Dulce.

É mui formosa!

Jacob.

Aqui de comprimento...

Dulce.

Mui discreta.

Jacob.

Se fui á sua casa...

Dulce.

Que bem canta!

Branca.

Dansa muito melhor!

Jacob.

Porém, senhoras...

Dulce.

Tem bom dote.

Jacob.

Mas eu...

Branca.

O pai é rico...

Jacob.

Escuta, minha Dulce...

Dulce.

Eu não sou sua.
Da formosa Mafalda é só vassallo,
Esse perdido coração infame;
Tudo, tudo já sei.

Jacob.

É tudo engano.
Se, Dulce, quebrantei a fé jurada,
Nunca mais a meus olhos esclareça
O vivo e gentil lume, que amanhece
Em teu semblante angelico; troando
Em vermelhos coriscos se converta,
Caia, fulmine, assombre, despedace,

Alma, vida, sentidos, pensamentos,
E o fido coração onde tu reinas
Deixe a teus pés de lagrimas banhado
Entre pizadas cinzas palpitando.

Dulce.

Branca, não lhe resisto.

Branca.

Eu me estremeço.

Jacob.

Dulce, minha senhora, Dulce amada,
Ah! não fujas, escuta, ouve-me, espera,
Ao menos me permitte o desafogo
Daquella mão beijar por despedida,
A cujo aceno o mesmo Amor se humilha.
E que de Amor o arco retorcido,
Enristadas as frechas estridentes,
Mirou ao fraco peito que anhelava
De teus soberbos olhos ser ferido.
Bem me viste cahir, Dulce, bem viste
Do roto coração o sangue quente

Fumegando brotar, e em crespos rios
Alagar a campanha que pizavas,
Os miseros despojos arrastando.

Dulce.

Oh! que fracas nós somos! Pois nos rende,
Nos encanta e captiva a liberdade,
O doce som d'umas sonoras vozes,
Que raras vezes, mana, percebemos.

Branca.

As que de versos gostão, não resistem
Á buena-dicha d'um poeta amante.

Jacob.

Dulce, formosa Dulce! Dulce ingrata,
Se minhas tristes queixas não entendes,
Entende, entende as lagrimas que choro.
Olha, vê c'os teus olhos, em meus olhos
Brilhar o vivo fogo, com que abrazas
Uma alma, que só vive de querer-te.

Dulce.

Branca, não posso... Morro.

Branca.

Choras, Dulce ?

Dulce.

Basta, basta, Jacob, emfim venceste.
De tão fiel rendida vassallagem,
Não quero desprezar o sacrificio ;
Mas ouve a dura lei, se me promettes
Observa-la com animo constante.

Jacob.

Pela luz dos teus olhos o prometto.

Dulce.

Vê o que dizes ; nunca mais á casa
Tornarás de Mafalda.

Jacob.

Assim o juro,
Dulce, minha senhora.

SCENA XII.

GASPAR PICOTE e os mesmos.

Picote.

Boa tarde,
Senhora D. Dulce: minha Branca,
Boa tarde, ou bons dias, pois já vejo
Que vão amanhecendo nesta casa
Os polidos costumes estrangeiros.
Graças a Deos, que temos assembléa,
Que já temos partida, que podemos
Sem pejo conversar, que rir podemos
Sem receio dos olhos assustados,
Com que a senhora D. Urraca altiva,
Inda mais que ciosa, pretendia
Espantar os lindissimos Amores,
Que em torno do seu rosto andão voando.

Branca.

Isto é comedia, Dulce; trazem ambos
Os papeis estudados.

Dulce.

Eu te creio.

Branca.

Imagina, senhor Gaspar Picote,
Que isto é casa de baile? Inda não sabe
Que pessoas de nossa qualidade....

Picote.

Já vejo, são de pedra, são de bronze:
E em vez de alvos, de crystallinos peitos,
Trazem arnezes d'aço e diamante,
Onde debalde rompe Amor as settas.

Branca.

Não o diga zombando, pode crê-lo.

Picote.

Santas Pascoas; mas isto de partida,
E a feira da Gualva, onde se escolhe:
Logo virão pelouros, branda cêra,
Que com mui pouco lume se derrete.

Dulce.

Lé com lé, cré com cré.

Picote.

Amor é cego,
E nunca soube ler genealogias.
Dize, Branca, virá D. Mafalda ?

Branca.

Virá, logo virá, perfido, ingrato.

Dulce.

Tu choras, Branca ?

Branca.

Choro, Dulce, choro
O negro fado, a minha desventura,
Que a querer me forçou com tanto extremo
Um perjuro, traidor, perfido, ingrato.

Picote.

Um perjuro, traidor, perfido, ingrato,
Palavras são de Amor, e de quem ama ;
Mas tão grande senhora, e tão fidalga
Não pode ter amor, amar não deve,
Que desta vil paixão nasceo izenta.

E dois milhões de avós, que não farião,
Se sonhassem que a neta namorada
Maculava a prosapia generosa,
Acolhendo os suspiros de um amante,
Que ao certo não se sabe se descende
De Abel, ou de Caim. Melhor me fôra
Remar n'uma galé ; qual outro Orestes
Das veneraveis furias avexado
Me vira em toda a parte perseguido
De finados heroes, sombras illustres.

Jacob.

Caro amigo Picote, basta, basta ;
Estes arrufos são de namorados.
Mas hoje não é dia....

SCENA XIII.

JOFRE e os ditos.

Jofre.

Meus senhores
Meu Jacob, meu Gaspar, caros amigos...
Mas, pára carruagem ; foi á porta....

Será D. Mafalda... Com licença.
Vou abaixo busca-la, e dar-lhe o braço.
(*Vai-se*).

Picote.

Perdôa, minha Branca.

Branca.

Ahi vem Mafalda,
E não vais recebê-la?

Picote.

Não, senhora.

SCENA XIV.

JOFRE, MAFALDA, URRACA e os ditos.

Mafalda.

Não pude vir mais cedo, senhor Jofre.

Jofre.

Quando a aurora apparece, sempre é cedo.
Eu aqui venho já co'a minha dama.

Urraca.

Minha linda Mafalda, quanto estimo
Que venhas divertir-te e divertir-nos.

Braz.

O Doutor não virá?

Mafalda.

Teve recado
Para ir a uma junta, mas vem logo.

SCENA XV.

GIL FUSTOTE, LOURENÇA, BRAZ
e FLORESTÃO.

Gil.

Ora vejamos isto de assembléa
Em que vem a parar.

Braz.

Que te parece,

Amigo Gil Fustote? Não te agrada
Tão sincera alegria?

Gil.

Agrada, agrada.

Braz.

Não ha maior prazer que a companhia.

Gil.

Té o lavar dos cestos é vindima.

Braz.

Lourença! Florestão! Venhão cá todos,
Tragão cadeiras, tragão cartas, luzes.

Lourença.

Trarei os castiçaes, ou candieiro?

Braz.

O candieiro, tola. Vélas, vélas.

Lourença.

Sem castiçaes?

Braz.

Com castiçaes. Que burra

Lourença.

Temos sepulcro. (*Vai-se*).

Florestão.

Caído que é charola. (*Vai-se*).

SCENA XVI.

BRAZ, JACOB, GASPAR PICOTE, JOFRE, GIL FUSTOTE, MAFALDA, DULCE, BRANCA e URRACA.

Braz.

Eia, senhores, vamos, comecemos
A famosa partida, haja fandango,
Alegria, brinquemos, alegria;
Fóra uma cá se lance, fallem, fallem.
Minhas senhoras, dancem, cantem, rião·

Fóra, fóra daqui as ceremonias.
Allons, sentar, sentar sem precedencias.
Venha chá, venha doce, venhão cartas,
Joguem, e ralhem, gritem, descomponha
O parceiro ao parceiro, é desafogo,
Que foi sempre a quem perde concedido.
Senhor Bilhostre, a boa poesia
Apezar de Platão e de seiscentos,
Que nunca o lerão, seu lugar merece:
Venha mote... lá vai, lá vai, ouçamos.

Jacob.

Amigo Braz Carril, a poesia
Não é adufe, gaita, nem viola,
Que tanja cada qual quando lhe agrada;
Logo, logo será.

Picote.

Ao cravo, ao cravo,
As senhoras cantando nos inspirão
Versos das Musas e de Apollo dignos.

Jofre.

A senhora Mafalda principie.

Já pezados nas azas os Amores
Estão co' a boca aberta para ouvi-la
E os estrondosos ventos enclaustrando
Eolo amarra o odre, porque teme
Que tão doces angelicos accentos
Varrendo os mansos ares lhe desmanchem.

Mafalda.

Isso, com pouco mais, era um soneto.

Dulce.

E dos da moda.

Picote.

O prologo é já grande.
Vamos, que o tempo vôa.

Braz.

É certo, é certo:
Senhores, attenção: fallem calados.
Vá, sente-se, senhora Mafaldinha.
Mas espere... a cantata de Dido ha de
Ser recitada. Seja em pé. Ouçamos.

Mafalda.

Inda mais essa ?

Braz.

Faltão bastidores;
Cuidarei no theatro pouco a pouco.

Mafalda (*recitando*).

CANTATA

....

Já no rôxo oriente branqueando
As prenhes vélas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as azas dos ventos se escondião.
A miserrima Dido
Pelos paços reaes vaga ullulando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Enéas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia núa
Fremem de noite as solitarias ondas;

E nas douradas grimpas
Das cupolas soberbas
Pião nocturnas agoureiras aves.
Do marmoreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvio as frias cinzas
Do defunto Sichèo com debeis vozes,
Suspirando chamar: Elisa, Elisa.
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas vio esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira;
Pallido o rosto lindo.
A madeixa subtil desentrançada;
Já com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouvio enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.

Alli as crueis Parcas lhe mostrárão
As iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobrião
O lustroso pavêz, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito:
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta:
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as doricas columnas.

Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céo levanta
Os macerados olhos.

Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abobadas voando
Longo tempo depois gemer se ouvirão:

Doces despojos
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Emquanto os fados,
Emquanto Deos
O consentião,
Da triste Dido
A alma acceitai,
Destes cuidados
Me libertai.

Dido infelice
Assás viveo;
D'alta Carthago
O muro ergueo:
Agora núa,
Já de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Phlegetonte,
A negra veia
Surcando vai.

Braz.

Bravo! bravo!

Dulce.

Que viva!

Jacob.

Bravo!

Branca.

Viva!

Urraca.

Excellente cantata!

Picote.

Bella, nobre!

Jacob.

A musica é sublime!

Jofre.

A poesia
Não é menos suave, e na verdade
Póde calçar o tragico cothurno.

Mafalda.

É do senhor Bilhostre.

Branca.

Viva! viva!

Dulce.

É do senhor Bilhostre?

Jacob.

Sim, senhora.

Dulce.

Fê-la para a senhora?

Jacob.

Não, senhora.

Mafalda.

Não, minha Dulce.

Dulce.

Basta, já percebo.

Braz.

Seguem-se versos, cantem os poetas
Com plectro de marfim em lyras de ouro.

Jofre.

Lá vai.

Braz.

Tu o primeiro?

Urraca.

Tu poeta?

Jofre (*recitando*).

SONETO

Não menti, não, se disse, qu' os Amores
Estavão no ar suspensos, esperando
Que tua voz divina modulando
Aplacasse dos ventos os furores :

Ergue, Mafalda, os olhos vencedores,
Vê-los-has por aqui andar voando,
E os retorcidos arcos affrouxando
Lar[illegible] ten[illegible]as mãos os passadores.

Não vês o fulvo Tejo c' o tridente
Os cavallos azues estar detendo
As levantadas ondas reprimindo ?

Se isto sente Mafalda quem não sente,
Que não sentirei eu, ouvindo e vendo
Tua angelica voz, teu rosto lindo ?

Mafalda.

Bello, sublime !

Jacob.

Viva.

Braz.

Bravo ! bravo !

Picote.

Que viva ! senhor Jofre.

Jofre.

Basta ! basta !

Urraca.

Tu poeta, meu Jofre ? Coitadinho !

Picote.

E que máo é, senhora, ser poeta ?

Urraca.

De frenezi tão louco imaginava
Que só pobres, villões, adoecião ;

E teus grandes avós, qu' erão illustres,
Sabião de cavallos, não de livros.

Bilhostre.

Serião excellentes alveitares.

Dulce.

Poetas, nunca achei nos nobiliarios.
Antes Mouro, ou Judeo.

Branca.

Dulce, estás douda?

Jacob.

Que ha de ser, se eu compuz o recitado!

Braz.

Victor sério, senhores; versos, versos.

Dulce.

Queres que todos só de versos gostem,
E perverter as leis da natureza.

Jacob (*recitando*).

É perverter as leis da natureza.

SONETO

Se tuas longas azas desprègando
  De negras louras plumas estofadas,
  Atrás das leves horas apressadas
  O bom dia qu' espero vem voando:

Como te estás, ó tempo, demorando
  Nestas só de desgosto prolongadas:
  Já que vierão tão acceleradas,
  Co' a mesma pressa deixas ir passando.

Mas eu cuido que à scena lastimosa
  De meus males te deixa suspendido,
  Ou perdes só comigo a ligeireza.

Ah! foge de tragedia tão pasmosa,
  Que mostrar-te uma vez enternecido
  É perverter as leis da natureza.

Dulce.

Viva !

Picote.

Bonito !

Braz.

Deo-me c'os pés n' alma !

Urraca.

Nem o soneto os tem, nem tu Amores.

Braz.

O soneto tem pés, amor eu tenho.

Urraca.

Insolente, traidor, tu imaginas
Que ter um velho amor, não é tontice ?

Picote (*recitando*).

Que ter um velho amor, não é tontice.

SONETO

Estavão as tres Graças penteando
O cabello subtil de Amor um dia,
Qual c' o marfim assyrio lh'os abria,
Outras andão mil gommas preparando.

Amor, como rapaz, de quando em quando,
Co' a dourada cabeça lhe fugia;
Porèm vê qu'Eufrosina se sorria,
Porque Aglauro lhe está as cãs tirando.

O menino pasmado vê no espelho
Por entre os anneis de ouro reluzente
Branquejar a saraiva da velhice:

Suspira, e diz: Oh! Saiba a cega gente,
Que Amor nascendo moço se faz velho,
Que ter um velho amor, não é tontice.

Urraca.

Senhor Picote, viva muitos annos !

Braz.

Bravo ! Picote, viva ! bom soneto.

Branca.

Viva ! senhor Picote. Ha de escrevê-lo.

Picote.

Tal não farei, por certo.

Braz.

Eu tambem quero
Mostrar o meu talento. Venha mote.

Urraca.

Que fazes, Braz, que fazes ?

Braz.

Versos, versos ;
Porque tambem levei palmatoadas,
Aprendi, estudei ; e no meu tempo
Soube mui bem syntaxe.

SCENA XVII.

MUCONIO e os ditos.

Muconio.

Boas noites.
Criado, meus senhores e senhoras.

Jofre.

Senhor Doutor Muconio.

Muconio.

Senhor Jofre.
Mas que vejo! senhores. Fujão!... fujão!...
Foge! Mafalda, fujão! fujão todos!

Braz.

De que havemos fugir?

Dulce.

Ai que eu desmaio.

Branca.

Que é?

Urraca.

Que será!

Muconio.

Fujamos!...

Jacob.

De quem?

Muconio.

Fujão!

Fujão, fujão, senhores! Estão cegos?
Não tem visto, não tem inda observado
No senhor Jofre os tetricos symptomas
Da endemica, epidemica estrangeira
Pestifera lethal enfermidade,
Que grassando em Lisboa, insulta, ataca
A pobre, debil mocidade estulta?

Braz.

É peste, meu Doutor?

Muconio.

Sim, senhor, peste;
E peste a mais cruel que tenho visto.

Urraca.

Deos nos livre, Doutor!

Jacob.

Está zombando,
Senhor Muconio?

Picote.

Branca, será opio?

Muconio.

Não zombo, não, senhores, fallo serio.
É um forte contagio de chicotes,
De tranças e de arrochos no cachaço,
De que andão enfeitados os casquilhos.

Jacob.

Eu não disse, senhores, que era brinco?

Muconio.

É bom brinco, Bilhostre, é mal, é peste,
É a plica polonica doença,
Que assim como no Norte, e em varios climas
Os Polacos e Sarmatas transforma
Em medonhos espectros e fantasmas,
Transforma cá no nosso continente
Os mancebos gentis em bonifrates.

Braz.

Que nova, que recondita sciencia!
Já tinha repara'o na grossura
Deste immenso chicote de meu filho;
Mas cuidei que era moda.

Muconio.

Boa moda!

Jofre.

É boa logração, Doutor Muconio.

Muconio.

Que é boa logração? Fujão! fujamos!...

Braz.

Espere, meu Doutor, diga primeiro.
Em que pára este mal, em que consiste?

Muconio.

Consiste na disforme, na medonha,
Espantosa grossura dos cabellos,
Que scirrhosos, talvez lignificados,
Se grudão e se empastão um com outro:
Esta massa fatal, ou côdea espessa,
A cutanea excreção embaraçando,
Os humores estagna excrementicios,
Se inflammão, se coagulão nas minutas
Seriferarias glandulas represos.

Jofre.

Que se segue d'ahi?

Muconio.

O que se segue?
Mais alta que a columna de Trajano,
Uma agulha, ou pyramide disforme
De esquallidos cabellos, sobre a testa

Dos enfermos estupidos erguida,
Lhe carrega a molleira com tal pezo,
Que convulsos os olhos retorcidos,
Ou abertos em horridos espasmos,
Se trabalhão, se cansão, se enfraquecem,
Donde veio o contagio das lunetas,
Que tantos Polyphemos de um só olho
Encrespando o nariz, mettem á cara.

Braz.

Forte doença !

Branca.

Triste enfermidade !

Jofre.

Chimeras, petas, lograções, mentiras.

Braz.

Calte, insolente ! Diga, meu Muconio.

Muconio.

A disforme pasmosa intumesciencia
Atacando estas glandulas que disse,

Eque por locação são conglobadas,
As conglomera tanto, e tanto as une,
Que a estranha mole, turgida grandeza
Nos inchados pescoços apparece,
Apezar de dez varas de gravata,
Que amortalha os focinhos espantados.

Urraca.

Coitado do meu Jofre!

Braz.

Eu bem dizia,
Vendo que não bastava meia peça
De cambraia, de cassa, ou musselina
Para duas gravatas. Meu Muconio,
Falla, dize-nos tudo quanto sabes.

Muconio.

Quanto sei, meus senhores, são incriveis
Deste tremendo mal, deste contagio
Os enormes e magicos portentos,
Peiores que os thessalicos prestigios,
Com que Circe tornou os companheiros

Do sabio Grego em javalis cerdosos.
Alevedado o tumido fermento,
Que as glandulas, emfim, apinhoadas
Em tamanhas escrofulas acabão,
Que em seus doutos escritos nos attestão
Banivenio e Boneto, que cortárão
Alporcas de sessenta, e trinta libras.

Picote.

Opio, carapetão.

Braz.

Bravo! Muconio.

Muconio.

Leião, senhores, leião, não se rião,
Oução : *In momento temporis* do enfermo
Incha o pescoço ; os tabidos bracinhos
Se myrrão e se encolhem, e parecem
De boneco de massa : mal campeão
As entanguidas pernas marasmadas,
E dos luidos pés cascos vidrentos

O tarso e metatarso edematoso
Só consente nas unhas as fivellas.
Finalmente, senhor, degenerando
A massa dos humores pelas pravas
Estranhas qualidades, que lhe adquire
A errada nutrição em todo o corpo ;
Os horrendos estragos se propagão
Da triste, da fatal metamorphose,
Que os enfermos e miseros casquilhos
Em peraltas ridiculos transforma.

Braz.

Tem razão, tem razão, agora atino
Na causa, e na mole tia, e já me lembro
De varios manequins empanturrados,
Que passeião as ruas de Lisboa
Pallidos, paralyticos, convulsos,
Quasi sempre c'os beiços ruminando,
Que trazem já safados de lambê-los.

Jofre.

Tal não creia, senhor, é zombaria.

Braz.

Calte, tolo, asneirão. Senhor Muconio,
Quero são o rapaz, ahi lh'o entrego,
E se manda que faça quarentena,
No telhado o porei, não nos empeste
Com seus malignos e mortaes vapores.

Muconio.

O mal ainda parece incipiente,
Remedio lhe daremos ; mas primeiro
Intento dissecar este cabello ;
É valente tortulho, enorme trança !.

Urraca.

Meu Jofre, tem constancia, tem paciencia.

Jofre.

Senhora, que é mentira.

Muconio.

Qual mentira !

Braz.

Chiton, tolo, chiton.

Jacob.

E cae no logro !

Picote.

Forte pateta ; come bem as petas !

Braz.

Florestão ! Florestão !

Florestão.

Senhor.

Braz.

Depressa,
Desmancha esse rabicho, essa serpente.

Jofre.

Hei de ficar, senhor, esgadelhado ?

Braz.

Sim, senhor, sim, senhor. Senhor Muconio,
Faça quanto quizer, talhe, retalhe,
Purgue, sangre, tosquie, desenrole....

Muconio.

Olhem lá, meus senhores, se me engano!
Lignificada a putrida materia
Já vem apparecendo. Vejão, vejão
Que tassalho de pão!... É caso horrendo!

Braz.

Pois que vai, minha Urraca, que me dizes,
Em que se torna o sangue de Azevias?

Urraca.

Que posso responder? Estou pasmada!

Jacob.

E forte surra!

Picote.

Logração completa.

Muconio.

Que tal é o caroço do lobinho?
Coitado do rapaz!

Braz.

Deite isso fóra.

Muconio.

Nada, nada, senhor, deve guardar-se,
Estes são os cabellos com que sára
De tão damnado cão a mordedura.
Agora vamos receitar, escute:
Este villoso, esqualido chumaço
Scirrhoso, lapirão, turgido edema
De tumentes cabellos empastados,
Crestado, secco, estitico, myrrado,
Pela má rotação do sangue podre,
E total discrazia dos humores
Acidos, corrosivos, virulentos,
Adquire a secca e tabida dureza,
Que do secco cação a rija pelle;
Para estendê-lo, para amacia-lo
Deve ungir-se com balsamo asinino,
E para o ver elastico e flexivel
Duas vezes ao dia, nove dias,
Ha de batê-lo, e muito bem sova-lo,
Com este mesmo arrocho, taco ou tôco.

É remedio excellente, é approvado,
Que descobri nos priscos cartapacios
De Philon, Serapião, dos Apollonios.

Jacob.

Não está máo o récipe, Muconio!

Jofre.

Basta, basta de judiar comigo.

Braz.

Callas-te ou queres, Jofre, que te cure?
Approvo esse remedio; mas, Muconio,
Onde acharei o balsamo asinino?

Muconio.

A providente madre natureza
Não cria sem antidoto o veneno.
No mesmissimo corpo dos enfermos,
Bem atrás das orelhas, deposita
Este forte elixir em tenues vasos,
Ou delgados folliculos, que cheios
Do succo burrical, sendo espremidos,

Talha, embota as particulas do sangue,
E o deixa circular sem embaraço.

Braz.

Mas diga-me, Doutor, como se espreme?

Muconio.

Puchar-lhe muito bem pelas orelhas.

Picote.

É bom o tal remedio?

Braz.

Quer que o faça?

Jacob.

Peior, peior.

Urraca.

Coitado do meu Jofre!

Muconio.

Não, senhor, inda não, e depois disto
É preciso cortar-lhe aquella trunfa,

Para a fauce messoria ficar livre,
E a coronaria região sem pezo,
Desembaraçada, os liquidos rotantes
Deixará permear pelos seus vasos ;
Banhos, emborcações e cataplasmas,
Além de outros remedios, facilmente
A força vencerão destas medonhas
Tão enroscadas aspides da Lybia ;
E se com todos se pratica o mesmo,
A florente Lisboa vereis limpa
De caraças ou frentes de Medusa ;
Praga, ou nuvem de estultos gafanhotos,
De tarecos rabões, melhor diria :
De rabudos bachás, de enormes caudas.

Braz.

Estou, Doutor, attonito ; e já vejo
Quanto sabe, quem sabe a Medicina.

Muconio.

Agora ouçamos duas arias novas.

SCENA XVIII.

LOURENÇA, FLORESTÃO e os ditos.

Lourença.

Senhor! senhor!

Florestão.

Senhor!

Braz.

Temos mais peste?

Florestão.

Peior, senhor, peior!

Braz.

Dize, que é isso?

Lourença.

Peior, senhor, peior!

Braz.

É fogo em casa?

Florestão.

Peior, peior, senhor!

Lourença.

Minha senhora!

Dulce.

Morreo o papagaio? Dize, dize?

Florestão.

Peior, muito peior! Batem á porta.

Braz.

Vai ver quem é.

Florestão.

Peior!

Braz.

Vai ver, Lourença.

Lourença.

Peior, muito peior!

Florestão.

Peior que tudo

Braz.

Falla.... dize.... quem é?

Florestão.

Peior! Alcaides,
Escrivães, e diabos quadrilheiros.

Urraca.

Ai! mofina de mim!

Branca.

Tremo.

Dulce.

Desmaio.

Bilhostre.

Ronda talvez será.

Braz.

A ronda?... a ronda?...

Florestão.

É o poder do mundo com espadas,
Com chuços, alanternas, atè cuido
Que trazem o carrasco e mais a forca.

Bilhostre.

Que será?

Picote.

Que ha de ser?

Bilhostre.

Commigo nada.

Picote.

Menos commigo.

Braz.

Se será commigo?...
Abre-lhe, Florestão, abre-lhe a porta.

SCENA XIX.

MEIRINHO, ESCRIVÃO, QUADRILHEIROS
e os ditos.

Meirinho.

Eu, senhor Braz Carril, venho mandado.

Escrivão.

Somos mandados, manda-nos quem póde.

Braz.

Pois são (e tanto phariseo) mui mal mandados.

Meirinho.

A parte requereo : fomos mandados.

Escrivão.

É parte rija.

Meirinho.

Não se dobra a nada.

Braz.

Mas, que querem de mim, senhor meirinho?

Meirinho.

Este mandado.

Braz.

Irra! Mais mandado!
Vem mandado o meirinho, e vem mandado
O escrivão, os esbirros vem mandados,
E sobre isto ainda vem mais um mandado!

Urraca.

Á casa d'um fidalgo quadrilheiros?

Meirinho.

Somos mandados.

Escrivão.

Seja, ou não fidalgo,
Quem deve, paga; porém eu, senhora,
Ao senhor Braz Carril, bem o conheço,
E que fosse fidalgo não sabia:
Nomea-lo por tal agora o ouço.

Urraca.

A gente baixa não conhece a nobre.

Escrivão.

E nobre?.... Póde ser.

Urraca.

Meia tigella.

Escrivão.

Isso é louça quebradiça.

Urraca.

E prata fina.

Meirinho.

Vamos, vamos, senhor, este mandado,
Senhor Carril.

Braz.

E que mandado é esse?

Escrivão.

Nove centos mil reis, que o senhor deve
A Martinho Raimon.

Meirinho.

É estrangeiro.

Braz.

É um ladrão ladino : bem conheço.
O capataz de quantos berlinguetes
Nos vem aqui vender gatos por lebres,
Nabos em saccos ; cascaveis, pandeiros,
Gaitinhas, berimbáos, quinquilharias ;
Que promptos a fiar tentão a gente,
E depois de empolgar rapaces unhas,
Fervem as citações, fervem penhoras.

Meirinho.

Isso não é do caso, esta sentença....

Braz.

E como hei de pagar essa quantia ?
Venhão cá outro dia ; hoje não posso.

Escrivão.

Então, senhor Carril, dè-nos licença.

Braz.

Licença, para que ?

Escrivão.

Para fazermos
Penhora no que acharmos.

Meirinho.

Ou ir prezo.

Urraca.

Ir prezo meu marido?

Escrivão.

Não se assuste:
Talvez, senhora, qu' haja nesta casa
O valor da sentença e mais das custas;
A nossa diligencia, isso cá fica.

Muconio.

O cravo é meu, custou-me o meu dinheiro.

Bilhostre.

São meus os castiçaes, senhor Carrança.

Picote.

As chicaras são minhas (*para o escrivão*), e protesto,
Senhor André Garrote, que são minhas.

Meirinho.

Nós, senhores, fazemos a penhora,
Depois requerêrão.

Muconio.

Essa está boa!

Bilhostre.

É forte chasco!

Picote.

Adeos, chicaras, bulle.

Fustote.

Como te vai, amigo, co' a partida?
É divertida emfim, é uso, é moda.

Braz.

Té o lavar dos cestos é vindima.
Meu querido Jacob, Picote amigo,
Doutor Muconio, amigo, caro amigo:
Generoso Fustote, alma d'um principe,
Acudi-me, livrai-me, bons amigos;
E que acção mais illustre, mais honrada,

Que acudir um amigo a outro amigo?
A amizade fiel, e verdadeira
É dadiva do céo, e do céo digna,
E dos humanos o maior thesouro;
É fonte donde mana a honra, a fama,
Que os miseros mortaes transforma em deoses
Brilhando estão no céo Castor e Pollux,
E no sagrado templo da memoria
Nizo, Euryalo, Pylades, Orestes.
Haverá coração, haverá peito
Tanto de aspero e rigido diamante,
Que não estale, ao menos se enterneça,
Vendo do caro amigo miseravel
A consorte fiel desamparada,
Os innocentes filhos sem abrigo,
E nas mesquinhas mãos da fome horrenda,
Da triste desnudez e da vergonha
Expostos a desprezos e ludibrios?
Sois meus amigos? Que fazeis, amigos?

Gil.

És tu Tullio, meu Braz? Eu não sou nescio:
Não me quero perder, não tenho em casa

Partidas, assembléas : bem me basta
O que perdi comtigo, e tu gastaste
Em golodices, secias, pataratas.
Quem muito não tiver, que gaste pouco :
Deixe-se de partidas, d'assembléas,
Brilhar não queira á custa dos amigos.

Dulce.

Que inhumano !

Urraca.

Que baixo, vil !

Branca.

Infame !

Dulce.

Jacob, caro Jacob ! Da triste Dulce
Os suspiros e lagrimas ardentes,
A fé immaculada, amor sincero,
Se alguma cousa podem merecer-te,
Não me deixes Jacob ; e se por minhas,
Estas sentidas vozes não te movem

Mova-te o grande e triste desamparo
De uma casta donzella, bem nascida.

Jacob.

Dulce, minha senhora, minha gloria,
Não te assustes, não chores, não te afflijas,
Quanto sou, quanto valho, quanto posso,
Tudo ao teu descanso sacrifico.

Branca.

Acaso esperas, dize, que te peça ?

Picote.

Não, Branca, não, senhora ; espero...

Branca.

Esperas ?

Picote.

Que me deixem fallar. Senhor Carrança,
Vou buscar o dinheiro.

Muconio.

Espera, espera :
Amigo Braz Carril, não sou de pedra,

Nem sou tigre, homem sou, os homens amo,
De ter humano coração me prézo.
Descansa, pagaremos o que deves:
Darás Dulce a Jacob, Branca a Picote,
Jofre case co'a minha Mafaldinha,
E todos tres o escote pagaremos.

Braz.

Que dizes, D. Urraca?

Urraca.

Paciencia....
Perdoem meus avós, mas a desgraça....

Braz.

Casem, casem; Muconio, estais contente?

Bilhostre.

Minha Dulce, meu bem!

Dulce.

Caro Bilhostre!

Picote.

Branca, minha esperança, que ventura !

Branca.

Que ventura, Gaspar, meu doce emprego !

Lourença.

E nós, meu Florestão, não nos casamos ?

Florestão.

E porque não, Lourença, sendo gratis ?

Muconio.

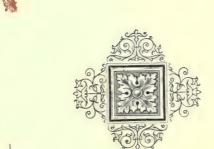
Senhor André Garrote, em minha casa
O espero d'aqui a meia hora :
Para pagar mandado e diligencia,
Tenho não só dinheiro, mas bigodes.

Braz.

Que generoso exemplo de amizade,
De nobres corações, de honrados peitos !
Mas neste raro exemplo se não fie
Quem se empega no mar de desperdicios.

Guarde-se da subita procella
D'alcaides e credores, que santelmos
Nem em todos os topes apparecem ;
E Bilhostres, Muconios e Picotes
São difficeis de achar. Batei as palmas.

PARTE III

DISSERTAÇÕES.

DISSERTAÇÃO PRIMEIRA

sobre o caracter da tragedia propondo ser inalteravel regra della não se dever ensanguentar o theatro e no desempenho de cujo drama devem reinar o terror e a compaixão, para que assim com esta representação se purguem os espectadores destas e outras semelhantes paixões (1).

Nec pueros coram populo Medea trucidet
Horat., Ars. Poet. v. 185.

Nobilissimos, sapientissimos e amantissimos Senhores,

Se assim como a vossa compaixão prosegue no designio de instruir-me, póde desculpar os meus erros a vossa indulgencia; perderei o medo

---

(1) Recitada na conferencia da Arcadia lusitana no dia 26 de agosto 1757.

As composições que se seguem, diz Innocencio, são muito louvadas por F. M. Trigoso na sua *Memoria sobre a Arcadia* pela liberdade e eloquencia de seu estylo.

de fallar diante de vós, sem me ensaiar no estudo das mais solidas doutrinas. Mas quem me ha de persuadir, que exercendo funcções do meu destino, e levado da honra de obedecer-vos, não desperdice aquelle tempo, que podia aproveitar em ouvir as vossas lições? Que systema, ou que questão posso discutir na vossa presença, sem que vos enfastie ouvir o que já sabeis; ou talvez o que refutais? De que a te, ou de que sciencia poderei combinar uma regra de que vós, melhor do que eu, não conheçais profundamente toda a sua extensão? Assim é, senhores; porèm vós quando me chamastes para membro desta sociedade, concebestes outra idèa mais illustre. Quizestes ser uteis á patria: e um projecto tão generoso não se póde praticar sem com effeito ensinardes os vossos compatriotas.

Affortunado fui eu, se fui um dos que primeiro vos deveo esta piedade: e seria ingrato se olhando para vós, como para mestres, tivesse pejo de mostrar a minha insuficiencia. Capacitado pois desta verdade, e não podendo resistir a tão formosa reflexão, discorrerei em um ponto, que en-

tre todos os da Poetica foi sempre para mim o mais difficultoso.

Seguindo a Demetrio Phalereo, ou a Neoptolomeo de Paros e certamente a Aristoteles, estabeleceo Horacio a inalteravel regra de que na tragedia se não devia ensanguentar o theatro, isto é, que as feridas, os tormentos, e as mortes, que são inseparaveis do caracter deste poema, se não devião expôr á vista dos espectadores; mas sim fia-las de uma facunda narração, ainda que o mesmo Horacio parece que forneceo as armas aos fautores da opinião contraria, lembrando-lhes que com menos efficacia persuade o que se conta, do que aquillo de que os olhos se informão por si mesmos (1).

Quem observar com circumspecção as tragedias antigas, achará, que esta regra foi quasi sempre religiosamente guardada.

Ainda entre os modernos ha poucos documentos que possão contesta-la. Os Francezes a recebêrão, a adoptarão, e a defendem com a pra-

---

(1) HORAT., *Poet.*, vers. 180.

tica, e com a doutrina. Nós temos a gloria de que a nossa *Castro* (1) seja um exemplo de que não a ignoramos, e de que a seguimos. Os Inglezes, nação em que mais se descobre os genios dos republicanos antigos (2), e que no orbe litterario fazem uma grande figura; os Inglezes, digo eu, são os que menos respeitarão esta lei, infringindo-a reiteradas vezes de que é triste testemunha o seu *Catão* e de que talvez os fez gostar aquelle odio, com que sacrificão á sua pretendida liberdade uma testa coroada.

É verdade que á primeira vista parece estranho que um poema, que nasceo nos braços da alegria e da festividade, exija de sua natureza uma peripecia sanguinolenta; e ainda mais extraordinario, que sendo do seu caracter as mortes, as feridas, e os tormentos, hajão de frustar aos olhos estas imagens funestas e horrorosas; parecendo que uma vez que ellas não sejão o

---

(1) Doutor Antonio Ferreira.

(2) *Reges et exactos Tyrannos densum humeris bibit aure vulgus.*

principal objecto da scena tragica, perderá grande parte da sua força e da sua efficacia este poema.

Antes de desatar esta duvida, é preciso descobrirmos a razão por que sejão as catastrophes funestas essenciaes da tragedia, lembrando-nos, de que este drama, segundo a sua natureza, é, como disse um grande homem, o throno das paixões, em que conforme Aristoteles, devem reinar o terror e a compaixão, para que assim nos purgue destas e outras semelhantes (1). Ora se os espectadores sahirem alegres com uma peripecia affortunada, perderão sem duvida toda a ternura e semente de constancia (digamo-lo assim) que o poeta lhes tiver inspirado, pondo-lhes em movimento o terror e a compaixão. Deste principio nasce a justiça com que são criticados aquelles maos poetas, que ordinariamente acabão as suas tragedias com uma catastrophe ditosa, e atropelando não só a regra, mas a razão, em que ella se funda.

Ainda que seja esta a natureza da tragedia,

(1) Le Bossu, *Poem. Epiq.*, T. II, pag. 194.

não é ella tão austeramente rigorosa, que haja de expôr aos olhos de todos o que a humanidade não poderia soffrer sem indignação, e que a policia pede que se occulte, ainda que se conte; com tanto que ella seja efficazmente o fim a que se dirige, isto é, a mover o terror e a compaixão. Para o poeta chegar a este fim não é preciso que Medéa diante do povo despedace os filhos; que Atreo preparasse a nefanda cêa; que Progne se converta em ave, ou Cadmo em serpente. Tudo o que assim se dispõe no theatro fica incrivel, desgosta os ouvintes, e não persuade; basta que eloquente narração o exponha aos nossos ouvidos com eloquencia, que chegue ao coração; as figuras, as imagens (n'uma palavra), a verdadeira poesia, um estylo pathetico, sem que os olhos se perturbem com os espectaculos horrorosos.

Persuadidos assim de que para mover o terror e a compaixão, não é preciso derramar o sangue no theatro, fica menos difficultoso o conhecimento, e a contemplação desta doutrina, pois consegue assim a tragedia o purgar-nos de se-

melhantes paixões pelo meio o mais suave e o mais decoroso.

Assim se mistura o util com o deleitoso; assim foge o poeta de fazer inverosimil a sua acção, ou de dever mais a habilidade dos actores á disposição das scenas e tramoias, do que á boa economia da fabula e energica força dos seus versos.

Falta-nos examinar se com tudo persuade mais o que se vê, do que aquillo, que se ouve, como lembra Horacio, e se a narração basta para mover as paixões, quanto exige a natureza da tragedia. É esta uma duvida, que certamente me abria o campo para uma larga dissertação, se a angustia do tempo, e o respeito da Arcadia não acudissem á pobreza do meu discurso.

Não saberei negar de que mais individualmente ficarei capacitado do que eu testemunhar com os meus olhos, do que aquillo, que simplesmente ouvir; mas esta vantagem, que seria precisa para eu dispor de qualquer successo em um tribunal, não é necessario que assim seja no theatro; ainda que bem conheço que a differença, que

ha entre a poesia dramatica, e exageratica, consiste em que aquella obra, e esta conta. No theatro não só escuto o que se diz, mas vejo o que se faz. Na epopeia não vejo o qne se faz; ouço o que se diz.

Devemos não perder de vista o fim da tragedia, para mover o terror e a compaixão. Se por exemplo me propõe o poeta a desgraça de Œdipo, consiste a força desta persuasão em mostrar-me um homem, que inviolavelmente commette um parricidio, matando a seu pai Laio; um incestuoso adulterio, casando com sua mãi Jocasta; usurpa um reino, irrita a divina justiça; e depois com teimosa curiosidade procura indagar a origem de tantos males, até que chegando a conhecer-se réo dos mais abominaveis delictos, homicida de seu pai, incestuoso com sua mãi, pai e irmão de seus filhos, desesperado, com as suas proprias mãos tira a si mesmo os olhos.

Abre-me a scena, mostrando-me a mocidade de Thebas diante do altar prophetico de Ismeno: o summo sacerdote sacrificando; na cidade não se ouvem senão prantos e suspiros; uma violenta peste devora aquelles miseraveis. Consulta-

se o oraculo, vem a resposta, descobrem-se alguns indicios, exige o céo, que o delicto original se expie com a morte do delinquente. E emquanto se examina quem é o desgraçado, quantas vezes me assusto, receando não seja aquelle mesmo homem que eu vi, como pai da patria, chorar com os innocentes, jurar-lhe, que não deixará de solicitar o remedio daquella calamidade, ainda que seja á custa da sua vida; um homem, que dissolveo o enigma da Esphinge: finalmente um rei clemente. Chega o reconhecimento, vejo que este mesmo Œdipo é o culpado. Quanto me compadeço!

Affirmo-vos, senhores, que nunca li esta tragedia de Sophocles, que não chorasse, quando vejo o miseravel rei com os innocentes filhinhos, ora fazendo imprecações, ora chorando sobre elles lagrimas de sangue, e neste triste desamparo deixar a mulher, a casa e o reino: ao mesmo tempo ouço a noticia de que Jocasta se matou. Ha mais terror! Ha mais compaixão! Eis-aqui como a tragedia consegue seu fim, sem me fazer inverosimil a sua fabula.

Pelo contrario, se eu visse este mesmo Œdipo metter os dedos pelos olhos até arranca-los, ou duvidaria do mesmo que estava vendo, ou a difficuldade, com que o actor executasse este passo, me provocaria o riso. Por isso Horacio manda, que se passe por detrás da scena, o que não deve apparecer no theatro. Aristoteles diz, que isto é que se chama *golpes de mestre,* porque é preciso que a fabula seja composta de modo, que quem não faz mais do que ouvir as coisas que succedem, ainda, que as veja, trema comtudo, quando lh'as contarem, e sinta o mesmo terror, e a mesma compaixão, que se não póde deixar de sentir, quando se ouve a tragedia de Œdipo (1).

Ficando pelo que toca á razão relativa d'esta regra, em que provado assim o que me atrevi a propor-vos, devo examinar se a autoridade de Aristoteles, em que se fundou Horacio, padece no texto alguma duvida, ou se tem sido contestada.

É certo que muitos e grandes homens tem interpretado mal as palavras do philosopho tirando

(1) Arist., *Poet.*, cap. 14.

d'ellas a errada consequencia de que o theatro se deve ensanguentar, para bem se mover o terror e a compaixão. O maior tragico de França Mr. Corneille no exame do seu Horacio diz: « se é uma regra não ensanguentar o theatro, não é certamente do tempo de Aristoteles, que nos ensina que para mover efficazmente são precisos grandes desgostos, feridas e mortes em espectaculo. »

Varios traductores d'esta inestimavel obra, quero dizer, da Poetica de Aristoteles, traduzem o texto no mesmo sentido *mortes in aperto factam* (1); porém outros, a quem abona o sabio Dacier, *mortes evidentes e certas;* pretendendo que debaixo desta expressão geral comprehenda Aristoteles as duas especies de mortes que succedem na tragedia, as que se não vêm, e as que se vêm, porque uma personagem póde vir acabar de morrer no theatro, comtanto que nelle não tenha sido ferida.

Vejamos, senhores, se repetindo-vos o texto, conforme a traducção de Dacier, se comprehende

(1) Alexandre Paecio Florentino.

melhor esta verdade, ou se a traducção franceza quadra melhor com o seu contexto (1). Além destas duas partes da fabula, que pertencem á materia, ha tambem uma terceira, que eu chamo paixão: já se tem explicado o reconhecimento e a peripecia. Chamo paixão uma acção, que destroe alguma personagem, ou que causa violentas dores, como são as mortes evidentes e certas; os tormentos, as feridas, e todas as outras cousas semelhantes (2).

A palavra paixão, de que se serve aqui Aristoteles, não significa uma paixão, que se move na alma por este, ou aquelle respeito; mas sim no sentido, em que ella significa padecimento, como quando dizemos (se é que se póde explicar uma cousa profana com os mysterios da nossa religião) *a Paixão de Christo.* Nesta significação se entende este termo: e para que esta paixão se ache em uma tragedia, não é preciso que as feridas, as mortes, e os tormentos se exponhão no

---

(1) Dacier traducção de Arist., cap. XI, not. 14.
(2) Arist., *Poet.*, cap. XI.

theatro; basta que o auditorio fique certo que esta, ou aquella personagem, vai padecer infallivelmente aquella morte, aquelle tormento, e que depois com energia e com facundia outra personagem lhe conte este lastimoso caso, ajudando-o a compadecer-se com as reflexões, lamentações, e, se preciso é, com as lagrimas, como diz Horacio: *Que se o poeta quizer que chore o espectador, ha de elle chorar primeiro.*

Aqui me lembra advertir, que esta paixão é tanto do caracter da tragedia, que póde haver fabula simples, isto sem peripecia, ou reconhecimento, como é o *Ajax* de Sophocles, a *Hecuba* de Euripides: mas não póde haver nenhuma sem paixão, pois sem ella, como já vimos, é impossivel mover o terror e a compaixão, que é o fim da tragedia.

Daqui se infere incontestavelmente, que o philosopho estabelece esta regra. Não é verosimil que um homem, que apoiou toda a sua doutrina na pratica dos antigos, concebesse a idéa de fundar um systema que lhe é contrario (1). O mesmo *Ajax*

(1) Hedelin in Praxi Theatrica.

de Sophocles, com que os fautores da opinião contraria se tem allucinado, não se mata no theatro, como elles pretendem; mas bem se percebe que esta fatalidade se passa em um bosque vizinho: assim se escutão os clamores de Agamemnon (1); assim se ouve gritar Clytemnestra, quando é ferida por Orestes (2); e os mais exemplos, que vós sabeis, e que eu julgo superfluo repetir.

Finalmente, senhores, não deixaria de ser culpavel a minha affoiteza, se eu me atrevesse a discutir mais uma materia, em que devia só consultar-vos. Basta que eu mostre o desejo que tenho de instruir-me, e que vos proteste sinceramente que não me dedico aos trabalhos academicos, com outra esperança mais, do que com a idéa que tenho concebido, de que correndo por vossa conta a direcção dos meus estudos, algum dia saberei imitar-vos; e que então poderei sem pejo fallar na vossa presença, e concorrer para a utilidade publica, para o credito do reino e para gloria da Arcadia.

---

(1) Agamen. de Eschil.
(2) Sophoc.

DISSERTAÇÃO SEGUNDA

sobre o mesmo caracter da tragedia e utilidades resultantes na sua perfeita composição (1).

Et quocumque valent, animum auditoris agunto.

HORAT., Ars. Poet., vers. 100.

Nobilissimos, sapientissimos e amantissimos Senhores,

Como estou seriamente persuadido de que vós não só soffreis, mas em certo modo approvais o meu trabalho com o projecto, certamente, de promovê-lo, e de adiantar-me assim em materias de litteratura; tórno a fallar na vossa presença; tórno a mostrar quanto necessito das vossas li-

---

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 30 de setembro de 1757.

ções; tórno a implorar a vossa indulgencia (1). E já que no congresso passado tratei a regra, que serve de limite á força com que a tragedia move nos nossos animos o terror e compaixão, sem largar de mão o prumo, procurarei sondar este maravilhoso pélago, mostrando quanto é necessario que a tragedia mova as paixões para conseguir o fim a que se dirige: qual é este fim, e se elle de sua natureza é capaz de concorrer para a boa policia de uma republica.

Horacio conhecendo profundamente a razão, a força, e os admiraveis effeitos deste activo filtro da poesia, propõe na sua Poetica a regra não só para a tragedia, mas para todos os poemas; advertindo-nos que não basta que elles sejão adornados de bellezas, mas que é preciso tambem que o poeta mova nos corações dos ouvintes as paixões que lhe parecer, ou que exigir a natureza da sua composição.

---

(1) *Ille per extentum funem mihi posse videtur*
Ire poeta; meum qui pectus inaniter angit
Irritat, mulcet falsis terroribus implet
Magnus ut et modo me Thebis, modo ponit Athenis.

Este mesmo grande critico escrevendo a Augusto, lhe dizia: « Que para elle só era bom poeta o que possuindo bem a difficil arte de mover as paixões lhe commovia o coração com poeticos fingimentos; ora irritando-o, ora aplacando-o, e finalmente enchendo-lhe o peito de terror, e de espanto: bem como um magico, que o transportasse uma vez a Thebas, outra a Athenas. »

Para conhecermos nós quanto esta regra não só é relativa á tragedia, mas que incontestavelmente quadra com a sua natureza, e é como alma de todas as suas forças, será preciso trazermos á memoria a definição deste poema (1). « A tragedia é pois a imitação de uma acção grave, inteira, e que tem uma justa grandeza, cujo estylo é agradavelmente temperado; mas differentemente em todas as suas partes; e que sem o soccorro da narração pelo meio do terror e da compaixão, acaba de purgar em nós este genero de paixões, e todas as outras semelhantes (2). »

---

(1) Arist., *Poet.*, cap. 6, pag. mihi 72.
(2) Boileau, *Poet.*, Cant. 3.

É preciso que a tragedia mova as paixões, e nisto se conforma com os mais poemas. Deve especialmente mover o terror, e a compaixão aqui se affasta delles, e deve purgar-nos destas, e de outras paixões semelhantes: assim os excede; assim fica util; assim é maravilhosa (1).

Quanto é preciso para mover as paixões, é escusado que o examine, pois julgo que qualquer de vós trará continuamente nas mãos as melhores Poeticas, as Rhetoricas de Aristoteles, de Longino, de Demetrio Phalereo, de Cicero, e de Quintiliano, além dos modernos, que excellentemente tem tratado esta materia. Agora bastará que vejamos qual é o melhor caminho de mover o terror e a compaixão.

É certo que estas duas paixões nascem da sorpreza (2). E isto é a admiração que nos causa um successo inesperado, que quando menos o cuidamos, então nos assusta e nos arrebata. Esta é a qualidade de tudo quanto é sublime e admiravel;

---

(1) Le Bossu, *Trait. du Poem. Epiq.*, chap. 9.
(2) Arist., *Poet.*, 9.

pois no que assim vemos succeder, achamos sempre um caracter maior do que nas revoluções que vem, quando nós as esperamos (1). Se um homem nunca tivesse visto a luz do dia, que espanto lhe não causaria ver sahir do horizonte um globo luminoso, que estendendo os seus raios pela superficie da terra, cobria tudo de côres e de claridade? Mas para que a sorpreza cause este bom effeito na tragedia, é preciso que as causas nasção umas das outras contra a nossa esperança (2): não basta que os incidentes sejão puramente fortuitos (3); mas é preciso que o poeta com boa economia disponha de tal forma a sua fabula, que os episodios, ou os incidentes, nascendo uns dos outros, conduzão a pessoa fatal do drama ao reconhecimento; que deste reconhecimento nasça a peripecia; que a peripecia mostre a protogneste em uma catastrophe desditosa, contra o que promettião as circumstancias, e ideava a esperança

---

(1) Arist., *Poet.*, 9.
(2) Ib i.
(3) Dacier, Not., 26.

dos espectadores: então é infallivel a compaixão, e tambem é natural o terror; então me compadeço; então me assusto; então me transporto fóra de mim mesmo.

Aqui vemos que o maior segredo deste methodo de mover as paixões, consiste na sorpreza, que nos causa um successo tirado dos incidentes nascidos uns dos outros, e que nos permettião o contrario. E porque esta circumstancia falta nos casos puramente fortuitos, por isso a sorpreza, que procede delles, não chega a mover em nós estas paixões com a actividade que pede a natureza da tragedia, falta-lhe a qualidade de maravilhosos.

Com effeito nada tem disso um naufragio, a cahida de uma casa e outros desastres semelhantes: é verdade que então nos compadecemos, mas nesta compaixão não tomamos maior parte do que aquella, a que simplesmente nos obriga a humanidade (1). Mas nos incidentes que nascem uns dos outros, a idéa do espectador movida, e cheia do

(1) Dacier, Not., 27, á *Poet. de Arist.*, cap. 9.

objecto, vê juntamente a causa e fim d' aquelle horroroso successo; e desta duplicada vista seguem infallivelmente a sorpreza e as paixões: e por isso ha tanto de maravilhoso na Sagrada Escriptura, onde são tão frequentes os successos extraordinarios produzidos sempre de incidentes, que nascem uns dos outros contra a expectação dos leitores.

Para o poeta conseguir o effeito que se propoz pelo meio do movimento das paixões, deve ter diante dos olhos duas cousas (1): uma é o meio de as fazer receber dos seus ouvintes, ou leitores, e outra é fazer-lhes effectivamente sentir. Emquanto á primeira, é preciso que disponha os animos para lhes embutir as paixões; emquanto á segunda, deve não misturar paixões incompativeis (2). Com effeito para transportarmos uma cousa, é preciso primeiro tira-la de onde estava para a levarmos para onde a queremos pôr: as-

---

(1) LE BOSSU, *Trait. du Poem. Epiq.*, cap. 9, page 201.
(2) Idem, ibi.

sim devemos com tal progresso conduzir os incidentes da tragedia, que pouco a pouco vão crescendo os embaraços ; e quando o espectador está já como abalado, esperando algum grande successo, então é que o poeta se deve aproveitar desse instante para soltar os diques do terror e da compaixão.

Por estar fóra desta regra, critica o Padre Le Bossu o Ajax das *Metamorphoses*, pois Ovidio fazendo comparecer este capitão na presença de uns juizes, que estavão em perfeita tranquillidade, principia o requerimento pelas figuras as mais violentas, e as mais patheticas (1). O que em lugar de inclinar os animos ao partido que pretendia Ajax, o dá a conhecer por um homem colerico, desarrazoado, e que está fóra de si mesmo; caracter certamente mais proprio para ser aborrecido, do que para persuadir.

Ainda que esta doutrina seja mais propria para a epopeia, e outros poemas, no que toca á primeira parte, comtudo eu me lembrei della, para

---

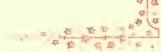
(1) Le Bossu já citado.

que advertissemos, que ainda que a sorpreza é a origem do maravilhoso, e que é da natureza da tragedia, não devemos comtudo dispor uma contextura de incidentes falsissimos, e de repente, sem que, nem para que, amontoarmos incidentes lastimosos e funestos (1); mas que devemos tira-los uns dos outros, com tal graduação que insensivelmente se vão dispondo os animos dos ouvintes para receber aquillo mesmo que não acceitárão, se dependesse de seu arbitrio a sorte do protagonista.

Em quanto á segunda parte, todos sabem que o amor, e o odio não podem estar juntos, e que assim mesmo seria impossivel que a reinarem em uma dama diversas e incompativeis paixões, além de cahirmos na Polymithia, ou perdermos a unidade da acção, seria difficultoso que uma paixão repugnasse ao effeito da outra, e que por este modo se nos não fizesse impraticavel o mover os animos.

Alguns espiritos fracos não sendo senhores de

---

(1) Boileau, *Poet.*, Cant. 3.

uma fertil imaginação, tem cahido em outro defeito mais ridiculo e mais estranho; quero dizer, procurão mover o terror e a compaixão pelo meio das tramoias e decorações, ou de incidentes monstruosos; por isso diz Aristoteles, que nascer o terror e a compaixão da contextura dos incidentes é o melhor, e que a isto é que se chama *golpe de mestre* (1). Eschylo cahio naquelle defeito nas suas *Eumenides*, não excitando o terror e a compaixão mais do que com o espectaculo. Todos sabem a historia do seu terrivel côro das furias, e os nocivos effeitos que produzio no seu auditorio. É notavel o parallelo que faz Dacier deste drama com o *Œdipo* de Sophocles. *Quando nós* (diz elle) *lemos hoje as Eumenides de Eschylo não nos sentimos muito penetrados; porque o que havia de terrivel neste drama, nascia da decoração: mas quando lemos o Œdipo, não podemos deixar de tremer, e de sentir os mesmos movimentos de terror e de compaixão, que sentião aquelles, que o vião representar no theatro.*

---

(1) Arist., *Poet.*, cap. 14, pag. mihi 211.

Desprezando estas reflexões, e estas solidas doutrinas, tinha o máo gosto adoptado o peior systema: dragões, magicos, navios, incendios, batalhas, naufragios, carceres, patibulos, demonios e espectros, erão os milagres do theatro. Ha bem pouco que uma côrte polida fazia as suas delicias de semelhantes espectaculos. E Metastasio, não obstante alguns destes defeitos, teria, se quizesse, uma estatua no Capitolio. É para sentir, que um homem como este, excellente poeta, tenha innumeraveis vezes infringido as mais irrefragaveis leis da tragedia.

Outro defeito ha, que não è menos impio: com effeito, não só não move, mas é ridiculo. Deste genero são as transformações, as serpentes, e outras puerilidades semelhantes, de que deve abster-se um bom poeta, e de que não póde gostar um discreto espectador.

Tambem devemos notar, que para mover o terror e a compaixão não é conveniente, como entenderão muitos, escolher para assumpto das tragedias os martyrios, quero dizer, os martyres não devem ser heróes de semelhantes poe-

mas (1). Aristoteles diz, que a pessoa fatal da tragedia não deve ser nem um homem muito máo, nem muito bom; porque se virmos padecer um grande infortunio a um homem muito bom, este espectaculo mais nos moverá á indignação do que á terror e á piedade, e se fôr um homem muito máo, isto é, um impio, um facinoroso, tambem a sua desgraça não fará em nós este effeito, pois é certo que o terror e a compaixão são paixões que nascem promptamente das desgraças dos nossos semelhantes. Logo quem se ha de compadecer, ou atemorizar de ver em um patibulo un famoso malfeitor, uma péste da republica?

O amor proprio é base de todas as paixões, e por isso o martyrio do homem santo, e que nos é superior em virtudes, causa-nos horror, mas nunca compaixão, ou piedade; pois o horror as affugenta nestes casos tão fortemente, que ou ficão supitas, ou desapparecem. Corneille é de opinião contraria, talvez por ter dado ao publico o seu *Polyeucto* antes de ter lido Aristoteles apoiado

---

(1) Arist., *Poet.*, cap. 13.

em Menturno, que na sua Poetica decide que a Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo póde ser materia de tragedia.

Tudo isto é necessario para que a tragedia chegue ao desejado fim a que se dirige, isto para que consiga o purgar em nós o terror e a compaixão, e todas as outras semelhantes paixões. Platão, que lhe não attribuio tão util efficacia, a banio da sua republica; e muitos pretendem que este effeito não seja mais do que uma chimera, trabalhando por mostrar, que a tragedia em vez de purgar-nos das paixões, as suscita, e as promove. Porém estas accusações, como são fundadas em sophisma, não podem vencer a força da razão, e da verdade.

É certo que á primeira vista parece impossivel que a tragedia haja de purgar-nos das paixões, que ella mesma influe nos nossos corações; mas em reparando em Dacier, como se deve entender este termo de *purgar as paixões*, conheceremos a razão.

Os Academicos, e os Estoicos dizem: *Lançar fóra as paixões; desarreiga-las da alma; isto é su-*

perior ás forças da tragedia ; isto não faz ella. Mas os Peripateticos persuadidos que o excesso das paixões é que as faz viciosas, e que sendo reguladas, são uteis, e ainda necessarias, entendem por purgar as paixões, reduzi-las a uma justa moderação.

Eis-aqui o fim da tragedia, eis-aqui o que ella é capaz de fazer ; e não é pouco.

A tragedia move em nós o terror e a compaixão, expondo-nos no theatro as desgraças dos nossos semelhantes , desgraças, que merecêrão por culpas involuntarias. Assim nos familiariza com estes infortunios ; assim nos ensina não temê-los, ou tolera-los com paciencia, e com constancia. O imperador Marco Aurelio é da opinião de Aristoteles ; diz : « Que as tragedias forão primeiro introduzidas para fazer lembrar aos homens dos accidentes que succedem na vida ; para lhes advertir, que devem necessariamente succeder ; e para lhes ensinar que as mesmas cousas, que os divertem na scena, lhes não devem parecer insupportaveis no theatro do mundo » (1).

---

(1) Marc. Aur. art. 6. n. livr. das *Reflex.*

Não só a tragedia purga, como temos visto, o terror e a compaixão, tambem modera todas as outras paixões: obriga-nos a que examinemos a causa das desgraças que nos representa: e conhecendo nós qual foi a paixão, que, por exemplo, precipitou *Œdipo* em semelhantes desesperações, é impossivel que não cuidemos muito em nos abstermos de uma temeraria e cega curiosidade, pois uma vez que se leia aquelle excellente drama, facilmente se conhece, que estas duas paixões, mais do que o incesto e do que o parricidio, forão a causa da desgraça de *Œdipo*. Desta sorte é que uma fabula tragica, com o disfarce das allegorias, nos imprime na alma as proveitosas maximas da Ethica, assim nos fórma para a sociedade; assim nos dispõe para a virtude; assim nos ensina a obrarmos grandes acções; a ser util á patria, e á republica. Os herões de Athenas, de Thebas e de Roma talvez que sejão discipulos da tragedia.

E com effeito que frutos não colheria uma republica, se nos theatros se ensinassem as virtudes, e as grandes acções? Bem sei que na nossa

religião ha melhores cadeiras e escolas da Ethica. Os prégadores evangelicos incontestavelmente farão sempre melhor progresso; mas a depravação dos costumes e dos caprichos dos homens, obsta não poucas vezes a este santo projecto.

Um homem da côrte raras vezes vai ouvir os prégadores, sem a prevenção de que elles hão de censurar-lhe o seu procedimento; e este pejo com que olhão para elles, como para seus inimigos, ou ao menos como para juizes severos, embaraça notavelmente a persuasão.

Aos theatros concorre todo o mundo com a idéa de que só vai divertir-se, e recrear-se. E se o poeta tem a feliz arte de obrigar a que os espectadores se transportem com o movimento das paixões, e neste transporte lhes inspira uma maxima de boa Ethica, o triumpho é infallivel. Assim para um menino enfermo beber o remedio se lhe costuma banhar com o mel a circumferencia do cópo. Os bons generaes usão muitas vezes de estratagemas. Não quero dizer nisto, que se levantem theatros e que se desamparem os pulpitos: hajão umas, e outras aulas. Deva-se a

todas a boa educação da mocidade; a reforma dos costumes; as maximas da virtude; o aborrecimento dos vicios; o amor da patria; e gloria da nação.

Não é meu intento defender as tragedias irregulares e monstruosas, aquellas em que só reina uma paixão criminosa; aquellas que ensinão o adulterio, a aleivosia e que atacão vigorosamente a castidade, que pintão os Cesares, os Brutos, os Enéas, não como homens, mas como mancebos affeminados e impertinentes amadores. Esta formidavel péste, que depressa se derrama não só pela côrte, mas pela cidade; esta tragedia ainda que tem mais fautores, é certamente a que deve subir a sentença de Platão, a censura dos Santos Padres, e a condemnação dos Concilios.

Não me atrevo a cansar mais a vossa paciencia: com argumentos tão triviaes acabareis de conhecer a debilidade do meu discurso; e permitta o nosso numen tutelar, que não desespereis do meu adiantamento, que eu da minha parte, para vos descobrir a sinceridade, com que me sacrifico aos trabalhos academicos, vos confesso,

que para obedecer-vos me tenho feito plagiario, não fazendo nos meus discursos mais do que transcrever aquelles poucos autores, que a má fortuna, que me persegue, me não póde arrancar das mãos.

DISSERTAÇÃO TERCEIRA

Sobre ser o principal preceito para formar um bom poeta procurar e seguir somente a imitação dos melhores autores da antiguidade (1).

> Nec verbum verbo curabis reddere fidus
> Interpres....
>
> HORAT., ARS. POET., v. 133.

Preclarissimos, amantissimos e sapientissimos Senhores,

Se assim como vós, ó Arcades, desejais formar em mim um membro digno de tão illustre sociedade, quizesse a fortuna dar a mão a meus

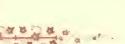
---

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 7 de novembro de 1757.

Autorisado por Innocencio emendei proveito para preceito na summa desta dissertação. (Vide *Dicc. Bibl.*, art. Garção, pag. 391.)

desejos, ajudando-me, ao menos, com a tranquillidade, de que necessita quem escreve, poderia eu de algum modo desempenhar vossa generosa eleição, e assentar-me menos envergonhado em um lugar, que por sorte do escrutinio tocava a um de nossos melhores, e mais distinctos socios. Substituir as vezes de um homem sabio, eloquente e erudito, as vezes de um *Elpino Nonacriense* (1), não é pezo com que possão meus hombros. Para commetter tão ardua empreza, necessitava de mais brilhantes armas. Longo estudo, profunda erudição, um vasto conhecimento dos autores mais versados e de melhores tempos, uma natural elegancia e delicada pureza de linguagem, são predicados e talentos que não descubro em mim, e os que só me podião desculpar a confiança, com que me sacrifiquei a tão difficil empenho. A gloria de obedecer-vos é a unica, e feliz circumstancia que me anima, e me promette a indulgencia, de que me fazia talvez indigno meu atrevimento. Se não satisfaço, ao menos obedeço.

---

(1) O Sr. Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Entre as solidas maximas, com que Horacio pretende formar um bom poeta, não é, como vós sabeis, menos importante a imitação. Não fallo da imitação da natureza, mas da imitação dos bons autores, daquella imitação, á qual deve a Arcadia sua grande reputação, e não pequena parte dos honrados elogios com que foi recebida de nossos mais prudentes e doutos patricios, e que ha de espalhar seu nome pelas nações estrangeiras. Este foi em todos os seculos e será em todas as idades o maior segredo de tão divina arte.

Os Gregos e os Latinos, que dia e noite não devemos largar das mãos, estes soberbos originaes, são a unica fonte de que manão boas odes, boas tragedias, e excellentes epopeias.

Este é o verdadeiro genio, a que o vulgo chama *veia poetica* e os doutos *enthusiasmo*.

Muito pode o espirito humano! Mas nunca terá força para subir tão alto, se não fôr pela estrada que trilharão os antigos poetas e oradores. Entre nós, depois que acabarão os bons dias da poesia portugueza, poucos forão os que penetrarão semelhante mysterio, de que são miseraveis testemu-

nhas as obras dos seiscentistas. Guardava o céo para a Arcadia a honra e a vaidade de erguer esta bandeira, e levar comsigo seus compatriotas. Hoje todos desejão imitar os antigos, todos estudão pelos Gregos, pelos Latinos e pelos nossos bons autores: mas fugindo de Scylla, quantos várão em Charybdes?

Querem ser imitadores e não passão de uns humildes plagiarios.

Para evitar tão depravado extremo, nos recommenda Horacio o modo, com que devem ser imitados os antigos; e ainda que neste lugar estabeleça outras regras para conseguirmos tão desejado fim, a mim me pareceo, olhando para o vicio mais commum, que devia escolher para assumpto as poucas, mas importantes palavras, com que tão grande critico nos ensina a imitar, e nos mostra o perigo, de que devemos fugir.

Muitos, querendo imitar Virgilio, fazem uma má traducção desta, ou daquella imagem de tão grande poeta; e escravos de suas palavras, não passão de traductores. Não imitão, roubão e despedação as obras alheias: desfigurão o que lhes

agradou, como se tomassem por empreza fazer-nos aborrecer o que admiramos. Disto acha-se que enfermão tantos, quantas são as obras, que todos os dias apparecem cheias de lugares dos poetas, não imitados, mas servilmente traduzidos. É tão forte a preoccupação, de que nascem tão lastimosas desordens que muitos com vaidade e com soberba apontão, e mostrão os pensamentos, ou idéas, que roubarão, ou traduzirão.

Esta epidemia, que talvez reinava no tempo de Horacio, lhe deo razão para advertir aos poetas dos vicios, de que devião fugir, quando quizessem imitar, recommendando-lhes, que não traduzissem palavra por palavra, como um fiel interprete: assim explicão este lugar os melhores commentadores da sua Poetica. E não sei com que razão o traductor portuguez trabalha por mostrar, que Horacio nestas palavras dá regras para as traducções. Julgo que a ninguem deixará de parecer obvio e natural o sentido do texto, tão livre de amphibologia.

Todos sabem que Horacio, ainda quando parece passar de umas para outras cousas, guarda

o melhor methodo, e conserva o fio da sua doutrina. Dom, que não podia faltar em um tão grande lyrico acostumado ás digressões, que parecendo-lhe alheias do assumpto, nascem delle, e o deixão mais brilhante, magestoso e sublime.

Não falta quem compare os poetas com os navegantes. A agulha, que lhes mostra os rumos, é a estrella que os guia, e leva a salvamento: sem ella serião mais frequentes os naufragios, e não poucas vezes os que demandassem remotas praias, não voltarião com a feliz noticia de novos continentes. O poeta, que não seguir aos antigos, perderá de todo o norte, e não poderá jámais alcançar aquella força, energia e magestade, com que nos retratão o formoso e angelico semblante da natureza.

Devemos imitar e seguir os antigos: assim no-lo ensina Horacio, no-lo dicta a razão, e o confessa todo o mundo litterario. Mas esta doutrina, este bom conselho, devemos abraça-lo, e segui-lo de modo, que mais pareça que o rejeitamos, isto é, imitando, e não traduzindo. Os poetas, devem ser imitados nas fabulas, nas imagens, nos pen-

samentos, no estylo ; mas quem imita, deve fazer seu o que imita : se imito a fabula, devo conservar a acção, ou alma da fabula ; mas devo variar de fórma os episodios, que pareça outra nova e minha : se imito as pinturas, não devo no meu poema introduzir um Polyphemo ; mas do painel deste gigante posso tirar as côres para um Adamastor : se imito o estylo, não devo servir-me das palavras dos antigos, mas achar na linguagem portugueza termos equivalentes, energicos e magestosos, sem torcer as phrases, nem adoptar barbarismos.

Olhando para a pratica dos Latinos e bons modernos, achamos religiosamente guardados estes preceitos. Assim imita Virgilio a Homero na sua *Eneida* ; assim imita a Theocrito na sua *Bucolica*. Assim imitou Camões a Virgilio ; Antonio Ferreira a Horacio ; Sophocles a Theocrito ; Bion a Mosco. Todos conhecem o original que achou Ovidio em Euripedes para formar a soberba pintura do carro de Phaetonte ; nos conselhos com que o pai encaminhou a resolução do filho do cuidado com que se assusta, e da paternal mise-

ricordia, com que prantêa a desgraça do atrevido mancebo. Quando em idade mais adulta observamos mais attentamente estes formosos astros da poesia, se não fosse irrefragavel a chronologia, se não constasse da historia, poderiamos duvidar de quem era o original; assim como tem havido quem ponha em problema, qual das duas nações merece a primazia.

Se fallasse com homens menos instruidos, cansar-me-hia em confrontar as copias com os originaes, os Latinos com os Gregos, os Portuguezes com uns e outros. Mas na presença de Arcades não me atrevo a mostrar como cabedal meu o que tem feito trivial a inundação de Poeticas e Rhetoricas, que já cansão o espirito mais ávido de erudição, e mais cubiçoso de sciencia.

Não pareça que levado desta doutrina, quero dizer, do muito que Horacio e todos os bons criticos recommendão a imitação dos antigos, tiro por consequencia, que o poeta não deve dar um passo livre, e que não póde adornar seus poemas com pinturas, de que não conheça originaes. Bem será que não chegue a perdê-los de vista; mas

seguindo este rumo, póde largar as vélas á sua fantasia, e voar até descobrir novos mundos. Feliz aquelle que não só imita, mas excede ao seu original. Virgilio não poucas vezes cortou esta palma, excedendo na concepção e energia a abundancia do poeta que imitava. Nas poucas palavras deste hemestichio *Jovis omnia plena*, abrangeo as circumstancias, com que Aracto descreve a omnipotencia: outras vezes applicando e vestindo de mais formosas côres a imagem que imitava, como nestes versos

Olli dura quies oculos et ferreus urget
Somnus in aeternam claudientur lumina noctem,

nos quaes accrescentou magestade á magestade de Homero. Algumas vezes servindo-se dos oradores gregos, dava a seus pensamentos a luz e pompa da poesia, como nestes versos:

Aut furiis Caci mens effera nequid inausum
Aut intentatum scellerisve dolive fuisset:

que os criticos conhecem ser imitação de outra

semelhante sentença de Demosthenes, ou de Eschines.

Esta generosa liberdade concede Horacio aos poetas, e tanto se não envergonha, que se jacta de havê-la tomado, quando fallando dos imitadores servis, disse de si mesmo:

O' imitatores servum pecus, ut mihi sæpe
Bilem, sæpe jocum vestri movere tumultus
Libera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede; qui sibi fidit
Dum regit examen.

Solto de tão pezada escravidão, imita o mesmo Horacio o lyrico grego, sendo em muitos lugares conhecidamente superior a Pindaro. Quantas vezes a simples mudança de uma palavra afermosêa um verso, de fórma que parece não só outro, mas fica na verdade melhor. É bem conhecido o verso de Euripedes, que se lê em Sophocles, sem mais differença que a de um vocabulo; mas tão differente, que nada tem Sophocles que restituir a Euripedes, nem Euripedes que pedir a Sophocles.

Eis-aqui o que não penetrão a maior parte dos nossos poetas, pois adorão com tal superstição seus antigos originaes, que querendo imita-los, não tem valor para mudar uma syllaba, quanto mais uma palavra.

Sobem pela estrada, que pizarão nossos bons poetas; seguem as pizadas dos Latinos e dos Gregos, mas tão cobardes e medrosos, que tarde, ou nunca chegarão aonde elles subirão. Semelhantes ao desgraçado caminhante, que em uma tenebrosa noite piza o caminho tão carregado de susto, que finalmente tropeça, cahe, e se precipita.

O poeta é senhor da materia de que trata: se a invenção é toda sua, póde forma-la como lhe parecer; se a pedio emprestada a algum dos antigos poetas, deve, quanto lhe fôr possivel, reduzi-la a tão nova figura, que pareça outra, e que fique sendo sempre a mesma.

ORAÇÕES.

ORAÇÃO PRIMEIRA

em que se intima e persuade aos Arcades se interessem em cumprir as leis da Arcadia que erão empenhar-se com todo o esforço na restauração da eloquencia e antiga poesia portugueza (1).

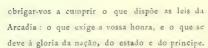
Nobilissimos e sapientissimos Arcades,

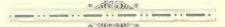
Se a opulencia da materia póde fertilizar a idéa do orador, se lhe póde dar força, energia e elegancia para mover, para arrebatar, e para persuadir, certo estou eu, ó Arcades, de que hoje poderei com minha oração dominar vossos animos, ganhar vossa attenção e benevolencia.

Sois Arcades, sois Portuguezes. Falla comvosco um compatriota, e não pretende mais, do que

---

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 8 de maio de 1758.

obrigar-vos a cumprir o que dispõe as leis da Arcadia: o que exige a vossa honra, e o que se deve á gloria da nação, do estado e do principe.

Já vejo que todos estais suspensos, e que talvez não falta quem diga: que homem é este, que sempre excogita para assumpto das suas orações objectos fantasticos? Que nos accusa de crimes. que nós não commettemos, e que devendo aprender comnosco a orar, tem degenerado em declamador? Mas tambem eu, ó Arcades, vos pergunto: e se este declamador vos narrar factos incontestaveis, se produzir documentos authenticos, se tratar de uma materia per si mesma grande, magnifica e capaz de levantar a reputação da Arcadia, chamar-me-heis orador?

Confessareis que tenho aprendido comvosco? Que vos imito? E que mereço ser admittido a fallar em vossa presença? Pois, Arcades, hoje não quero senão mostrar-vos, que o pacifico e prospero reinado do nosso clementissimo soberano está clamando, que cumpramos o que promettemos; quero dizer, que séria e inalteravelmente nos appliquemos com todas as nossas forças ao

honrado trabalho de restaurarmos a eloquencia e poesia portugueza. Sem a fundação de uma Arcadia seria impraticavel o magnifico projecto de restaurar estas duas divinas artes, artes em que se apoia a duração da sociedade ; de que depende, a memoria dos homens illustres ; e não poucas vezes, a conservação da republica ; isto reconhecerão os Medicis, as Christinas, os Pedros Grandes, Luiz XIV. e D. João o V.

Que importa que entre uma congregação de homens, ou barbaros, ou ignorantes, haja um Homero, ou um Demosthenes ? Isto fará que religiosamente se guarde a pureza da linguagem, a energia da dicção, ou verosimilidade de pensamentos ? Persuado-me que este homem será obrigado a calar-se, a esconder as suas obras, e a suspirar no seu gabinete, emquanto o resto da nação prostitue o credito de todos, divulgando escritos de que os estrangeiros ou zombem, ou se compadeção.

Corre o tempo ; ateia-se a epidemia ; desprezão-se os bons autores ; não vale o exemplo da antiguidade ; apaga-se a memoria da arte ; e fi-

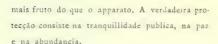
nalmente se transforma o genio da nação. Se no fim desta epoca apparecesse uma alma capaz de atalhar o damno, acha já com tantas forças o inimigo, que ainda que adquira a honra de ataca-lo, raras vezes colhe os louros do triumpho. São tão frequentes, e talvez tão domesticos os exemplos, que não devo respeita-los. Prouvera Deos, ó Arcades, que ainda hoje em Portugal não avultassem mais as ruinas deste geral destroço, do que as miseraveis reliquias da restituida Lisboa. Só uma academia, uma sociedade de homens sabios, zelosos do bem, e da honra da sua patria, é o Alexandre que póde cortar este nó gordiano, é o Achilles de que pende a expugnação de Troia.

Vós mesmos, senhores, conhecestes a força desta maxima; vós a adoptastes; e vós a tendes felizmente praticado. Mas não reparais, senhores, que esta empreza é trabalho de um rei sabio, de um rei grande? Nós podiamos soffrer sobre nossos hombros pezo tão formidavel? Não, senhores: a outro se deve a restauração da eloquencia e da poesia. Um soberano, que Deos creou para

pai de seus vassallos; um principe, que nós amamos, e que nos ama; um rei tão grande, que não necessita de conquistas para fazer respeitado seu augusto nome; um genio clementissimo, amante da paz e das sciencias: este foi o novo astro, que influio tão gloriosa revolução no Portugal litterario.

O' paz, santissima paz, dom celestial: tu que affugentas os vicios, que conservas a religião, que produzes a abundancia, que defendes a honestidade, que animas as artes e sciencias: ó paz, a ti, santissima paz, devemos o felicissimo reinado do amabilissimo Augusto portuguez: tu no-lo conservas, tu fazes gozar da publica tranquillidade, de que necessitão as sciencias e as artes.

Não vos pareça, ó Arcades, que um soberano só protege as academias: mandou-lhe passar um Alvará, e uma Provisão Régia. Talvez que esta protecção não seja a mais efficaz. Enche de vaidade os membros da Academia; e honrados com titulo, adormecem, desprezão a gloria, que só adquirem com o trabalho, esquece-se a instituição, e se se ajuntão, não se colhe de suas assembléas

mais fruto do que o apparato. A verdadeira protecção consiste na tranquillidade publica, na paz e na abundancia.

Agora provar-vos-hei, ó Arcades, que devemos esta venturosa situação á sabedoria do nosso augustissimo soberano. Mostrarei que restaurou, ou para melhor dizer, que fundou o commercio: aquelle admiravel apoio da monarchia, de que pendem as forças da nação, a magnificencia do principe, e a reputação do estado: aquelle negocio fundado na boa fé, e na verdade; aquelle, que honrão as leis, aquelle, que tem feito gloriosas, e florentes tantas monarchias. Deverei provar, que este grande rei para sustentar o novo commercio lhe franqueou os meios de formarem tão importantes fundos; que concedeo privilegios, e que lhe deo navios.

Vós não sabeis, ó Arcades, para que se fundou um tribunal de commercio. Quem ignora a severidade com que se prohibirão os contrabandos? E a magnificencia com que se fundarão fabricas? Pois a que se dirigia todo este apparato! Que desejava o coração deste amabilissimo prin-

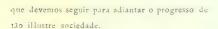
cipe? Não era a nossa tranquillidade, a publica abundancia e a segurança do estado? E se faltasse este apoio ás artes, e ás sciencias, quem poderia restabelecê-las? Qual seria o Alcides, que vencesse este trabalho? Se um principe imprudente, ou ambicioso, desejasse as provincias alheias: se para devasta-las, ou para possui-las levantasse numerosos exercitos, lançasse pezados tributos, fizesse innumeraveis reclutas: se nos estrugisse a artilheria; se nos incommodassem os quarteis; se nos algemassem os inimigos, quem estudaria? Quaes serião nossos versos? Que força teria a eloquencia portugueza?

Sem revolvermos muitos livros, fitando a nossa contemplação unicamente na historia das letras, acharemos com facilidade, que os bons seculos nascerão nos braços da paz; durarão, em quanto durou a tranquillidade publica; e acabarão, tanto que se arvorou o estandarte da guerra. Grecia, Roma, Italia, França e Portugal ainda nos offerecem em seus annaes incontestaveis exemplos desta verdade. Quem fez emmudecer a lingua de Cicero, senão quem destruio a paz, aquella mesma

paz, que talvez se devia em grande parte á eloquencia do orador. Finalmente, para que me canso em amplificar o que vós sabeis, e uma materia, que para ser grande e magestosa, não necessita nem dos adornos, nem dos auxilios da Rhetorica.

Mas, ó Arcades, se nós conhecemos esta verdade, se não somos tão ingratos, que neguemos este beneficio, para que nos esquecemos da nossa obrigação? Que esperamos? Que nos acobarda? Que nos prende? Não deixemos, senhores, não deixemos passar inutilmente um tempo tão precioso: agora, agora é que devemos honrar-nos de sermos Arcades, de cumprirmos o que devemos a um principe tão digno de ser honrado. É, Arcades, é tempo de lhe pagarmos tanto beneficio; não como nós devemos, mas como nós podemos. Trabalhemos seriamente em adiantar os progressos de tão illustres faculdades. Façamos tão glorioso, quanto é feliz o seculo de D. José o I.

Aqui deveria eu propor-vos o methodo de conseguirmos esta empreza, e de verificarmos tão soberbas esperanças; mas eu fallo com Arcades, fallo comvosco, que bem sabeis qual é a estrada,

que devemos seguir para adiantar o progresso de tão illustre sociedade.

Frequentar as assembléas é sem duvida a primeira pedra deste sumptuoso edificio; mas frequentar sem methodo, e sem proveito, é deixar a machina sem alicerces. Qual seia, ou qual devia ser este methodo, é materia para que não bastão as minhas forças. Depende de que todos nos ajuntemos, de que cada um com ingenuidade proponha o seu arbitrio, de que se tome a mais prudente resolução; e de que se observe constante e religiosamente o systema, que sahir approvado.

Mas para que me canso, ó Arcades? Quem dá ouvidos á oração do presidente? Ou quem lhe deo autoridade para deliberar? Basta fazer um discurso em louvor da Academia; ou para melhor dizer, basta engana-la com detestaveis lisonjas; não é este negocio tão sincero, que mereça mais ponderação, do que soffrer um papel em prosa, que sempre é fastidioso; e muitos são de parecer que se devem supprimir, pois não servem de mais do que de fazer compridas as lições.

Ah ! senhores, que violento furor, que ira, que indignação me não possue, quando me lembro, que estes pensamentos nascem entre homens sabios, entre nós, entre Arcades ! Queremos restaurar a eloquencía, e não podemos soffrer que se exercite ! Bastará ler Cicero, Quintiliano e Aristoteles para se formar um orador ? Sabe os nomes dos tropos, e das figuras, sabe o que é exordio, e póde orar ? E Cicero tremia, porque lhe faltava o exercicio.

Perdoai, ó Arcades, esta liberdade, que é filha do zelo, com que amo a vossa reputação, e o credito da nossa Arcadia: se quizerdes refrear o meu atrevimento, vêde que é sincero e justo cumprir o que promettestes de ser util á nação, fazendo honra á patria. A venturosa paz é o principal, digno objecto ; pois nos conserva nosso clementissimo rei, e por elle nos vem as felicidades de que gozamos, a tranquillidade pública, os presentes e futuros interesses para esta monarchia : tudo, Arcades, tudo isto argue, e vos obriga, porque assim o promettestes ; e quem não dirá não serdes obrigados a cumprir vossa palavra ?

Disse.

ORAÇÃO SEGUNDA

em que se declama contra a falta de applicação dos Arcades aos estudos, notando-os esquecidos já das leis da sua empreza, e obrigações dos seus estatutos (1).

Amantissimos e sapientissimos Senhores,

Se as circumstancias do lugar, e a distincção dos ouvintes podem assustar alguma vez o animo do orador, que cobarde, que temeroso não venho hoje fallar na vossa presença? Não houve preceito que me obrigasse: não é a abundancia, que me desculpa: nem o escrutinio, nem a vossa eleição me nomearão presidente. Quem deixará

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 30 de junho de 1759.

de accusar a minha affoiteza, e o meu atrevimento?

Parece-me, que ainda que a modestia, que governa as vossas acções, vos obriga a dardes-me attenção, não se livrará de estranhar a vossa idéa que um homem destituido de todos os talentos, e tão pouco versado em materias de eloquencia, não tenha pejo de frequentar uma cadeira, em que desmaiarião os Ciceros, e os Demosthenes. E quanto será mais pezada vossa reprehensão, se souberdes, ó Arcades, quem venho substituir?

Confesso-vos, senhores, que esta reflexão me envergonha, e me confunde. O profundo conhecimento da arte de orar; a pureza e energia da phrase; a sublimidade dos pensamentos; a boa ordem; a vasta erudição do nosso sabio pastor Matalezio Klasmeno, não são estes talentos umas das mais solidas columnas, em que se apoia, e em que descansa a gloria, e a honra da Arcadia? E se eu tenho que supprir a falta deste famoso pastor; se voluntariamente tomei sobre meus hombros este formidavel pezo, como poderei consegui-lo? Quem deixará de estranha-lo? Ou

qual de vós será tão indulgente, que se abstenha de reprehender-me? Assim é, ó Arcades.

Mas se a importancia da materia póde, de algum modo, relevar a baixeza do estylo, a falta de disposição e de vehemencia, procurando assim com minha oração interessar-vos no adiantamento da reputação da Arcadia; se vos descobrir o caminho, que deveis trilhar para alcançardes maior nome (se é possivel) e mais honrada fama, porque me não ouvireis? Quantas vezes não vemos nós em inexpertos praticantes governarem com felicidade o mesmo leme, que tocaria os cachopos na mão dos mais famosos pilotos?

Logo que fundamos esta nossa sociedade, me interessei tanto nos seus progressos, como se a causa fosse só minha. Trabalhei comvosco quanto o permettirão minhas debeis forças, tentamos aquelles caminhos, que nossos compatriotas ou desprezavão, ou não conhecião. Fizemo-nos famosos, conseguimos que o Menalo seja nomeado com admiração e com respeito: que se leião, que se busquem, e que se estimem nossas obras.

Assim é, ó Arcades; mas seja me licito pergun-

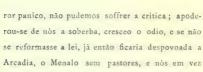
tar-vos: e está assim satisfeita a nossa obrigação? Não era o nosso projecto restabelecer a boa poesia e a verdadeira eloquencia pelo meio da mais severa critica? A invenção da nossa empreza está verificada? Teve já a sua devida observancia entre nós? Sujeitamos á critica nossos escritos sem aborrecermos nossos censores? Reina entre nós aquella sinceridade com que reciprocamente devemos despir-nos de paixões particulares, e sacrificarmo-nos e nossos estudos á causa commum, á honra da patria e á gloria da Academia?

Não sou eu, ó Arcades, tão lisonjeiro, que me atreva a dizer-vos, que está completo este grande projecto, que pelejamos, e que vencemos. Não, senhores, antes sinceramente vos confesso, que não levantando nunca de semelhante ponto a minha contemplação, cheguei a persuadir-me, que um certo espirito de vaidade, uma quasi invencivel negligencia, uma certa cobardia, que nos ata e que nos prende, nos precipita a cahirmos em reprehensivel lethargo e reiterados absurdos.

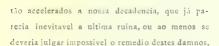
Parece-me que temos mas mãos a planta de uma populosa cidade, que abrimos n'uma parte

um profundo alicerse, que levantamos na outra uma soberba columna. Está cortada a pedra para a grande obra: não faltão os obreiros; e talvez sobejem os architectos; mas apezar de todo este magnifico apparato a cidade não póde alojar os habitantes de uma aldeia! E quem susterá o riso, vendo este ridiculo painel? Chamar-me-heis insolente, porque vô-lo ponho diante de vossos olhos? Assim o julgaria a malicia ou a desconfiança, se eu não apparecesse na scena, se não fosse actor da tragedia.

Permitti-me, senhores, que discorrendo em tão importante materia, possa fallar livremente, possa dizer o que entendo. O projecto do estabelecimento da Arcadia foi grande, foi magestoso, foi util e era necessario. Os estatutos, com que ella se fundou erão sólidos, apoiados na razão e na prudencia, e concernentes ao glorioso fim, a que se dirigio o nosso trabalho e a nossa esperança. Os animos estavão dispostos ou ao menos os semblantes: chegou a desejada occasião, mudarão-se os bastidores, desappareceo a sinceridade, confundio-se a boa ordem, enchemo-nos de um ter-

ror panico, não pudemos soffrer a critica; apoderou-se de nós a soberba, cresceo o odio, e se não se reformasse a lei, já então ficaria despovoada a Arcadia, o Menalo sem pastores, e nós em vez de amigos e de companheiros, jurados inimigos uns dos outros.

Que fatal exemplo da inconstancia e da fragilidade dos homens! Serenou-se a tempestade, ficámos contentes e satisfeitos; porque ficámos com liberdade de chamarmos bom ao que era máo: livres da custosa obrigação de discernirmos o falso do verdadeiro, senhores absolutos do Parnaso, com a amplissima faculdade de infringirmos, cassarmos, ou derogarmos as mais preciosas leis da poetica e a rhetorica.

E que fizemos? Clamavamos contra os miseraveis seiscentistas, contra o máo gosto da nação: choravamos pelos bemaventurados dias de Camões, de Bernardes e de Ferreira: compravamos a todo o custo as suas obras, como que fosse o mesmo tê-las, que imita-las. Entramos a chamar ode ao que era idylio, idylio ao que era satyra, satyra ao que era dithyrambo: n'uma palavra, corria com passos

tão accelerados a nossa decadencia, que já parecia inevitavel a ultima ruina, ou ao menos se deveria julgar impossivel o remedio destes damnos.

Aquelles pomposos designios de domar o genio da nação, fazendo que a critica fosse recibida como conselho, e não como offensa, aquella magnifica idéa de banir da poesia portugueza o inutil adorno de palavras empelladas; conceitos estudados; frequentes antitheses; metaphoras exorbitantes, e hyperboles sem modo, introduzindo em nossos versos o delicioso e apetecido ar da nobre simplicidade, forão os dois polos que primeiro perdemos de vista. Erguerão a cabeça esses mesmos vicios, que promettiamos e juravamos reformar, ou reprimir, ficando tolerados ou por inercia, ou por cobardia, ao mesmo passo que o podão pintado em o nosso escudo ameaçava ou fazia rir aos estranhos (1).

Não vos pareça, ó Arcades, que debaixo destas palavras em lugar de um verdadeiro zelo,

---

(1) Allude as armas da Arcadia, um podão com a seguinte legenda: *truncat inutilia* (Vide Theophilo Braga, *Man. da hist. da litt. port.*).

que me move, e que me atormenta, se encobre ou o veneno da satyra, ou uma simulada maledicencia.

Não, senhores, sou eu o primeiro que, apezar destas desordens, conheço, admiro e divulgo as rarissimas bellezas poeticas, que brilhão em nossos escritores; os sublimes talentos, de que sois dotados: confesso sem o menor espirito de adulação, que muitas de vossas composições podem dar aos nossos contemporaneos uma clara idêa da boa poesia e da verdadeira eloquencia; mas isto, senhores, não basta; nós promettemos mais, não nos ajuntamos para as cousas ficarem no seu antigo estado. Serdes vós grandes poetas, e grandes oradores, e ser eu mediocre em quelquer destas duas faculdades, é um phenomeno, que appareceria, ainda que não houvesse Arcadia; e talvez que menos injuriosa me seria a minha ignorancia, se livre de funções da Academia, deixasse de expôr ao publico a minha incapacidade.

Desta lastimosa falta, que eu lamento, e de que talvez se queixarão, outra nasce, e é, Arcades, da reprehensivel indolencia, que reina entre

nós. Entregues a uma vergonhosa indifferença, deiximos passar os dias como se não tivessemos mais que fazer, como se nos não obrigassemos a mais louvavel trabalho, como se não houvessemos de dar conta ao publico do tempo, que consumimos inutilmente, ou como se elle se pagasse de puerilidades, ou se governasse pelos mesmos respeitos, que nos arrastão e nos constrangem a commettermos estes abusos.

Se eu clamar, que approvei este, ou aquelle poema porque era do meu amigo, ficará desculpado o autor? Haverá homem prudente, que approve o meu froxo procedimento? Se eu não quiz sujeitar á censura os meus escriptos, porque cheio de amor proprio e de soberba, julguei que não havia na Arcadia quem devesse ter o atrevimento de censurar-me haverá quem se não ria de mim? Será bastante apologia divulgar que ninguem na Arcadia faz melhores os versos do que eu? Não acharei quem me responda, que dahi o que se segue é que todos somos pessimos poetas? Certamente, que estes presagios não é preciso conhecer as estrellas, para poder annuncia-los.

A experiencia acaba de mostrar-nos, que se o uso da critica se tivesse conservado em seu vigor, serião dignos de honra e de louvor os progressos da Arcadia. Quem foi tão barbaro, que deixasse de estimar, que o collegio censorio estivesse potente para rever, e purificar as obras, que queremos imprimir? Não ficamos desenganados de que a censura não era o patibulo; e que em vez de infamia, resultava della maior credito a quem por este meio dava aos seus escriptos o ultimo verniz? Reprovárão-me a minha composição, e que injuria me fizerão? Jurárão-me de ser eternamente a fabula do povo, e de ter nos exemplares da collecção um espectro, que me vexasse, que me perseguisse e que me atormentasse.

Advertirão-me, como amigos, e entre os estranhos acharia crueis e innumeraveis Rhadamantos. Cahiria sobre mim a formidavel chusma de espiritos insolentes, e ociosos, que se cevão e parece que se nutrem de criticar, ou para melhor dizer, motejar e detrahir quanto se escreve, que não perdoão uma virgula, e que sabem de cór as regras da grammatica e da ortographia: aquel-

les, que tem na sua mão a craveira dos juizos, e que só approvão as obras de seus amigos.

Estareis talvez persuadidos, de que estou satisfeito de mostrar-vos, que a critica é o unico meio, que temos de conseguir, que cheguem á posteridade nossos escritos, e que frequentando mais as censuras, poderemos atalhar estas desordens e avançar a nossa reputação. Mas eu ainda olho para mais longe; ainda vos peço maior reforma. Não basta criticar o que se faz, é preciso ensinar o que se ha de fazer.

Sim, sapientissimos Arcades, é preciso que nos appliquemos com methodo, e com frequencia a explicar as regras mais difficultosas da poesia, e da rhetorica, de sorte, que qualquer de nossos socios possa conceber uma clara idéa destas faculdades, e seguir uma uniforme doutrina. Devemos empenhar-nos em que brilhe geralmente nas composições de nossos pastores a mesma pureza da lingua, e a mesma graça de estylo, a mesma magnificencia de imagens, a mesma perfeição d'arte; n'uma palavra, o mesmo gosto, e até, se possivel fosse, o mesmo genio. Então seria util

a Academia, então poderiamos jactar-nos de sermos os fundadores de tão sumptuoso edificio, então confessarião nossos compatriotas que faziamos o seculo do nosso adorado e clementissimo soberano mais distincto, e mais famoso do que o de Augusto, de Pedro Grande e de Luiz XIV.

Para conseguirmos este glorioso fim, não será preciso qne cada um de nós componha uma poetica, ou uma rhetorica : as mesmas dissertações, que os arbitros repetem nas conferencias, e a oração do presidente, havendo a providencia de lhe ter distribuido a materia por pontos ou questões, que tenhão connexão umas com as outras, poderão conduzir-nos tão longe sem que cheguemos cansados, ou que desmaiemos no caminho. O fruto, que se deve esperar deste trabalho, é certamente inestimavel, e eu vos prometto que chegueis a colhê-lo, se approvando o meu arbitrio, nos levantarmos do vergonhoso lethargo, em que jaziamos.

Não creio que haja entre nos quem me pretenda reclamar a liberdade, com que foi fundada esta Academia : circumstancia, com que ouvi já

qualificar a sua excellencia, ou talvez arrogar-lhe a primazia. Quem não vê quanto é mais util e proveitoso tratar com methodo esta, ou aquella faculdade, do que hoje disputar sobre a tragedia, amanhã sobre a historia, depois tratar das eclogas, e logo de questões de orador? Que mais poderia fazer quem tivesse o malvado designio de atormentar a memoria, e o juizo dos ouvintes? O agrado que traz comsigo a variedade, e que tem já passado a axioma, é a perniciosa origem de que nascem estas desordens. E que terriveis damnos não tem ella causado na republica das lettras? Com tão exquisita doutrina se resolverão poetas dramaticos a misturar o sócco com o cothurno: foi o berço da tragi-comedia, dos acrosticos e dos labyrinthos, verdadeiros monstros, a que bem podemos chamar *sonhos de um doente.*

E que estes vicios reinassem entre o vulgo, que fossem sustentados por mediocres poetas, ou para melhor dizer, espurios trovadores, não me admirára; mas que uma companhia de homens doutos, que se levantou para restaurar o *bom gosto*, haja de adoptar os mesmos dogmas, e que não

trabalhe quanto póde, e como deve para conseguir o que prometteo, é o mesmo que abriremse os montes, e sahir um ridiculo ratinho. Que general será são louco, que emprenda tomar uma praça sem dispor o sitio, formar as linhas, montar as baterias, avançar os aproches, bater a brecha, e escalar as muralhas; bastará dizer que vai render Bergabzum? Haverá quem o creia, vendo que o exercito á vista dos muros ameaçados, consome os dias em jogos e banquetes? Que reina no campo um profundo socego, como se estivessem em segura paz; e que apenas ha quem se lembre do projecto?

Não adormeçamos, ó Arcades, ao som de uma aura popular, que hoje nos levanta ás estrellas, e amanhã nos ha de precipitar no abysmo, sendo a primeira, que cruelmente devore a nossa reputação. Estes applausos são nuvens, que qualquer zephyro as dissipa. Cuidemos estabelecer a nossa memoria em mais solidas columnas, que resistindo á força do tempo, possão transmiti-las á posteridade. Que proveito me resulta de que ou por ignorancia, ou por ceremonia, gabem al-

guma composição minha, se eu mesmo agitado de uma especie de recurso, desconfio dos applausos, e sinto as dores de que anda achacado o papel?

Evitemos este dissabor com o remedio da critica; e para que haja tempo, em que nem della necessitemos, tratai de formar um systema de bom gosto pelas mais irrefragaveis regras da poesia, e da eloquencia. Illustrem-se os Aristoteles, os Demosthenes, os Longinos, os Horacios, os Ciceros e os Quintillianos: seja este nosso trabalho e nossa occupação. Ponhamos em mais socego as musas: deixemo-las restaurar as forças, que estão cansadas de tão continuas tarefas. Appareção depois mais fortes, mais engraçadas, e mais dignas de assistirem com novo alento á sombra dos pinheiros do Menalo.

Eis aqui, ó Arcades, as idéas, que ha muito revolvo na memoria; até que instigado do zelo, com que estimo a vossa reputação soube guardar em segredo, persuadindo-me que era culpavel um silencio de que resultava tanto prejuizo á gloria commum desta sociedade. Dar-me-hei por bem pago do meu desejo, ou por absoluto da minha auda-

cia, se for tão feliz, que chegue a ver, que vós, compadecidos da minha incapacidade, entrais no projecto de instruir-me, e que o publico reconhecendo que cumpris o que promettestes, vos honre com os soberbos titulos de *bons compatriotas, de verdadeiros sabios, de restauradores do credito e gloria da nação.*

ORAÇÃO TERCEIRA

em que se persuade os bem devidos louvores do nosso soberano, sempre augusto e fidelissimo (1).

Confesso-vos, illustrissimos, sapientissimos e amabilissimos senhores, que eu me vejo confuso, perplexo, e cheio de temor, todas as vezes, que tenho que discorrer na vossa presença. Conheço, que vós me puzestes neste lugar não só para sondardes a minha insufficiencia, mas tambem para me promoverdes a maiores estudos. Sei qual é para comigo a vossa indulgencia; que desculpais os meus erros, e que me haveis acudir com as vossas lições. Tudo isto sei, tudo vos agradeço; mas nada disto é bastante para vencer o meu justo receio: nada disto apaga a vehemente

(1) Recitada na Conferencia da Arcadia lusitana no dia 4 de março de 1763.

idéa, que tenho concebido da vossa erudição, dos vossos rarissimos talentos. Vejo-me na presença dos melhores oradores, dos melhores philosophos, dos melhores criticos: n'uma palavra, na vossa presença.

Que posso eu dizer, que seja digno de uma assembléa tão conspicua? Não, senhores, recitai as vossas composições, e contentai-vos de que eu as escute, que não farei pouco se comprehender bem todas as maravilhosas bellezas de vosso elegante, energico e magestoso estylo.

Se o vosso projecto é reformar a poesia, purificar a lingua portugueza, restaurar a arte de orar; estabelecer um systema de bom gosto, pelo meio de uma prudente critica, com que póde contribuir para tão glorioso fim o meu fraco discurso, o meu depravado gosto, e o meu grosseiro estylo?

Mas se emfim, senhores, é indispensavel que eu cumpra as obrigações deste lugar; se não é licito subtrahir-me ao cargo de fallar hoje na vossa presença; se devo dizer alguma cousa, que seja digna da vossa attenção, resolvo-me a mi-

nistrar-vos materia para vossas composições. Corra por vossa conta o revesti-la de sublimidade de pensamentos, de energia de dicção, e de boa economia da fabula, que exige a grandeza do assumpto.

Tendo nós a felicidade de vivermos debaixo de um governo o mais benigno, que tem desfrutado o reino de Portugal, não seria, amabilissimos socios, feia a nossa memoria, se com ella não passasse á posteridade a noticia, de que não degenerando da filiação portugueza, tinhamos, para mostrar-nos agradecidos, trabalhado por fazer eternas as grandes acções, as heroicas virtudes de nosso clementissimo soberano.

Que dirião os vindouros, se lessem nas nossas decadas, que em Lisboa se tinha fundado uma academia, que erão Portuguezes os membros della, que estava em ditosa paz o reino todo; que a justiça brilhava incorrupta; que não se tolerava o vicio; que se estimava a virtude; que florescia o commercio; que se conservavão as conquistas (ou para melhor dizer); que reinava o augusto, o pio, o fidelissimo Senhor

D. José I? E que os Arcades se esquecêrão de cantar estas virtudes? Que dedicárão as suas composições, e os seus estudos a objectos menos dignos, e menos magestosos? Que horrorosa conjectura! Que infamia para os nossos nomes, se os vissemos accusados de tão enorme ingratidão!

Eu me envergonho só com a primeira idéa: géla-se-me o sangue, estremeço, parece-me que foge o tempo; que chegão os seculos futuros, e que ouço detestar tão abominavel tradição. Perdoai-me, senhores, esta distracção; se aqui ha enthusiasmo, é a força da verdade, que me toca o coração, que me sorprende, que me arrebata.

É bem vulgar o axioma, de que os bens não são desejados, senão quando se perdem. Vivemos no centro da paz: não conhecemos a nossa felicidade. Talvez que os soldados se queixem de não haver guerra: talvez que o piloto murmure, de que não saião armadas. Chamão a isto não sermos conhecidos no mundo. Lembrão-se das expedições, que nos ganharão tantas conquistas. Trazem sempre na memoria o campo de Ourique, Aljubarrota, as Linhas de Elvas; mas não com-

putão a despeza de uma longa guerra ; o sangue que custa qualquer victoria ; os incommodos de uma contribuição ; a violencia das reclutas ; e as feias consequencias da licença militar.

Póde-se interprender com justiça uma guerra: póde-se avançar o exercito com vantagens: tudo pende da fatalidade de um dia : póde ser obrigado a retirar-se precipitadamente: podiamos ver a nossa capital cercada de tropas inimigas. Então tudo seria espanto, tudo confusão : todos detestarião a guerra, e chorarião pela paz : se fitarmos a consideração em uma scena tão funesta, se virmos alijar as bombas ; cahir os edificios ; atear-se um voracissimo incendio ; derramarem-se pelas ruas as afflictas mãis com os innocentes filhos, espavoridos do estrondo da artilheria ; as donzellas desamparadas, cobertas de pó e de sangue ; os cansados velhos não podendo fugir : finalmente, os nossos esquadrões atropelando os seus mesmos compatriotas ; os soldados inimigos...

Basta, senhores ; não é preciso mais ; levantemos, os olhos para o nosso clementissimo rei, para aquelle astro de paz, de abundancia, que

nos livra de tantas calamidades. Que odes, que versos não merece? E se o soffrêra a nossa religião, que hymnos lhe não cantariamos? Que altares lhe não ergueriamos? Não os merecia mais Augusto; nem Horacio tinha mais razão para jurar pelo seu nome.

Se quem tem um largo conhecimento da materia, que pretende expôr nos seus poemas, lhe não falta a energia, nem a elegancia: quem desejará cantar as reaes virtudes de um tão grande rei, que não tenha fertilidade na fantazia, graça nas palavras, e força nos pensamentos? Que falta pois, nobilissimos socios, senão principiar? E que vos demora?

Talvez com profundo respeito receais que no augusto coração não sejão bem recebidos os vossos louvores? Dizeis-me, que entre as grandes virtudes deste bom principe brilha a modestia: que é ella a que aparta do throno a infame adulação. Assim é; mas a verdade, a verdade é que domina naquella grande alma.

Se nós para louvarmos o nosso soberano nos fosse preciso tecer elogios mentirosos, invectivas

contra os vicios, seria justo o nosso receio. Mas cantar virtudes verdadeiras, acções notoriamente grandes: effeitos da clemencia, da justiça, da generosidade, não póde deixar de ser uma acção bem acceita daquelle animo justo, que não costuma deixar a virtude sem premio.

Ha poucos tempos, que a Divina Providencia, quiz que os Portuguezes soffressem os golpes de um horroroso flagello. Chegou o grande instante: revolveo-se o pavimento da cidade: cahirão com feio estampido as torres, os templos e os palacios. Tudo forão lagrimas, tudo espanto, tudo confusão! Que memoravel dia! Sahimos das ruinas das nossas casas, deixando alli tudo quanto é necessario para a commodidade da subsistencia da vida. Refugiamo-nos no campo e insensivelmente se nos foi apresentando tudo quanto podia remediar-nos e ajudar o nosso novo estabelecimento. Que impulsos de compaixão, de clemencia não movêrão o augusto coração de um bom rei, quando poz os olhos na calamidade pública! Que ordens, que determinações não sahirão daquella grande alma em soccorro dos affligidos Portu-

guezes! Grande rei! Rei sabio! Rei pacifico! Rei clemente!

Que mais heroico assumpto, amabilissimos socios! Certamente que não teve Horacio, nem Virgilio outro tão cheio de verdades maravilhosas, nem tão susceptivel de bellezas poeticas!

Não é menos digna de elogios a sabia eleição, que este monarca faz de seus ministros. Que excellentes poesias se não podem compor, querendo mostrar o augmento do commercio! A nova economia das conquistas! O grande projecto do estabelecimento das fabricas! A disciplina das tropas! As leis que quotidianamente se estão promulgando, dirigidas todas a refrear os vicios que fomenta o espirito da ambição, ou do litigio! Ellas sós farão novo codigo, que será o fasto da historia portugueza, em que melhor se veja, não sem admiração, a felicidade que tivemos os que vivemos debaixo de um tão feliz governo, e sabio ministerio.

Sim, senhores, eu estou já vendo que nos vossos corações faz uma notavel impressão este discurso, já estais resolutos a sacrificar todas as

vossas forças a tão honroso trabalho. Parece-me que já estou ouvindo as singulares compoições, com que mostrais bem recebido o meu arbitrio.

Se a soberba dos Romanos edificou o Capitolio: se fez deste edificio o sacrario da heroicidade só para ser agradecido aos valorosos capitães, que conservárão por longo tempo a felicidade da republica, e a gloria da nação; nós que podemos levantar estatuas mais duraveis aos nossos heróes, isto é, que podemos fazer eternas as grandes acções transmittindo-as á posteridade nos nossos escritos, com que inercia os deixaremos sepultados em um ingrato esquecimento? Se de justiça devemos este obsequio, se é acrédor delle um rei o mais amavel, o mais clemente, que nos ata? que nos demora?

Tem tanta força a justiça desta causa, que a mim me parece que já nos vossos semblantes descubro algum gésto, que me reprehende.

A verdade não precisa de defensores. Vós, melhor do que eu, conheceis, e observais este magnifico assumpto. Ha muito que premeditais

expô-lo ao mundo nos vossos elegantes poemas. Não foi ingratidão, não foi descuido, se tardastes em intentar a grande obra. Quizestes delinea-la com prudencia, fundando-a nas solidas bases da verdade, mas a modestia vos deteve os passos, não pensando que a Divina Providencia nunca tira dos thesouros da sua bondade as grandes almas, que fazem felices os povos, que são as delicias da sua nação; sem formar espiritos capazes de serem panegyristas de suas illustres acções, não deviamos conhecer um principe tão benemerito, sem tão excellentes poetas.

Não houve Achilles sem Homero, nem Augusto sem Virgilio.

ORAÇÃO QUARTA

em que trata de conciliar a seu favor as vontades dos Arcades contra falsas apreciações que se havião levantado (1).

. . . Prima est hæc ultio, quod se judice nemo nocens absolvitur....

Ex Juvenal, Satir. 13.

Não creio, ó Arcades, que em vossos corações se pervertesse a antiga sinceridade de costumes com tão violenta metamorphose, que para reconciliar-me comvosco me seja preciso cantar a palinodia. Vós estais offendidos? Eu ultrajei-vos? Haverá entre nós algum espirito tão escravo da

---

(1) Esta oração não vem numerada, nem traz a summa do assumpto e tão pouco a data em que foi recitada, na edição de 1778. Impressa depois da terceira, dei-lhe naturalmente a numeração seguinte, adoptando o summario de Innocencio. (Vid. *Dicc. bibl.*, artigo Garção, pag. 391.)

vangloria, que não possa, nem se atreva a soffrer a verdade? Chamar-me-heis atrevido, porque sou zeloso da honra, e do credito da Arcadia? Porque não sei lisonjear-vos com fantasticas esperanças; porque vos não attribuo, se possivel é, maior merecimento do que o vosso? Ou finalmente porque não me atrevo a divulgar com soberba jactancia, que restaurámos a boa poesia e a verdadeira eloquencia? Que peleijamos, e que vencemos?

Não, Arcades, não sou tão ingrato, que vos julgue destituidos de piedade, e de benevolencia. Tenho reiteradas provas de que sois indulgentes para comigo; e se em minhas obras ha algum sólido merecimento, a quem devo esta vantagem senão a vós, ás vossas lições, e ao vosso exemplo? Mas, como não ha juiz mais recto, do que a propria consciencia; como não ha mais intoleravel castigo, do que o remorso, eu sou o mesmo que me accuso, e me condemno.

Confesso-vos, ó Arcades, que foi indiscreto o zelo, com que me atrevi a imputar-vos um crime, que vós não tinheis commettido, um tão ver-

gonhoso, como seria faltardes á vossa palavra; esquecer-vos da gloria da nação, e desprezar os interesses da patria. Estas erão as funestas consequencias, que traria consigo qualquer desunião, que se levantasse entre nós. Ou se possuidos de mais atrevidos desejos, desamparassemos o Menalo, porque o julgavamos pequeno theatro para nossos accelerados progressos.

E quando eu via que os Arcades desejavão, que se não demorassem as sessões, que se não negasse ao público o gosto de ler os nossos escritos; quando via crescer o numero dos pastores do Menalo; quando achava de cada vez maiores, e mais extraordinarias bellezas poeticas em vossos versos; quando ouvia orar com eloquencia, com força e com energia, como me atreveria a proferir, que a Arcadia estava exposta á menor decadencia? Porventura devia julgar-vos tão cobardes, que se pudesse esperar de vós, que cedesseis aos prognosticos da inveja?

Havia quem dissesse, que não havia Arcadia; mas havia Arcadia: havia quem dissesse, que

os Arcades emmudecêrão ; mas os Arcades não emmudecêrão : havia quem dissesse, qne os Arcades já não se ajuntavão no Menalo ; mas os Arcades ajuntavão-se no Menalo. Finalmente havia quem dissesse, que não podiamos tornar a ajuntar-nos ; mas nós quizemos ajuntar-nos, ajuntamo-nos ; quizemos que houvesse uma sessão, houve uma sessão.

Deviamos dar ouvidos a quem desejava a nosssa ruina, porque não podia ouvir a nossa fama ; a quem queria que nos calassemos, porque não pode fallar como nós fallamos ; a quem desapprovava os nossos versos, porque não tinhão consoantes, ou porque imitavamos Horacio, Pindaro, Theocrito e Bion ? A quem estranhava a nossa dicção, porque adoptavamos a de Camões, de Bernardes e de Ferreira ; a quem desapprovava a nobre simplicidade de nossos pensamentos, porque é escravo de Gongora ; a quem finalmente não soffre nossas orações e dissertações, porque não discutimos nellas frivolos problemas, ou porque guardamos austeramente os regras da arte de persuadir ? É certo que não. É certo

não ha entre nós um espirito tão humilde, que pudesse sujeitar-se a tão panicos terrores. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa, que importa que alguns animos malevolos procurassem desatar os estreitos laços de felicissima união e de nossa inalteravel tranquillidade, attribuindo sinistras intenções a nossas criticas e apologias, se nós as recebemos com sereno rosto, se as suscitamos e as queremos. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa que nos apontem para as Scyllas, em que naufragárão tantas Academias, se a nossa dura e durará á sombra da gloriosa paz, em que nos conserva o nosso clementissimo soberano. E eu temi que acabasse a Arcadia?

Que importa que digão, que sacrificamos a particulares interesses e domesticas paixões o estudo de tão divinas artes, se nós de cada vez nos engolfamos com mais ardor na lição dos Gregos, dos Latinos e dos Portuguezes; se os imitamos, se talvez os igualamos, e se algum de vós chega a excedê-los. E eu temi que se acabasse a Arcadia?

Que importa que houvesse quem chorasse com simuladas lagrimas nossa desunião e nosso esquecimento, se nós continuamos as sessões. E eu temi que acabasse a Arcadia ?

Que importa que haja quem se atreva com descoberta insolencia a zombar das nossas promessas e de nossas esperanças, se vossos escritos desempenhão com honrada gloria quanto promettestes ; e se vosso distincto illustre merecimento vos fazem dignos da real protecção. E temi que acabasse a Arcadia ?

É preciso, Arcades, que sejais nimiamente indulgentes, se ainda soffreis que falle em vossa presença quem proferio tão estranho absurdo, é preciso que me risqueis do catalogo dos Arcades e que nos troncos destes pinheiros se apague o nome de Corydon. Porém, senhores, se vós antes de proferir a sentença, examinardes a justiça da causa, achareis que no excessivo zelo da honra da Arcadia consiste todo o meu delicto: achareis um Arcade, que estima a reputação da Arcadia, e que teme que se arruine, porque a estima. Tal é a fragilidade de nossos corações !

Quando houve avarento, que não fosse covarde? Qualquer ruido lhe congela o sangue; a leve folha de um alamo meneado pelo fresco zephiro, lhe parece um trovão; e acostumado a temer, facilmente se persuade que ha quem lhe rouba os thesouros, que guarda com ambição e disvelo.

Se eu me não interessasse pela vossa gloria e pelas vantagens da Academia, ouviria murmurar publicamente, murmuraria com elle. Acabaria a Arcadia, ficaria mais descançado; quebraria as pezadas algemas, que vós me puzestes; e reclamaria minha antiga liberdade, isto é, zombaria das regras de Aristoteles, de Cicero e de Quintiliano; faria uma tragedia com a mesma facilidade, com que vós comrondes uma estrophe; inculcar-me-hia por poeta, por critico e por orador; a toda a hora leria os meus versos aos mesmos, a quem mil vezes os tinha repetido; não cuidaria na pureza da dicção, da harmonia do verso, da magnificencia da fabula, da igualdade dos costumes, da constancia dos caracteres; finalmente faria versos sem poesia, orações

sem eloquencia, ou, para melhor dizer, faria quanto vós reprovais e reprovaria quanto vós fazeis.

Se, por exemplo, me encarregasse de compôr uma comedia, sem ler Aristophanes, Plauto e Terencio, sem examinar no que consiste o verdadeiro ridiculo; poria no theatro Jason, desembarcando em Colchos com os valorosos Argonautas, namorado de Medéa, roubar o Velocino e depois de atravessar os mares nunca de antes navegados, depois de ter quebrantado todos os encantos, de vencer dragões, e conseguir tão precioso triumpho entregar a um simples lacaio um thesouro tão inestimavel, só para que o bufão podesse dizer um ridiculo equivoco; não cuidaria que o protogonista fosse um zeloso, ou um avarento; e isto guardaria eu para uma tragedia; seria um rei, um capitão; os amores ainda que fossem attribuidos a um velho, ou a um Catão, serião o sal attico das minhas scenas; arderia Troya; apparecerião exercitos, ainda que os cavallos deitassem por terra os bastidores, e se pudesse introduzir no theatro o apparato de uma

trincheira, que lançasse bombas e disparasse artilheria. Então ganharia uma nova fama, a que não aspirou Sophocles, nem Euripedes.

Eis-aqui a ruina, que eu temia, quando temia que acabasse a Arcadia ; eis-aqui o perigo, a que me parecia que estava exposta a poesia portugueza.

ORAÇÃO QUINTA (1)

para se recitar no acto do juramento de bandeiras do Regimento de Infanteria, sendo Coronel delle o Illustrissimo e Excellentissimo Marquez das Minas.

Nobilissimos senhores officiaes; nobres e honrados camaradas.

Sempre a gloriosa reputação das armas dependeo da disciplina militar. Os povos, que mais religiosamente observavão as leis da guerra, fundarão reinos, conquistarão imperios e chegarão a ser senhores de quasi todo o mundo. Assyrios, Gregos e Romanos, em cujas decadas lemos ainda hoje os mais illustres exemplos de valor, não

---

(1) Dei-lhe esta numeração segundo a ordem que guarda na edição de 1778, onde occupa o ultimo lugar das orações nella impressas. Não se menciona comtudo a data em que teria sido recitada.

commetterão facções pasmosas fiados na força e numero de phalanges e legiões; mas sim no estudo, com que a sombra da mais profunda paz aprendião os vastissimos preceitos da arte da guerra.

Que não fizerão poucos Portuguezes em Africa, Asia e America! Se tallárão campos, arrazarão cidades e subjugárão ferocissimas nações, foi sempre a disciplina quem pizou e submetteo a desordenada multidão dos barbaros. Esta incontestavel tradição vos põe diante dos olhos a mais clara idéa das honradas obrigações de um soldado; e não será muito que em corações portuguezes inspire um ardentissimo desejo de solemnemente ligar-vos com tão santo juramento; juramento, de que depende toda a fortuna da guerra.

Neste público e solemne acto, em que juramos as bandeiras, se obriga o regimento, e nos obrigamos todos a servir como leaes vassallos ao nosso legitimo rei e senhor; a guardar suas reaes ordens; a obedecer cégamente aos commandantes; a defender as bandeiras; a não evitar a

morte; a sustentar o terreno; a ganha-lo; a não desertar, a arrostar-nos sem susto com o mais formidavel inimigo; finalmente a derramar gloriosamente o sangue pela defensão da patria, pela honra e gloria de nosso clementissimo soberano.

Que Portuguez, ou que vassallo de tão bom rei deixará de abraçar com gosto e de observar religiosamente tão honrados preceitos? Quem haverá tão cobarde, que na referta das armas e no ardor dos conflictos, alçando os olhos e pondo-os nas bandeiras de seu regimento, não haja de abalançar-se ao mais vivo fogo, não obre prodigios de valor e de fidelidade, se lembrado de tão santo juramento, vir que Deos, que o rei, que a patria e que seus majores lhe estão naquellas bandeiras bradando pelo desempenho da sua palavra; pela obrigação de seu officio e pela honra de toda a nação?

Não fôra estranha exageração dizer, que nas bandeiras se representa o soberano. Quem levar em seu coração bem gravada tão magnifica idéa, commetterá com sereno rosto as mais arduas

emprezas. Quem haverá, que figurando um breve instante em sua imaginação; que vê cercado de inimigos um rei, delicias de seus vassallos, pai da patria, pio e magnifico que observa recrescer os esquadrões; que ouve o tropel dos cavallos, o fragor da artilheria; que vê brilhar as armas; e, finalmente, que vê travar a peleija, não sinta inflammar-se em um generoso e indomito furor; não arranque a espada e não tema que algum se lhe adiante e lhe roube a gloria de vencer, ou de morrer primeiro? Quem haverá, que penetrado da mais nobre fidelidade, tema as sibilantes rociadas de mosquetaria, ou não rompa os mais cerrados batalhões? Um soldado portuguez deve olhar para as bandeiras de seu regimento como para um painel, que a toda hora e a todo o instante lhe apresenta aos olhos esta pintura.

A este glorioso juramento, o qual abrange todas as obrigações da vida militar, deveo a republica romana o respeitado poder de suas armas; o pasmoso progresso de suas victorias; e a incrivel vastidão de seus dominios. Poucas legiões forão o instrumento de tão avantajados successos.

Tanto póde a boa disciplina! Na guerra nunca a multidão desordenada atropelou o pequeno numero bem disciplinado. Que farião, ou que podião tentar os Romanos contra a espantosa multidão dos Gallos sem disciplina? Quem lhes daria forças contra os agigantados corpos dos Germanos? Quem os aconselharia a desprezar o poder, e arrogancia dos Hispanos? Quem os levaria a contrastar os estratagemas e a riqueza da Africa? Quem finalmente lhes infundiria animo para vencer a arte e prudencia dos Gregos, senão a boa disciplina, alcançada pelo continuo exercicio, pelo incansavel estudo da arte da guerra e pela religiosa observancia do juramento?

Tão honrado era o nome de soldado, e tão santas as obrigações militares nos bemaventurados dias daquella famosa gente, que era quasi sacrilegio pegar nas armas, e servir na guerra quem antes com solemne juramento não houvesse sido installado na ordem da milicia! De Catão se conta, que licenciando Pompilio uma legião, na qual militava o filho d'aquelle grande patricio; e querendo o generoso mancebo ficar no exercito,

o velho e sizudo pai, zeloso dos antigos costumes das leis militares e da severidade da disciplina, foi o primeiro, que protestou pela observancia, escrevendo a Pompilio, que não consentisse seu filho na tropa, sem tomar-lhe segundo juramento, pois sem esta solemnidade lhe não era licito peleijar com o inimigo.

Eis-aqui o pezo, que tão grandes homens davão ao juramento das bandeiras. A estes religiosos costumes e santas maximas de guerra deveo Roma a antonomasia de cidade e a gloria de capital de todo o mundo. A disciplina lhes infundio valor; e o valor de seus grandes capitães e de seus obedientes e intrepidos soldados levou as aguias romanas ás mais remotas provincias do mundo.

Os soldados portuguezes, ainda mais que os romanos, estão obrigados a defender com valor, constancia e fidelidade as bandeiras de seu corpo e o guião do exercito. Quasi todas estas insignias apresentão aos olhos as sagradas quinas de Portugal; ou ao menos as côres tiradas de um brazão dado pelo mesmo Deos, quando para

si fundou tão glorioso imperio. Que soldado haverá tão infame e tão perjuro, que antes não quizesse derramar o sangue e perder a vida, que ver na mão dos inimigos abatidas e arrastadas tão sagradas bandeiras? Quem escolheria ante um captiveiro affrontoso, que uma morte honrada? Quem teria valor para tornar a ver os seus amigos e parentes, infamado de tão horrenda cobardia? Como se atreveria a alçar o collo trilhado do jugo, ou que pretendiria obrar com as mãos calejadas da soga?

Nobres e muito honrados camaradas, em vossos semblantes estou vendo a feroz indignação, com que detestais tão abominavel e feio procedimento; e talvez me reprehendeis de lembrar-vos o que não ignorais. Assim é; mas o zelo de serviço de Sua Magestade, o amor da patria, me fizerão esquecer de que fallava com Portuguezes e com soldados disciplinados por um coronel, em cujas illustres acções e generosas virtudes tendes a mais propria doutrina da honra, do zelo e do fervor, com que deveis cumprir com as obrigações de soldado.

Continuai pois com incansavel animo no exercicio das armas. Deste trabalho depende o bom successo das batalhas. Deos, El-Rei e Portugal vos entregão hoje aquellas sagradas bandeiras limpas da menor mancha de cobardia e infidelidade; e vêde que ante tão grandes juizes haveis de dar conta da gloria, com que vô-las entregão. Aprendei a pelejar e a não temer o perigo; quem deseja a paz, prepara-se para a guerra. Não vos esqueçais de qual é a obrigação, a que vos liga este juramento, e se trouxerdes presente sempre na memoria e gravado em vossos corações o solemne acto deste prospero dia, sereis verdadeiros soldados, vassallos de tão bom rei e filhos de tão honrada patria.

Disse.

ORAÇÃO SEXTA (1).

> Rebus angustis animosus atque fortis appare.
>
> Hor., Od. 7, Lib. II.

Ainda que a experiencia me tenha repetidas vezes mostrado, que a vossa benignidade desculpa os meus erros, confesso, ó Arcades, que nunca recebi a incomparavel honra de fallar em vossa presença, que me não achasse trespassado de susto e possuido de uma confusão invencivel; mas este susto e esta confusão é certo que devia desamparar-me quando chegasse o promettido e feliz tempo de conseguir a Arcadia a reforma da poesia e da rhetorica, isto é, quando vós fre-

(1) Esta oração é a primeira que se encontra no Ms. do Conego Manoel de Figueiredo. Póde ser considerada inedita, pois só uma limitada parte se acha trasladada no *Curso de litteratura portugueza* do Snr Visconde de Correia Botelho, do qual aproveitamos as varias notas illustrativas do texto.

quentando esta assembléa completasseis a grande obra que emprehendestes fundando esta Academia para adiantamento e utilidade dos vossos compatriotas; quando eu aproveitando-me das vossas lições e vencendo a minha natural rudeza colhesse comvosco o fruto de tão magnificas experiencias e me julgasse tão perfeitamente instruido nestas divinas artes, que me atrevesse sem pejo a combinar as suas solidas regras e a desempenhar a sua admiravel theorica com uma felicissima pratica, como fazem os bons poetas, os verdadeiros oradores, ou para melhor dizer como vós fazeis.

Mas todo o apparato desta magestosa scena subitamente desappareceo. Vós não conseguistes o que intentastes, não cumpristes o que promettestes e eu fiquei como estava envolto em grossas nuvens de ignorancia, mais cheio de temor e de espanto. Dantes só temia a vossa critica, agora não ha individuo no mundo literario, que me não pareça um Encelado ou um Thifeo. Assim como o incauto piloto que vendo-se repentinamente acommettido por uma negra tempestade, entre o alarido dos trovões, os sibilantes brados dos ven-

tes, os espantosos echos do mar e rasgados reflexos dos relampagos, perdendo o rumo e perdendo o animo, espera que sobre o desamparado navio caia a machina celeste.

Mas esta subita mudança de onde nasceo, ó Arcades? Houve alguma força superior que fizesse tão violenta metamorphose? O publico zombou dos nossos escritos? O generoso pastor Albano, fechou-nos a porta desta cabana (1)? Tinhamos quando florescia a Arcadia maior abundancia de cabedaes, que facilitasse a subsistencia de tão numerosa companhia, e houve uma mão tão avara, que veio a saquear as choupanas do Menalo? E se heide seguir esta metaphora, que inundação de lobos degollou os nossos rebanhos? Ou que pastores mais valentes, nos lançárão fóra destes bemaventurados montes?

Parece-me que todos me respondeis, que estas conjecturas são verdadeiros sonhos de um doente,

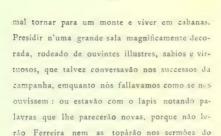
---

(1) D. José I havia adoptado o nome academico de D. João V na Academia romana dos Arcades. (CAMILLO CASTELLO BRANCO, *Curs. litt. port.*, vol. II, pag. 170).

são chimeras destituidas não só de realidade mas até de verosimilhança. Mas os effeitos correspondem a uma destas causas, a Arcadia emmudeceo: nossas flautas não se ouvem; o Menalo está inteiramente desamparado, e até me parece que nós mesmos não conhecemos uns aos outros; aquella inestimavel e boa harmonia que reinava não só em nossas opiniões e doutrinas, mas até em nossas almas e em nossos corações, aquella sagrada alliança de uma pura e sincera amizade estabelecida em não menos honroso fundamento do que no commercio das sciencias, dos livros e das mais perfeitas composições da eloquencia, desvaneceo-se. Nós mesmos (com quanta vergonha o confesso) nós mesmos a alteramos, a prostituimos e finalmente a relegamos do Menalo: e porque causa? Que insana allucinação nos possuia, quando nos atrevemos a desmantelar tão soberbo edificio? Eramos tão fatuos que esperassemos dever a nossa fama á ruina da Academia?

Não, Arcades, ainda que esta appareça, não foi esta a causa, outro foi o motivo, e senão menos desculpavel, certamente mais vergonhoso;

foi a nossa cobardia e a nossa ambição; soffrei que vôl-o diga. Veja o mundo que nem só ficções tem entrada na Arcadia; se até fundamos na verdade nossos poemas e nossos pensamentos. Não vos deve escandalisar, que sem lisonja e sem prevenção vos exponha a verdade tal qual eu a comprehendo; e prouvéra a Deos que vós podesseis reconvir-me nesta occasião, expulsar-me de tão illustre companhia, por haver adoptado imposturas.

A nossa ambição (não vos assusteis) a grande ambição de gloria com que nos sacrificamos ao trabalho de tão profundos estudos, foi quem nos reduzio a tão extrema penuria, foi quem executou tão vergonhosa catastrophe: julgamos que entre montes não cabia a nossa fama e quizemos expôl-a a maior theatro, e Deos que não podia deixar de proteger nossos desejos, emquanto forão sinceros, não tardou em levantar-nos a maior altura de honra e de estimação. Apparecemos aos olhos do publico, agradamos, fomos ouvidos; conhecião-se os nomes e respeitava-se a Arcadia. Então namorados de tão alta fortuna, nos pareceo

mal tornar para um monte e viver em cabanas. Presidir n'uma grande sala magnificamente decorada, rodeado de ouvintes illustres, sabios e virtuosos, que talvez conversavão nos successos da campanha, emquanto nós fallavamos como se nos ouvissem : ou estavão com o lapis notando palavras que lhe parecerão novas, porque não lerão Ferreira nem as topárão nos sermões do padre Vieira ?

Cantarmos nossos versos ao som de ùma orchestra numerosa, e talvez impropria, isto é que julgamos honra : e uns homens que trajárão estas galas e fizerão tão respeitavel figura, não devem concorrer mais em uma simples sala a que chamamos cabana, não devem contentar-se de que os ouça com attenção e louve sinceramente quem os conhece. Isto é pouco. Se eu sei, se eu sou poeta, se eu sou orador, quero que me apontem com o dedo, quero que todos me conheção, e isto se é fruto que pode colher-se em uma Academia chega tão tarde, que já não merece estimação.

Eis-aqui, senhores, a desatinada soberba que

se apoderou da nossa fantasia; até que fatigadas nossas esperanças, desmaiárão: quebrárão-se nossas forças e concluindo uma perfeita peripecia. Passamos do fausto para a humildade do Estado, para a maior miseria, e cheios de um abatimento de que só nós eramos autores, cruzamos os braços e offerecemos os pescoços, para nos atar ao jugo uma mão, que não se atrevia a erguer-se contra a Arcadia: quero dizer derramou a inveja, a preguiça e a ociosidade sobre nós todo o seu intoleravel veneno.

Estes vicios com mais ou menos força tomárão posse de nossos discursos; uns dizião que a Arcadia não podia subsistir sem patrocinio, como se fosse pouca a tutela de quem é senhora de todo o mundo, dos astros e dos céos (1); outros julgavão que sem rendas effectivas, não podia conservar-se uma companhia de homens sabios, porque sem um escrutinio de prata, se não devião eleger Arcades; outros que era indispensavel fazer mais ses-

(1) Tomárão os Arcades como protectora a Virgem Maria. (Castello Branco, *Obra cit.*, pag. 178).

sões publicas, porque este foi o unico objecto da fundação da Arcadia, ainda que tal não lembrou aos fundadores; outros finalmente, que não podia subsistir uma sociedade, sem se effeituar a impressão de suas obras, pois sem este pennacho ninguem podia fazer bem versos, nem exercitar-se na arte de persuadir, e que o publico queria ver com vagar e com seus proprios olhos os nossos defeitos, que para satisfazermos tão sincera vontade, deviamos á custa da nossa reputação, fazer-lhe este gosto. Para isto é que se fundárão Academias, e sem isto depressa acabão ou se arruinão.

Se estes ridiculos pensamentos não achassem acceitação e talvez applauso entre nós, porque passaria tanto tempo sem nos ajuntarmos, porque não haverião sessões? Para que desprezariamos tão honrado exercicio e nos esqueceriamos do que promettemos á patria?

Envergonhemo-nos, senhores, da reprehensivel cobardia, de tão culpavel indolencia. Contentemo-nos com o que cabe em nossas forças, que não é pouco vermo-nos livres de credores, e de

credores, que talvez imaginassem, que não só lhes deveriamos a fama mas até os entendimentos. Não é pequena a gloria de merecermos grande applauso e sabermo-lo desprezar.

Tempo, tempo virá em que cheguem os echos do nosso merecimento aos ouvidos de quem o estima, de quem o conhece e de quem o proteje (1), ainda quando o descobre desvalido, pobre e desprezado. Já nós ouvimos da sua bocca promessas que não hão de faltar, e foi a nossa cobardia quem deixou fugir a occasião. Cuidemos em merecer o premio, que é mais facil consegui-lo, do que merecê-lo: e ordinariamente o deseja quem o não merece. A Arcadia fundou-se para adiantamento das bellas lettras, e não para fazer ostentação de talentos, para divertir o pubblico, ou para dar que fazer aos prélos.

Porém, Arcades, que força de enthusiasmo me obrigou a fazer uma declaração, estando obrigado a discutir hoje nesta assembléa algum ponto da

(1) Allude ao conde de Oeiras. (CASTELLO BRANCO, *obra cit.*, pag. 179).

rhetorica ou de poesia? Quem faz caso dos meus clamores, ou quem não conhece que eu sou cumplice dos mesmos delictos, de que me faço accusador, e talvez juiz? Assim é, senhores, mas se não houver quem advirta estes abusos, quem advogue pela causa commum, ficará a Arcadia eternamente sepultada em tão feio lethargo. Eu não vos crimino, não vos accuso, choro e quero lamentar-me convosco, quero comvosco prantear a nossa desgraça, quero lembrar-vos que promettestes ensinar-me, quando me chamastes para esta sociedade. Não posso, não sei, não me atrevo a concorrer para a ultima ruina da boa fama e solida reputação que tinhamos adquirido entre os nossos compatriotas. E que materia mais digna de ser tratada por um Arcade não só zeloso da honra da Academia, mas até da gloria da nação? E se devo com effeito tratar de alguma regra de poesia, farei uma pequena reflexão sobre as qualidades e natureza da peripecia, alma da tragedia.

A peripecia é uma subita mudança do estado prospero para um abysmo de miserias e de hor-

rores. Assim Œdipo, rei de Thebas, marido de Jocasta, venerado por sabio e honrado com o illustre nome de libertador e pai de seus vassallos, possuido de uma vehemente ambição de conservar este inestimavel titulo, vendo devastar aquella populosa cidade uma voraz e inexoravel peste, tanto examina, tanto se obstina e a tanto se atreve, que o mesmo ardor da sua curiosidade o precipita em um pelago de angustias, de maldições e de remorsos: acha-se marido de sua mãe, filho de sua esposa e irmão de seus mesmos filhos. Autor da ruina da patria, objecto da ira divina, réo de suas mesmas imprecações, execrando, abominavel, impio e profugo, arranca os proprios olhos e foge de Thebas.

Eis-aqui a mais perfeita peripecia que vio o theatro de Athenas, e que talvez verão os de todo o mundo. Quereis outro exemplo?...

Mas, senhores, que materia escolhi para a minha oração? Que estranha força torna a pôr-me a Arcadia diante dos olhos? E que fatal exemplo da inconstancia da fortuna me não representa o torpe esquecimento com que temos

tratado os progressos e vantagens da Arcadia? Quem não esperaria que uma companhia tão numerosa, composta de sujeitos tão dignos da publica estimação, havia de ser duravel e havia conservar-se apezar do genio da nação? Appareceo em triumpho: louvou o maior dos reis e o maior dos ministros: e foi louvado pelo maior dos reis e pelo maior dos ministros e guiada por sua mesma vaidade, cahio no estado da miseria. Os seus proprios filhos, os seus maiores amigos, todos fugirão, todos a desampararão, quebrando-lhe as forças e esquecendo-lhe o nome os mesmos, que o receberão d'ella.

Ha espectaculo mais digno da nossa commiseração, ou painel mais capaz de provocar o nosso pranto, ou finalmente mais tragico exemplo e modelo de uma perfeita peripecia?

Contemplai, ó Arcades, o apparato desta scena e se sois Portuguezes, se amais as sciencias, se desejais adquirir um nome honrado, não desampareis a Arcadia; continuai as vossas sessões, não desanimeis, que nos perigos é que se conhecem as almas grandes; na força da tormenta é que o

coração illustre deve mostrar-se forte. Se com effeito ha alguma força que nos opprima, o que não devemos crer, agora é que estamos obrigados a desempenhar nossa palavra, a mostrar-nos constantes, fortes e animosos. Zombaremos da inveja, pisaremos a ambição, triumpharemos da cobardia, renascerá a Arcadia, renascerá a vossa fama.

ORAÇÃO SETIMA (1).

Se a primeira vez, ó Arcades, que vós me obrigastes a orar em publico neste solemne dia, não tivesse exposto em fórma de dissertação, os textos, os decretos pontificios as autoridades dos Santos Padres, e as resoluções des concilios, que alem da devoção, e pode-se dizer instincto portuguez, nos obrigão a jurar e defender o altissimo mysterio da Immaculada Conceição da Purissima Padroeira da Arcadia, póde ser que ainda hoje não escolhesse a melhor parte da materia que deve fazer minha oração digna de vossos ouvidos, capaz de persuadir, bastante para mover o animo

(1) Esta segunda Oração, inserta no Ms. de Figueiredo, diz o Snr Visconde de Correia Botelho, que a trasladou em parte, haver sido recitada em 1758, terceiro anno da fundação da Arcadia. (Castello Branco, *Curs. litt. port.*, tomo II, pag. 166).

dos circumstantes, cheia de energia, de grandeza, de magnificencia e de respeito. Muitos dos que primeiro do que eu fallárão neste lugar, com profunda erudição, com solida doutrina e com viril estylo, sustentárão a justiça da causa e defendèrão a honra da Senhora.

Faltava quem tomasse sobre seus hombros o honrado peso de render as graças pelos recebidos beneficios em nome de toda a Arcadia, a inefavel protectora de nossos estudos, cujo santo patrocinio visivelmente brilha nas gloriosas acções da Academia, no adiantamento da poesia portugueza, na acceitação do publico, no amparo de um ministro, prudente e sabio, e no favor do melhor dos principes, de nosso augusto e clementisso soberano. Faltava quem confessasse o que devemos, faltava quem rompesse um silencio que poderia accusar-nos de ingratos, ainda que produzissemos em nossa defeza ou a impossibilidade do agradecimento, ou a grandeza do beneficio.

Tinhamos fundado uma sociedade debaixo do auspicio e da tutela da Senhora, viamo-la triumphar da inveja, e o que mais é, rebatendo iniquas ac-

casações dissipar o estranho systema, com que o máo gosto tinha envilecido a nobreza das bellas artes. Resuscitou a poesia verdadeira; restaurou-se a boa eloquencia e ainda não havia entre nós quem publicamente tivesse erguido as mãos ao ceo e rendesse as devidas graças a nossa Immaculada Padroeira, quem confessasse ingenuamente, e na face de todo o mundo, que os Arcades não confião em suas forças, mas sim no celestial patrocinio que escolhêrão, que os guarda e que os anima.

A importancia desta causa pedia melhor advogado, mas a grandeza da materia falla por si mesma, não depende dos auxilios da rhetorica: successos tão incontestaveis, como maravilhosos, ainda narrados sem artificio, persuadem, interessão e arrebatão.

Parece-me, ó Arcades, que não póde haver mais excellente ideia do reconhecimento, do que a simples, mas fiel narração dos beneficios. Esta maxima que ainda nos lugares em que entra a lisonja seria agradavelmente recebida; quando se trata de agradecer favores que recebemos do ceo,

é o unico e o mais elegante modo de publica e solemnemente nos confessarmos e de nos mostrarmos obrigados. E, com effeito, quem será tão barbaro, que olhando para os progressos da Arcadia, não reconheça que só a força de tão alta protecção podia adianta-los, ou para melhor dizer, corôa-los com tanta honra e com tanta gloria.

Se fitarmos nossas reflexões no estabelecimento desta sociedade e ponderarmos os terriveis embaraços que foi preciso vencer, ficaremos persuadidos, que não houve circumstancia que deixasse de parecer milagre. O tempo, o lugar, a difficuldade da empreza, a magnificencia da ideia, tudo pedia un braço mais forte de que os nossos e uma constancia invencivel e extraordinaria: e quando parecia que a planta ainda estava na mão, vimos levantadas as soberbas columnas e sobre ellas fechadas as vastissimas abobadas deste maravilhoso edificio.

Soffrei, ó Arcades, que para melhor mostrar a nossa felicidade me lembrem antigas calamidades, á semelhança do experimentado piloto que para bem calcular a sua derrota, se não esquece

de marcar o porto donde levantando o ferro e desfraldando as vélas, principiou a viagem.

Perdidas e derrotadas em Africa, com a gloria das armas portuguezas nossas altivas esperanças, principiou a quebrantar-se o genio forte da nação: apagou-se a honra da ambição de gloria que até aquella desastrada epoca nos tinha feito triumphadores e invenciveis. Cahirão os animos, enfraquecerão-se as mãos, como de quem já as destinava para as algemas. Ainda entre as cinzas brilhavão de quando em quando algumas reliquias da perdida grandeza daquelles bemaventurados dias, até que finalmente cahindo sobre nós a força da tyrannia nos vimos sujeitos a um rei estranho, ou para melhor dizer, a um usurpador, sem fazenda, sem honra e sem liberdade.

Estas successivas desgraças ao mesmo passo que embotárão as armas e opprimirão as forças da monarchia, afugentando as boas artes até ali estimadas e conhecidas em Portugal, introduzirão tão estranha desordem nas escolas, que em poucos annos perdeo a poesia portugueza seu antigo genio. A nobre simplicidade, a pureza da phrase,

a verosimilhança dos pensamentos, o maravilhoso das ideias e energia das figuras, tudo foi tratado com desprezo. Jactava-se a barbaridade daquelles tempos que assim sacudio o jugo das regras nimiamente austeras, e que só servião de opprimir a força do espirito. Tão prolixos erão em pontos de liberdades uns homens que arrastavão grilhões !

Correo o tempo e chegou o grande instante de quebrarem os Portuguezes os cepos em que gemião. Subio ao throno um legitimo herdeiro do sceptro e das virtudes de D. Affonso Henriques ; mas o que era até então effeito da miseria e do captiveiro, veio a ser consequencia da alegria. A teimosa guerra com que nos vimos obrigados a rebater a furia dos Hespanhoes ainda não permittia que entre o ruido das armas e motim dos tambores se désse ouvidos á harmonia das musas : continuava a decadencia. Ajustou-se a paz, socegarão-se os animos, mas estava tão inveterado o contagio que se houve quem o intentou, não houve quem não desesperasse da restauração das bellas letras, das artes e das sciencias em Portugal.

O negocio era tão importante e de tão difficil exito, que nem ainda o grande espirito e prodiga mão do magnifico D. João o V poude conseguir mais do que lançar os primeiros fundamentos; estimou os sabios, premiou os mestres e enriqueceo as livrarias do reino e fundou a real Academia da Historia. Roubou-lhe a morte esta gloria, quando principiava a amanhecer em Portugal as primeiras luzes do bom gosto, da verdadeira erudição e da prudente critica.

Devemos alegrar-nos de ser incontestavel que o primeiro documento em que podemos fixar a epoca desta restauração, é o papel critico que compoz e imprimio o Arcade *Sincero Jeralriense* (1). E verdade que alguns espiritos mais fortes, tentárão esta empreza ainda hoje ardua, e então impossivel; mas como nas primeiras escolas rei-

(1) José Xavier de Valladares e Souza. Garção reporta-se ao opusculo d'aquelle escriptor: *Exame critico de uma Sylva poetica feita á morte da Serenissima Senhora Infanta D. Francisca*, 1739. Era autor da *Sylva* Caetano José da Salva Souto Maior, antonomasticamente o *Camões do Rocio*. (Obra cit., nota a pag. 160).

nava um certo espirito de opinião, que soberbamente sustentava o partido do máo gosto, o verdadeiro methodo, ou se não conhecia, ou se desprezava.

Fundarão-se Academias, algumas permanècerão, mas sem mais fruto do que o de propagarem o contagio. Nos ultimos annos do prospero reinado de D. João o V apparecèrão os primeiros crepusculos do bom gosto. Já então a Sociedade dos Occultos estabelecida em um palacio em que sempre habitárão as musas e fundada por um genio extraordinario, herdeiro não só do sangue, mas tambem dos raros talentos e virtudes de seus eruditos progenitores (1), trabalhava neste tempo na restauração da lingua portugueza, do estylo e da boa poesia. Poderia ser que a ella se devesse toda a gloria se a publica desgraça não separasse tão util e tão sabia companhia (2).

Em um tempo de calamidades e de afflicções quando parecia que os Portuguezes só tratavão de reedificar Lisboa e de restabelecer os seus

---

(1) Allude a D. Francisco Xavier de Meneres, quarto Conde da Ericeira. (Idem, ibidem).

(2) Refere-se ao terremoto de 1755. (Idem, ibidem).

particulares interesses, quando seria desculpavel que as musas fugissem do nosso continente, quando se julgaria que as artes jazião sepultadas nas ruinas da cidade, n'uma palavra, quando era impossivel tratar da restauração das sciencias, então, ó Arcades, chegou o feliz instante de nos ajuntarmos, então fundamos esta sociedade, jurando padroeira della a Immaculada Rainha dos céos e da terra, debaixo do inefavel titulo da sua purissima Conceição. Cada um de nós jurou o sagrado mysterio e embraçado este impenetravel escudo nos apresentamos no campo, confiados entramos na peleja, e não tardou muito a victoria.

E bem natural, ó Arcades, e bem digno de corações portuguezes, a publica confissão de que esta vantagem a devemos toda ao sagrado patrocinio da Senhora. Olhemos para os successos que forão consequencias desta nossa venturosa escravidão: adoptamos o systema da critica phenomeno litterario, se lhe posso assim chamar, que era em Portugal espantoso prognóstico de desastres, e que não era visto entre nós com menos

susto do que um eclipse entre os Godos, veio a ser recebido com sereno rosto, veio a ser desejado. Conheceo-se que esta era a estrella que nos devia guiar, e que sem as luzes da critica não podia descobrir-se o verdadeiro gosto.

Persuadimo-nos de que era amizade e não odio a reciproca correcção de nossas obras; e quem expunha ao publico os seus escriptos, sem lhes dar com esta lima o ultimo polimento sujeitava o seu nome ao desprezo do mundo. Conhecemos que sem imitar os antigos era impossivel enriquecer nossas composições das infinitas bellezas poeticas que descobre a cada passo quem frequenta a lição dos Gregos e dos Latinos: e que neste dictame de Horacio consistia o maior segredo do bom gosto. Principiamos a familiarisar-nos com Homero, com Sophocles, com Virgilio e com Terencio; e estes nomes que entre nós erão estranhos, e unicamente servião nas dedicatorias, passárão a ser os idolos de nossos estudos.

E que deviamos, ó Arcades, esperar de tão subita e feliz mudança? Ganhárão as nossas obras uma nova reputação. Conciliou respeito o nome

de Arcade e desejou o publico assistir ás nossas conferencias: atrevemo-nos a louvar um principe, a quem Plinio podia sem lisonja recitar o famoso panegyrico, que fez a Trajano. O mesmo foi ouvirem-nos, que estimarem-nos, os homens mais sabios e mais prudentes. Olhárão para o fruto do nosso trabalho como para uma vantagem da nação, e a grande alma daquelle vigilante ministro que **não tira** as olhos do adiantamento da patria com publicas demonstrações nos honrou, e nos animou para não desistirmos da difficultosa, mas illustre empreza, a que sacrificavamos os nossos estudos. Segunda vez nos ouvio, segunda vez nos honrou: de sua mesma bocca ouvimos nós expressões com que em Portugal não costumão fallar os ministros.

Podemos asseverar que vimos aquelle grande coração e que nelle estava vivamente impresso o incansavel zelo com que trabalha pelo bem de seus cómpatriotas, com que honra e com que estima os Portuguezes benemeritos. Não tardará muito que o publico conheça, que este genero de letras lhe merece uma seria protecção, que as estima porque as conhece.

Entre tão consideraveis beneficios, não é justo, ó Arcades, que eu me esqueça de recordar um que devemos reputar entre os maiores e que póde ser seja elle a alma, digamo-lo assim, de todos os distinctos progressos desta sociedade.

Bemdita sejais, Immaculada Senhora, que vos dignastes de inspirar-nos uma constante união.

Esta virtude, ó Arcades, é uma das maiores graças que devemos as patrocinio da Senhora. As discordias, o rancor, a inveja, vicios que ordinariamente nascião no berço das Academias e sociedades portuguezas, estes vicios, digo eu, nunca apparecêrão na nossa Arcadia. A sinceridade dos costumes, de que nos revestimos, repugnava a tão feio e pernicioso genio: a modestia, a sinceridade, a boa fé, são os rudimentos de faculdades tão nobres, como a poesia e como a rhetorica; são os primeiros talentos que devem brilhar nos sujeitos que ou se ajuntão, ou se escolhem para ser os membros de uma sociedade: a prudencia, a civilidade, a tolerancia, são as estimaveis partes de que se compõe o caracter de um homem academico.

O amor e veneração de seus companheiros é a distincção dos sabios: estas virtudes, estes raros talentos, é verdade, que pela mesma lição dos livros se aprendem, e se conservão; mas atrevo-me a asseverar, que vós estais, ó Arcades, seriamente persuadidos, que vê-los tão geralmente praticados, e tão honradamente estimados, é um milagre que tão visivelmente deveis á protecção santissima da Immaculada Padroeira da Arcadia.

Eis aqui, ó Arcades, os preciosissimos favores e inestimaveis mercês que devemos ao patrocinio da Senhora: eis aqui a origem de todas nossas felicidades; astro que anima nossas esperanças. Tomamos sobre nossos hombros debaixo de tão santo auspicio o formidavel peso de restaurar a boa poesia e a grande eloquencia: conseguimos o que desejavamos. Estudão-se e praticão-se nesta sociedade as verdadeiras leis da tragedia e da comedia: a poesia melica, tanto lyrica como dithyrambica, está restituida á sua natural magnificencia; a nobre simplicidade da bucolica, da ecloga, e dos idyllios, tem bastantes exemplos em vossas composições; a sa-

tyra, não aquella satyra grosseira e infame que expõe ao riso do povo os defeitos de nossos compatriotas, mas sim a satyra urbana, aquella que ataca os vicios, que os reforma, e que com a sua casta alegria ensina as maximas da boa ethica, é bem familiar aos nossos ouvidos.

A rhetorica em todos os trez generos, se vê felizmente exercitada nesta Academia. Bem evidente ficou esta verdade depois que o nosso clementissimo soberano, querendo reformar as escolas do reino, tirou de entre nós para mestres de eloquencia alguns Arcades; a lingua está restituida á sua natural energica pureza, abundancia e magnificencia: n' uma palavra, a Arcadia chegou ao cume da sua felicidade, venceo o genio da nação e triumphou da inveja.

Soberana Rainha dos céos e da terra, Padroeira da Arcadia, pura e immaculada; a Arcadia publica e solemnemente vos rende as devidas acções de graças pelos beneficios recebidos, e se podesse tambem vô-los agradeceria: jura e promette de sempre defender a justiça da vossa causa, da vossa honra e da vossa gloria, confia

em o vosso patrocinio, espera não desmerecê-lo, sacrificando todas as suas forças ao bem publico, ao credito da nação e á honra do principe.

Acceitai, Senhora, os nossos votos, amparai o nosso trabalho, fazei nossas composições dignas de vosso patrocinio, capazes de louvar-vos e de defender-vos.

ORAÇÃO OITAVA (1).

A protecção de Deus, que tantas vezes experimentou o reino de Portugal, nunca foi mais visivel do que agora que evidentemente nos mostrou que erguia para guardar as reaes virtudes de V. M. o mesmo omnipotente braço com que fundou para si este glorioso Imperio, salvou-nos a necessaria e preciosa vida de V. M. rebatendo os golpes do mais execrando e abominavel parricidio; dissipou a feia tempestade que esteve im-

(1) Terceira e ultima do Ms. esta oração foi a que soffreo as emendas e mutilações, a que se referio Figueiredo no prefacio da cuidadosa collecção, attribuindo ao facto a esquivança do poeta em dar publicidade ás suas producções. (Vide *Introducção* deste livro). Quaes fossem as arguidas alterações elle mesmo as indicou e nós as consignamos nos lugares proprios, aqui transcrevendo a nota com que as encerrou:

« Estas forão as emendas que se pozerão e

minente a Portugal e o raio que vimos acceso sobre nossas cabeças apagou-se, desfez se em fumo, desappareceo! Arrancou das mãos dos traidores o ferro e o fogo com que se armavão para assolar a patria (1), queimar as cidades, demolir os templos, profanar os altares, abolir as leis mais santas e sacrificar a seus perniciosos interesses o sangue de innocentes compatriotas.

Este e não outro era o plano de tão horrenda conjuração; este foi o projecto que forjárão (2) as

---

com as quaes só se dava a licença para imprimir-se por despacho de 29 de julho de 1759. Cala-se por respeito o tribunal e os juizes. »

A esta oração parece-se referir-se Innocencio dando-a como recitada em uma das salas do Real Hospicio de N. Senhora das Necessidades, em obsequio ás melhoras de S. M. F. o senhor D. José I experimentadas depois do attentado de 3 do setembro de 1757. Digo parece porque as expressões iniciaes não são as mesmas, o assumpto porèm é aquelle proprio facto. (Vide Innocencio, *Dicc. bibl.* art. Garção).

(1) Em lugar das palavras — com que se armavão para assolar a patria — se emendou, *que podia não somente assolar...* mas chegar a demolir.

(2) Em lugar das palavras — este foi o plano de tão horrenda conjuração; este foi o projecto

sacrilegas maximas do odio, da hypocrisia, da ambição e da soberba. Mas amparou-nos o cèo, escapárão (1) as nossas vidas, as nossas honras e as nossas fazendas; ainda ha Lisboa; ainda temos rei; ainda temos pai.

Eis aqui, senhor, o inestimavel bem e o evidente (2) milagre, que os Portuguezes, como fieis e legitimos vassallos de V. M. celebrão com incessantes votos em todas as igrejas: alli humilhados á roda dos altares na presença do Altissimo, com as mãos erguidas, com os olhos cheios de lagrimas e os rostos de alegria, jurando sua antiga fidelidade, agradecem em repetidos canticos de jubilo e solemnes acções de graças a milagrosa conservação da sacratissima pessoa de V. M. Nas casas, nas ruas e nas praças, em toda parte sôa o grande nome de V. M., repetido com

---

que formárão — corrigio-se: *estes os tristes successos que poderião produzir.*

(1) A' palavra — *escaparão* — substituirão, *livramos.*

(2) A' palavra — *evidente* — substituirão, *visivel.*

inexplicavel prazer entre reiterados vivas e altas acclamações.

Estes echos da publica alegria, estas protestações de amor e vassallagem, não devia escutalas com indifferença uma sociedade composta de honrados e leaes vassallos. A Arcadia, que tomou sobre seus hombros o illustre peso de transmittir á posteridade acções de Portuguezes benemeritos, havia de ser muda testemunha do jubilo de todo o reino? Que seculo passaria em que os vindouros não accusassem tão detestavel silencio? Que vergonhosa não fôra a tradição dos seus progressos, se cotejadas nossas memorias com a chronica de V. M. não se descobrisse nella dignamente assignalado o zelo, a prudencia e a justiça com que V. M. desaggravou a honra e a gloria de nação?

Soffra pois a modestia de V. M. que repetindo a Arcadia algumas das heroicas virtudes que adornão sua grande alma, exponha aos olhos de todo o mundo, quanto devem os Portuguezes estimar a preciosissima vida de V. M. e a justiça com que lhe dão os grandes nomes de pai

da patria e delicias de seus vassallos, pio, magnanimo e justo.

Mas, senhor, em que passo do glorioso e felicissimo reinado de V. M. poderemos fitar a contemplação, que não encontremos circumstancias de maior espanto? Que acção de V. M. não accusa e não afêia mais a ingratidão e atrocidade de tão sacrilego attentado? Se é axioma da politica que os povos devem pedir a Deus um principe justo, e obedecer ao que por elle lhe fôr dado, que fanatismo se atreveo a contestar o direito que tem á corôa as reaes virtudes de V. M.? Que Portuguez desejou melhor rei? Que barbaro foi tão ousado que podesse negar que, ainda que o throno não fosse hereditario, devia V. M. ser levantado rei e jurado senhor dos Portuguezes? Os Titos, os Trajanos e os Antoninos, não merecêrão com tanta justiça os votos do povo e do senado. Se investigarmos os annaes de Roma, descobriremos que o seu merecimento sempre se apoiou em simulados artificios.

V. M. antes de tomar o sceptro, já o merecia, já era desejado e já reinava nos nossos corações; su-

bio ao throno e nelle tomou posse deste glorioso dominio, sem que a lisonja nem o medo nos dictassem a sujeição. Não duvidou de que o amariamos, porque nos amava e conservou em seu augusto coração este raro systema de reinar, porque não queria mais do que fazer-nos venturosos. Que maior prova desta verdade do que a benigna paz, que desfructamos, de que foi preciosissimo refem a sagrada pessoa de V. M. e que só conhecemos quanto nos era util, quando vimos, que V. M. introduzia á sombra della uma felicissima harmonia em todo o reino!

O inalteravel socego, em que se mantinhão quietos e seguros os estados e dominios de Portugal, ainda que fazia inutil a defeza das armas, não soffreo o real animo de V. M. que ou no ocio, ou no desprezo se abatesse o brio das tropas. Faltavão-lhe cabos, faltava-lhe disciplina, faltava-lhe talvez o premio, e ainda que V. M. não quizesse soldados, não queria queixosos, queria honrar os benemeritos: examinou o merecimento e logo na primeira promoção, subirão accelerados aos ultimos postos muitos daquelles

que tinhão envelhecido, e esperavão morrer nos primeiros.

Acordou o genio portuguez do ocioso lethargo em que jazia: entrou a mocidade a assentar praça uns levados da gloria, outros da emulação. Apparecerão, ou, para melhor dizer, resuscitárão officiaes de prestimo e de valor, lerão-se os Vegecios, os Polybios e os Cesares, exercitou-se o maneio das armas, demonstrárão-se evoluções militares: proverão-se os governos: reforçárão-se os presidios; n'uma palavra, parecia que tinhamos o inimigo na fronteira, estavamos no centro da paz. Não era o medo, não era a violencia, que opprimindo o povo levantava tão numerosas reclutas, era a prudencia, era a magnanimidade do principe, que restabelecia o luzimento e o valor do exercito.

O augmento das boas artes e das sciencias (inspirado fructo de uma duravel e venturosa paz) não deixou de gozar logo as benignas influencias do real agrado e protecção de V. M. E que methodo mais seguro de adianta-las? Póde-se dizer que as *Odes* de Horacio, a *Eneida* de Vir-

gilio, devêrão a sua inimitavel perfeição, mais á amizade de Augusto e de Mecenas, do que ao genio d'aquelles grandes homens: e os Pindaros nascerão nos bemaventurados seculos em que as mais florentes republicas e os maiores principes do mundo contendião pela naturalidade de um cidadão; trazião comsigo as *Iliadas* e mandavão preservar do incendio de uma cidade a casa de um poeta. V. M. não só imita, mas excede aos Augustos e aos Alexandres.

Quem deixará de sacrificar-se ao trabalhoso estudo das bellas artes e sciencias, vendo que V. M. desce a examinar o methodo e o progresso das primeiras escolas? Parece-me, senhor, que ainda vejo no ambito deste real hospicio aquella magestosa scena, que não poderia ideiar, nem a phantasia dos Sophocles, nem a architectura dos Vitruvios, nem a emulação dos Archontes, nem a magnificencia dos Cesares! Parece-me que ainda vejo os nossos clementissimos soberanos, toda a familia real, toda a côrte, assistindo a um certame de grammatica! Parece-me que ainda vejo um menino com um ponteiro na fraca mão estar

mostrando no mappa aonde é Lisboa, aonde está Roma, aonde foi Carthago! Parece-me que ainda observo no real semblante de V. M. aquelles graciosos signaes de prazer, que são difficeis de explicar, e que não sabem esconder nem os pais, nem os mestres, quando veem adiantados os filhos e discipulos!

Sabiamos, é verdade, que este real hospicio era grande entre os sumptuosos monumentos que fazem eterna a memoria do senhor rei D. João o V augusto pai de V. M. Sabiamos, que seu magnifico fundador estabeleceo nelle novas e melhores escolas, mandando que a sagrada Congregação do Oratorio dirigisse os estudos; sabiamos que as casas da Congregação do Oratorio forão da sua fundação até o presente santuarios da virtude e das sciencias; sabiamos que apezar de orgulhosas opposições, fizerão estes grandes homens amanhecer em Portugal a primeira luz da boa philosophia, que nos ensinárão os nomes de Halley, de Bayle, de Locke e de Carthesio; sabiamos que já entre nós havia um Newton portu-gu[illegible]; sabiamos, finalmente, que varões tão do[illegible]

e apostolicos trabalhavão por restaurar a grande eloquencia e viril estylo, com que nos pulpitos, se deve explicar o Evangelho aos catholicos; mas como as raizes da inveterada prevenção, ainda não estavão totalmente arrancadas, foi preciso que V. M. com tão raro exemplo da humanidade nos declarasse, que só nestas escolas devia aprender a mocidade portugueza.

Para que só (1) devessemos a nossa felicidade ás inestimaveis fadigas de V. M. vimos, com extranha admiração empregar-se a real economia do soberano em restabelecer os perdidos interesses dos vassallos. As mesmas revoluções de tempos e de costumes, que promettião grandes vantagens, tinhão lastimosamente concorrido para a decadencia. A paz, a opulencia, o luxo, o grande trafico, novos descobrimentos e novas minas, erão os tyrannos algozes que apertavão o garrote ao commercio de Portugal ao mesmo passo que sem ellas fôra impossivel beneficia-lo.

(1) Para que só, emendou-se, *para que em tudo.*

O genio da nação, a chimerica esterilidade do paiz, a dependencia de estrangeiros, nossas distantes e dilatadas conquistas, erão os Encelados e Typheos, com que ninguem se atrevia a combater. Se a providencia offereceo arbitrios, que podião ser uteis, não faltárão pretextos para sacrifica-los a interesses particulares. Corria o tempo, arruinava-se o credito da praça, barateavão-se nossas drogas, sobejavão generos alheios; quebravão os negociantes e parecia ja inevitavel a ultima e universal fallencia.

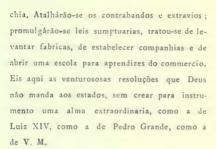
Tão lastimoso espectaculo não podia deixar de abalar o augusto coração de V. M. que reconhecendo os raros talentos de um ministro, que parece que pelo céo lhe foi dado para V. M. ter uma espada, com que córte os nós gordianos destes pretendidos impossiveis, fiou V. M. do seu zelo e actividade a reforma de tão perniciosas desordens. Foi então que os Portuguezes ouvirão dizer, que o commercio era o maior apoio do estado, que tambem delle havia uma theorica; que esta theorica não consistia no dólo, na ambição e na malicia; mas que tinha regras deter-

minadas e infalivel geometria; que era sua pratica a verdade, a boa fé e a diligencia; que vender não era enganar; e que o corpo do commercio era um corpo nobre e respeitavel entre as nações mais polidas e republicas mais poderosas.

Então conhecemos as nossas forças, então olharmos para V. M. como para nosso redemptor; envergonhados de nos não lembrar o que Portugal tinha sido, nem olharmos para o que podia ser. Fatal era o nosso esquecimento, não menos fatal a inercia! Esqueciamo-nos de que fôramos os primeiros descobridores das riquezas de todo o mundo, e que nossos galeões forão os que primeiro surgirão em portos da Asia, da Africa e da America. Não liamos a historia do nosso paiz; tapavamos os ouvidos; não queriamos saber que Portugal tinha sido em seculos mais remotos o emporio do commercio; que subsistio poderoso e opulento, independente de outras nações, e até de suas conquistas; que nossos antigos reis socorrião com grandes subsidios e formidaveis exercitos seus alliados e visi-

nhos. Demos este elogio as illustres cinzas de um Dionisio, de um João II, de um Affonso IV e de um afortunado Manoel. Confesse o Imperio, Napoles, Veneza, Flandres, Aragão e Castella quantas vezes implorárão nosso auxilio, e quantas vezes colhêrão os louros da victoria á sombra das respeitadas bandeiras lusitanas.

Parecerá inverosimil aos vindouros que para V. M. atalhar a nossa ruina, se vio obrigado a servir-se da autoridade real, do rigor das leis e do poder da justiça. Houve vassallos (não o ouça o mundo, nem o saiba a posteridade) que para serem venturosos foi preciso serem castigados. Tanto podia a fatal cegueira que nos allucinava! Foi preciso que V. M. erigisse um tribunal do commercio, que lhe désse estatutos e que o ministerio com attenta circumspecção elegesse para membro deste novo corpo os sujeitos mais intelligentes e de mais reconhecida probidade. Assim acabamos de conhecer, que os interesses dos commerciantes erão os interesses da nação, que delles resultavão o bem commum e que sem elles se abatião as forças da monar-

chia. Atalhárão-se os contrabandos e extravios; promulgárão-se leis sumptuarias, tratou-se de levantar fabricas, de estabelecer companhias e de abrir uma escola para aprendizes do commercio. Eis aqui as venturososas resoluções que Deus não manda aos estados, sem crear para instrumento uma alma extraordinaria, como a de Luiz XIV, como a de Pedro Grande, como a de V. M.

Incansavel a real ideia de V. M. em investigar novos caminhos para o augmento da nossa felicidade, olhou benignamente para o commercio do Douro, e não soffrendo que a decadencia caminhasse com passos tão accelerados, se resolveo a pôr um freio á tyranna cobiça que tinha reduzido a monopolio o contracto daquelle paiz. Ella arbitrava o preço, ella qualificava os generos, ella estipulava os pagamentos. Não era nosso mais do que o trabalho da cultura e despeza da fabrica e o limitado interesse de algum avanço, sempre sujeito a illegitimos lucros e duras condições. Introduzio-se com o luxo o cambio de alheias manufacturas, e em pouco tempo chegou

a parecer tributo a extracção dos nossos generos. Atalhou V. M. este damno quasi irreparavel, promulgando o estabelecimento da companhia do Alto Douro. privilegiada e protegida com a autoridade real e com o incansavel zelo do ministerio, e pôde tanto a indolencia natural que a desatinada plebe....

Mas, senhor, não é justo que a ingratidão dos vassallos profane a narração das reaes virtudes do monarcha: entreguemos à fama o adoravel nome de V. M. sem descobrirmos vestigios de infames e detestaveis memorias.

Não bastava para socegar o amor e o desvelo de V. M. que os milagrosos effeitos da sua grande beneficencia inundassem só os limites do nosso continente. Olhou para as conquistas e para as colonias, vio tambem ali vassallos, não quiz deixar de trata-los como filhos: appareceo-lhe deserto e inculto o paiz mais fertil do mundo: vio abandonado um dos ramos do nosso commercio, que podia incontestavelmente ser dos primeiros, se a negligencia, se a inercia ou avareza daquelles que o maneavão, lhe não tivesse

subnegada a reputação. Uma longa guerra, grandes desastres, grandes calamidades, talvez que não redusissem a tão miseravel estado o negocio do Maranhão e do Pará: faltava industria que o remisse do clandestino e pesado captiveiro que o opprimia. Chegou a epoca da sua felicidade, e apezar de animos rebeldes, se estabeleceo uma companhia para aquelle estado. Approvou-lhe V. M. os estatutos, privilegiou-lhe as acções, autorisou-lhe o credito, deo-lhe navios e franqueou-lhe os meios de se completar o necessario e importante fundo.

Persuadido V. M. da grande maxima de estado, que um rei deve ser senhor de vassallos opulentos, e não de provincias e sertões desertos e intrataveis, mandou tambem cobrir de habitações aquelle fertil paiz, que só em poder de barbaros deixaria de ser povoado. Convidou os novos moradores com honras, com terras, com privilegios, e para ficar inimitavel a piedade de V. M. muitos réos condemnados a vergonhosos destinos, não soffrèrão maior castigo do que irem ser fundadores d'aquellas colonias.

Mas quem dicéra, senhor, que tendo os Portuguezes levado áquelles remotos climas a luz da verdadeira religião, depois de lhe ter Deus pago este glorioso trabalho com o honrado nome e riquissimos thesouros, se atreverião os mesmos Portuguezes, abusando da credulidade dos proselytos, a sacrificar o zelo da fé aos feios interesses e abominaveis ideias da cobiça? Quem dicéra que a promulgação do Evangelho e do baptismo havia de ser o sacrilego jugo com que a hypocrisia chegou a tyrannisar a liberdade de inumeraveis povos? Como gemêrão tantos annos neste injusto captiveiro aquelles infelizes, sem que os brados da sua miseria chegassem ao throno de nossos graciosissimos soberanos? Como havião prelados, que com frouxa connivencia, tolerárão esta escandalosa contravenção da lei divina, dos decretos synodaes e das bullas pontificias? Como houve magistrados, que soffrêrão tão notoria infracção do direito natural, do direito da hospitalidade e do direito da conquista?

Parece que guardava o céo para V. M. a gloria de ser o libertador d'aquelles povos. Co

já não valião dissimulações, como já se não dava credito a chimeras, como já se não temião ameaças, como já reinava V. M. como já tinha ministros desinteressados, completou-se o resgate de tantos milhões de almas. Chegou o tempo de V. M. reivindicar aquelles afflígidos vassallos que a avareza e a crueldade dos usurpadores, tratava como escravos e como brutos. Nascêrão livres, vivião captivos, abraçárão a verdadeira religião, achárão perversos dogmas; occupavão-se no trabalho, negava-se-lhes a recompensa; sujeitavão-se a um rei, achárão mil tyrannos! Em que estatua, em que monumento poderemos dignamente gravar a memoria deste glorioso triumpho de V. M.? (1)

---

(1) Este paragrapho e o precedente, que o collector com justa razão considera dos mais bellos da oração, forão supprimidos pela censura.

Comprehende-se facilmente que os prelados e magistrados, cuja connivencia no captiveiro dos Indios verberára o orador, se revoltassem contra merecidas censuras e tratassem de suffoca-las. Essas duas importantes classes não tolerarião *æquo animo* tão certeiras pedradas nos seus telhados.

O eloquente rasgo de Garção em favor dos

Julgava eu, senhor, que poderia acabar a narração das admiraveis virtudes de V. M. sem que a lembrança da fatal ruina de Lisboa, perturbasse o jubilo, que hoje occupa a ideia dos Portuguezes; mas como n'aquelles calamitosos tempos, foi quando esteve mais patente o grande coração de V. M., não me atrevo a suffocar as vozes do publico agradecimento. Parece-nos, que pelo céo foi mandada esta geral consternação para conhecermos que V. M. não só era rei, mas tambem era pae, parece que Deos não quiz tocar-nos com sua poderosa mão, senão quando tivessemos um principe digno de sua misericordia, capaz de soccorrer-nos e capaz de conservar-nos. São inexcrutaveis seus altissimos juizos; mas é quasi sempre visivel a sua providencia!

Como todas as maravilhosas acções de V. M. se regulão por um inalteravel systema de justiça,

---

principios de liberdade, ao mesmo passo que revela a elevação de seus sentimentos, descansa o espirito das lisonjarias, de que inundou a maior parte do seu discurso. Vê-se que não era só cortesão, mas amante da justiça, e defensor do direito.

depois de render a Deos as dividas acções de graças, tratou logo de restabelecer o culto da religião e exhortando aos prelados a que promptamente fizessem continuar os officios divinos, acudio com igual providencia as communidades dispersas ou necessitadas.

Eis aqui as grandes maximas, com que V. M. sabe conciliar a protecção divina. Esta é a verdadeira politica e a forte alliança, que em tantos seculos e em tantos climas fizerão conhecidas, respeitadas e invenciveis as sagradas quinas. A honra de Deos foi sempre a causa, porque advogárão nossas armas. Se a religião é a base dos imperios, que reino, ou que estado mais seguro que a monarchia portugueza? Se é esta virtude a fonte de que manão as heroicas acções do principe, a equidade dos magistrados, a fé das allianças, a observancia das leis, a obediencia dos vassallos e a tranquillidade publica, ainda apezar de tão fataes calamidades, será sempre feliz o glorioso reinado de V. M. A exaltação da fé, a promulgação do Evangelho, a extirpação das heresias, são os mundos, que deseja o grande co-

tação de V. M. e que lhe deverião lagrimas se fosse possivel faltar entre tantas virtudes a da constancia. Estes são os costumes, que nos fastos da historia hão de fazer distincto e respeitado o seculo de V. M.

Cercado V. M. de attonitos vassallos sentia o publico desastre, como se não podesse remedia-lo e resolveo-se a remedia-lo como se não podesse senti-lo; temeroso, mas resignado; resignado, mas constante. Mostrou V. M. que como homem receava o flagello, como catholico sujeitava-se ao golpe, como principe acudia aos vassallos. Que impulsos de piedade, de amor e de compaixão não atormentavão com inexplicavel tumulto o forte animo de V. M.! Ainda era geral o desacordo, já se dava sepultura aos mortos; ainda lançavão fumo as cinzas das nossas casas, já tinhamos reparo contra o rigor da estação; lembrou-nos temer a fome, quando já reinava a abundancia. Que viuva, que familia consternada, não achou abrigo na real clemencia de V. M.? Choravão os filhos sobre as cinzas do defunto pae e sobre as ruinas de sua casa, orphãos, pobres

e desamparados ; a triste mãe, não sabia nem podia consola-los, chorava com elles, augmentava o pranto. Ouvi-os V. M. ; acudio-lhes. Houve barbaros, que aproveitando-se do geral espanto d'aquelles terriveis dias, se atreverão a saquear a cidade, mas logo conhecemos, que nem entre as desgraças nos desamparava a inalteravel justiça de V. M. ; expostos em patibulos promulgárão a lei como exemplo, fizerão cessar o crime e o castigo. Nem a constancia, nem a clemencia de Tito, pôde reparar com tão efficazes providencias o lastimoso estrago, que a conflagração do Vesuvio causou na miseravel provincia de Campania.

Que bem fundadas esperanças do publico restabelecimento não vimos brilhar logo no acerto das primeiras ordens ? Parecia que o ministerio travalhava no ordinario expediente e não em meios de atalhar tão extraordinarias desordens. Sabiamos as perigosas consequencias, a que estavamos expostos, quando viamos prevenidas as cautelas : igualmente nos espantava o damno, que o reparo, não podendo comprehender, como successos tão repentinos, achavão prompta a ac-

tiva providencia de V. M. que não seria menos admiravel, ainda quando fossem esperados.

Não tardou muito que não vissemos medir os destroçados bairros da cidade para se dar principio á execução de sua magnifica planta. Vimos com sabias e justissimas leis vencidos os embaraços que podião obstar á grande obra: vimos lançar os primeiros fundamentos da nova Lisboa e vimos crescer sumptuosos edificios, os quaes sem auxilio de soberbas inscripções, mostrarão nas futuras idades que foi V. M. quem reedificou a cidade; e os que então lerem nossas decadas, olhando para a chronologia, não poderão comprehender, como medeia tão curto espaço entre a ruina e a restauração.

É verdade, senhor, que as nações estranhas não ouvem com terror o nome de V. M.; não o divulga no mundo o estrepito das armas; mas nem por isso é elle menos grande ou menos illustre, adorado entre os vassallos, invejado pelos estrangeiros, respeitado por todos, faz que os povos olhem para V. M. como para um astro de felicidade, de paz e abundancia. Não bri-

lha menos a corôa real guarnecida com ramos de oliveira, do que ornada com os louros da victoria tintos com o sangue dos vassallos. A lisonja e a politica inventárão a pompa dos triumphos: o amor, com que é estimado um rei justo e pacifico nasce comnosco em nossos corações; não o podemos fingir; não chega a tanto nem o medo, nem a adulação.

Quantos miseraveis pisados por seus proprios cavallos no furioso tropel dos conflictos, mordendo a dura terra, não estarão amaldiçoando agora os interesses dos monarchas? Em vão chamão pela paz, em vão detestão a cruel guerra, ninguem os ouve, ninguem lhes acode; morrem, acabão desesperados! Quantas cidades, depois de soffrer constantemente as miserias e os sustos de um longo sitio, não chorarão pela paz quando virem avançarem-se as tropas inimigas para o assalto geral? Abala os montes o pavoroso estrondo da artilharia; cruzão pelos ares sibilantes balas; estalão horriveis bombas; descoradas e espavoridas as miseraveis donzellas, correm pelas ruas; attonitas as mães, deixão cahir dos

braços os innocentes filhos; querem mas não podem fugir os cansados velhos; sahem dos templos os sacerdotes abraçados com as sagradas reliquias, mas não tem para onde fujão. Em toda a parte se apresenta o mesmo perigo e o mesmo aspecto da morte: desmoronados os altos edificios, tremem, cahem, espantão, ferem, matão e sepultão os desgraçados habitantes!

Se compararmos o horror de tão feia perspectiva com a deliciosa paz de que gozamos á sombra do real throno de V. M. só então conheceremos nossas venturas e a infelicidade d'aquellas nações, que sacrificadas mais ás idéas do gabinete do que á defensa da patria ou decoro do rei, pagão com suas vidas a má interpretação dos tratados. Sem nos insultar a liberdade das tropas, sem nos vexar o peso dos tributos, sem nos opprimirem exorbitantes contribuções, venturosos, opulentos, livres e seguros vivemos, unicamente sujeitos ás santas e justissimas leis que promulga V. M. não para nos opprimir, mas para arrancar de entre nós os vicios e abusos que á semelhança de uma inveterada enfermidade arruinavão a cons-

tituição civil da monarchia. Que grandeza de alma, que espirito de clemencia, de religião e de justiça, que extraordinarias virtudes, não admira quem lè a colleção das leis, alvarás e decretos, que no feliz reinado de V. M. lhe tem dignamente merecido a antonomasia de legislador? Muito ha que os Portuguezes darião este nome a V. M. se guiados mais pelo amor, que pela vassallagem, não escolhessem antes chamar-lhe pai.

Com effeito, senhor, se ás reaes virtudes de V. M. devemos o inestimavel bem de sermos tratados como filhos e não como vassallos, se é o principal objecto das acções de V. M fazer-nos venturosos, porque lhe não chamaremos pai da patria? Nem a modestia de V. M. deve prohibir-nos a repetição de tão agradavel nome, se não póde negar-nos que o merece; nem o nosso reconhecimento dictar-nos outra inscripção mais digna de ser deixada aos vindouros no pedestal da estatua de V. M. pio, magnanimo, justo e amado, que nos conservou em uma venturosa e inalteravel paz em quanto devastava grande parte da Europa a mais obstinada e sanguinolenta

guerra: mo trará que V. M. restabeleceo a disciplina militar e o luzimento das tropas, que o desprezo ainda mais do que o ocio, tinha submergido em ignominioso lethargo: que protegeo e que animou as artes, as musas e as sciencias: que amparando os interesses de seus vassallos, fez V. M. que o nosso commercio tyrannizado pela cobiça alhêa e pela inercia natural quebrasse as grossas algemas que o manietavão: mostrará que foi V. M. quem resgatou tantas almas de clandestino e tyranno captiveiro com que as opprimia a cobiça, a avareza e a hypocrisia: que V. M. nos acudio com prompto remedio em consternação, que parecia que o não podia ter: mostrará que V. M. restaurando o culto divino, trabalhando na propagação da fé, respeitando os ministros da igreja, foi em tudo legitimo herdeiro do throno de D. Affonso Henriques: mostrará finalmente, senhor, que V. M. inexoravel inimigo dos vicios, promulgou innumeraveis leis todas justas, todas necessarias, todas santas, não só dirigidas a manter a publica tranquillidade, mas ainda a conservar nos futuros tempos

feliz, opulenta e segura a monarchia portugueza.

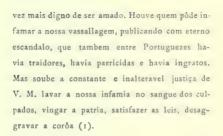
Mas, Omnipotente Deus, que paiz é este que habitamos, em que cidade vivemos? Aonde está o reino fundado pela vossa mão? Aonde está a forte gente que morria pela honra do vosso nome e pela gloria de seu rei? Tambem em Portugal, famosa patria dos Monizes, dos Pachecos, dos Freitas e dos Farias, nascêrão traidores? Tambem em Lisboa, cujos muros estão fundados sobre os ossos de tantos honrados Portuguezes, se criárão parricidas? Tambem havia entre nós Perenios, Plauteanos e Catilinas? Vivião? Fallavão comvosco? Viamo-los? Não lhes descobriamos nos perfidos semblantes os remorsos que lhes trespassavão os corações? Que sacrilegas esperanças lhes davão forças para supportarem o peso das suas consciencias e soffrerem diante dos seus olhos o aspecto de um vassallo fiel? Esperavão, revolvendo as ruinas da patria, achar debaixo das nossas cinzas honras, riquezas, a corôa ou sceptro, sem que houvesse uma mão, que primeiro o levantasse? Que acções allegarião para disputa-

lo, ainda a um homem abjecto, a um banido, a um facinoroso? Atrever-se-hião a lançar em rosto ao roubador que tinha tirado o alheio, elles que intentavão saquear a patria? Accusarião ao assassino, elles que conspiravão contra a vida do seu rei e legitimo senhor? Culparião a um falsario, elles que forão perjuros? A um herege, elles que seguirão tão perniciosas doutrinas?

Aqui em Lisboa, grande Deus! aqui no centro da paz; aqui aonde as leis mais justas e mais santas, não soffrem que os vicios ultrajem as virtudes; aqui se traçou o plano de tão infame conspiração. Aqui se ajuntárão os traidores; aqui jurárão nossa ruina, nossa orphandade e nossa vergonha; aqui se vendeo a patria; aqui se blasphemou de vossa irrevogavel promessa; aqui se desprezárão os raios com que vossa mão omnipotente costuma destruir os impios.

Houve, senhor, houve ingratos que pudérão esquecer-se do muito que devemos a V. M. houve barbaros que machinárão atalhar o progresso das gloriosas acções com que V. M. nos mostra de cada vez mais que nos ama e que se faz de cada

vez mais digno de ser amado. Houve quem pôde infamar a nossa vassallagem, publicando com eterno escandalo, que tambem entre Portuguezes havia traidores, havia parricidas e havia ingratos. Mas soube a constante e inalteravel justiça de V. M. lavar a nossa infamia no sangue dos culpados, vingar a patria, satisfazer as leis, desaggravar a corôa (1).

---

(1) Conclue aqui a Oração no Ms. sem que a feche declaração alguma, seguindo-se logo as poesias.

NOTAS E VARIANTES

NOTAS E VARIANTES

NA primeira pagina do manuscrito do Conego Manoel de Figueiredo, que fez outr'ora parte da bibliotheca do eximio litterato portuguez Camillo Castello Branco (visconde de Correia Botelho) leem-se estas linhas de proprio punho e com a sua assignatura:

« As alterações que Garção fizéra nos seus poemas, e aqui se encontrão, não se achão nas suas poesias publicadas posthumamente. Estes traslados forão feitos sobre os originaes dados pela viuva do poeta ao collector. Se um dia se fizer edição nova dos versos de Garção (tarde será) deverão adoptar-se estas emendas e publicarem-se as poesias ineditas constantes deste volume manuscrito. »

As duvidas que a respeito das alludidas emendas me assaltarão o espirito e de que tratei na *Introducção*, forão objecto de carta minha áquelle no-

tabilissimo escritor a que cortezmente deo a seguinte resposta:

« Não precisava V. interpor medianeiro para me communicar a honra de sua carta. Recebi as duas quasi simultaneamente, por isso não respondi á primeira.

« Tenho um grande dissabor em não poder cabalmente ser arbitro n'um processo que V. modestamente declina de sua alçada. Não tenho livros, nem apontamentos, nem reminiscencia que me lembre o que em tempo de mais folga li e ajuisei a tal respeito. Entrelembro-me, porém, que o Conego Figueiredo colleccionou um codice com as correções de Garção e os editores da edição de Lisboa, primeira e unica, servirão-se de outro codice em que havia parte das correcções. Ou talvez o Figueiredo quando colligia os pœmas emendados, e se referia aos incorrectos, alludisse aos que corrião manuscritos.

« É provavel que V. já haja formado esta e outras hypotheses mais luminosas.

« *S. Miguel de Seide, 17-1-86.*

« De V. criado e respeitador

« Camillo Castello Branco. »

A' vista do exposto tive por acertado, como já declarei, não affastar-me do texto das edições anteriores, e offerecer como variantes as divergencias do Ms. de Figueiredo.

Nas annotações o manuscrito hoje propriedade do *Instituto historico* será designado pela data, 1767, e o do Conego Manoel de Figueiredo pelo nome do paciente collector.

SONETOS.

Soneto V, pag. 5. — A *mesma senhora* a quem foi dedicado parece ser a mencionada no Soneto II. Assim a dedicatoria abrangeria os dous precedentes, nos quaes igualmente o poeta se dirige a Marilia.

Soneto VI, pag. 6, lin. 6. — A errata da edição de 1778 corrige *pedragosos*. A lição mais seguida actualmente conservaria a orthographia do texto, sem attender á etymologia.

Soneto XIV, pag. 14. — A epigraphe que traz o Indice do Ms. de 1767 é: *Soneto a um frade para que lhe levasse um recado a uma moça, a quem o poeta namorava e onde o frade ia.*

Soneto XVI, pag. 16. — No texto da edição de 1778 o terceto final que a errata corrigio era:

> Se vens, ou caia chuva ou *berre* o vento
> Não pode a longa noite enfastiar-nos
> Antes tudo será *divertimento*.

Soneto XXVI, pag. 26. — Outra correcção ao texto da edição de 1778 da mesma errata. O terceiro verso dizia:

> O *esfaimado* nariz o *coice* atura

E o 11º:

> Com um rodeiro *malho* atocha o taco.

Soneto XXVII, pag. 27. — No Ms. do Conego Figueiredo vem encimado com esta epigraphe: *Estando prezo no Limoeiro.* Estas palavras, porèm, se achão traçadas por outra penna que não a do collector. Ha toda a verosimilhança que o fossem pelo Snr. Visconde de Correia Botelho, que as substituio pela nota *duvidoso.*

Soneto XXXVII, pag. 37. — No Ms. do Figueiredo é dedicado *Ao Padre Delphim, capellão do Loureto.*

Ainda a errata da edição de 1778 corrige do modo, como ora se lê, a nona linha do verso:

Silvada vaga assim de rua em rua.

Soneto LVII, pag. 57. — É o ultimo que trazem as edições e apresenta uma feliz imitação do bem conhecido de Camões:

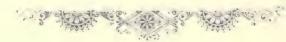
Alma minha gentil que te partiste.

Soneto LVIII, pag. 58. — Este soneto não se acha em nenhuma das edições anteriores. Fui encontra-lo por indicação de Innocencio da Silva na *Miscellanea poetica ou Collecção de Poesias diversas de autores escolhidos. Rio de Janeiro*, 1853. (Vide *Obra cit.*, pag. 168).

Soneto LIX, pag. 59. — Igualmente não faz parte das precedentes edições. No Ms. de 1767 está incompleto com a epigraphe que conservei, e não vem no *Curso de litteratura portugueza* de Camillo Castello Branco, donde o trasladei na integra. Aqui se dá copiada dessa obra a seguinte chave para os nomes citados no soneto:

Pinto. — Luiz Pinto de Souza Coutinho, I° Visconde de Balsemão.
Monteiro. — Domingos Pires Monteiro Bandeira.
Padre Niceno. — Padre Francisco Manoel do Nascimento.
Manoel de Souza. — Manoel de Souza, capitão de infanteria.
Manoel Mendes. — Antes de Antonio Xavier Ferreira de Azevedo escrever a farça *Manoel Mendes*, já este nome e appellido erão proverbiaes.
Ulpiano venal. — Dr. Jeronymo Estcquette.

Sonetos LX, LXI, LXII, LXIII, pag. 60 a 63. — São inteiramente ineditos: extrahi-os do Ms. do Conego Figueiredo.

Soneto LXIV, pag. 64. — Tambem está fóra da collecção das poesias impressas. Trasladei-o do *Diccionario bibliographico*, pretendendo o seu erudito autor que esta foi a ultima composição de Garção. No exemplar do *Diccionario* que possue o *Gabinete portuguez de leitura* do Rio de Janeiro, e pertenceo á bibliotheca do senhor Camillo Castello Branco, lê-se á margem do artigo sobre o poeta, onde se emitte aquella opinião, a nota — *não foi.*

ODES.

Ode I, pag. 67. — *A' nobreza e grandes de Portugal* é a dedicatoria com que vem no Ms. de 1767. Conservei, porém, a da edição de 1778, que particularisa a razão della.

Ode II, pag. 77. — Escapou á collecção impressa. Trá-la o *Curso de litteratura portugueza* já citado, que a tomou do Ms. de Figueiredo.

Ode IV, pag 83. — Adoptei de preferencia a epigraphe do *Parnaso lusitano* por mais concisa e adequada. A das edições anteriores rezava assim: *Sendo convidado o autor para assistir a um jonche, que se havia de fazer no outro dia, elle quando veio trouxe esta Ode. A Lydia com que falla é a do Soneto XII e a Marilia a do Soneto II.*

Pag. 83, lin. 14. — Comamos, bebamos, murmuramos.
(Ms. de Figueiredo).

Neste manuscrito a Ode não vae alem da nona quadra.

Ode V, pag. 86. — No Ms. de 1767 é dedicada á *Constancia*. Eis as variantes á esta Ode no Ms. de Figueiredo:

Pag. 86, lin. 2-3. — Ligado com asperrimas cadeias
Ao horrido penedo;
» » » 14. — Innocente se julga; á força iniqua.
» 87, lin. 1-2. — Deve immovel soffrer uma alma nobre,
O' Silvio esclarecido.
» » » 6. — Como no tecto rico,
» » » 13. — Com dourados bezerros longa terra.
» » » 16-17. — Ao negro mar que freme,
O procelloso Arcturo;
» » » 24. — A perfida mentira
» 88, lin. 1. — Com os titubantes braços o crime.
» » » 3. — Só de delicto póde o vil remorso.
» » » 9. — E a consciencia pura, a fé intacta,
» » » 11. — Não fantasticas honras tanto ensinão.
» » » 13. — Os Uticenses, Regulos e Camillos
» » » 15-16. — As lethargicas ondas
Do Letheo somnolento.

Pag. 89, lin. 1. — Peça a gineta o timido guerreiro,
Que com a espada limpa
» » » 6. — Descubra o desvalido
» » » 17. — Estende os tibios raios pelas ondas;
» » » 24. — Na comprada balança
» 90, lin. 5. — Da memoria immortal da fama illustra.
» » » 8. — Não roga, não se abala.

Ode VI, pag. 91. — No Ms. de 1767 é como a precedente tambem dedicada á *Constancia*.

Nella imitou Garção com muita felicidade a Ode III de Horacio, liv. III, que começa por estes bellissimos versos:

Justum ac tenacem propositi virum,
Non civium ardor prava jubentium,
Non vultus instantis tyranni
Mente quatit solida neque Auster.

Pag. 91, lin. 2. — O constante varão que firme e justo
» » » 5. — Não teme, não receia.
» » » 8. — No potro soffra asperrima tortura
» 92, lin. 6. — Foi infiel a Galba?
» » » 14-15. — ..... as aras jurem que me virão
Sempre a seu lado.
» » » 20. — D'amada patria o nome repetindo.
» 93, lin. 3. — De Galba foi amigo. Adonde! adonde!

Ode VII, pag. 94, lin. 12. — Dobra os ulmeiros, os curraes destelha;
Pag. 94, lin. 16. — A roxa face no pelico esconde;
» 95, lin. 1. — Alli ajunta as podadas vides
» » » 5. — Pulão nos olhos lagrimas que enxugão
» » » 7. — Insanas dores reflexões pesadas
» » » 11-12. — Corre assustado, d'um fuzil o cega
A luz vermelha!
» » » 17. — Ficou partida do voraz corisco,
» 96, lin. 5 6. — Agora, dize, quem seguro vive?
Amado Silvio da infiel fortuna,
(Ms. de Figueiredo.)

Ode VIII, pag. 97. — Innocencio diz que esta ode ou hymno, bem como as seguintes a S. Norberto, a S. Thomaz de Aquino e a Stº Ubaldo forão as unicas, que sabe terem sido impressas em vida

de Garção. Achão-se, segundo elle, bem como outras de diversos autores no voluminho, que Francisco José Freire deo á luz com o titulo *Santos Patronos contra as tempestades e raios* e accrescenta: « não será inopportuno observar que essas odes lhe renderão em retribuição umas cinco empanadas, com que foi presenteado pelo F. Freire, as quaes elle altamente elogia e agradece em uma chistosa carta missiva, cujo *fac-simile* conservo em meu poder. » (Vide *Dicc. bibl.* artigo *Garção*).

Fiz as maiores diligencias para obter essa carta, afim de com ella enriquecer a presente edição, mas nada consegui. O digno continuador de Innocencio, o Snr Brito Aranha, arrematante de grande parte de seus papeis, não a encontrou entre elles. Assim o affirmou ao amigo e compatriota, o distincto poeta Dr Luiz Guimarães, que com a maior gentileza se prestou ás minhas importunações na lida de descobrir manuscritos e autographos de Garção.

Pag. 97, lin. 3. — Teu nome Santo no escalvado monte.
» » 5. — Da arida penha.
» » 8. — Sonoros ventos rapidos chuveiros.
» » 11-12. — Vermelho raio subito rasgando.
Nos negros ave vio cruzar silvando.
» 98, 8. — Pallidos tremem

(Ms. de Figueiredo).

Ode IX, pag. 99, lin. 2-7. — Espiritos rebaldes, que as intensas
Aljavas scintillantes
As feias legiões de nuvens densas
Armaes de roxas farpas crepitantes
Fugi para as distantes
Incultas brenhas de arido deserto,

Pag. 99, lin. 11. — Do leão de Judá; do escudo alçado
» » 15. — Settas que dentro d'alma lhe atroárão
» 100, 4. — Astros brilhando o carro luminoso
» » 6. — A mão potente que se toca os montes
» » 9. — Indomito e valente
» » 13 — Que o bruto do trovão espavorido
» » 21. — Nas azas dos coriscos espantosos.
» 101, » 2. — E ao puro firmamento
» » 5. — Que ouvio o claro accento
» » 8. Movido pois ao nosso rogo ardente
» » 10. — Dissipa em teu nome tanto fogo,

(Idem).

Ode X, pag. 102, lin. 10. — Attente a nossos damnos
Pag. 102, lin. 14. — Que desatão em raios as estrellas.
» 103, » 7. — Ampara-nos, Thomaz; lembre-te quando
» » » 18. — E com fraterno sangue rociava.
» 104, » 1. — De fumo ardente um mar caliginoso.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XII, pag. 107, lin. 34. — Se já ouviste Conde magnanimo
A minha pobre cithara rustica
Pag. 107, lin. 7. — Ouve, que aos versos honrados titulos
» 108, » 4. — Seguirão outra bussola:
» 109, » 9. — Com lentos passos calcando os tumulos.
» » » 11. — Larga as confusas cinzas.
(Idem).

Ode XIII, pag. 112. — No indice do Ms. de 1767 está dedicada esta Ode aos annos de uma irmã do poeta. É, porêm, evidente de seu mesmo contexto o equivoco.
Tambem é do mesmo Ms. a seguinte variante:
Pag. 114, lin. 24. — A meu tyranno imperio ver curvado
O teu rispido collo.

Ode XV, pag. 121, lin. 4. — As estridentes settas empinando;
Pag. 121, lin. 8. — As crespas azas sem cessar batendo,
» » » 12. — Os domados farpões muitos provárão,
» » » 4. — Em bandos se espalhárão.
» 122, » 1. — Com um doce riso com um celeste agrado
» » » 7. — Nunca tão bella aurora ou tão brilhante
» » » 10. — As virtudes gentis do céo baixárão;
» » » 11. — E cantando as acções dos seus maiores,
» » » 17. — As castas Musas vestidas de gloria
» 123, » 3. — Apezar dos defeitos anhelantes,
» » » 18. — Pretende assignalar com faustas glorias,
» 124, » 13-14. — O veloz tempo rompa a fouce dura;
E o sol gyrando seus frisões ufanos
» » » 16. — O dia de seus annos.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XVI. — Tomei do *Parnaso lusitano* a epigraphe desta Ode, que nenhuma traz nas edições anteriores. No Ms. de 1767 inscreve-se simplemente — *á Riqueza*. Do proprio contexto, porém, verifica-se a ausencia de toda a generalidade e a applicação especial á situação de um favorito das Musas.

Pag. 125, lin. 4. — A passagem não vejo do Granico
» 126, » 7-8. — Que os pastores do Menalo me recebão
Do Menalo nos jogos!
(Ms. de Figueiredo).

Estes dous versos forão omittidos nas referidas edições.

Pag. 126, lin. 9. — O mineiro na lavra afflicto cave
» » » 15. — Soffra na linha a podre calmaria
» » » 23. — Para a vermelha cruz luzir no peito
(Idem).

Ode XVII, pag. 130, lin. 17. — Não é preciso que venal propheta
Aponte com o dedo para a cinza.

Allude o poeta a certo individuo, que em trajos de propheta vae apontando para uma salva cheia de cinza na procissão deste nome. (*Parnaso lus.*, tomo III, pag. 299).

Ode XVIII, pag. 135 linh. 4. — Na solitaria praia
Pag. 135, lin. 9. — Em que vermelho sol detráz da serra
» » » 24. — Os ares destes campos?
» 136, » 15. — Contra o céo commetterão teus pastores?
» » » 22. — Que em doce paz descansão?
» 137, » 2. — Jamais a ver não tornão
» 138, » 1-2. — E soberbas columnas levantamos
Palacios magestosos:
» » » 6-7. — Cobrir na fatal hora!
Escondem frias campas igualmente
» » » 9. — Tudo deve acabar. O' caro Fido!
(Ms. de Figueiredo).

Ode XIX, pag. 139. — A epigraphe no Ms. de 1767 a esta Ode é: *Ode ao Coronel Macbean convidando-o para ir jantar com elle e o Conde de S. Vicente, coronel do mar, elle se excusou por andar em casa fazendo uma escada*. A do Ms. do Conego Figueiredo pouco differe: *Ao intendente d'artilharia Macbean, que dava um jantar ao Conde de S. Vicente e aos dous Weinholtz, convidando o A. desta Ode, que se desculpa.*

Por demasiado longas deixei de empregar qualquer dellas.

Pag. 139, lin. 10. — A postiça gadelha afaga e puxa
» » » 13. — Que Sylla mais cruel o sol daria
» 140, » 1. — Furibundo petardo d'outra parte

Pag. 140, lin. 4. — Que siflão pelos ares
» » » 7. — Nas ondas inda mostra o grande Carlos
» » » 19. — Os domados rabões esporeando
» 141, » 3. — Se quireres vencer os Alexandres
» » » 15. — Tu, que escadas não fazes, passas alegre
» 142, » 3. — Namorado de seu valor
» » » 6. — Da curva porçolona que retine
(M. de Figueiredo).

Ode XX, pag. 143. — Tanto esta Ode como a seguinte trazem no Ms. de 1767 a dedicatoria: *ao Pinheiro, capitão de mar e guerra.*

Pag. 143, lin. 2. — Quantos caro Pinheiro toda a vida.
» » » 4-5. — A triste vida passão para verem
Cobrir-lhe as sobrancelhas
Uma borla encarnada? Quantos buscão
A chimerica palma?
» » » 11-14. — Na canicula treme
Com frio susto á vista da trincheira
O barbaro soldado
Que a musica mistura dos batidos
» » » 16-17. — C'os ultimos suspiros; pelos ares
Pelouros assobião
» 144, » 1-2. — Com o tropel dos cavallos grossas nuvens
De escuro pó levanta
» » » 7. — Em debil lenho entregue a longos mares
» » » 11-14. — Entre a grossa saraiva o retorcido
Fulminante corisco
Estala a fraca verga a solta vela
Ondeando sussurra!
» » » 16. — Do que a dura pobreza.
» » » 21. — Vai perder-se n'um dia porque gosta
» 145, » 7-11. — Este pela empinada serra açula
O javali hirsuto
Britanicos sabujos: o alarido
No fundo valle assusta
A inquieta pastora que espantada
» 146, » 2. — D'hera verdes c'roas
» » » 6-7. — Escute ao novo canto
Com a verde cabeça fóra d'agua
» » » 10. — Negar-me e um nome eterno.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XXI, pag. 147, lin. 4. — Com fossos e com muros guarnecida
Pag. 147, lin. 6. — Executar, porém, o grande plano
» » » 9. — Dido, Romulo ou Remo
» » » 11. — Pela breada enxarcia Africo ou Noto
» » » 15-16. — Impavido e previsto
Se de longa experiencia acautelado
Te não visses então, que te valêra
» 148, » 5. — Assim é ou devia ser, mas vemos
» » » 9-10. — Com perversa malicia uns aos outros
Enganar-nos queremos
» » » 12. — Hypocritas tyrannos
» » » 17. — Alternão as reciprocas saudes
» 149, » 4-5. — Que mais faria o barbaro Argelino
Se c'o estreito chaveco te abordára
» » » 12-13 — A rapida soberba.
Ou fera pois já vio a antiga Roma
» 149, lin. 15. — Um faminto leão lamber as plantas
» » » 19-20. — Abriste as brancas azas que agitadas
Nos ares te equilibrão
» 150, » 5-6. — Cobrisse a luz do sol, vacilia tudo
A luz do dia foge, foge a terra
Ao seu primeiro cahos reduzido
» » 8. — Eis surge o fingimento
» » 11. — No sophistico ornato disfarçando
» » 17-19. — E nesta ferrea idade fracas almas
Almas de feios vicios opprimidas
Da profuga amizade ?
» 151, » 8. — Te insulta ou te infama
» » » 11-15. — Os olhos scintillar do cerval lobo
A casa desamparão.
Já não vemos Eurvalos e Nisos
E para renascer a extensa casa
Esperas nova Pyrrha ?
(Ms. de Figueiredo).

Ode XXII, pag. 152. — Esta Ode é uma bellissima imitação da XXXI de Horacio, Liv. I, que assim começa:

Quid, dedicatum poscit Apollinem
Vates ? Quid orat de patera novum
Fundens liquorem ?

Pag. 155, lin. 6. — Do fulvo Tejo arar as fortes margens
» » » 9. — Os rufos touros as castanhas vaccas

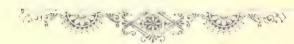
Pag. 154, lin. 12. — Nem perolas luzentes.
» » » 16. — Parece que domina.
» 153, » 11. — Não quero mais que ver na fragil meza
» » » 13-14. — Um limpo copo com que neste grande
Neste só para mim prospero dia.
» » » 17. — Com mui pouco se mata a crua fome
» » » 19. — Ou pobre ou rico viva tenho a lyra
» 154, » 5. — Tempos depois virão que desferindo
» » » 7. — Arrazadas as ondas de turbantes
» » » 9. — Do negro sangue as armas rodeadas
» » » 12. — As roxas mãos torcidas.
» » » 16. — De gloria e de fortuna.
(Ms. de Figueiredo).

Ode XXIV, pag. 159. — No Ms. de 1767 esta Ode vem dedicada ao Coronel Walnot. O equivoco é palpavel. No Ms. do Conego Figueiredo ella se inscreve *aos annos da Senhora D... Arminda*, provavelmente, se esse nome que se encontra no final, não é propriamente poetico. No mesmo Ms. é a primeira que o collector classificou *Odes profanas*.

Ode XXVI, pag. 166. — Não lhe pude conseguir o original inglez, nem tão pouco saber qual o Sertorio que nella se canta. Percorrendo a lista dos pintores inglezes notaveis nenhum deparei com esse nome. (Vide *La peinture anglaise*, par Ernest Chesneau).

Ode XXVII, pag. 168. — Esta Ode bem como as seguintes até pag. 180 encontrão-se estramalhadas no fim do volume da edição de 1778 e sem numeração. A mesma desordem foi escrupulosamente observada nas subsequentes. Reuni-as e numerei-as, segundo o lugar em que nellas se achão.

Ode XXVIII, pag. 170. — A epigraphe pertence á edição de 1825. O *Parnaso lusitano* a adoptou na selecção das poesias de Garção. (Vide tomo III, pag. 319).

Pag. 170, lin. 10. — Emquanto sobre a relva se reclina.
» » » 14-15. — O não vão perturbar no brando somno
A sordida ambição.
» 171, » 12. — E aos malhados tigres
» 172, » 3-4. — De esteril murta de cheirosas plantas
E o campo que ondeava
» » » 9. — No seio das delicias e regalos...
(Ms. de Figueiredo).

Ode XXXI, pag. 178. — Varios pensamentos e imagens desta composição ver-se-hão adiante reproduzidos na ode XXXIV *ao Santissimo Natal*, inedita. O autor por qualquer motivo abandonou a metrificação alli adoptada, e fundio aquelles versos nest'outros. Dirão os entendidos se teria razão, e qual a preferencia entre as duas.

Ode XXXII, pag. 181. — Não está em nenhuma das edições precedentes. Fui encontra-la, como já declarei, por indicação de Innocencio no tomo III do *Parnaso lusitano* a pag. 327.

Ode XXXIII, pag. 184. — Inedita; pertence ao Ms. de 1767.

Ode XXXIV, pag. 187. — Inedita; acha-se no Ms. de 1767 com a nota *incompleta*.

Ode XXXV, pag. 192. — Inedita. No Ms. de 1767.

Ode XXXVI, pag. 194. — Inedita; della apenas archivou no seu Ms. o Conego Figueiredo as linhas que vão impressas. Julguei não dever omitti-las apezar de formarem um verdadeiro troço de Ode. Póde ser que esteja alhures coroada de fuste e capitel, se realmente o autor a concluio.

EPISTOLAS.

Epistola II, pag. 201. — É do Ms. de 1767 esta epigraphe: *Epistola a um ministro seu amigo, que estava em a Provincia do Minho e lhe pedia fosse para lá, porque tinha um tio que lhe queria deixar uns prazos.*

Epistola III, pag. 207. — A numeração é minha. Na edição de 1778, onde se acha desgarrada no fim do volume, depois da parte em prosa, não a tem.

O seu melhor elogio, diz Innocencio, traçou elle (Garção) a si proprio nesta epistola. (Vide *Dicc. Bibl.*, art. Garção).

Epistola IV, pag. 210. — Inedita, porèm com a nota incompleta no Ms. de 1767.

Falla do Infante D. Pedro, pag. 220. Este poemeto como o denomina o Snr Visconde de Correia Botelho vem no Ms. de Figueiredo com a seguinte nota: *Para a Academia dos Occul-*

tos, 1754. Pretende aquelle escritor ter servido para estreia de Garção na dita Academia. Não podia na verdade estreiar com mais brilhantismo.

No appendice da obra *Brazil and Brazilians*, por Kidder e Fletcher, os autores vertendo para o inglez esta poesia a attribuem ao Snr D. Pedro II, Imperador do Brazil. Dizem elles: *The following lines were composed by D. Pedro II and written by him in the album of one of the maids of honor. They were doubtless never intended for the public eye, but were obtained through a member of the diplomatic corps at Rio Janeiro.*

O faro do inculcado diplomata foi singularmente extraviado; de certo teria melhor conhecimento de Wattel e de Martens do que de poetas portuguezes. Mais segura informação comtudo levou aquelles escriptores a eliminar da segunda edição do livro essa parte do appendice.

O Imperador trasladaria para o album de alguma dama (ouvi fallar na Condessa de Sarapuhy) assignando-a, uma poesia de sua predilecção, sem jamais cuidar lhe attribuissem por isso a autoria, pretensão que ninguem de boa fé lhe poderia emprestar tão conhecida é ella de quem possuir a mais leve tintura da litteratura portugueza. Quadrão, porèm, tão bem os sentimentos expressos no poema com os do Monarcha brazileiro, que facilmente se desculpa o equivoco do diplomata.

Como o Infante de Portugal, o Imperador D. Pedro II tambem nobremente recusou a estatua que a gratidão nacional pretendia erigir-lhe. Fè-lo na conhecida carta dirigida ao illustre estadista brazileiro, Cons.º Paulino de Souza, então Ministro do Imperio, adiante reproduzida em *fac-simile*. Nesse documento de mór valia para a historia de seu reinado destacão se em brilhante relevo as eminentes qualidades do soberano; admira-se a um tempo a modestia da recusa e a generosidade dos intuitos na applicação recommendada.

A abnegação não é aliás o unico traço distinctivo do caracter do Imperador. Iria, porèm, alem do meu proposito invadindo assumpto propriamente biographico, se me detivesse na enumeração de varios outros factos, que espelhão uma alma coroada de muitas e grandes virtudes, como diria o famoso dominicano portuguez. No emtanto corria-me o dever de assignalar a munificencia, que permittio fosse enriquecido este volume com o alludido *fac-simile*, e ante a qual me inclino profunda e respeitosamente reconhecido.

O original desta carta foi incluido nos alicerces da Escola de S. Sebastião na cidade do Rio de Janeiro por occasião do assentamento da primeira pedra.

SATYRAS.

Satyra I, pag. 231. — A epigraphe é do *Parnaso lusitano*. Ahi se lê o seguinte conceito :

« Nesta satyra onde se nota toda a correcção epica, que se admira nas de Boileau, mofa o autor de certos zoilos, que (incapazes de reflectir que nenhuma palavra é rasteira quando é bem collocada e congruente ao assumpto) tinhão censurado alguns termos ao poeta, taxando-o de baixos. É pena que Garção fosse tão parco neste genero de poesia, pois só estas duas satyras nos deixou. Mas elle retocava muito as suas obras, e não as avaliava pelo numero. (Obra cit., tomo III, pag. 55).

Innocencio menciona a existencia de uma Satyra inedita accusada por Luiz Raphael Soyé no prologo do seu poema o *Sonho*, onde transcreve della este unico verso :

« Ao rabido furor do pedantismo »

Não pude descobri-la. Sei, entretanto, que o Snr Theophilo Braga encontrou uma tambem inedita em um leilão de livros á rua larga de S. Roque em Lisboa. O Ms. porém foi-se, com grande lamento seu e meu.

Satyra II, pag. 238. — Tomei igualmente do *Parnaso lusitano* a epigraphe desta Satyra, que nas outras edições é dedicada ao Conde de S. Lourenço. A respeito della assim se exprime o compilador :

« Com as armas do ridiculo combate o Garção nesta segunda satyra alguns cegos admiradores das phrases e termos antiquados ; porque sem discernimento e escolha introduzião em assumptos serios as palavras mais rasteiras só porque erão antigas ». (Obra cit., pag. 62).

DITHYRAMBOS.

Dith. I, pag. 248, lin. 3. — Nos lindos olhos vivo rutilando
Pag. 248, lin. 3. — Paixão, tristezas, magoas, temores.
» 249, » 19-20. — Das Tercygedes Phyadas raivosas
Concei escutando
» 250, » 1. — No prado ameno
» » » 16. — Dourado este dia
(Ms. de Figueiredo).

Dith. II, pag. 253, linh. 5. — Crepitantes lanças te não prendem.
(Idem).

CANTIGAS.

Cantiga I, pag. 267. — Inserta no Ms. de 1767 com esta epigraphe: *Cantiga de Pedro Antonio Garson ao acampamento que fez no Rio frio em 1768.*

Cantiga I, pag. 269, lin, 16. — Da feia gente estrondosa.
» » 271, » 15. — O teu nome annunciarei.
(Ms. de Figueiredo).

Cantiga III, » 277, » 5. — Allude ao pellicano de ouro, que a familia dos Alencastros tem por timbre de suas armas. (Nota da edição de 1768).

ENDECHAS.

Endecha II, pag. 284 lin. 5. — Depois que os teus olhos.
(Ms. de Figueiredo).

THEATRO.

Il (Garção) s'est aussi efforcé de reformer le théâtre et de donner á sa patrie quelques poésies dans la maniére de Térence. La première qu'il a intitulé *Theatro Novo*, est plutôt un cadre pour exposer ses principes sur l'art dramatique et faire la cri-

tique de ce qui existait déjà, qu'une comédie faite pour devoir ses succès à elle même. Une autre piéce de lui intitulée *Assembléa* ou *Partida*, est une satyre du beau monde, à peu près dans le genre du *Cercle de Poinsinet*. (SIMONDE DE SISMONDI, *De la litt. du midi de l'Europe*, tome, IV pag. 542).

Theatro Novo, pag. 285. — No Ms. de 1767 se diz haver sido esta comedia representada no theatro do Bairro Alto em 1766. O Snr Theophilo Braga em carta que tenho á vista, referindo-se a uma *Collecção das obras poeticas de P. A. Corrêa Garção* copiadas por Antonio Lourenço Caminha, escreve que no fim da Comedia depara-se com a seguinte curiosa nota: « *Este finalisado drama se representou no theatro do Bairro Alto em 22 de janeiro de 1766 e o povo espectador o não deixou acabar com pateadas e assobios.* » *(p. 154)*.

Cantata, pag. 381. — Esta obra prima da poesia portugueza, em a qual no dizer de um critico a situação e os sentimentos intimos da heroina se desenhão em accordo tão harmonioso, mereceo ser agora vertida pela primeira vez para a lingua de Byron. A Mr. Collard Stock, illustrado cavalheiro inglez e distincto cultor das Musas, devo a fortuna de poder offerecer esse mimo aos amigos das boas lettras. A traducção é como se segue:

CANTATA.

Mafalda.

Now in the red East afar yet faintly gleaming
The proudly swelling sails of the swift Trojan fleet
Amidst the azure billows of the sun-gilt ocean
Flying on the wings of the winds are hid from sight.
The wretched, hapless Dido
Doth wander through the royal palace loud lamenting,
And still with tear-swoll'n eyes in vain she seeks
The fugitive Eneas.
Nought but deserted solitary streets and squares
The new-built Carthage to her gaze reveals:
Upon the naked shore with awful tumult breaking
Rage through the livelong night the waves in solitude:

And on the gilded pinnacles of lofty domes and temples
Nocturnal birds do screech with harsh foreboding voice.
And from the marble sepulchre with terror she imagines
That from the cold ashes of the dead Sicheus
A thousand times she hears a feeble voice arise,
Crying with deep drawn sighs, Elissa, Elissa.
Then to the awful deities of Orcus she
The sacrifices due makes ready ;
But suddenly she sees, affrighted,
Around the altars smoking with fragrant incense
A black scum boiling in the rich sculptured vessels :
And the wine poured in libations
Seems to her eyes transformed to crimson seas of blood.
She raves in wildest frenzy ;
Pallid is grown her lovely face,
Her silken tresses flow down all dishevelled ;
Unconscious and with trembling foot she enters
The once delightful chamber
Where from the now faithless lover
She heard with deep emotion
Sighs so heartbroken mingled with soft complaints.
But there the cruel Fates did show to her
The Ilian garments, that still hanging
From the gilded couch with dazzling gleam revealed
The glittering shield and the bright Teucrian sword.
With a convulsive hand she snatches suddenly
From out its sheath the blade refulgent,
And on the adamantine piercing steel
Her tender breast snow-white and crystalline she hurls :
And in bubbles of foam plashing and murmuring
Leaps the hot life-blood forth from the deadly wound :
With the red spouting gore bedewed and sprinkled
Tremble the Doric columns of the hall.
Thrice does she strive in vain to rise
And three times fainting back upon the couch again
Her body falls, while unto Heaven she raises
Her tortured dying eyes.
Then gazing at the lustrous armour
Of the fled Dardan chief,
These her last utterances did she repeat,

And the most pitiful and mournful accents
Still floating through the golden arches of the roof
Long afterwards were heard in plaintive sad lament.

O ye sweet treasures
Source of deep pleasures
To my glad eyne,
While Fate beguiled
And the Gods smiled
Consent benign:
Of Dido mournful
The soul receive,
From all these troubles
My heart relieve.
Dido unhappy
Has lived out her days:
Of lofty Carthage
The walls she did raise:
Now naked and bare
Her shade alone
In Charon's bark there,
The hideous one,
Goes ploughing the stream
Black as night without gleam
Of Phlegethon.

Assembléa, pag. 374, lin. 16-17:

Quando a aurora apparece sempre é cedo.
Eu aqui venho já co' a minha dama.

Nas edições anteriores este segundo verso é posto na bocca de Branca a meu ver erradamente. Taes expressões caberião antes na de Jofre, que descêra a buscar D. Mafalda e entrando na sala faria a sua apresentação á companhia ahi reunida.

Assembléa, pag. 390, lin. 13:

Victor sério, senhores, versos, versos:

A primeira parte deste verso é incomprehensivel. Talvez indicasse alguma expressão da epoca, parecida com o nosso « leva rumor », ou o *favete linguis* dos Romanos.

Assembléa, pag. 410, lin. 4:

Deixará permear pelos seus vasos (edição de 1812)

em vez de

Deixará premiar pelos seus vasos,

como se lè na edição de 1778. Preferi aquella lição que tenho por mais correcta.

Assembléa, Pag. 421, lin. 21:

És tu Tullio, meu Braz? Eu não sou nescio,

Em todas as edições esta falla é proferida por Florestão. Nada mais absurdo. Florestão é escudeiro de Braz Carril e no correr da comedia nada se vê que possa autorisar linguagem tão familiar para com seu amo. Tambem não consta que em tempo algum lhe houvesse emprestado dinheiro. Quem o fazia, segundo lê-se na Scena I, era o amigo Gil. A este, portanto, e não ao escudeiro melhor pertencem as censuras dirigidas ao amphytrião.

Assembléa, pag. 393, lin. 5:

Os cabellos subtis de Amor um dia

Pag. 393, lin. 7. — Outras andão mil gemmas preparando
» » » 11. — Porque Aglaia lhe está as cãs atando.
(Ms. de Figueiredo).

INDICE.

INDICE

PARTE I. — POESIA.

Sonetos.

Odes.

Epistolas.

Satyras.

Dithyrambos.

Motes e Glosas.

Cantigas.

Endechas.

PARTE II. — THEATRO.

PARTE III. — PROSA.

Dissertações.

Orações.